

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
PUC – São Paulo

Regina Tavares de Menezes dos Santos

MEMÓRIAS EM TRÂNSITO

Confrontos entre lembrança e memória nos ambientes propostos pelos Centros de
Memória e Cultura na Zona Leste do município de São Paulo

Doutorado em Comunicação e Semiótica

São Paulo
2015

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
PUC – São Paulo

Regina Tavares de Menezes dos Santos

MEMÓRIAS EM TRÂNSITO

Confrontos entre lembrança e memória nos ambientes propostos pelos Centros de Memória e Cultura na Zona Leste do município de São Paulo

Doutorado em Comunicação e Semiótica

Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Doutora em Comunicação e Semiótica - linha de pesquisa Cultura e Ambientes Midiáticos sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Lucrécia D' Aléssio Ferrara.

São Paulo

2015

Banca Examinadora

Ao vô Zezinho (Sr. José Bráulio de Menezes) e a sua
saudosa e iluminada presença em minha vida.

À ti, minha eterna e devotada admiração.

AGRADECIMENTOS

Como agradecer sem incorrer na leviandade ou na displicência, se o bem mais valioso para mim é a gratidão. Sou extremamente grata ao universo e à Deus por terem possibilitado a conclusão desta importante etapa de minha vida acadêmica, apesar das adversidades e contradições.

Agradeço à Professora Doutora Lucrécia D'Aléssio Ferrara pela forma virtuosa como acolheu e conduziu este trabalho no Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica da PUC-SP. Tê-la como orientadora foi um verdadeiro privilégio.

Aos Professores convidados para a banca de qualificação, Dr. José Luiz Aidar Prado e Dr. Norval Baitello Jr, pela avaliação criteriosa.

Sou grata ainda pelo amor e apoio de minha família, que ciente de minha ausência ressentida, em função deste estudo, soube imprimir compreensão, generosidade e afeto ao meu cotidiano. Portanto, meus pais, Sr. José Antônio de Menezes e Sra. Maria Lúcia Tavares de Menezes e minhas irmãs, Lárissa Tavares de Menezes e Nair Tavares de Menezes merecem menção de destaque.

Ao meu marido Ricardo José dos Santos, pela forma como preservou nossa relação durante estes quatro anos de doutorado. Não saberia pontuar as inúmeras vezes em que suas palavras e ações renovaram minha determinação em concluir este trabalho.

Ao meu filho, Heitor Tavares de Menezes dos Santos. Seu nascimento coincide com o florescer do presente trabalho e, sem dúvidas, caracterizou-se como o maior incentivo para a conclusão desta tese de forma digna e dedicada.

À fiel amiga e “irmã-postiça”, Elaine Barreto Batista, pela motivação incessante e sincera depreendida em momentos de fragilidade e esmorecimento.

Ao eterno Professor, Dr. João Elias Nery. Sua conduta acadêmica sempre foi e será inspiração para o ideal de docência e pesquisa almejado por mim.

Aos demais amigos, alunos e parceiros profissionais e afetivos desta longa jornada, meus sinceros agradecimentos.

À CAPES pela concessão das bolsas de estudos na ocasião do mestrado e do doutorado.

“É impossível viver sem esquecimento.”

(Friedrich Nietzsche)

“Nunca podemos recuperar totalmente o que foi esquecido. E talvez seja bom assim.

O choque do resgate do passado seria tão destrutivo que, no exato momento, forçosamente deixaríamos de compreender nossa saudade. Mas é por isso que a compreendemos, e tanto melhor, quanto mais profundamente jaz em nós o esquecido.”

(Walter Benjamin)

RESUMO

Este estudo teve como objeto de pesquisa epistemológico a dimensão comunicacional da memória. Já a investigação empírica tomou como estudo de caso a Zona Leste do município de São Paulo e sua necessidade preeminente de conceber espaços físicos destinados à evocação e ao armazenamento da memória. Como exemplares do objeto empírico, definiu-se o Centro de Comunicação e Educação Popular de São Miguel Paulista e o Centro de Memória e Cultura da Zona Leste. Lançamos o seguinte problema de pesquisa: Qual a relação comunicativa existente entre a manutenção da lembrança presente em espaços físicos dedicados à memória e o processo de construção da memória individual e coletiva? Nossa hipótese supõe que os patrimônios culturais arquitetônicos são impactados pelo aspecto midiático no que tange à sua concepção como veículos comunicativos necessários à evocação e ao armazenamento da memória e à construção dos vínculos comunicativos da memória a partir das vivências de uma comunidade. O objetivo geral desta pesquisa foi compreender como o esforço de transmutação da memória para espaços físicos lida com a comunicação em sua dimensão interativa e midiática. Já os específicos foram: estabelecer reflexões sobre a comunicação e os ambientes midiáticos criados para as representações do passado; compreender a relação entre lembrança e memória. Além dos métodos de estudo de caso, pesquisa de campo, documental e bibliográfico, este trabalho qualitativo contemplou o método indiciário. Basicamente, o amparo teórico sobre memória advém de Jeudy (1990), Benjamin (1994), Bergson (1999) Huyssen (2000), Halbwachs (2004), Rossi (2010) e Dosse (2013). Sobre a distinção entre as concepções de memória e lembrança, destacam-se Lazzarato (2006), Tarde (2007) e Didi-Huberman (2013). Às reflexões referentes aos conceitos de patrimônios, integram-se ao debate: Meneses (1998), Harvey (2000), Ferrara (2002) etc. Sobre mediação; interação; ficcionalização e identidade somam-se, respectivamente, Braga (2008); Braga (2012); Augé (1998) e Bhabha (2013). Tais autores se relacionam na medida em que entendem memória numa perspectiva crítica, como aquilo que foi tornado invisível pela historiografia, portanto, os vestígios, os pesadelos, os fantasmas, as imagens sobreviventes, o silêncio.

Palavras-chave: Memória e Lembrança; Centros de Memória da Zona Leste; Ficcionalização da memória; Movimentos Sociais e memória; Memória espetacularizada.

ABSTRACT

This study epistemological objective is the communicational dimension of memory. From its empirical perspective, it was developed as a case study related to São Paulo city Zona Leste, considering its urging need for the conception of physical environments directed to the evocation and storage of memory. Our empirical targets were, therefore, the Centro de Comunicação e Educação Popular de São Miguel Paulista and the Centro de Memória e Cultura da Zona Leste. It was launched the following research inquiring: to what extent is there a relation between the recollection maintenance in spaces dedicated to memory and the process of building up individual and collective memory? Our hypothesis establishes that architectural and cultural heritages are impacted by the media influence in relation to their conception as communicative vehicles necessary to the evocation and storage of memory as well as towards the construction of memory communicative links based on a defined community experiences. Our general objective in this research is to understand how the effort to interchange memory to physical spaces deals with communication in its interactive and media dimensions, whereas its specific aims are: the establishment of considerations about communication and media environments developed in order to past portrayal; and the understanding between recollection and memory. This qualitative research is, therefore, based on study cases and field research, both using documental and bibliographical sources, as well as evidentiary method. Its theoretical basis about memory are found in the works of Jeudy (1990), Benjamin (1994), Bergson (1999) Huyssen (2000), Halbwachs (2004), Rossi (2010) and Dosse (2013). Concerning the distinctions between memory and recollection, we make use of Lazzarato's (2006), Tarde's (2007) and Didi-Huberman's (2013) studies. We also add to our considerations related to heritage concept the debates proposed by Meneses (1998), Harvey (2000), Ferrara (2002) and so. Concerning the debates about mediatization, interactions, fictionalization and identity, there are, respectively, the works of Braga (2008); Braga (2012); Augé (1998) and Bhabha (2013). In such authors we look for their understanding of memory using a critical perspective, as an object made invisible by historiography, and, therefore, the remains, the nightmares, the ghosts, the residual images, the silence.

Key-Words: Memory and Recollection; East zone memory centers; Fictionalization of memory; Social movements and memory; Spectacularized memory.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	13
INTRODUÇÃO.....	17
CAPÍTULO 1.....	20
1. Reconhecendo o objeto de pesquisa.....	22
1.1. A Zona Leste e a invenção da “ZêÉle”.....	23
1.2. No olho do furacão.....	30
1.2.1. Cemi: a documentação como resistência.....	38
1.2.2. A experiência do <i>Grita Povo</i>	55
1.3. O despertar do memorial.....	63
1.4. Outras iniciativas.....	73
CAPÍTULO 2.....	77
2. As tessituras da memória.....	79
2.1. À procura de definições.....	80
2.1.1. De qual memória estamos falando?.....	90
2.1.1.1. Lembrança: entre o esquecimento e a reminiscência.....	91
2.1.1.2 Memória viva.....	106
2.1.1.3. Reflexões sobre mídia e memória.....	115
2.2. As múltiplas faculdades da memória.....	126
CAPÍTULO 3.....	133
3. Trajetórias e perspectivas.....	135
3.1. Estratégias metodológicas.....	136
3.2. Exemplos do objeto de estudo.....	141
3.2.1. Cemi.....	142
3.2.2. Centro.....	155
CAPÍTULO 4.....	170
4. Confronto contínuo, conclusão improvável.....	172
4.1. A memória sob a mira da espetacularização.....	174
4.2. Regimes de ficcionalização em lembranças e memórias.....	184
ANEXOS.....	188
Anexo 1 – Convocatória para o 2º livro de memórias de Ermelino Matarazzo.....	189
Anexo 2 – Projeto Arquitetônico do Centro de Memória e Cultura da Zona Leste. .	190
Anexo 3 – GRITA POVO, São Paulo, jun. 1983, nº 11. (p.4).	209
Anexo 4 – GRITA POVO, São Paulo, jul. 1984, nº 22. (p.8).	211
Anexo 5 – GRITA POVO, São Paulo, abr. 1984, nº 19.	213
Anexo 6 – GRITA POVO, São Paulo, jul. 1984, nº 17.....	214

Anexo 7 – GRITA POVO, São Paulo, dez. 1982, nº 5.....	215
Anexo 8 – GRITA POVO, São Paulo, set. 1988, nº 103. (p.6).	216
Anexo 9 – GRITA POVO, São Paulo, abr. 1983, nº 13.	218
Anexo 10 – GRITA POVO, São Paulo, nov. 1982, nº 4. (p.4).	219
Anexo 11 – GRITA POVO, São Paulo, mai. 1986, nº 48.....	221
APÊNDICE	222
Apêndice 1: Áudio das gravações obtidas na pesquisa de campo.....	223
REFERÊNCIAS.....	224

LISTA DE FIGURAS

1. GRITA POVO, Nº 11, JUN. 1983. P. 2	40
2. EXEMPLO DE CLIPPAGEM	41
3. EXEMPLO DE FORMULÁRIO IMPRESSO ESPECÍFICO DO CEMI PARA A SOLICITAÇÃO DE EDIÇÕES DE VEÍCULOS JORNALÍSTICOS DIVERSOS	42
4. CARTILHA NO AR, UMA RÁDIO POPULAR	43
5. CARTILHA RÁDIO DO POVO – SÃO MIGUEL	44
6. CARTILHA RÁDIO POPULAR	44
7. GRITA POVO, Nº 71, MAI. 1987. P. 6	45
8. GRITA POVO, Nº 71, MAI. 1987. P. 7	46
9. OGLOBO, 30/08/1984. P. 6	48
10. EXEMPLAR DE UM EVENTO PROMOVIDO PELO CEMI	54
11. FORMULÁRIO DE SOLICITAÇÃO DE ASSINATURA	56
12. GRITA POVO, Nº 100, AGO. 1988. P. 1	60
13. CARTAZ DE DIVULGAÇÃO DO II SEMINÁRIO SOBRE PATRIMÔNIOS HISTÓRICOS DA ZONA LESTE	64
14. QUADRO A PERSISTÊNCIA DA MEMÓRIA – SALVADOR DALI (1931)	80

LISTA DE IMAGENS

1. FOTOGRAFIA DA CAPELA DE SÃO MIGUEL ARCANJO	29
2. FOTOGRAFIA DO ACERVO DO CEMI	51
3. FOTOGRAFIA DOS DOCUMENTOS ADMINISTRATIVOS E JURÍDICOS DO CEMI	51
4. FOTOGRAFIA DA PESQUISA DE CAMPO	52
5. FOTOGRAFIA DO ACERVO DO CEMI LOCALIZADO EM 2005	52
6. FOTOGRAFIA DOS JORNAIS APÓS A CONCLUSÃO DA PESQUISA DE CAMPO I	53
7. FOTOGRAFIA DOS JORNAIS APÓS A CONCLUSÃO DA PESQUISA DE CAMPO II	53

APRESENTAÇÃO

APRESENTAÇÃO

Desde a infância, ouvia¹ com curiosidade, quando os meus pais lamentavam cumprir determinadas agendas na dita “Cidade”. Fossem emissões de documentos ou visitas a determinados consultórios médicos especializados, qualquer pretexto parecia irritá-los ao exigir o deslocamento para um espaço tão distinto do que estavam habituados, a Zona Leste.

Com o passar dos anos, como moradora de lá, desde que nasci, notei novos indícios da fronteira que dividia a “Cidade” da Zona Leste. Costumeiramente, a região era referenciada por moradores de diversos cantos de São Paulo, como apenas “ZL” (ZêÉle)². Julguei, precipitadamente, que a “Grande Mídia” também adotara a mesma denominação e à ela, atribuiu traduções como: baixa escolaridade, violência, cultura inferior, entre outros adjetivos pejorativos. Assim como também, paradoxalmente, fez questão de cultivar a imagem de que ali havia um povo guerreiro, digno, batalhador e incansável.

Cresci, viajei para outras cidades, outros países, tornei-me jornalista, docente do ensino superior e vi reforçar em mim a suspeita de que não somente a mídia concebera uma Zona Leste imaginada, abstrata, mas também sua população.

Foi então, que resolvi tomar tal localidade como objeto de uma pesquisa científica que deu origem ao meu mestrado, defendido no Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), em 2007. O estudo teve como foco a memória do bairro São Miguel Paulista, situado na Zona Leste, a partir da análise do jornal impresso e quinzenal *Grita Povo* (1982-1991) e da pesquisa oral empenhada junto aos sujeitos produtores do veículo. A trajetória vivida ao longo deste trabalho permitiu, entre outros aspectos, compreender o relevante papel da comunicação popular e alternativa no contexto adverso da ditadura militar (1964 - 1985) e da redemocratização nacional.

¹ Utilizarei a primeira pessoa do discurso para me referir a experiências pessoais vivenciadas e a procedimentos idealizados e/ou realizados por mim, a fim de definir uma estratégia discursiva de aceitação do “sujeito-pesquisador”.

² Costumeiramente, moradores ou não da região, se referem ao lugar pela denominação “ZêÉle” e não pelos nomes dos bairros que o constituem. Ao longo do trabalho, eventualmente, adotaremos a sigla “ZL” ao mencionarmos a região “Zona Leste”.

Neste estudo, pude depreender a existência do antigo desejo de alguns moradores daquele bairro e de outros da região em constituírem suas ditas “memórias”, individual e coletiva, a partir de marcos, mártires e patrimônios culturais e arquitetônicos representativos para o que denominavam em uníssono como sendo identidade.

Naquela ocasião, acreditei que um dos méritos da minha pesquisa teria sido a reunião, a limpeza, a restauração e a digitalização de todas as edições do jornal *Grita Povo*. E fui conduzida, por uma gama de sentimentos advindos de uma espécie de memória coletiva e inconsciente, a crer que o trabalho seria pleno, caso todos conhecessem - principalmente, os moradores da Zona Leste - as páginas daquele veículo tão combativo para a sua época.

Sendo assim, empenhei-me na carreira docente em disseminar os resultados da pesquisa realizada na ocasião do mestrado entre os estudantes universitários do curso de Comunicação Social, especialmente, ao ministrar a disciplina Comunicação Comunitária. Todavia, julgava o alcance de tal ação ínfimo e pouco eficiente.

Até que em 2011, fui surpreendida pelo Grupo de Memória da Zona Leste para compor a comissão que deveria conceber um possível memorial da região apto a eternizar heróis e vilões nos anais de uma pretensa história. Naquele período, o jornal *Grita Povo* seria o mote de uma exposição capaz de demonstrar o ímpeto dos movimentos sociais e populares da região durante o Estado ditatorial. Eis que vislumbrei a possibilidade de ampliar a divulgação do jornal *Grita Povo* extramuros acadêmicos.

Após frequentar algumas reuniões, vivenciei inúmeras inquietações, entre elas, a noção de que os espaços dedicados à memória possuíam um elo estreito e considerável com a comunicação midiática e que, naquele Grupo e em outros similares na região, conviviam identidades que se retroalimentavam, intercambiavam espaços e discursos, disputavam legitimação e insistiam em lembrar para enfim esquecer suas memórias mais subterrâneas.

Diante de demais iniciativas semelhantes na região, sob a minha perspectiva, a intenção de criar, preservar, resgatar, evocar - ou outro verbo equivalente - a memória dos moradores e do lugar, com base material crescia em um ritmo frenético e inquietante. Curiosamente, a constância da lembrança deixava a imagem do passado um tanto turva e suscetível a relações de poder estabelecidas no tempo

presente. Em suma, à medida que se intensificava a lembrança, a Zona Leste esquecia sua memória e indissociável identidade.

Nessa imbricada jornada, deparei-me com a densidade antropológica do convívio em comunidade e com a saudosa memória do conceito de comunidade em si. Muito mais atenta ao que sobrevivera como “sintoma” ou “fantasma” - parafraseando Didi-Huberman (2013) - e não ao que se pretendia condicionar ao título de arquivo de um tempo, deparei-me, incondicionalmente, com a diferenciação dos termos memória e lembrança.

Neste cenário de desassossego, em 2012, optei por iniciar novos estudos científicos em nível de doutorado no Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP, sobretudo, acerca das temáticas memória e comunicação. Na sequência, comuniquei ao Grupo de Memória da Zona Leste o meu declínio como integrante e solicitei a devida autorização para participar das reuniões como ouvinte e observadora.

Nesse sentido, ressalta-se que, em nenhuma hipótese, foi cogitada a possibilidade de me empenhar em estratégias metodológicas como a pesquisa-ação ou a pesquisa-participante, tendo em vista o ideal distanciamento almejado, por mim e pela minha orientadora, na condução deste trabalho.

Entretanto, é reconhecido que toda pesquisa é matriz produtora de sentidos, inclusive para o seu pesquisador. Isso porque, não há isenção ou neutralidade capaz de minar parcelas de subjetividade que compõem toda e qualquer pesquisa. Na presente tese, não poderia ser diferente. Entender o constante desejo de memória que se tem na Zona Leste é entender um pouco de minha identificação com esta comunidade imaginada e ficcional também.

INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO

A presente tese teve como objeto de estudo epistemológico a dimensão comunicacional da memória individual e coletiva. Já a investigação empírica desta pesquisa tomou como estudo de caso a região da Zona Leste do município de São Paulo e sua necessidade preeminente de conceber espaços físicos destinados à evocação e ao armazenamento da memória. Para tal incumbência, definiu-se como foco de pesquisa duas iniciativas interessadas na espacialização e materialização da memória da região, são elas: o Centro de Comunicação e Educação Popular de São Miguel Paulista (Cemi), concretizado fisicamente na década de 1980, e o Centro de Memória e Cultura da Zona Leste (Centro)³, idealizado inicialmente em 2011 e ainda sem construção física prevista. Apesar de tais iniciativas se situarem nos bairros de São Miguel Paulista e Ermelino Matarazzo, respectivamente, em ambos os casos há clara intenção de representação do passado da região como um todo.

As duas iniciativas foram selecionadas como exemplares suficientes para o estudo empírico da questão investigada por apresentarem dimensões e impactos de grandes proporções na região, por movimentarem alto número de indivíduos envolvidos e por compreenderem objetivos e especificidades semelhantes entre si.

O problema de pesquisa perseguido pela tese foi: Qual a relação comunicativa existente entre a manutenção da lembrança presente em espaços físicos dedicados à memória e o processo de construção da memória individual e coletiva?

Nossa hipótese básica supõe que os patrimônios culturais arquitetônicos são impactados pelo aspecto midiático no que tange à sua concepção como veículos comunicativos necessários à evocação e ao armazenamento da memória e à construção dos vínculos comunicativos da memória a partir das vivências, das experiências de uma comunidade e/ou de um lugar. Essa hipótese se subdivide em outras quatro: 1. Há uma diferença básica entre os conceitos de lembrança e de memória, entendida aqui como experiência ou vivência, 2. A construção midiática da lembrança como memória pode envolver o exercício explícito do poder sobre a percepção e a construção de subjetividades, 3. A construção da memória supõe denso relacionamento de alteridades e de subjetividades e 4. Há uma dificuldade de

³ Ao longo do trabalho, utilizaremos a denominação Centro para nos referirmos ao Centro de Memória e Cultura da Zona Leste.

apropriação do sentido da memória compreendida como experiência ou vivência, apesar da unanimidade em relação à sua importância e percepção.

O objetivo geral desta pesquisa foi compreender como o esforço de transmutação da memória para espaços físicos lida com a comunicação e a comunicação midiática, em especial. Nossos objetivos específicos foram: estabelecer conexões reflexivas entre a comunicação e os ambientes midiáticos criados pela espacialização e materialização das representações do passado; compreender a relação entre a lembrança suscitada por espaços e coisas e a memória viva ancorada na experiência. Nos dois casos, procurou-se - paralelamente - analisar as diferenças comunicativas presentes nos conceitos de mediação e interação, considerando as iniciativas desenvolvidas na pesquisa empírica.

Metodologicamente, cabe esclarecer que além da implementação dos tradicionais métodos de estudo de caso, pesquisa de campo, documental e bibliográfico, este trabalho qualitativo contemplou o método indiciário (GINZBURG, 1990), como veremos em detalhes na tese.

Esse estudo se insere no campo da Comunicação, a partir de um viés transdisciplinar. Portanto, apto a reconhecer a relevância de diferentes ciências, áreas e campos científicos. Na particularidade desta tese, isto se exprimiu ao trazermos à tona intersecções teóricas importantes com a História, a Sociologia, a Filosofia e a Antropologia.

Diversos estudos anteriores no campo da Comunicação já dedicaram seus esforços a entender o impacto da Indústria Cultural e da Sociedade da Informação para o indivíduo, o coletivo e a memória. Estes alegam que a comunicação midiática trouxe benefícios expressivos como a possibilidade de novas formas de sociabilidade, porém também advertem para a imposição de uma relação desafiadora para com o tempo e o espaço, e conseqüentemente, para com a história e a memória.

De acordo com tais referências, a dita “Sociedade da Informação” convive com uma notória ambigüidade. Ora difunde uma cultura de amnésia dada a instantaneidade e o imediatismo do processo massivo de produção e consumo da informação e dos produtos capitalistas. Ora se vê acometida por um interesse quase “obsessivo” por monumentos, museus, arquivos, registros, comemorações, rememorações, testemunhos, biografias etc.

Não são raras as ocasiões em que os estudos da Comunicação aprofundaram o olhar da investigação científica para a memória já que ela é comunicada coletiva e subjetivamente o tempo todo pelo indivíduo em sua interioridade, pelas diferentes gerações de uma família, pela escola, pela Igreja, pela cidade, pela literatura e pela mídia.

O presente trabalho está organizado em quatro capítulos. O primeiro se atém à compreensão do estudo de caso, portanto, da Zona Leste do município de São Paulo e das duas iniciativas de espaços físicos dedicados à memória da região. O segundo capítulo se dedica a esmiuçar, por meio de diferentes aportes teóricos, as múltiplas definições do termo memória e suas principais faculdades. Já o terceiro capítulo se refere às estratégias metodológicas adotadas e à análise do objeto de estudo empírico. O quarto capítulo, *Confronto contínuo, conclusão improvável*, reconhece imbricações entre as análises desenvolvidas no terceiro capítulo e o arcabouço teórico selecionado e sugere novas inquietações para estudos futuros.

CAPÍTULO 1
(RECONHECENDO O OBJETO DE PESQUISA)

“Zona Leste somos nós.
Lutando com galhardia.
Zona Leste somos nós.
O lirismo e a própria poesia.”

(Enredo da Escola de Samba Nenê de Vila Matilde - 1988)

1. Reconhecendo o objeto de pesquisa

Na perspectiva de pensar a região da Zona Leste do município de São Paulo, especificamente o bairro de São Miguel Paulista, buscamos compreender, neste primeiro capítulo, seus principais aspectos históricos, características e peculiaridades, a fim de construir um caminho sólido para o desenvolvimento da investigação proposta neste estudo.

Também nos debruçamos sobre duas iniciativas significativas do ponto de vista da concepção de espaços físicos destinados à evocação e ao armazenamento da memória do lugar e de seus moradores. A primeira iniciativa apresentada se refere ao Cemi e ao conturbado período histórico no qual é projetado como iniciativa da sociedade civil e por uma ala progressista da Igreja Católica de então. Nesse percurso, tratamos também nos aspectos históricos que envolvem um dos projetos mais emblemáticos do Cemi, o jornal *Grita Povo*. Posteriormente, discorreremos sobre o Grupo de Memória da Zona Leste e sua proposta de espacialização da memória, denominada primeiramente como Memorial da Zona Leste e, posteriormente, como Centro de Memória e Cultura da Zona Leste. Por fim, no item *Outras iniciativas*, discorreremos sobre demais experiências contemporâneas dedicadas à memória da Zona Leste.

A intenção depositada neste trajeto contextual e histórico é iluminar nosso objeto de pesquisa empírico.

1.1. A Zona Leste e a invenção da “ZêÉle”

Em um programa dominical de expressiva audiência, um personagem, reconhecido pelo bordão “Eu tenho horror a pobre”, lamenta o fato de alguém morar em Guaianases, segundo ele, “um lugar tão longe, tão leste, que chega a ser *lost*”⁴. No mesmo horário de veiculação da referida teledramaturgia, basta *zapear*⁵ por alguns instantes para que se esteja diante do anúncio publicitário de um novo empreendimento imobiliário na Zona Leste de São Paulo, considerado pelo locutor como detentor de “arquitetura sofisticada” e “localização privilegiada”.

A compreensão desse lugar que se inventa e reinventa ora como atrasado ora como em franco desenvolvimento faz-se oportuna e, paradoxalmente, desafiadora. Afinal, riscos como o reducionismo e a generalização incorrem sorrateiros ao se falar de uma região que abriga situações tão distintas em cada uma de suas facetas, sejam elas culturais, econômicas, sociais, históricas, geográficas, entre outras. Contudo, fez-se necessário iniciar a tese nos debruçando, mesmo que panoramicamente, sobre a Zona Leste do município de São Paulo, a dita *ZêÉle* (ZL).

A região ganhou certa notoriedade internacional em meados da segunda década dos anos 2000, mais precisamente em 2014, quando abrigou a construção do estádio que sediou determinados jogos da Copa do Mundo Fifa (Copa), entre eles o de abertura do evento.

Entretanto, para urbanistas como Nakano (2002), a notoriedade da região antecede à concepção do estádio, tais como a criação dos *Shoppings Centers* Aricanduva, Tatuapé, Penha e Anália Franco; o metrô; a modernização da linha de trem; a construção da avenida Jacu-Pêssego, do SESC Itaquera, da Universidade de São Paulo (USP-Leste); e o *boom* imobiliário do Tatuapé.

A respeito da ampliação da oferta do ensino universitário público na região e em seus arredores, convém citar que, a partir dos anos 2000, se deram as

⁴ A frase foi mencionada pelo personagem Caco Antibes, no programa Sai de Baixo, veiculado pela Rede Globo no dia 3 de novembro de 2013. Guaianases é um dos 30 distritos da Zona Leste e é julgado pejorativamente na teledramaturgia em questão. A atribuição de “Lost” faz menção a um seriado, já exibido pela mesma emissora, no qual a vida dos sobreviventes de um acidente aéreo é acompanhada numa misteriosa e longínqua ilha tropical. Assim, o corriqueiro emprego de “Zona Lost” em lugar de “Zona Leste” no cotidiano dos moradores da cidade denuncia uma crítica irônica à condição periférica da região.

⁵ Ato de mudar constantemente o canal na TV, geralmente por meio de um controle remoto.

instalações da Faculdade de Tecnologia (FATEC), da USP-Leste e do *campus* Guarulhos da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), além da concepção recente de um novo *campus* da UNIFESP em Itaquera.

Diante disso, desde a década de 1980, progressivamente, a localidade, marcada por uma extensão infinita de lajes, indústrias desativadas, pichações e antenas de TV, passou a conviver com a especulação imobiliária, a expansão do ensino superior público e privado, as construções civis públicas de toda ordem, os grandes *shoppings centers* e o convívio da classe média alta, esta última cultivada em bairros como o Jardim Anália Franco.

A Zona Leste é a região mais populosa da capital - com 4,5 milhões de habitantes, aproximadamente 35% dos moradores de São Paulo, de acordo com pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2010 - e pode ser caracterizada por sua disparidade socioeconômica, como revela Herrero (2011, p. 17):

[...] a Zona Leste possui uma variedade imensa de situações vividas em cada canto de seu território. Enquanto alguns apresentam maior desenvolvimento e investimento de determinados ramos empresariais, outros adquiriram um viés mais residencial, enquanto outros mesclam áreas dormitório com um comércio pujante, embora localizado.

O perfil híbrido da região explica-se, em parte, por sua formação histórica. Em verdade, a história da constituição da Zona Leste confunde-se com a genealogia de urbanização que a cidade de São Paulo enfrentou desde o final do século XIX. Herrero (2011, p. 20) parece concordar com tal premissa: “[...] acreditamos que o desenvolvimento da Zona Leste, tal como a conhecemos, acontece quando a cidade de São Paulo toma o caminho da urbanização”.

Um dos fatores que desencadeou a explosão demográfica e, conseqüentemente, a urbanização de São Paulo foi a industrialização, que, segundo Toledo (2011, p. 34), “[...] se intensificou nos anos 1880, quando o acúmulo de capital dos negócios do café provocou a transferência do eixo de industrialização do país para o sudeste”.

O valoroso grão para a sociedade da época também foi responsável pelos avanços na área de transportes, especificamente pelo surgimento das ferrovias,

notórias desencadeadoras do nascimento de vilas operárias como São Miguel Paulista e Penha, ambas precursoras da ZL.

Para Imamura (2007), são marcos históricos da expansão dos transportes na região: a construção, em 1920, da Rodovia São Paulo-Rio; a inauguração de uma linha de ônibus entre Penha e São Miguel para amenizar a situação do transporte em 1930; a construção de uma variante da Estrada de Ferro Central do Brasil; e a inauguração da estação de São Miguel, no centro histórico do bairro, em 1932.

No que tange ao desenvolvimento industrial da região, um momento marcante e amplamente estudado por Fontes (2008) foi a instalação, em 1935, da Companhia Nitro Química Brasileira, situada em São Miguel Paulista, numa área de aproximadamente 500.000 m². Próxima à estação ferroviária, a Companhia provocou um considerável deslocamento humano que ampliou a dimensão demográfica do bairro. De acordo com os estudos de Imamura, em 1940, ela já empregava cerca de 2.700 funcionários, ou seja, um número equivalente a um terço do total da população de São Miguel Paulista, que na época contava com aproximadamente 7.600 habitantes. (IMAMURA, 2007).

Ainda segundo o autor, a ideia de “bairro dormitório” emergiu quando foi construída uma vila operária, paralelamente ao surgimento da fábrica, como uma forma de favorecer a permanência do trabalhador, já que não havia locação de moradia na região, e o transporte ferroviário começava a tornar-se deficitário para atender à demanda da expansão demográfica de São Paulo.

Em conformidade com os estudos de Imamura (2007) e Fontes (2008), convém destacar que a condição precária do cotidiano dos trabalhadores alocados nas vilas industriais e a ausência de equipamentos públicos e infraestrutura urbana mínima eram uma constante naquele período.

Embora indústrias como Nitro Química e Matarazzo tenham sido marcantes no processo de ocupação industrial do território da Zona Leste, cabe mencionar que, a princípio, os bairros que gozavam de maior proximidade do centro, tais como Brás, Mooca e Belém, já abrigavam parques industriais consideráveis. Desta maneira, é aceitável entender por que, ainda hoje, esses distritos contemplam alto índice de imigrantes. Afinal, surgem paralelamente à chegada da mão de obra estrangeira destinada a substituir os escravos recém-libertados no Brasil.

A partir de uma ocupação centralizada em torno da linha de trem, que vai ligar a região de Jundiaí, grande produtora de café, até o porto de Santos, para escoar a produção e, ao mesmo tempo, receber imigrantes europeus e orientais para trabalhar nessas lavouras e na cidade. Entre o fim do século XIX e o primeiro quarto do século XX, milhares de imigrantes vão aportar em São Paulo [...] Sendo assim, bairros como a Mooca, Brás, Pari, Belém [...] vão se desenvolver às custas de fábricas de todo o tipo e casas e vilas operárias para abrigar os trabalhadores, muitos deles imigrantes. (HERRERO, 2011, p. 20).

Outro fluxo caracterizador da explosão demográfica da região dá-se na década de 1940 com a chegada dos migrantes nordestinos. Também é Herrero quem discorre sobre o tema, ao afirmar que:

O impulso ao desenvolvimentismo e à industrialização, aliada à urbanização crescente das grandes capitais, vai incentivar que milhões de pessoas de outros Estados – especialmente da região Nordeste, mas não apenas de lá – migrem para as metrópoles em busca de uma oportunidade melhor na vida, movidos pela grande esperança da “grande cidade”. Se o primeiro processo foi marcado pela imigração estrangeira, agora a gente está falando de uma migração interna, o Brasil vive um processo impressionante de transferência da população rural para a cidade a partir da Segunda Guerra. São mais de 30 milhões de pessoas em 30 anos [...]. (2011, p. 21).

A presença dos nordestinos na Zona Leste é considerável e já foi pesquisada largamente em estudos anteriores a este. Para citar alguns, vale a consideração das pesquisas de Fontes (2008) e Albuquerque Jr. (2009).

Inclusive, um dos indícios da forte presença nordestina está na nomeação de uma de suas praças principais como *A Praça do Forró*, clara menção ao apreço dos migrantes nordestinos pelo ritmo musical. O nome oficial do lugar é *Praça Padre Aleixo Monteiro Mafra* e este se situa em São Miguel Paulista. Lá o frenético “embarque-desembarque” dos transportes clandestinos de migrantes e a constante apresentação de bandas de forró no passado motivaram a criação de um nome popular, apropriado pela comunidade.

Morais (2010, p.5) se debruçou em estudos sobre os patrimônios culturais da região e afirma: “Em São Miguel, existem no mesmo lugar, duas praças, a Praça Padre Aleixo Monteiro Mafra e a Praça do Forró. É o mesmo lugar, identificado pelos moradores de maneiras diferentes, segundo as suas experiências, seus valores, seus interesses”.

Salienta-se ainda sobre os processos migratórios, nos últimos 50 anos, que a face leste de São Paulo tem sido palco da vinda massiva de coreanos e bolivianos, mais precisamente para as imediações do Brás, Belém, Pari, Penha, Ermelino Matarazzo e Cidade Tiradentes. No caso dos bolivianos, a Feira Kantuta, realizada no Pari, aos domingos, reúne um público médio de 2.000 bolivianos e cerca de 90 barracas típicas de suas culturas.

Mas a história da Zona Leste não se esgota no processo de urbanização da cidade de São Paulo. Para dissertar a respeito da região é preciso retomar o surgimento de seu núcleo originário, o bairro de São Miguel Paulista.

A fundação do bairro é alvo de polêmicas e divide especialistas no assunto. Uma corrente de historiadores garante que a ocupação da região data de 1560. Segundo o levantamento de documentos aferidos por Bomtempo (2000, p. 47), tal tese se confirma:

Não só pela tradição antiquíssima, mas, sobretudo ante a real e inteira abrangência dos fatos históricos e o ponderado caráter emblemático das suas datas e dos seus protagonistas, a aldeia de São Miguel de Ururaí, hoje distrito de São Miguel Paulista, foi fundada em 1560 pelo Padre José de Anchieta.

Como podemos notar a seguir, a catequização dos índios teria motivado a fundação do bairro e, anos depois, a construção da Capela de São Miguel; o marco principal da origem do bairro. Supõe-se que no ano de 1560,

[...] Anchieta reencontrou na área de Ururai (nome que significa “terra dos lagartos”) um bando de guaianases [...]. Os nativos haviam abandonado as imediações do colégio jesuíta de São Paulo, devido à transferência, no mesmo ano dos moradores brancos da Vila de Santo André da Borda do Campo para o planalto de Piratininga. Diante de tal situação, o padre Manoel de Nóbrega pediu a Anchieta que retomasse a evangelização dos dissidentes. Foi essa reaproximação que resultou na construção da Capela. (BONFIM, 2008, p. 9).

Outra vertente historiográfica afirma que a fundação se deu no ano de 1580 quando Jerônimo Leitão⁶ concedeu aos índios de São Miguel de Ururaí, uma sesmaria de terras medindo seis léguas em quadra, segundo registros feitos pelo político Joaquim Machado de Oliveira (AUGUSTI, 2012a).

⁶ Jerônimo Leitão foi Capitão-mor da capitania de São Vicente entre 1572 e 1592.

Essa corrente demonstra, por meio de documentos, que os primeiros registros de posse de terras indígenas se deram no início do século XVII. Destarte, moradias “de brancos”, como eram denominadas, se multiplicaram nas terras dos índios de São Miguel, seguindo o crescimento agrícola e pastoril da então Vila de São Paulo.

Elemento comprobatório da chegada do “homem branco” em São Miguel, neste período, estaria nos primórdios da construção da Capela de São Miguel, por iniciativa do Padre José de Anchieta e dos índios Guaianases em 1580.

Finalmente, um terceiro grupo de historiadores julga que a data de conclusão da obra da Capela em 1622 seria a data oficial da fundação de São Miguel de Ururaí, hoje denominada São Miguel Paulista.

De todo modo, em meio às diferentes formulações sobre a origem do bairro, nota-se que a Capela se faz presente e é relevante em processos de reflexão sobre o bairro, a região e a cidade. O templo é considerado um dos mais antigos de São Paulo e se destaca por conservar aspectos originais da arquitetura luso-brasileira colonial dos séculos XVI e XVII.

A atualmente intitulada Capela de São Miguel Arcanjo foi um dos primeiros patrimônios edificados brasileiros localizados pelo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN).

Formalizado pelo Decreto-Lei n. 25, de 30 de novembro de 1937, o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – SPHAN – foi estruturado a partir de uma diretoria central, com sede na cidade do Rio de Janeiro, e regionais espalhadas pelo país. Naquele mesmo ano, a regional de São Paulo iniciou suas atividades, sob a liderança de Mário de Andrade e com a colaboração, entre outros, do ainda estudante Luis Saia. (GONÇALVES, 2006, p. 95).

De acordo com Gonçalves (2006), pesquisadora interessada na trajetória do SPHAN junto aos patrimônios de São Paulo, após uma peregrinação qualificada como “heroica” pela autora – em razão das parcas condições dos recursos humanos e materiais disponíveis na época - o responsável pelo levantamento e inventário dos bens arquitetônicos, o escritor Mário de Andrade, se deparou com a Capela de São Miguel em 1937 e a descreveu como “uma das relíquias do Estado[...] importantíssimo documento arquitetônico [...]”. (ANDRADE, 1981, p. 82).

A Capela dos Índios, como é conhecida pelos moradores, foi tombada pelo Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em 1938 e de lá para

cá já sofreu inúmeras restaurações, revitalizações e reparos. A última restauração, iniciada em 2006, possibilitou escavações arqueológicas internas e externas. Na ocasião, pinturas do período colonial paulista, arte barroca e traçados incas foram encontrados e se tornaram objetos de estudos em diferentes áreas do conhecimento. Desde 2011, o templo é aberto a visitas, exposições, apresentações culturais e celebrações religiosas.

Imagem 1 – Fotografia da Capela de São Miguel Arcanjo.



Imagem anterior ao restauro realizado em 1938. (Fonte: www.capeladesaomiguelarcanjo.com.br)

Outros patrimônios arquitetônicos tombados pelo IPHAN estão situados na região, destacando-se a sede do Sítio Mirim e a Fazenda da Biacica⁷. Também ressaltamos que algumas instalações da Indústria Nitro Química foram tombadas pelo Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo (Conpresp) em 2012. Porém, a força simbólica da Capela de São Miguel Arcanjo para os moradores é muito evidente, assim como

⁷ O Sítio Mirim, localizado em São Miguel Paulista, refere-se a uma casa construída, provavelmente no século XVII, pelo Guarda-mor Francisco de Godoy Preto em 1750. O espaço foi tombado em 1973 e se caracteriza como ruína de uma sede bandeirante da época. Não há consenso sobre a construção do abrigo. Alguns historiadores arriscam-se a dizer que os detalhes da construção remetem a um período ainda mais antigo que o do século XVII. A Fazenda da Biacica situa-se no bairro Itaim Paulista, data do fim do século XVII e foi tombada em 1994. (BONFIM, 2008).

a representatividade da Praça do Forró, na qual se situa a Capela. Nela, se estabelece a convivência entre o patrimônio cultural mais prestigiado da região e as rodas de conversas entre familiares e amigos, os artistas populares, o comércio ambulante, as manifestações religiosas e políticas, entre outras ações da dinâmica social do bairro.

Nesse mesmo endereço, se situa a Catedral de São Miguel Arcanjo, inaugurada em 1965, e a atual sede da Diocese Católica de São Miguel Paulista, fundada em 1989, por ordem do Papa João Paulo II. O espaço abrigou, durante o período do regime ditatorial e a abertura democrática brasileira, o Centro de Comunicação e Educação Popular de São Miguel Paulista (Cemi), a ser apresentado na sequência. Contudo, antes de nos debruçarmos sobre a primeira iniciativa de espacialização e materialização da memória da ZL, elencada como um dos exemplares de análise deste estudo, faz-se necessário contextualizar determinadas peculiaridades do referido período de sua origem.

1.2. No olho do furacão

Em meados da década de 1970, o mundo vivenciava a “guerra fria”⁸ e a economia mundial experimentava uma profunda crise que atingiu seu ápice no início da década de 1980. No plano da cultura e da comunicação, meios de comunicação de massa como o rádio e a TV consolidavam o poder da Indústria Cultural no ocidente. (HOBBSAWM, 1995).

Paradoxalmente, a América Latina e o Caribe demonstravam um espírito altamente revolucionário. Nas palavras do historiador Hobsbawm (1995), o fim da década de 1970 fez o mundo inclinar-se para a esquerda em resposta aos estados ditatoriais emergentes:

[...] o Terceiro Mundo agora se tornava o pilar central da esperança e fé dos que ainda acreditavam na revolução social. [...] Parecia um vulcão global prestes a entrar em erupção, um campo sísmico cujos tremores anunciavam os grandes terremotos futuros. (ibidem, p. 424).

⁸ Confronto entre as superpotências (EUA e URSS) emergentes da Segunda Guerra Mundial.

Em combate às “aspirações revolucionárias”, parafraseando Hobsbawm (ibidem), em alguns países latino-americanos, estados ditatoriais despontaram. No Brasil, o golpe militar teve início em 31 de março de 1964, sendo concretizado apenas em 2 de abril do mesmo ano, quando o presidente João Goulart deixou o país, tornando vago o cargo de Presidente da República.

Nos anos de ditadura vivenciados no país, a Constituição, vigente desde 1946, foi suspensa e atos institucionais foram decretados para ampliar os poderes do Executivo e, conseqüentemente, limitar os do Legislativo e do Judiciário. Em 1967, o Congresso Nacional foi pressionado a votar uma nova Constituição, aos moldes dos militares.

Para conter manifestações contrárias, o governo militar criou o Serviço Nacional de Informações (SNI) e instituiu a censura à imprensa, aos artistas e aos intelectuais. Seus esquemas de espionagem e vigilância passaram a controlar a pretensa subversão dos civis, graças a uma vasta campanha de perseguição em todo o país e evidente manifestação de poder como atuação política.

A sociedade civil assumiu posturas diferenciadas perante o regime. Tendo em vista o avanço do movimento popular, desde o início da década de 1950, boa parte do empresariado, da imprensa e de órgãos profissionais como a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) acreditou que o golpe e a instauração de um breve período militar seriam favoráveis aos seus interesses e uma boa estratégia para a contenção das massas revoltosas em relação ao cenário sócio-político da época.

Nesse sentido, na ocasião do golpe, instituições como a Igreja Católica, na figura da Confederação Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) se dividiram em alas conservadoras e progressistas.

No caso específico da Igreja⁹, enquanto uma ala apoiou a intervenção dos militares, sob o pretexto de salvar o país do comunismo, outra se preocupou em contrariar o militarismo em defesa aos direitos humanos (ALVES, 1984). Como exemplo deste dualismo, destacam-se as gestões dos bispos de São Paulo (ala progressista) e do Rio de Janeiro (ala conservadora).

Numa publicação veiculada em 2014, período de rememoração dos cinquenta anos do golpe militar no Brasil, a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) revelou inúmeras pesquisas científicas, concluídas ou em

⁹ O termo Igreja será utilizado para referir-se à Igreja Católica.

andamento, interessadas em discutir o posicionamento de diferentes setores da sociedade civil durante a ditadura.

No caso da Igreja Católica, enquanto clérigos relacionados à Teologia da Libertação, tratada a seguir, e de Ordens específicas como a dos Dominicanos repudiaram o autoritarismo, boa parte da Igreja apoiou o Golpe de Estado em razão do temor trazido pelo comunismo, como podemos notar no trecho a seguir da declaração divulgada em julho de 1964 pela CNBB, logo após o golpe:

[...] atendendo à geral e angustiosa expectativa do povo brasileiro, que via a marcha acelerada do comunismo para conquistar o Poder, as Forças Armadas acudiram em tempo, e evitaram que se consumasse a implantação do regime bolchevista em nossa terra. (ROLLEMBERG apud ANDRADE, 2014, p. 20).

Por este e outros motivos, denota-se que a Igreja não é um grupo uniforme, e sim, constituído por uma diversidade de tendências polêmicas entre si. As ramificações internas oferecem perspectivas diferentes de atuação no mundo, além de concepções éticas diversas.

Assim, faz-se necessário considerar a diversidade de discursos e práticas adotados por diferentes esferas da Igreja Católica durante a ditadura militar brasileira e ao longo da história mundial, especificamente, no que diz respeito à relação mantida entre Igreja e Estado, como apontam, oportunamente, os estudos de autores representativos, tais como Azevedo (2004)¹⁰, Beozzo (1981) e Mainwaring (1989).

No caso particular da Igreja latino-americana, concepções progressistas e divergentes do Estado se revelaram no Concílio Vaticano II convocado por João XXIII, em 1962. Entre as intenções do Concílio, destacou-se a reflexão sobre a situação emergencial de miséria vivida pela América Latina, em boa parte, liderada por estados ditatoriais. Na ocasião, exaltou-se um discurso interessado na

¹⁰ Azevedo ressalta em seus estudos as rupturas mais marcantes entre a Igreja e o Estado na história nacional do século XX: Durante o período Colonial, a Igreja estava subordinada ao Estado e funcionava como um de seus instrumentos de dominação. Um marco na crise deste modelo foi a expulsão dos jesuítas, em 1759, e a instauração progressiva de uma mentalidade racionalista e iluminista. Em 1840, a Igreja colocou-se sob as ordens diretas do Papa, desvinculando-se da Coroa Luso-brasileira, em um processo de Romanização que incluiu três fases: o investimento na formação do clero de acordo com a disciplina do catolicismo romano; a separação entre Igreja e Estado com a proclamação da República; e a terceira, a partir de 1922, conhecida como Neo Cristandade, em que a Igreja decide atuar de forma visível na arena política. (AZEVEDO, 2004).

renovação da Igreja, buscando uma aproximação maior com as classes menos favorecidas.

Dois encontros foram determinantes para traçar este novo perfil evangelizador: as Conferências do Episcopado Latino Americano (CELAM) em Medellín (1968) e em Puebla (1979) (MATOS, 1996). Foi em Medellín que a Igreja Católica pensou criticamente sua forma de evangelizar e se inserir na sociedade efetivamente contra quaisquer formas de opressão, em busca da dita libertação. A ênfase dada à palavra “libertação” fez com que esta nova diretriz teológica recebesse a denominação de Teologia da Libertação¹¹.

No Brasil, a Teologia da Libertação se refletiu, entre várias formas, na experiência das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), como aponta Tufte, em seus estudos sobre a América Latina. “Os movimentos populares tiveram uma participação decisiva nos processos de eleições livres, sobretudo as Comunidades Eclesiais de Base [...]”. (TUFTE, 1996, p. 30). Para o autor, religiosos e leigos compuseram por meio das CEBs verdadeiras redes de organização popular em prol de diversas causas, entre elas, as eleições livres.

Naquele período, as CEBs passam a representar a ação pastoral, valorizando o papel do leigo¹² na renovação da Igreja, proposta pelo Concílio Vaticano II. Regularmente, ocorriam encontros intereclesiais de base para avaliar desempenhos e traçar novas formas de atuação.

Mesmo em períodos de endurecimento do regime, como o do decreto do Ato Institucional de nº. 5 (AI-5) de 13 de dezembro de 1968, a ação progressista da Igreja e das CEBs paulistanas manteve-se firme, apesar de cautelosa, com exceção de determinadas ações isoladas, como na ocasião da morte do jornalista Vladimir Herzog¹³ e do operário Santo Dias¹⁴ (Vide Anexo 10).

¹¹ Aproximadamente 40 bispos latino-americanos, inspirados pela ideia da Igreja dos pobres, do papa João XXIII, “reuniram-se nas catacumbas de Santa Domitila em Roma e fizeram o Pacto das Catacumbas” (PILETTI e PRAXEDES, 1997, p. 325). Foi um ato simbólico em 16 de novembro de 1965, no final do Concílio para a proclamação da Igreja dos pobres.

¹² Trata-se de indivíduo sem cargos religiosos, como exemplo, o padre.

¹³ Em 1975, o jornalista Vladimir Herzog, da TV Cultura de São Paulo, foi chamado a depor no DOI-CODI (sigla para Destacamento de Operações de Informações – Centros de Operação de Defesa Interna) e, dias depois, apareceu morto. A versão oficial era de que havia se suicidado, enforcando-se numa janela cuja altura era menor que a dele. Foi realizado culto ecumênico na Catedral da Sé, que reuniu cerca de 10 mil pessoas, apesar das ameaças dos militares.

¹⁴ Santo Dias era líder sindical e membro de CEBs. Numa paralisação operária, o policial militar Herculano Leonel atirou em Santo Dias pelas costas em 30 de outubro de 1979. No dia seguinte, 30 mil pessoas saíram às ruas para acompanhar o enterro e protestar. O evento contou com o apoio da ala progressista da Igreja em São Paulo.

A postura de Dom Paulo Evaristo Arns¹⁵, em São Paulo, nos leva a refletir sobre esta consideração, pois se revelou como forte opositora do regime da época, em especial no que competia à defesa dos direitos humanos. Arns despertou tamanha antipatia da ditadura que chegou a receber ameaças rotineiras. (SYDOM e FERRI apud BERTOLIN, 2005).

Além do Cardeal, outros religiosos contrários à ditadura receberam represálias. Numa reportagem investigativa após o período ditatorial, o jornalista Kucinski (1982) apurou o saldo resultante da guerra não-declarada entre Igreja e Estado. De acordo com publicação da CNBB em 1979, Kucinski revela que, durante a ditadura, centenas de Igrejas foram invadidas, oito religiosos assassinados, onze banidos, 122 presos e 34 submetidos a torturas. Foram presos também 131 ativistas leigos até a data de publicação do levantamento.

Sob pressão popular, em 19 de março de 1974, na ocasião da primeira reunião ministerial do general Geisel, anunciou-se a “abertura democrática”. Instalava-se, segundo os militares, o processo de redemocratização nacional que consistiria em transferir um regime ditatorial explícito para um estado policial vigilante e discreto, amparado por “salvaguardas eficazes dentro do contexto constitucional”.

Paralelamente, trabalhadores promoviam greves em diversos setores industriais, destacando-se o setor metalúrgico do ABC¹⁶ paulista e a liderança sindical do futuro Presidente da República, Luís Inácio Lula da Silva. Os estudos de Sader (1988) demonstram que a inserção dos trabalhadores no cenário nacional trouxe um novo reforço à luta democrática no país.

Na década de 1980, a mobilização popular já alcançava um novo estágio de organização, expresso na criação de Associações de Moradores, Clube de Mães e movimentos sociais melhor estruturados no campo e na cidade. Em 1980, por exemplo, movimentos diversos da Zona Leste já participavam da Articulação Nacional dos Movimentos Populares e Sindicais (Anampos).

¹⁵ Dom Paulo Evaristo Cardeal Arns é Cardeal da Santa Igreja Romana e Arcebispo Emérito de São Paulo. Nasceu em Santa Catarina em 14/9/1921, recebeu a ordenação Sacerdotal no Rio de Janeiro em 30/11/1945. Foi Arcebispo Metropolitano de São Paulo de 1/11/1970 a 22/5/1998, Membro da Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos, Coordenador do Colégio Diocesano de São Paulo e Grão Chanceler da Pontifícia Universidade Católica - SP. Como Arcebispo, Arns se tornou um dos maiores defensores dos direitos humanos, durante o regime militar brasileiro.

¹⁶ Trata-se de uma região tradicionalmente industrial do estado de São Paulo, parte da Região Metropolitana de São Paulo. A sigla vem das quatro cidades, que originalmente formavam a região, sendo: Santo André (A), São Bernardo do Campo (B) e São Caetano do Sul (C) - Diadema (D) é às vezes incluída na sigla.

Em janeiro de 1984, aproximadamente 300.000 pessoas se reuniram na Praça da Sé, em São Paulo. Três meses depois, inúmeros cidadãos tomaram as ruas do Rio de Janeiro. Algumas semanas seguintes, cerca de 1,7 milhões de pessoas se mobilizaram em São Paulo, novamente para pressionar o Estado a aceitar as eleições diretas, que só se concretizariam em 15 de novembro de 1989. (GASPARI, 2002).

O tímido processo de redemocratização nacional, após o avanço do movimento popular, o desgaste do regime militar, a crise econômica internacional e, conseqüentemente, nacional¹⁷, entre outros aspectos, desencadearam um cenário socioeconômico complexo no país. Convém comentar que o fim do crescimento econômico, após o dito “milagre brasileiro”, teve como conseqüências a grande concentração de renda em minorias sociais, a inflação dos preços, o desemprego em massa e o aumento da dívida externa¹⁸.

Desta forma, sobre São Paulo, especificidades devem ser consideradas. A cidade era o destino de migrantes de todo o país, principalmente da região nordeste. Muitos destes não obtiveram colocação imediata no mercado de trabalho da época e tiveram como destino periferias desamparadas pelo poder público, a exemplo da região de São Miguel e bairros adjacentes.

São Paulo 1975 - Crescimento e Pobreza foi uma publicação polêmica nos anos de 1970 e 1980. Trata-se de uma pesquisa feita pelo Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (CEBRAP) que revelou graves índices de miséria na grande metrópole, apesar da forte concentração de renda em relação ao Produto Interno Bruto (PIB) do país (CAMARGO, 1976).

Wanderley (2005), em seus estudos sobre os movimentos populares, revela como as populações menos favorecidas sócio e economicamente lidavam com a ausência de serviços públicos e a miserabilidade naquele período:

Dadas as necessidades provenientes do urbano, as classes populares procuram resistir às condições de vida a que estão submetidas e formulam inúmeras reivindicações: água, luz, habitação, saneamento etc. (WANDERLEY, 2005, p. 44).

¹⁷ Cabe mencionar que temas como o avanço do movimento popular, o desgaste do regime militar e a crise econômica não serão problematizados por não fazerem parte dos objetivos diretos desta pesquisa.

¹⁸ A crise do petróleo, mais precisamente sua alta, propiciou uma crise econômica em países capitalistas de todo o mundo, em 1974.

A respeito do bairro de São Miguel Paulista, especificamente, alguns movimentos populares da época - apoiados pela ala progressista da Igreja - se destacaram em estudo realizado pela presente pesquisadora durante o Mestrado¹⁹, dentre eles: Movimento de Moradia, Movimento de Educação e o Movimento Popular de Arte.

Sobre o Movimento de Moradia, cabe dizer que, em publicação datada de 2011, um de seus maiores representantes, o sacerdote cristão Antônio Luiz Marchione²⁰ - conhecido como Padre Ticão - considera como determinantes as ações ocorridas em 1987, ano no qual 33 mil famílias ocuparam terrenos inativos na região, e em 1991, quando se encaminhou à Brasília um milhão de assinaturas em prol da ampliação de ofertas de casas populares na Zona Leste. (PETICAO, 2011). Ainda hoje tal movimento se mostra ativo na região.

O Movimento de Educação se iniciou pela dispensada cobrança da taxa da Associação de Pais e Mestres (APM) durante o ato de realização das matrículas escolares. Na década de 1970, determinadas instituições de ensino estabeleceram o pagamento desta taxa e as famílias que não a pagassem, deveriam apresentar um atestado de pobreza, o que trazia situações de humilhação e vexame aos mais carentes, segundo os moradores. (MENEZES, 2007).

Depois de obter a extinção da taxa da APM, o movimento percorreu um longo trajeto: empenhou-se na geração de vagas nos ensinos Fundamental e Médio; idealizou cursos de alfabetização de jovens e adultos a partir do método Paulo Freire²¹, chegando a contar, inclusive, com a presença do referido educador em eventos sobre os rumos da educação na região; por fim, desencadeou reivindicações pela criação da “Universidade Pública do trabalhador”, como assim a intitulavam.

¹⁹ MENEZES, R. T. Memória em papel - O jornalismo popular e a memória coletiva. Dissertação de Mestrado – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2007.

²⁰ Ele foi líder de CEBs (Comunidades Eclesiais de Base) e é atual padre da Paróquia São Francisco de Assis em Ermelino Matarazzo. O mesmo já participou de inúmeros movimentos populares desde os anos de 1980 na região, destacando-se aí sua atuação nos Movimentos de Moradia e Educação. Ainda hoje, o Padre é referência para os movimentos sociais e populares e, igualmente, respeitado por instâncias políticas.

²¹ “Paulo Freire é provavelmente o mais influente pensador que inspirou movimentos culturais e sociais nas últimas décadas, particularmente no Brasil, mas também por toda América Latina e em outros países do terceiro mundo. (...) entretanto, Freire não se referiu explicitamente aos meios de comunicação de massa, mas focalizou em primeiro lugar o processo pedagógico de criação da consciência humana. (...) a filosofia de Freire é crítica e orientada para a ação. Toda comunicação deve basear-se no diálogo. O diálogo, o engajamento e a constante dialética ação-reflexão-ação são os elementos centrais de sua filosofia”. (TUFTE, 1996, p. 28).

Os responsáveis por este projeto chegaram a consultar universidades em todo o estado de São Paulo, como Universidade de São Paulo (USP), Pontifícia Universidade Católica (PUC) e Universidade Federal Paulista de Medicina (UNIFESP)²², em busca da implantação de um *campus* universitário na região.

A cultura também foi mote de um dos movimentos populares mais expressivos da região. A forte presença da migração nordestina, as diferentes descendências, as diversas etnias e culturas conviviam intensamente no interior dos bairros, deste modo, surgiu o Movimento de Arte Popular (MAP), que já foi inclusive estudado em pesquisas de relevo na área de Ciências Sociais, entre elas, a de Arantes. “Esse movimento agregou vários indivíduos e grupos ligados ao teatro, dança, música, poesia, artes plásticas etc”. (ARANTES, 1984, p. 157).

É possível notar nestes exemplos, breves e superficiais em suas descrições, como a Zona Leste se constituía numa região marcada por movimentos populares fomentados pela Igreja.

Conclui-se, portanto, que em São Miguel Paulista e em outros bairros da Zona Leste, a parceria entre a ala progressista do catolicismo e os movimentos populares se concretizou com efetividade, muito em função do caráter da Diocese de São Miguel Paulista, liderada por Dom Angélico Sândalo Bernardino²³ e apoiada pela Arquidiocese de São Paulo, na figura de Dom Paulo Evaristo Arns, caracterizada como progressista à época.

Pe. Ticão ratifica o papel dos religiosos nos movimentos sociais da região, segundo o pároco, “principalmente, o bispo Dom Angélico Sândalo Bernardino, junto com o cardeal Paulo Evaristo, na cidade, abriram muito as portas para os movimentos”. (PETICAO, 2011, p. 61).

Como veremos adiante, esta ala da Igreja estruturada junto às camadas populares configurou-se como espaço privilegiado à organização popular. De acordo com Mendes, foi “se tornando a Igreja uma das únicas instituições a destoar do enquadramento promovido pelo regime”. (2003, p. 154).

²² Sobre este movimento e a chegada do campus da USP na Zona Leste, a presente pesquisadora realizou vídeo-documentário chamado *Uniperiferia* e um artigo no livro *USP Leste e seus vizinhos*, publicado pela USP.

²³ Dom Angélico Sândalo Bernardino nasceu em 1933, 26 anos depois teve sua ordenação presbiteral na Catedral São Sebastião, em Ribeirão Preto. A ordenação diocesana aconteceu em 1975, na Catedral de São Paulo. Atuante em suas funções religiosas foi diretor espiritual e professor em seminários, coordenador da pastoral arquidiocesana, bispo auxiliar de São Paulo, responsável pela Pastoral Operária Arquidiocesana e jornalista responsável pelo Grita Povo.

Após compreendermos panoramicamente o contexto histórico da origem do Cemi, nos cabe detalhar sua trajetória e desfecho.

1.2.1. Cemi: a documentação como resistência

O novo estágio vivido pelos movimentos sociais e populares, apoiados ou não pela Igreja Católica, possibilitou a inserção de estudos científicos no interior das CEBs, dos movimentos sociais e dos partidos políticos em situação de clandestinidade a partir dos anos de 1970. Tais estudos serviram à tomada de decisões e à formulação de estratégias encaminhadas por tais grupos em busca da redemocratização do país.

Festa (2003) comenta a relevância da investigação científica para os movimentos populares de então e o seu impacto nas tomadas de decisões:

Na maioria dos países, formaram-se importantes centros de informação e pesquisa, possibilitando no final da década a formulação de estratégias sociais mais amplas para as sociedades democráticas emergentes da América Latina. (FESTA, 2003, p. 3).

Como é possível notar acima, os centros se prestavam à formulação de estratégias diversas, entre elas a potencialização do uso dos meios de comunicação e da tecnologia da época em prol do fortalecimento dos movimentos sociais e populares, do combate à censura e da documentação dos movimentos, da Igreja, de determinados bairros, moradores etc.

No tocante à memória e/ou à documentação, o trabalho de Montelatto e Reginaldo²⁴ chama atenção para o processo desempenhado pelos centros interessados em tais assuntos, em especial, os relacionados à Igreja:

Entre os centros emergentes, uma perspectiva constante é a de “documentar-se como prática, para se conhecer a própria história” [...]. No Brasil, alguns centros também expressam dimensões da

²⁴ O Guia de pesquisa e movimentos sociais, elaborado pelo Centro de Documentação e Informação Científica (CEDIC) da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) dedicou-se a catalogar os centros de comunicação e educação popular nascidos a partir dos anos 70 e ligados à Igreja, aos evangelizadores e grupos sociais de seu entorno. Entre as observações feitas pelos pesquisadores deste guia, foi identificada a real preocupação dos centros para com a documentação e a memória dos movimentos sociais da época.

construção da “Igreja do Povo”, sobretudo a partir de 1970, quando parte significativa do episcopado, do clero e de leigos se envolve na luta pelos direitos humanos, pelo direito à terra, à moradia, à saúde à educação etc [...]. O trabalho primordial é o de oferecer aos movimentos populares e evangelizadores maneiras de resgatar sua memória e ter acesso à informação. (MONTELATTO; REGINALDO, 1991, p. 29).

Assim como exposto na citação acima, a Diocese de São Miguel Paulista concebeu, no início dos anos de 1980, o Centro de Comunicação e Educação de São Miguel Paulista (Cemi)²⁵, com a intenção clara de subsidiar a construção da memória documental dos movimentos populares e evangelizadores de então.

A descoberta e a análise detalhada da ata de criação do Cemi exprimem a vontade de seus fundadores.

Julgamos que este Centro deva se guiar por uma linha que julga fundamental o respeito à independência dos Movimentos frente ao Estado, Partidos, Igrejas ou outras Instituições; que julga fundamental a democracia interna nos movimentos; que julga fundamental a construção, a partir dos movimentos, de um poder popular que juntamente com as demais lutas dos trabalhadores dispute, desde já, o poder a nível político, social, econômico e cultural; que julga fundamental que este poder popular caminhe na direção do socialismo, de uma sociedade justa e democrática, sem exploradores ou explorados [...] A finalidade básica que justifica a criação desta Entidade, é promover de forma sistemática, o apoio a todas as iniciativas que visam a articulação e unificação entre si dos movimentos populares na região, na direção da construção de um poder popular. (CEMI, [s.n. d]).

Mais adiante, a ata revela quais eram os principais objetivos do Cemi, a saber:

- Realizar cursos, debates, encontros e projeção de filmes sobre os problemas com que se defrontam os militantes dos movimentos;
- Ter um jornal²⁶ informativo que facilite a circulação das experiências, ideias, agendas, realizações e lutas dos movimentos;
- Preparar e ter disponível material audiovisual de apoio aos movimentos;
- Ser um local que preserve e divulgue a memória e a história de toda a produção criada pelos movimentos da região;(grifo nosso)
- Realizar estudos sobre os Órgãos Públicos da região (atuação, projetos, estruturas, orçamentos etc) e verificar aspectos técnicos e políticos de áreas como transporte, saúde, habitação, educação, cultura etc;

²⁵ Antes da oficialização do Cemi em 15 de maio de 1983, o centro era chamado de “Centro do Manoel do Ó”.

²⁶ Mais adiante, o jornal em questão será detalhado.

- Montar uma infraestrutura que ajude materialmente os movimentos, preparando, por exemplo: informativos, boletins, panfletos e outros impressos elaborados pelos movimentos e entidades. (idem).

No trecho grifado, destaca-se a preocupação do centro em preservar a “memória e a história” dos movimentos, dado que interessa a esta pesquisa, na medida em que declara a intenção de conceber um espaço físico ancorado em base material capaz de documentar lembranças, aptas à evocação futura. Chama a atenção na notícia exposta abaixo, a menção ao Projeto Memória.

Figura 1 – GRITA POVO, nº 11, jun. 1983. p. 2.

Página 2

Grita Povo

RECADO DO D. ANGÉLICO

**Um apêlo:
o povo precisa
se comunicar!**



D. Angélico

Precisamos participar! Nada de marginalização. É necessário dialogar! Nada de isolamento. É urgente nos comunicarmos pois nos tornamos mais gente, na medida em que nos relacionamos com os outros! Cada pessoa deve ser um comunicador! Passar adiante notícias que sacodem, que ajudam, o outro a se realizar na vida! Cada pessoa precisa se tornar um anunciador de experiências que colaboram com a libertação dos outros! Jesus mesmo nos empurra, com sua ordem: "Vão pelo mundo todo, anunciando a Boa Notícia de um mundo de irmãos" (Mt. 28, 19).

Vamos abrir os olhos! Diariamente, a TV, grandes jornais, revistas, cinema, rádio, propagandas, despejam toneladas de informações sobre a gente, querendo "fazer a cabeça do Povo". Esses grandes meios de comunicação estão nas mãos dos poderosos, dos que exploram o Povo! Com técnica, com arte, eles desviam a atenção de todos, dos problemas graves que estagnam o Povo. É futebol, é sexo pelo sexo, são novelas, é "O Povo na TV", programas humorísticos bobos, é um mar de alienação que vai sendo injetado em nós a cada segundo. Eles permitem a presença do Povo em seus programas, em suas páginas, para enganar ainda mais a todos nós. Os grandes meios de comunicação não somente não são do Povo, não estão sob controle do Povo, mas são contra os verdadeiros interesses do Povo!

O Povo precisa, portanto, reagir diante desta encurruada que pretende anestesiá-lo, tapando seus olhos frente aos grandes problemas; que pretende mudar-lhe a cabeça, materializando-a. Para se defender dos grandes meios de comunicação, para ir dando colaboração séria à

**O Centro de
Comunicação já
está funcionando**



Na inauguração do Centro, o "Grita Povo" esteve em debate

Você sabia que a região São Miguel já têm um Centro de Comunicação e Educação Popular?

Ele foi inaugurado de 12 a 15 de maio. Nestes três dias, jornalistas, professores, estudantes, donas de casa e operários participaram de shows, debates e puderam conhecer os projetos de comunicação que o Centro vai desenvolver.

Os projetos são os seguintes: 1) Jornal Grita Povo, 2) Projeto Memória, 3) Projeto Criança, 4) Cadernos Populares, 5) Serrigrafia 6) Vídeo-Cassete, 7) Projeto Sol Maior, 8) Audio-Visual, 9) Mimeógrafo além de curso de Jornalismo Popular, Apresentações de Debates e Livraria Popular.

**ANOTE O ENDEREÇO
E VENHA CONHECER**

Praça Pe. Alexio Monteiro Mafra, 13 (ao lado da Igreja Matriz de São Miguel) telefone: 297-6788.

Agora o nosso povo vai poder participar, divulgar suas lutas, criar seus próprios meios de comunicação. Queremos acertar ou errar com você.

EXPEDIENTE

GRITA POVO — Jornal Mensal da Região de São Miguel. Publicação do Centro de Comunicação e Educação Popular de São Miguel. Praça Pe. Alexio Monteiro Mafra, 13 — São Miguel Paulista.

Jornalista Responsável:
D. Angélico Sândalo Bernardino.

COLABORADORES: Carlos Strabelli, Regina Festa, Elisabete Costa Dantas, Gilberto Nascimento, Helena Segundo, José Strabelli, Luís Alves de Sousa, Marcelo Nassif, Raulda Harero, Rosa Aleluia, Valdinete Gomes de Moraes, J. Eduardo Cruz Lelo, Raimundo Nôlrega, Elana B. de Almeida, Diagramação: Jorge Berardo, Cartões: Dulcineira Capissani — Miguel.

Fotos: Douglas Mansur.

Composição, montagem, fotolito e impressão: Da Editora Jorais — Rua Artur de Azevedo, 1977. Fone: 212-5061.

RECADO DO LEITOR

O NEGÓCIO DO BEIJO

Pela primeira vez escrevo a este jornal, talvez vou desagradar muita gente: é um fato curioso que acontece na comunidade e eu passo a analisar: é o negócio do beijo, percebo que alguns jovens andam ou dão o abraço de faz algumas mochinhas com um beijo, ao passo que com as senhoras de idade não acontece o mesmo, e também alguns pais têm esse privilégio ao que os velhos ou talvez um negro que tem na comunidade se pega na mão bem de longe. Ora gente! Se o próprio D. Paulo pinta por aqui e merece abraços e beijos e os pequeninos — me recem um "de gelado, então há igualdade ou não. É só de conversa. Isto reflete as palavras do

Governo que é só falação. "Louva a Deus com os lábios e despreza o irmão como o coração". Atenção, não estou cobrando nada por interesse, por que meu interesse é pelo Reino que é o do Pai.

Volando atrás: faz-me lembrar Neimar de Barros que certa vez no jornal "O São Paulo" que "antes de pular o muro para ver o que se passa lá fora, vamos ver o que se passa aqui dentro".

Agora vou ficar de campana para ver se a censura deixa esta passar.

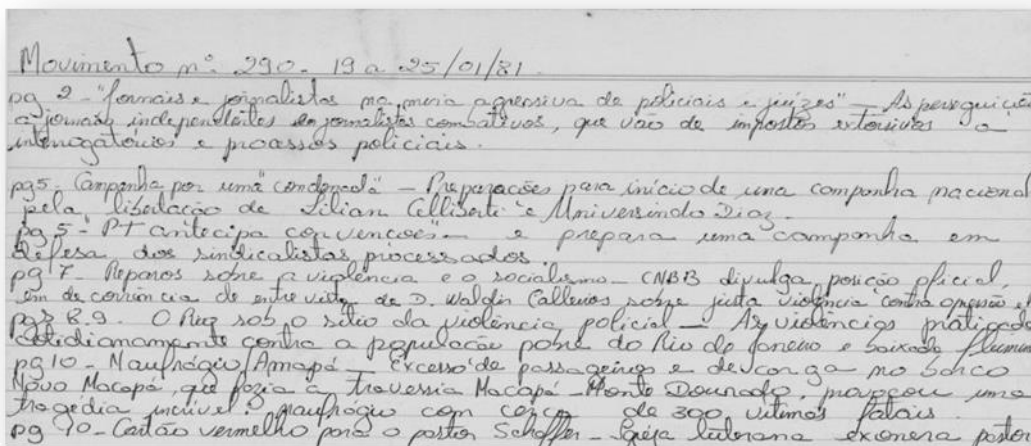
Olha gente, com tudo que escrevi, não estou condenando ninguém, apenas estou na dúvida. Se falei besteira desculpe-me.

A figura acima se refere à publicação do jornal *Grita Povo*. Nela, é possível observar matéria sobre a inauguração do Cemi. (*GRITA POVO*, nº 11, jun. 1983. p. 2). (Fonte: Acervo Pessoal da presente pesquisadora).

Ao analisarmos o acervo deixado pelo Cemi, verifica-se que o centro possuía ações e projetos diversos, tais como a promoção de cursos para atender à formação de jovens e adultos interessados em criar matérias jornalísticas, veículos de comunicação ou até mesmo seus próprios centros de comunicação e educação popular, como é o caso ocorrido no bairro do Itaim Paulista, onde seus moradores criaram o Centro de Educação e Cultura Popular do Itaim Paulista (CECOPI) a partir da experiência do Cemi.

O Cemi também dava apoio à concepção, impressão e veiculação de publicações de diferentes movimentos sociais e populares, CEBs e pastorais e colecionava edições de diferentes veículos de comunicação da época, como os jornais: *Opinião* (1972) e *Movimento* (1975). Pelo alto número de *clippagens*²⁷ de jornais em circulação naquele período, nota-se que os colaboradores se interessavam pelo que era noticiado na imprensa popular e de massa, em especial, no que se referia à Zona Leste e aos movimentos sociais. (MENEZES, 2007).

Figura 2 – Exemplo de *clippagem*.



Acima, exemplo de *clippagem* da edição de nº. 290 do jornal *Movimento*. O registro data de 1981. (Fonte: Acervo Pessoal da presente pesquisadora).

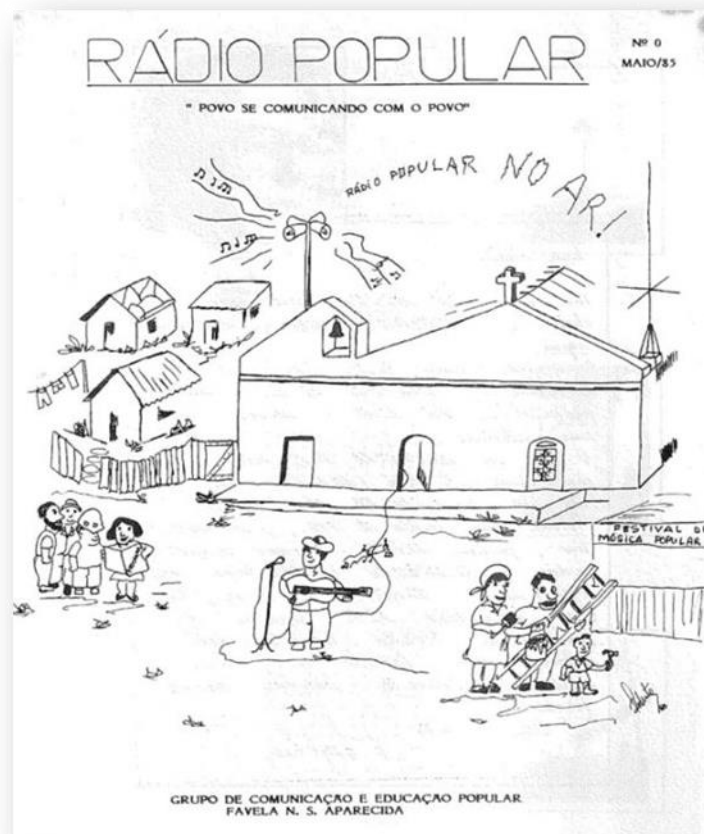
Também é possível identificar a preocupação do Cemi em documentar a coleção de outros jornais em seu acervo por meio do formulário abaixo. Nota-se, na

²⁷ *Clippagem* é o processo de selecionar notícias em jornais, revistas, sites e outros meios de comunicação, geralmente impressos. Muitas vezes, este serviço é realizado por assessorias de imprensa para identificar as referências a determinado cliente ou tema de interesse. No caso do CEMI, a *clippagem* servia para selecionar temas sobre a região da Zona Leste.

No acervo deixado pelo Cemi foram encontrados inúmeros textos de e sobre artistas, ambientalistas, estudantes, intelectuais²⁸, jornalistas, mulheres, negros, índios, operários, trabalhadores rurais, entre outros.

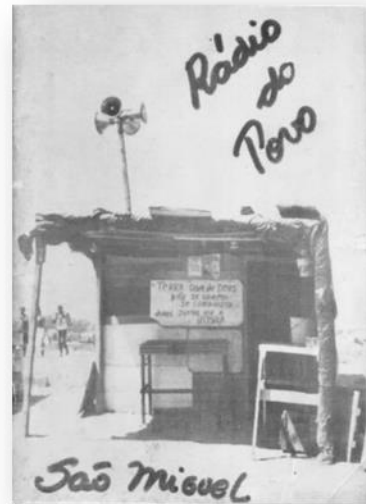
Dezenas de cartilhas²⁹ também foram localizadas. Seus temas transitam entre a criação de uma rádio popular, a organização de um evento cultural na comunidade, entre outros assuntos. A seguir, é possível observar, as capas de algumas cartilhas destinadas à formação de comunicadores populares voltados ao meio de comunicação rádio.

Figuras 4, 5 e 6 – Cartilhas *No ar, uma rádio popular, Rádio do povo – São Miguel e Rádio popular.*



²⁸ Como exemplo de texto científico localizado por esta pesquisa: EVERS, T., PLATENBERG, C.M., SPESSART, S. Movimentos de bairro e Estado (Lutas na esfera da reprodução da América Latina). [s.n.t].

²⁹ Exemplo localizado: Cartilha educativa para trabalho em grupos populares do Movimento de Educação Popular Integral. Cartilha educativa para trabalho em grupos populares. São Paulo: Fundação Fé e Alegria do Brasil, [s.d.].



Nas figuras arroladas, observa-se a capa de uma publicação voltada ao detalhamento das atividades da Rádio Popular, localizada na ZL de São Paulo e as capas de duas cartilhas de comunicação popular e alternativa a respeito de rádio, todas concebidas pelo Cemi. (Fonte: Acervo Pessoal da presente pesquisadora).

A seguir, temos a relação sistematizada das funções do Cemi, conforme apuração anterior a esta (ibidem):

- Concepção e, anos depois, a impressão de veículos de comunicação impressos, como boletins, cartazes, jornais, abaixo-assinados, convocatórias e cartilhas de educação popular;
- Elaboração e realização de produtos culturais, como peças de teatro, contos, poesias, músicas, literatura de cordel;
- Elaboração e realização de gincanas e dinâmicas de integração grupal;
- Interpretação crítica dos processos e produtos de comunicação massiva como a grande imprensa, a publicidade, a novela e o cinema;
- Criação de rádios populares;
- Feitura de vídeos populares, cópias de filmes nacionais e internacionais;
- Organização e divulgação de eventos, como congressos, encontros e seminários;
- Arquivo de veículos de comunicação populares, comunitários, católicos, entre outros;
- Registro e documentação de fatos realizados na região.

As figuras a seguir, detalham o histórico do Cemi e de suas principais ações, bem como explicitam a relevância da comunicação para o fortalecimento dos movimentos populares de então.

Figuras 7 e 8 – GRITA POVO, nº 71, mai. 1987. p. 6-7.

6

A COMUNICAÇÃO SE

A PALAVRA FOI ROUBADA DE NÓS



Há quase 500 anos quando nossas terras foram invadidas pelos portugueses, junto com o ouro e a prata, junto com o café e o açúcar,

NOS ROUBARAM TAMBÉM A PALAVRA!

A força do grito, calaram os, nossos antepassados. Os índios e os negros tiveram que abaixar a cabeça e guardar silêncio (e hoje mudou?)

A sociedade cabloca se desenvolveu, conseguimos a independência política. Porém nossas economias são cada vez mais dependentes dos caprichos dos países ricos.

Também os MEIOS DE FALAR os MEIOS DE COMUNICAÇÃO continuam nas mãos dos poderosos.

O povo ainda não tem acesso a estes meios.

O POVO CONTINUA SEM PODER FALAR ...



MAS NÃO É SÓ ISSO:

A RÁDIO	(deles)
A TELEVISÃO	(deles)
OS JORNAIS	(deles)
O CINEMA	(deles)
OS DISCOS	(deles)

Servem (a eles) para NOS ENGANAR para NOS DOMESTICAR para NOS DEIXAR MUDOS

NOS PERGUNTAMOS: QUE SENTIDO TEM A COMUNICAÇÃO POPULAR? QUE SENTIDO TEM A PRESENÇA DO CEMI NA REGIÃO? QUE SENTIDO TEM OS PEQUENOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO DO POVO ?

Quando pensamos que o nosso continente está cada vez mais saturado de imagens e de sons; que a duração anual de seções de cinema ultrapassa os 60 bilhões de horas; que as de televisão passam os 200 bilhões de horas; que um número semelhante de horas chegam através de 400 milhões de receptores de rádio; e que a venda anual de discos e cassetes ultrapassa os 700 bilhões.

Quando observamos que o jovem de hoje lê mais de 20 mil páginas de historietas e novelas por ano, e que mais de 50% da juventude não abre um livro por vontade própria, se é que os tem ao seu alcance.

Quando junto ao crescimento demográfico atual, a linguagem radial penetra 60%, e linguagem dos filmes 100%, a da televisão em 130% e a imprensa escrita em 20%.

(Fonte: Doc. e Com. Pop. - CELADEC - 1979)

a comunicação na região 1977-1987

Breve histórico do processo de comunicação na Região São Miguel no 4º Aniversário do CEMI

Essas organizações tentavam ser conscientizadoras, mas acabavam devolvendo uma consciência apenas teórica, pois raramente levavam lutas em defesa dos direitos do povo. Não empolgaram, a não ser pequenas parcelas da população. A necessidade de comunicação era restrita, por isso não criavam muitos veículos. Eram organizações isoladas que, quando muito mantinham alguns contatos esporádicos entre si. Destacaram-se, na Região as Compras Comunitárias do Centro Comunitário de A.E. Carvalho, do Burgo Paulista e de Engenheiro Goulart, que tinham seus boletins; um grupo cultural da Igreja de Vila Ré, que publicava o RE-UNIR e outros. E a forte atuação nos primeiros movimentos reivindicatórios no período de agosto de 77 (luta por água encanada e melhoria no centro de saúde) para o qual se reuniu, segundo dados da imprensa, cerca de 2 mil moradores.

Neste mesmo período ocorreu um acidente de trânsito na passagem de nível em Artur Alvim, com um trem da FEPASA colhendo um ônibus e matando 22 pessoas no local. Um pequeno grupo de moradores iniciou um movimento reivindicando colocação de cancelas nas quatro passagens de nível existentes na Região Leste. Uma carta de D. Angélico, foi lida em todas as missas protestando contra o ocorrido e pedindo apoio para

FAZ NA LUTA DO POVO

um abaixo-assinado. Foram 46 mil assinaturas coletadas em apenas uma semana. Houve grande divulgação na imprensa e a vitória alcançada. A partir daí deu-se como estímulo ao uso da pressão na reivindicação e à necessidade de organização de muitas comissões de Direitos Humanos nas comunidades.

Foi em torno de lutas por água encanada, centros de saúde, terrenos clandestinos, extinção de lixões e lagoas, habitação, que mais os habitantes da Zona Leste se organizaram.

INSTRUMENTOS DE COMUNICAÇÃO



A necessidade de comunicação, o não acesso e a falta de confiança nos meios de comunicação de massa que não estão a serviço das lutas populares levaram esses movimentos organizados a buscarem outras formas de comunicação próprias de seu meio e não controladas.

Surge então a Equipe de Comunicação da Comissão Regional de Direitos Humanos da Região, que elaborava roteiros de temas para a discussão - ex.: VIDA, MAS A QUE PREÇO?, fez também vários boletins, convites, cartilhas de orientação das eleições, etc...

Existia nesta época o jornal da Região chamado TRAÇO DE UNIAO, mimeografado e de circulação interna, com pouco mais de cem exemplares. Posteriormente teve algumas edições impressas em tablôide, ten do curta duração.

INFRA-ESTRUTURA PARA PRODUÇÃO DE IMPRESSOS

Na Região, no início da década de 70, praticamente nada existia além de mimeógrafos a álcool e dois a tinta em comunidades. Um passo importante foi dado em 1977 com a aquisição, pela Região, de um mimeógrafo elétrico e equipamento para confecção de estênsil eletrônico e de duas off-sets em Igrejas de bairros.

Era inexpressiva essa infraestrutura de equipamentos, quando considerávamos que a Região tinha cerca de um milhão e 200 mil habitantes e a quantidade de impressos publicados.

Foi então no período de 1981 que esta mesma comissão iniciou a discussão para organização de uma infra-estrutura que fosse mais adequada às exigências das comunidades que vinham atuando no movimento de reivindicação.

Com uma sala atrás da Igreja de São Miguel e posteriormente na Torre da Igreja, junto com os pombos e os ratos renascia com mais energia o nosso Jornal Grita Povo. Depois de 2 anos de gestação do projeto para um Centro de Comunicação, a 15 de maio de 1983, nesta casa velha ao lado da Igreja de São Miguel, nascia o nosso Centro de Comunicação e Educação Popular que inicialmente se chamou Manoel do Ó, mais conhecido como Centro de Comunicação de São Miguel, dando origem a seu mais recente apelido: CEMI.



Temos que ajudar ao povo dizer a sua verdadeira palavra, como a parteira ajuda a nascer a criança.

GRITA POVO - A proposta do Grita Povo é ser um jornal alternativo na região, buscando ser um canal que fale das lutas das reflexões e experiências das nossas comunidades. Para isso você é convidado a participar, a colaborar na redação e na montagem do jornal. Participe!

VIDEO-CASSETTE - "Uma imagem fala mais que mil palavras". A nossa proposta é documentar em som e imagem os acontecimentos mais significativos da caminhada das Comunidades e as lutas do movimento popular de nossa região. E temos também um aparelho de vídeo cassete e uma TV à disposição das comunidades.

PRODUÇÃO DE CADERNOS POPULARES - Produzir e multiplicar cadernos em linguagem e forma popular para os grupos das comunidades no trabalho pastoral e político.

RÁDIO POPULAR - Recuperar a voz do povo, divulgar a vida da comunidade, apoiar as lutas do povo, esses são alguns objetivos do Departamento de Rádio Popular que hoje conta com 25 rádios e 47 comunidades participando dos nossos encontros.

DEPARTAMENTO DE DOCUMENTAÇÃO - Organizar arquivo de materiais escritos e fotográficos produzidos pelas comunidades; arquivo, de materiais produzidos sobre a região e publicados em jornais, revistas, livros, filmes, etc. Tudo isso está à disposição das comunidades na Igreja velha, no centro da Praça de S. Miguel.

EDUCAÇÃO POPULAR - Visa um trabalho de conscientização de classe e de grupos de alfabetização de adultos. Iniciamos este trabalho com representantes de bases.

PROJETO ÁUDIO VISUAIS (slides) - Temos uma série deles à disposição das comunidades e, a nossa proposta é multiplicar e incentivar o uso de áudio visuais para os trabalhos nas nossas comunidades e nos grupos de reflexões.

Fonte dos dados: Com. e Sociedade nº 5 1981 - Texto: Luiz Maméssio

As figuras constituem uma das edições do jornal *Grita Povo*. A partir delas, visualizamos o histórico de ações de comunicação popular e alternativa realizadas pelo Cemi na região (*GRITA POVO*, nº 71, mai. 1987. p. 6-7). (Fonte: Acervo Pessoal da presente pesquisadora).

Os inventários produzidos pelo Cemi e localizados em pesquisa anterior a esta, registram no início da década de 1980, aproximadamente 40 mil itens, tais como: documentos, correspondências, cartazes, livros, informativos, periódicos, fotografias, fitas cassete e de vídeo, *slides* e estudos científicos. (MENEZES, 2007).

Inúmeras razões levaram o Cemi ao término de suas atividades, entre elas um possível enfraquecimento da doutrina proposta pela Teologia da Libertação no mundo, estimulada, em parte, pelo avanço dos estados neoliberais.

O neoliberalismo teve na figura de Margaret Thatcher na Inglaterra e de Augusto Pinochet no Chile seus marcos iniciais, nos anos de 1970. Já o governo de Ronald Reagan, eleito em 1980, ficou conhecido pela adoção do neoliberalismo como modelo político e sua constante cruzada contra o “império do mal”, conforme contemplamos na citação a seguir.

A cruzada contra o “Império do mal” a que - pelo menos em público - o governo do presidente Reagan dedicou suas energias destinava-se assim a agir mais como uma terapia para os EUA do que como uma tentativa prática de restabelecer o equilíbrio de poder mundial. (HOBBSAWM, 1995, p. 246).

Reagan preocupou-se em conter correntes contrárias ao capitalismo, em especial, no dito “terceiro mundo”. “O ideário do neoliberalismo havia sempre incluído, como componente central, o anticomunismo mais intransigente de todas as correntes capitalistas do pós-guerra”. (ANDERSON, 2000, p.12). Coincidentemente, no ano de posse do presidente Reagan, destaca-se a emissão do “Documento de Santa Fé”, para o programa de política interamericana, redigido no Novo México por agentes do Conselho de Relações Exteriores dos EUA. Este documento é incisivo quanto aos meios de comunicação, incluindo os concebidos em Centros como o Cemi e atrelados à Igreja na América Latina, conforme se observa no trecho selecionado por Chauí (1984), em um de seus artigos à imprensa da época.

A manipulação dos meios de informação através de grupos vinculados à Igreja e de outras camarilhas encarregadas de debates em torno dos chamados direitos humanos tem desempenhado um crescente e importante papel na derrubada de governos autoritários [...]. A política exterior dos EUA deve começar a enfrentar (e não simplesmente reagir) a Teologia da Libertação, tal como é utilizada na América Latina pelo clero da Teologia da Libertação. (Documento de Santa fé apud CHAUI, 1984, p.3).

Nos artigos da autora, naquele período, estava a tese de que a Igreja se preocupava excessivamente com o pragmatismo trazido pelo Concílio Vaticano II e, que com a democratização de países como o Brasil, crescia a intenção de imprimir maior misticismo na relação com os seus fiéis. De certa forma, a democratização do país apontava a existência de uma Igreja que não queria mais se dedicar, enfaticamente, às questões políticas.

Na figura abaixo, temos uma publicação da ocasião, oriunda do Jornal O Globo capaz de ilustrar tal aspecto.

Figura 9 – OGLOBO, 30/08/1984. p. 6.

6 ● O PAIS Quinta-feira, 30/08/84 **O GLOBO**

EXCLUSIVO DOCUMENTO ADVERTE: USO DO MARXISMO É A NEGAÇÃO PRÁTICA DA FÉ

Vaticano condena desvios da Teologia da Libertação

EXCLUSIVO

DOCUMENTO ADVERTE: USO DO MARXISMO É A NEGAÇÃO PRÁTICA DA FÉ

RATZINGER

BRASÍLIA — As correntes da Teologia da Libertação que utilizam a análise marxista são duramente condenadas pelo Vaticano no documento "Instrução sobre alguns aspectos da Teologia da Libertação", a primeira manifestação oficial da Igreja sobre o assunto. O texto de 35 páginas, assinado pelo Prefeito da Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé, Cardeal Joseph Ratzinger, e aprovado pelo Papa João Paulo II, considera que a análise marxista na Teologia leva à pregação da luta de classes.

O documento, distribuído reservadamente a alguns bispos (o Vaticano só vai divulgá-lo oficialmente no próximo dia 3), alerta que a interpretação da fé e da existência cristã apresentada por essas correntes teológicas "se afasta gravemente da fé da Igreja e, mais ainda, constitui uma negação prática dessa fé".

O texto tem por objetivo "chamar a atenção dos pastores, teólogos e de todos os fiéis para os desvios e perigos de desvios prejudiciais à fé e à vida cristã, inerentes a certas formas de Teologia da Libertação, que usam, de maneira insuficientemente crítica, conceitos assumidos de diversas correntes do pensamento marxista".

O documento acusa as correntes da Teologia da Libertação que adotam a análise marxista de "perverter" "a mensagem cristã como ela foi confiada por Deus à Igreja" e de apresentar "o ingresso na luta de classes como uma exigência da própria caridade".

A Sagrada Congregação elogia a Teologia da Libertação por revalorizar os textos da Igreja sobre a defesa dos pobres, mas a critica por "fazer um amálgama pernicioso entre o pobre da Escritura e o proletariado de Marx".

"Perverte-se, deste modo, o sentido cristão de pobre e o combate pelos direitos dos pobres transforma-se em combate de classes, na perspectiva ideológica da luta de classes" — afirma o documento.

Em sua parte final, o documento dirige um apelo aos pastores para que exerçam uma vigilância sobre "a qualidade e o conteúdo da catequese e da formação" e alertem para o risco de sacralização da política e abuso da religiosidade do povo "em proveito de iniciativas revolucionárias".

Esta é a íntegra do documento elaborado pela Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé:

INTRODUÇÃO

O Evangelho de Jesus Cristo é mensagem de liberdade e força de libertação. Esta verdade essencial tornou-se, nos últimos anos, objeto da reflexão dos teólogos, com uma nova atenção que, em si mesma, já é de promessa.

A libertação, antes de tudo e principalmente seu objetivo e seu termo é a liberdade dos filhos de Deus, que é dom da graça. Ela emerge, por uma correspondência lógica, a libertação de muitas outras escravidões, de ordem cultural, econômica, social e política, que, em última análise, derivam todas do pecado e consistem em outros tantos obstáculos que impedem os homens de viver segundo a própria dignidade. Discernir com clareza o que é fundamental e o que faz parte das contingências, é condição indispensável para uma reflexão teológica sobre a libertação.

Na verdade, diante da urgência dos problemas, alguns são levados a aceitar unilateralmente a libertação das estruturas do ordenamento terreno e temporal, dando a impressão de relegar ao segundo plano a libertação do pecado e do ponto de não servir mais a libertação e a importância primordial que lhe compete. A representação dos problemas por eles proposta torna-se por isso confusa e ambígua. Outros, com a intenção de chegar a um conhecimento mais exato das causas das escravidões que cessam semelhança, servem-se, sem a suficiente precaução crítica, de instrumentos do pensamento que é dúbio, e até mesmo

urgentes questões que a atual situação pede libertação e os momentos de libertação, que mais ou menos têm dessa aspiração, põem a Igreja.

Não é possível esquecer, por um só instante, a situação de dramática miséria de onde brota a interpretação assim lançada aos teólogos.

2. A experiência radical da liberdade cristã constitui aqui o primeiro ponto de referência. Cristo, nosso Libertador, libertou-nos do pecado e da escravidão da lei e da carne, que constitui a marca da condição do homem pecador. E põe a vida nova da graça, fruto da justificação, que nos torna livres, isto significa que a mais radical das escravidões é a escravidão do pecado. As demais formas de escravidão encontram pois, na escravidão do pecado, a sua raiz mais profunda. E por isso que a libertação, no pleno sentido cristão, caracteriza-se não pela vida no Espírito, não pode ser confundida com a licença de ceder ao domínio da carne. Ela é a vida nova na caridade.

3. As "teologias de libertação" reconhecem amplamente a narração de Lúcas do Eoço. Esta constitui, de fato, o acontecimento fundamental na formação do Povo eleito. O Espírito não se desvia de vista, contudo, que a libertação específica do acontecimento põem em sua finalidade, já que esta libertação está orientada para a constituição do povo de Deus e para o culto da Aliança celebrado no Monte Sinai. "Por isso a libertação do Eoço não pode ser reduzida a uma libertação de natureza exclusivamente ou exclusivamente política. Significativa, de resto, que o termo Libertação seja há muito utilizado na Sagrada Escritura, para outro, muito semelhante, de redenção. A Igreja se alegrará da menção de Israel e Espírito que originou o Eoço. Ele é o ponto

12. A Revelação do Novo Testamento nos ensina que o pecado é o mal mais profundo que atinge o homem no cerne da sua personalidade. A primeira libertação, sobre de referência para os demais, é a do pecado.

13. Se o Novo Testamento se absteve de exigir previamente, como pressuposto para a conquista desta liberdade, uma mudança da condição política e social, é sem dúvida, para salientar o caráter radical da emancipação trazida por Cristo, oferecida a todos os homens, sejam eles livres ou escravos politicamente. Contudo a Carta a Filomón mostra que a nova liberdade, trazida pela graça de Cristo, deve necessariamente ter repercussão também no campo social.

14. Não se pode portanto restringir o campo do pecado, cujo primeiro efeito é o de introduzir a desordem na relação entre o homem e Deus, a ponto que se denomina "pecado social". Na verdade, só uma adequada doutrina sobre o pecado permitirá insistir sobre a grandeza de seus efeitos sociais.

15. Não se pode tampouco situar o mal unicamente ou principalmente nas "estruturas econômicas, sociais ou políticas, como se fosse os únicos males desmentem estas estruturas como de sua causa; neste caso a criação de um "homem novo" dependeria da instauração de estruturas econômicas e socio-políticas diferentes. Há, certamente, estruturas iníquas e geradoras de iniquidades, e é preciso ter a coragem de mudá-las. Fruto da libertação ter a coragem de mudá-las ou mais suas consequências antes de serem causas. A razão do mal se encontra por isso nas pessoas livres e responsáveis, que devem ser convertidas pela graça de Jesus Cristo, para viverem e agir como criaturas novas, no amor ao próximo, e não na eficácia da justiça, do adiamento e do exercício das virtudes.

16. Não se pode esquecer a urgente soma de trabalho desinteressado realizado por cristãos, pastores, sacerdotes, religiosos e leigos que, impulsionados pelo amor a seus irmãos que vivem em condições desumanas, se estorçam por prestar auxílio e proporcionar alívio aos inumeráveis males que são frutos da miséria. Entre eles, alguns se preocupam por encontrar os meios eficazes que permitam pô-los, o mais depressa possível, a uma situação intervelável.

VI — UMA NOVA INTERPRETAÇÃO DO CRISTIANISMO

Não se pode esquecer a urgente soma de trabalho desinteressado realizado por cristãos, pastores, sacerdotes, religiosos e leigos que, impulsionados pelo amor a seus irmãos que vivem em condições desumanas, se estorçam por prestar auxílio e proporcionar alívio aos inumeráveis males que são frutos da miséria. Entre eles, alguns se preocupam por encontrar os meios eficazes que permitam pô-los, o mais depressa possível, a uma situação intervelável.

17. O zelo e a compaixão, que devem ocupar

origem divina, João Paulo II, no discurso de Puebla, embora possa não ser três pilares sobre os quais deve assentar-se a teologia da libertação: a verdade sobre Jesus Cristo, a verdade sobre a Igreja e a verdade sobre o homem.

18. Não se pode esquecer a urgente soma de trabalho desinteressado realizado por cristãos, pastores, sacerdotes, religiosos e leigos que, impulsionados pelo amor a seus irmãos que vivem em condições desumanas, se estorçam por prestar auxílio e proporcionar alívio aos inumeráveis males que são frutos da miséria. Entre eles, alguns se preocupam por encontrar os meios eficazes que permitam pô-los, o mais depressa possível, a uma situação intervelável.

19. Não se pode esquecer a urgente soma de trabalho desinteressado realizado por cristãos, pastores, sacerdotes, religiosos e leigos que, impulsionados pelo amor a seus irmãos que vivem em condições desumanas, se estorçam por prestar auxílio e proporcionar alívio aos inumeráveis males que são frutos da miséria. Entre eles, alguns se preocupam por encontrar os meios eficazes que permitam pô-los, o mais depressa possível, a uma situação intervelável.

20. Não se pode esquecer a urgente soma de trabalho desinteressado realizado por cristãos, pastores, sacerdotes, religiosos e leigos que, impulsionados pelo amor a seus irmãos que vivem em condições desumanas, se estorçam por prestar auxílio e proporcionar alívio aos inumeráveis males que são frutos da miséria. Entre eles, alguns se preocupam por encontrar os meios eficazes que permitam pô-los, o mais depressa possível, a uma situação intervelável.

21. Não se pode esquecer a urgente soma de trabalho desinteressado realizado por cristãos, pastores, sacerdotes, religiosos e leigos que, impulsionados pelo amor a seus irmãos que vivem em condições desumanas, se estorçam por prestar auxílio e proporcionar alívio aos inumeráveis males que são frutos da miséria. Entre eles, alguns se preocupam por encontrar os meios eficazes que permitam pô-los, o mais depressa possível, a uma situação intervelável.

22. Não se pode esquecer a urgente soma de trabalho desinteressado realizado por cristãos, pastores, sacerdotes, religiosos e leigos que, impulsionados pelo amor a seus irmãos que vivem em condições desumanas, se estorçam por prestar auxílio e proporcionar alívio aos inumeráveis males que são frutos da miséria. Entre eles, alguns se preocupam por encontrar os meios eficazes que permitam pô-los, o mais depressa possível, a uma situação intervelável.

23. Não se pode esquecer a urgente soma de trabalho desinteressado realizado por cristãos, pastores, sacerdotes, religiosos e leigos que, impulsionados pelo amor a seus irmãos que vivem em condições desumanas, se estorçam por prestar auxílio e proporcionar alívio aos inumeráveis males que são frutos da miséria. Entre eles, alguns se preocupam por encontrar os meios eficazes que permitam pô-los, o mais depressa possível, a uma situação intervelável.

24. Não se pode esquecer a urgente soma de trabalho desinteressado realizado por cristãos, pastores, sacerdotes, religiosos e leigos que, impulsionados pelo amor a seus irmãos que vivem em condições desumanas, se estorçam por prestar auxílio e proporcionar alívio aos inumeráveis males que são frutos da miséria. Entre eles, alguns se preocupam por encontrar os meios eficazes que permitam pô-los, o mais depressa possível, a uma situação intervelável.

25. Não se pode esquecer a urgente soma de trabalho desinteressado realizado por cristãos, pastores, sacerdotes, religiosos e leigos que, impulsionados pelo amor a seus irmãos que vivem em condições desumanas, se estorçam por prestar auxílio e proporcionar alívio aos inumeráveis males que são frutos da miséria. Entre eles, alguns se preocupam por encontrar os meios eficazes que permitam pô-los, o mais depressa possível, a uma situação intervelável.

26. Não se pode esquecer a urgente soma de trabalho desinteressado realizado por cristãos, pastores, sacerdotes, religiosos e leigos que, impulsionados pelo amor a seus irmãos que vivem em condições desumanas, se estorçam por prestar auxílio e proporcionar alívio aos inumeráveis males que são frutos da miséria. Entre eles, alguns se preocupam por encontrar os meios eficazes que permitam pô-los, o mais depressa possível, a uma situação intervelável.

27. O zelo e a compaixão, que devem ocupar

A publicação acima evidencia o argumento de que uma comissão destinada à revisão de determinadas orientações teológicas presentes em alguns países, inclusive, latino-americanos. A comissão estava a encargo do clérigo Joseph Ratzinger, nomeado posteriormente como Papa Bento XVI, cujo exercício perdurou entre 19/04/2005 e 28/02/2013. (OGLOBO, 30/08/1984. p. 6). (Fonte: Acervo Pessoal da pesquisadora).

Paralelamente, ao avanço democrático, especialmente dado a partir da Constituição Federal de 1988, a vida cidadã ganhou espaços diferentes dos oferecidos pelo catolicismo em contraponto à ditadura, a exemplo dos sindicatos, dos partidos políticos, dos movimentos sociais, das Organizações Não-Governamentais (ONGs), entre outros.

Então, podemos entender que a Igreja, que havia servido como espaço institucional seguro para uma esfera expressiva da sociedade civil organizada, reviu seu papel durante o processo de redemocratização nacional. “A função de porta-voz da sociedade, necessária em tempos ditatoriais, deixou de sê-lo!” (ROSADO NUNES, 2004, p. 23).

Também é relevante considerar supostas alterações paradigmáticas políticas em reflexões sobre o fim do Cemi. Dom Angélico, em entrevista concedida em 2007, não esconde o que chama de “decepção” em relação ao socialismo:

Eu tenho algumas decepções, mas não amarguras. Quando caiu o muro de Berlim, eu esperava que o Leste Europeu aparecesse com uma coisa nova, depois que tiveram a experiência árdua do comunismo, do regime militar. Daí a pouco eu vejo que foram varridos pela onda neoliberal do consumismo [...] eu acho que a onda avassaladora do neoliberalismo sepultou muitas utopias. Depois o governo popular aqui no Brasil comparado aos outros governos eu estou contente, mas eu acho que realmente não era bem isso. (BERNARDINO apud MENEZES, 2007, p. 50).

Carlos Strabeli, ex-diretor do Cemi e membro clerical da Igreja, naquele período compartilha do pensamento de Dom Angélico ao dizer:

A gente já começava a questionar enormemente a questão do socialismo real. Que a gente tinha nos países do leste europeu, da Rússia, de Cuba etc. Então acaba se perdendo uma perspectiva de mudança estrutural da história, isso vai desanimar muito as lideranças [...] Pela ditadura ter caído, muitas lideranças que alimentavam o movimento popular, que estimulavam, que lideravam as lutas, acabam entrando no campo institucional como partidos políticos, escolas, ONGs etc. Fazer o quê? (STRABELI apud MENEZES, 2007, p.50).

Além das mudanças observadas no interior dos movimentos sociais, populares, evangelizadores e até no pensamento político da época, também são observadas alterações na estrutura interna da Igreja. A saber, a substituição de Dom Angélico

por Dom Fernando Legal³⁰, em 28 de maio de 1989, no cargo de bispo responsável pela Diocese de São Miguel Paulista fez CEBs e pastorais da região se abalarem e se distanciarem. Leigos e teólogos contrários às novas determinações do Vaticano também foram punidos severamente, chegando até à excomunhão de determinados membros da Igreja brasileira, como no caso do Frei Leonardo Boff.

Diante deste último argumento e dos demais apresentados, somos levados a conceber o fim do Cemi por motivos de diversidade e complexidade espacial e temporal consideráveis. A trajetória do Cemi pode ser estudada por pesquisadores diversos, o que contribuiria sobremaneira para a compreensão das relações sociais, políticas e culturais do período.

Durante a pesquisa de campo desencadeada pela presente pesquisadora na ocasião do mestrado, uma tímida iniciativa de organização, limpeza e catalogação do acervo do Cemi foi iniciada, nas dependências da Diocese de São Miguel Arcanjo, na qual este se situa até o momento.

Como já mencionado na apresentação desta tese, havia uma intenção ingênua - por parte desta pesquisadora - de que tal empreendimento seria o suficiente para conferir notoriedade pública e, conseqüentemente, o interesse da iniciativa privada ou do poder público em preservar o acervo do Cemi.

³⁰ Dom Fernando Legal nasceu em São Paulo, no dia 17/12/1931. Foi ordenado sacerdote em 8 de dezembro de 1959 e eleito Bispo de Itapeva em 28 de março de 1980. Transferido para a Diocese de Limeira, pelo Papa João Paulo II, no dia 8 de maio de 1985, tomou posse da Diocese no dia 2 de julho. Em 15 de março de 1989, foi transferido para a Diocese de São Miguel Paulista. Seguidor de uma linha mais conservadora da Igreja, Dom Fernando adotou novas estratégias de gestão em São Miguel Paulista.

Imagem 2 – Fotografia do acervo do Cemi.



Acervo do Cemi encontrado pela presente pesquisadora na ocasião da pesquisa de campo empenhada no mestrado em 2005. Em destaque, livros e periódicos. (Fonte: Acervo Pessoal da presente pesquisadora).

Imagem 3 – Fotografia dos documentos administrativos e jurídicos do Cemi.



(Fonte: Acervo Pessoal da presente pesquisadora).

Imagem 4 – Fotografia da pesquisa de campo.



(Fonte: Acervo Pessoal da presente pesquisadora).

Imagem 5 – Fotografia do acervo do Cemi localizado em 2005.



Em destaque, equipamentos técnicos.

(Fonte: Acervo Pessoal da presente pesquisadora).

Imagens 6 e 7 – Fotografias dos jornais após a conclusão da pesquisa de campo.



Jornais já organizados, limpos e catalogados, após a conclusão do mestrado em 2007.
(Fonte: Acervo Pessoal da presente pesquisadora).

Cabe ressaltar que em 15 de março de 2014, o Arquivo Diocesano de São Miguel Paulista foi inaugurado, entretanto não é possível aferir se o mesmo contempla documentos do antigo Cemi, tendo em vista que tal espaço não é aberto ao público.

Diversas ações qualificam o Cemi como iniciativa interessada na concepção de uma memória material da Zona Leste, como veremos em análises desencadeadas no capítulo *Trajetórias e perspectivas* desta tese. Para enumerar algumas delas, citemos: a criação de um vasto arquivo sobre os movimentos sociais da época e seus respectivos veículos de comunicação, entre eles: boletins, jornais, revistas, cartazes etc; o registro em diferentes mídias (impresas e audiovisuais) dos principais encontros e eventos promovidos ou apoiados pelo centro; a concepção de um considerável acervo fotográfico e filmográfico e a promoção de eventos e publicações voltados à comunicação (como o observado na figura a seguir) e à história dos bairros e de moradores diversos locados em São Miguel Paulista ou em bairros adjacentes.

Figura 10 – Exemplar de um evento promovido pelo Cemi.



(Fonte: Acervo Pessoal da presente pesquisadora).

Por fim, mencionemos o jornal impresso *Grita Povo*, cujo detalhamento se encaminhará a seguir, como objeto de registro e documentação da memória da região, da mobilização popular e de uma faceta peculiar da Igreja Católica, caso considerarmos as especificidades de suas editoriais e abordagens jornalísticas.

Debruçados em análises referentes ao jornal *Grita Povo* é possível aferir a atenção dada pelos responsáveis do veículo ao registro do cotidiano da comunidade, que, à época, encontrava-se dividida entre a valorização da materialidade e da experiência sendo que esta, imperceptível nas malhas do dia a dia, também aflora por meio da materialidade que preservou a lembrança da ação e que, sobretudo, desperta, na reflexão dada no tempo presente, interesse nas origens, nas assinaturas da experiência passada. Sendo assim, a presente pesquisa torna-se, entre outros motivos, relevante por considerar a preservação dos registros materiais também favoráveis à compreensão da memória entendida como vivência e experiência.

1.2.2. A experiência do *Grita Povo*

O jornal impresso *Grita Povo* - considerado por este estudo como sendo popular e alternativo³¹ - teve sua edição de número zero em 1982 e, com raras exceções, manteve-se em circulação numa regularidade estável até 1991 na região de São Miguel Paulista, Zona Leste do município de São Paulo. Sob influência da comunicação popular e alternativa da época, o veículo foi mais um dos jornais combativos das décadas de 1970 e 1980, nascido como alternativa ao contexto político de então.

Pela consideração de Dom Angélico a seguir e o levantamento dos aspectos histórico-sociais do veículo, é possível entender os motivos que conduziram a criação deste.

³¹ A assunção do conceito “popular e alternativo” como sendo o mais apropriado para a designação do veículo *Grita Povo* é proveniente de amplo debate empenhado ao longo da dissertação de mestrado da presente pesquisadora e devidamente amparado teoricamente nos autores Canclini (1997), Festa (1984 e 1986), Gomes (1987), Martín-Barbero (1997) e Peruzzo (1998). Uma vez que essa tese não tem como objetivos diretos a explanação e a problematização do conceito “popular e alternativo” e de seus temas adjacentes, não nos ateremos no detalhamento deste aspecto. (MENEZES, 2007).

Grita Povo nasceu de um sonho grande e uma longa espera. Fruto da exigência imposta pelo avanço do movimento popular e da caminhada das comunidades de nossa região, ele se faz porta-voz do protesto e da esperança de todos quantos ousam construir um amanhã socialista a despeito da selvageria do nosso regime político. (EDITORIAL. *GRITA POVO*, nº 11, dez. 1982. p.2).

O jornal procurou trazer o receptor para a condição de emissor da informação. Nesse sentido, contou com inúmeros colaboradores, seja na produção das informações ao receber “furos” jornalísticos e artigos escritos pelos moradores da região, seja na busca de assinantes para o jornal.

Figura 11 – Formulário de solicitação de assinatura.

Grita Povo
SOLICITAÇÃO DE ASSINATURA

Data ____ / ____ / ____

Nome _____

Endereço _____ Nº _____

Vila _____ Bairro _____ CEP _____

Cidade _____ Estado _____

Comunidade _____ Setor _____

ASSINATURA ANUAL SIMPLES Cz\$ _____ Ass. Nova

ASSINATURA ANUAL (CORREIO) Cz\$ _____ Renovação

ASSINATURA DE APOIO Cz\$ _____

Forma de Pagamento

Cheque Dinheiro

Grita Povo
Tel: 297-6388
Pça. Pt. Álvaro Monteiro Maia, 13
CEP 08000 São Miguel Paulista SP

Pagamento em cheque deve ser nominal à
CEMI Centro de Comunicação e Educação Popular de São Miguel

Observa-se que apesar do jornal ser distribuído gratuitamente, sua assinatura era gratificada financeiramente. (Fonte: Acervo Pessoal da presente pesquisadora).

Destes indivíduos, alguns resolveram atuar profissionalmente na imprensa e, ainda hoje, exercem a profissão, conforme revela Strabeli. “Nós temos jornalistas importantes que estagiaram no *Grita Povo* quando eram estudantes de jornalismo.

Por exemplo, Gilberto Nascimento³², jornalista que ganhou vários prêmios [...]”. (STRABELI apud MENEZES, 2007).

A 52ª edição esclarece quais eram as possíveis formas de colaborar com o *Grita Povo*:

- a. Colaboradores – pessoas responsáveis, escaladas para escreverem assuntos específicos, que determinam a linha do jornal (...);
 - b. Correspondentes – pessoas das comunidades, responsáveis de enviar notícias da comunidade, do bairro etc.
 - c. Contatos diversos – com os setores, Movimentos Populares, equipes, pastorais, entidades, órgãos e também recebemos muitas cartas.
- As notícias são entregues pessoalmente pelo correio ou por telefone. (GRITA POVO, nº 52, junho. 1986. p. 12).

A pequena equipe (aproximadamente, cinco membros efetivos) do jornal *Grita Povo* não permitia a confecção de um número elevado de matérias, motivo pelo qual as edições tinham como base colaborações vindas de vários setores da sociedade, entre eles, os movimentos sociais e populares. O depoimento a seguir esclarece este aspecto, “[...] ele não era escrito dentro do centro, havia a participação das lideranças na confecção das matérias com fotos, ilustrações, charges, artigos [...] era difícil você fechar o jornal, fazer a seleção do material”. (STRABELI apud MENEZES, 2007).

As colaborações variavam entre matérias escritas com o rigor da língua portuguesa e cartas escritas por crianças. Além de colaborações textuais, imagens, como ilustrações, charges e fotografias também eram entregues ao conselho do jornal, periodicamente.

Grita Povo iniciou-se dentro de uma “proposta ideológica marcada”, nas palavras de Strabeli apud Menezes (2007). As primeiras edições do *Grita Povo* já declaravam as características de seu conteúdo.

A edição de número zero do jornal trazia na primeira página o título: “Cadê a abertura?”. Como se observa no depoimento abaixo, esta conduta levou o jornal e seus responsáveis a sofrerem represálias por parte do Estado vigente, especialmente durante a égide da “abertura”:

³² Atuou como produtor e repórter do *GRITA POVO*, foi colunista do jornal Diário de São Paulo, editor da revista IstoÉ e repórter da Folha de S. Paulo, O Estado de S. Paulo e O Globo, entre outros cargos na área de comunicação e jornalismo.

O pessoal saía às vezes para distribuir o jornal, para distribuir os materiais que a gente produzia e eram pegos nos pontos de ônibus e levados pro Dops (...). Nessa época eu coordenava também um centro de defesa de direitos humanos e passava a maior parte das minhas madrugadas tirando colegas da delegacia (...) nós sabíamos que éramos controlados, sabiam passo-a-passo do que a gente fazia. (STRABELI apud MENEZES, 2007).

Assuntos como política, preconceito, sexualidade e trabalho sempre compuseram sua agenda, assim como o fortalecimento da identidade católica apostólica romana, de orientação guiada pela Teologia da Libertação. Como a citação abaixo revela, seus idealizadores acreditavam que o veículo assumira a função de “porta-voz” da região.

Em São Miguel eu lembro que fizemos um veículo chamado *Grita Povo* e foi realmente a boca do povo, o clamor do povo. Foi o clamor da habitação, o clamor da creche, foi o clamor dos postos de saúde. Foi o clamor do povo que teve no “*Grita Povo*” a sua voz. E foi num tempo árduo, de ditadura militar, de sofrimento que não era fácil. (BERNARDINO apud MENEZES, 2007).

Os temas “comunicação”, “comunicação popular e alternativa” e “comunicação de massa” também eram constantemente abordados, de diferentes formas: ao ensinar determinada técnica de comunicação, ao criticar mídias massivas ou ao comentar sobre os veículos de comunicação popular já existentes na região. Podemos mencionar as edições a seguir como exemplares de tais aspectos.

No que tange às edições preocupadas com a formação de comunicadores populares e alternativos:

- 4ª Edição: “Faça o seu jornal mural” - Esta matéria traz procedimentos de produção e veiculação de um jornal mural, a saber, os materiais a serem utilizados, o formato, a seleção do nome do veículo e a decisão sobre onde divulgar o jornal. Utilizando-se de linguagem simples e ilustrações diversas, a matéria enfatiza o papel da comunicação para a organização popular.

Segundo a publicação, “O jornal mural é ideal para ajudar a organizar o trabalho de uma comunidade e também provocar novos processos de organização dos grupos.” (Faça seu jornal mural. *Grita Povo*, nº 4, nov. 1982. p.8);

- 55ª Edição: “Como se faz um jornal como o *Grita Povo*” - Esta matéria foi dividida em quatro publicações que trazem os procedimentos de produção e veiculação de um jornal periódico impresso, tal qual o *Grita Povo*. Trata-se de um

verdadeiro manual passo-a-passo, disposto a ensinar como produzir reportagens, realizar entrevistas, datilografar os textos, dispor as matérias no veículo e divulgá-lo com sucesso.

Em relação aos textos críticos sobre a mídia massiva, citamos as edições a seguir:

- 45ª Edição: “Imprensa Mosquito” - artigo de Dom Angélico sobre a relevância dos veículos de comunicação para os movimentos populares, em especial, o movimento dos operários. O termo “mosquito” se refere ao tamanho e alcance de determinados veículos de comunicação popular e alternativa, a exemplo dos boletins sindicais distribuídos nas portas de fábricas;

- 115ª Edição: “Comunicação é guerra - Parte I” - Artigo escrito por Carlos Strabeli sobre a suposta alienação promovida por organizações de comunicação de massa, como a Rede Globo.

Por meio desta matéria, convocavam-se as lideranças populares para um embate direto com a comunicação de massa, por meio da crítica e da utilização de meios populares de comunicação. O artigo foi dividido em duas publicações, nas edições 115ª e 116ª.

Sobre as matérias relacionadas ao histórico da comunicação popular e alternativa na região, nos deparamos com as edições abaixo:

- Nº 19: “Uma rádio que é do povo” - história da rádio-corneta da Vila Nossa Senhora Aparecida. Entre as inúmeras vantagens dessa rádio como veículo de comunicação, estava sua aparelhagem que era facilmente desmontada e, assim, poderia evitar transtornos diante de embates com a polícia da época, segundo moradores;

- Nº 71: “A comunicação que se faz na luta pelo povo. A comunicação na região de 77 a 87” - resgate histórico da comunicação popular na região. Esta matéria disposta em duas páginas - com ilustração e recursos gráficos como boxes e fontes atraentes - faz um resgate histórico do progresso da comunicação popular e alternativa na Zona Leste.

A publicação se deve ao quarto aniversário do CEMI e se propõe a debater a relação entre os meios de comunicação e o poder político no país. Entre as demais preocupações da publicação, está uma avaliação sobre a presença da comunicação popular na região e o seu sentido para aquela comunidade. “Nos perguntamos: que sentido tem a comunicação popular? Que sentido tem a presença do CEMI na

região? Que sentido tem os meios de comunicação do povo?” (*GRITA POVO*, nº 71, mai. 1987. p.6-7).

Constata-se pelas publicações mencionadas, grande interesse por parte dos idealizadores do Cemi e do jornal *Grita Povo* em habilitar a comunidade leitora na produção de outros veículos de comunicação popular e alternativa. Além de estimular a reflexão sobre os veículos de comunicação de massa da época.

De acordo com a análise das edições do jornal, a proximidade com o público regionalizado facilitou o sucesso do veículo, chegando a atingir uma tiragem de 8.000 exemplares ao mês e um público de 3.000 assinantes.

Ao analisar a primeira página da centésima edição do jornal, no sexto ano de sua existência, é possível atestar por meio da manchete dados representativos como aproximadamente 30.000 leitores, 3.000 assinaturas, 980 colaboradores (movimentos sociais, entidades e associações) e, aproximadamente, 50 milhões de páginas impressas. Naquele período, em se tratando de um jornal popular e alternativo de alcance limitado, os números impressionam.

Figura 12 – *GRITA POVO*, nº 100, ago. 1988. p. 1.



Na figura anterior, verifica-se a primeira página do Jornal *Grita Povo* em sua centésima edição. (*GRITA POVO*, nº 100, ago. 1988. p. 1). (Fonte: Acervo Pessoal da presente pesquisadora).

Diante do contexto que desencadeou o fim do Cemi, também notamos a progressiva evasão de funcionários do jornal, a troca de diretores do veículo³³ e variados conflitos internos. Isso ficou em evidência, quando se comparam os expedientes das edições do veículo. No final dos anos de 1980, a evasão da equipe chegou a aproximadamente 90%. “Os membros da equipe eram pessoas interessadas em comunicação alternativa e não tanto na Igreja. [...] Daí nasce a crise.”, alerta Gomes (1987, p. 127).

Com efeito, torna-se compreensível o depoimento de Carlos Strabeli a respeito de sua saída da equipe: “[...] infelizmente mudou o pensamento da igreja, mudou a perspectiva que se tinha e ele (o *Grita Povo*) se tornou um boletim intereclesial sem nenhuma repercussão”. (STRABELI apud MENEZES, 2007).

A 101ª edição confirma a crise vivida entre os membros das comunidades eclesiais de base (grupos aliados aos movimentos populares) e os demais grupos cristãos (principalmente, a renovação carismática). O título do artigo escrito por Carlos Strabeli é enfático: “Comunidades e movimentos: casamento impossível ou desquite circunstancial”.

Nem as CEBs nem os movimentos esgotam a força do espírito que sopra onde quer. A fusão de ambos no que têm de riquezas, o permanente diálogo na busca de superação das tensões e limites, a humildade em se deixar governar pelo espírito, a abertura para se arejar por novas contribuições poderia tirar nossa Igreja do impasse pastoral que a cada dia se avoluma mais. (STRABELI. *GRITA POVO*, nº 101, ago. 1988. p. 7).

Diferentemente do momento de sua origem e auge, o período compreendido entre 1989 e 1991 trouxe, entre inúmeras alterações editoriais e gráficas; notórias mudanças relacionadas à essência do veículo. Gradativamente, o *Grita Povo* deixou o discurso progressista para tornar-se predominantemente eclesiástico e conservador.

³³ Pe. Carlos Alberto Garcia assume em novembro de 1988, em substituição ao Pe. Carlos Strabeli.

Neste período, o jornal passou a ter 12 páginas, tendo em vista a inclusão do roteiro litúrgico em todas as edições. O entrelinhamento e o espaçamento entre caracteres também foram suprimidos, o que tornou a leitura mais enfadonha, além da queda do número de ilustrações e fotografias. O aumento considerável do número de matérias extraídas de outros veículos católicos também era perceptível, por exemplo: a *Palavra do Papa* e a *Agenda do Bispo e das Pastorais*.

Com o tempo, o veículo enfraqueceu e sucumbiu no início dos anos de 1990. Mesmo após o seu término, é possível, ao analisar suas edições e documentos, afirmar sua relevância para a história da comunicação popular e alternativa, por ter promovido e revelado formas de se trabalhar tanto no jornalismo quanto no jornalismo popular.

Suas práticas inspiraram jornais populares pelo Brasil e América Latina, como mostram algumas correspondências trocadas entre os membros do *Grita Povo* e outros veículos populares da época – aferidas durante a ocasião do mestrado da presente pesquisadora.

De acordo com os indivíduos atuantes no jornal e no Cemi, nota-se o valor de tais trocas de experiências: “Tivemos aqui a visita de um padre do Peru [...] então começamos a trocar experiências”. (MARCHIONE apud MENEZES, 2007). Como pode se aferir abaixo, outros países em situação de regime autoritário na América Latina cultivavam a troca de informações na área de comunicação.

Nós começamos a perceber que na América Latina não éramos os únicos que estavam sob um regime autoritário, mas a América Latina toda nesse período. E havia reações importantíssimas, principalmente no Peru, na Colômbia e na Bolívia. Então, eu tive a oportunidade de conhecer centros de comunicação popular, fui pra Lima e pra La Paz trocar um pouco dessa experiência, uma riqueza fantástica. Quando nós voltamos de lá, voltamos com a certeza, com a convicção de que nós tínhamos que fundar um centro de comunicação popular aqui na Zona Leste. (STRABELI apud MENEZES, 2007, p. 40).

Tendo formado inúmeros jornalistas populares e até profissionais, como o já citado Gilberto Nascimento, pode-se dizer que o *Grita Povo* também é referência para o jornalismo popular e alternativo praticado por seus remanescentes hoje. Sendo assim, a população também foi beneficiada por esta verdadeira “escola” chamada *Grita Povo*.

Também ressaltamos que muitos moradores da região relataram informalmente a esta pesquisadora como o jornal foi importante para atingir um nível de consciência - de acordo com os mesmos - "mais crítico"; outros ainda salientaram o poder do jornal como estimulador da formação de suas militâncias em movimentos sociais diversos.

Alguns, inclusive, preservam recortes do veículo para rememorar antigas paisagens do bairro, histórias de vida de vizinhos saudosos ou reivindicações sociais que justificam a existência de determinados equipamentos públicos na comunidade atualmente, segundo eles.

Como uma espécie de herança, a experiência proporcionada pelo Cemi e pelo jornal *Grita Povo* no passado é retomada nos tempos atuais ao inspirar moradores da região em outras iniciativas de espacialização e materialização da memória da Zona Leste, como podemos observar no próximo item desta tese ao tratarmos do Grupo de Memória da Zona Leste.

1.3. O despertar do memorial

9 de agosto de 2014, sábado, 14h. O Teatro Martins Penna, no bairro da Penha, Zona Leste do município de São Paulo, está lotado. O evento com término previsto às 13h parece estar longe de um encerramento objetivo ou de deliberações precisas. Nele, há professores da rede pública, poetas, ativistas de movimentos sociais diversos, membros do IPHAN, cientistas sociais, párocos, assessores políticos, entre outros indivíduos³⁴.

Alguns lamentam o atual estado de determinados patrimônios culturais, como o Sítio Mirim, outros clamam a elaboração de um plano de desenvolvimento da zona leste a partir de seus patrimônios históricos que inclua, inclusive, a concepção de um Memorial para a região. Já passam das 15h, as discussões se exauriram e um novo encontro foi agendado para dar andamento às discussões. Estamos nos referindo ao *II Seminário sobre Patrimônios Históricos da Zona Leste*, idealizado e encaminhado pelo Grupo de Memória da Zona Leste.

³⁴ Relatos de observação desencadeada, pela presente pesquisadora, em pesquisa exploratória no dia mencionado. Ver mais no capítulo *Trajatórias e perspectivas*.

Figura 13 – Cartaz de divulgação do *II Seminário sobre Patrimônios Históricos da Zona Leste*.



Fonte: Acervo Pessoal da presente pesquisadora.

A origem do Grupo de Memória se deu no início da década de 1990, quando Pe. Ticão organizou uma série de debates sobre a questão da memória em Ermelino Matarazzo. Um deles, o do dia 31 de março de 2012, logrou encaminhamentos pontuais, como a decisão de se criar o Grupo de Memória da Zona Leste, que pode ser caracterizado como um coletivo heterogêneo e instável, no qual religiosos, intelectuais, donas de casa, estudantes, artistas, entre outros indivíduos, se encontram com periodicidade irregular. Um de seus membros mais atuantes reflete a respeito:

Ele é formado essencialmente pela comunidade e o peso de voz dos membros é o mesmo. Os membros "flutuam" na participação, mas entendemos que essa é uma dinâmica própria, tem suas questões. Sempre repassamos as informações via rede, ou pessoalmente para os interessados, o jeito que nos articulamos desde sempre por aqui. Atualmente nós discutimos nossa "institucionalização", quais as vantagens e prejuízos de tal processo. Desde que começamos a discutir, temos atuado em assuntos sobre a memória e o patrimônio da região leste de São Paulo, assim como temas correlatos. Abrangemos em muito as questões sobre o

Memorial, e ele foi bastante discutido no nosso meio. (MORCELLI, 2013).³⁵

Como se pode notar na declaração acima, a criação de um Memorial para a ZL tem ocupado as discussões empenhadas pelo Grupo desde 2013 que, em redes sociais como o *Facebook*, aumentou o seu número de participantes consideravelmente no ano de 2014, segundo nossa análise.

A presença de Pe. Ticão no Grupo se torna expressiva e, em determinadas ocasiões, uma liderança na medida em que é identificado pelos membros do Grupo como o mentor da proposta do Memorial.

O pároco atuou, durante o início do sacerdócio, em diversos projetos e ações empenhados pelo Cemi e demonstra interesse em assuntos relacionados à memória da região. Como exemplo, destacamos seu considerável acervo de pesquisas acadêmicas, publicações jornalísticas, fotografias, artefatos presenteados por moradores, obras de diferentes artistas, materiais provenientes dos movimentos sociais, entre outros itens sobre a região. Tais materiais se situam no andar superior da paróquia São Francisco de Assis, onde o Pe. Ticão atua, em Ermelino Matarazzo.

Outra ação encaminhada pelo Grupo de Memória da Zona Leste e pela referida paróquia, liderada por Pe. Ticão, consiste na concepção de livros com temáticas relacionadas à memória da Zona Leste, como a biografia de Dom Angélico Sândalo Bernardino³⁶, bispo da Diocese de São Miguel entre os anos de 1970 e 1980, publicado no início de 2013, e o livro *Memórias de Ermelino Matarazzo: um bairro paulistano, seu povo, sua gente*, publicado em 2012. Soma-se a tais publicações, o atual embrião bibliográfico: um livro biográfico sobre Dom Paulo Evaristo Arns com base em suas experiências junto às periferias do Estado de São Paulo.

No caso particular do livro *Memórias de Ermelino Matarazzo: um bairro paulistano, seu povo, sua gente*, cada morador selecionado para redigir o livro debruçou-se sobre relatos que oscilavam entre migração, imigração, família, trabalho, transporte público, vida escolar, entre outros aspectos do “ser-estar” no bairro. Os relatos foram manuscritos e/ou gravados pelos moradores.

³⁵ Depoimento concedido à pesquisadora em 2013: Danilo da Costa Morcelli é mestre em Mudança Social e Participação Política pela USP-Leste e membro da comunidade de Ermelino Matarazzo e do Grupo de Memória da Zona Leste.

³⁶ A presente pesquisadora integra o grupo de autores da referida publicação com a contribuição do capítulo intitulado “Grita Povo e o Grito do Povo”.

No ano de 2014, se pretendia gerar um novo volume para o livro em questão, como se pode observar abaixo, na convocatória de Pe. Ticão³⁷, em um de seus boletins informativos que circularam na comunidade no primeiro semestre de 2013.

Registrar em livros a memória de um bairro, uma cidade ou um povo é algo de grande importância, pois mantém viva as histórias vividas pelos pioneiros desde sua chegada até seus descendentes, hoje presentes. Por certo, um livro apenas, jamais irá conter todas as histórias e lembranças de uma comunidade, mesmo porque o tempo não para e novas histórias vão se construindo cotidianamente. Sendo assim, estamos iniciando uma nova pesquisa junto aos moradores de Ermelino Matarazzo com o objetivo de produzir um novo registro, um novo livro (volume 2). (PARÓQUIA SÃO FRANCISCO DE ASSIS, [s.d]).

Mais adiante, o texto presente no boletim, revela suas intenções junto à nova publicação.

Queremos contar as memórias de cada vila/jardim de Ermelino Matarazzo. As histórias das lutas de cidadania e qualidade de vida do povo de Ermelino Matarazzo. Vamos registrar as memórias das entidades sociais, das escolas, dos espaços de esportes e lazer, dos espaços públicos, dos transportes, das moradias, das religiões e Igrejas de Ermelino Matarazzo, das lideranças, da organização e trabalhos dos idosos, jovens, famílias etc. (ibidem, [s.d], grifo nosso).

No boletim informativo responsável por divulgar a elaboração do segundo volume do livro de memórias de Ermelino Matarazzo, um enunciado chama a atenção: “É urgente que todo povo conheça a sua memória, sua história. Isso nos dá IDENTIDADE”. (PARÓQUIA SÃO FRANCISCO DE ASSIS, [s.d]). Observe-se com atenção a grafia da palavra identidade que, no informativo, está inteiramente colocada em letras maiúsculas. Veremos, mais adiante, que as ações do Grupo de Memória da Zona Leste, entre elas a concepção dos livros e do Memorial estão intimamente relacionadas com a necessidade de se instituir uma “identidade” para o local e a comunidade em questão.

No início das discussões sobre o Memorial, não havia projeto redigido formalmente a respeito, contudo pretendia-se que o espaço incorporasse o atual acervo mantido por Pe. Ticão e demais lembranças dos antigos moradores do bairro, tais como: cartas, fotografias, artefatos, entre outros. Seus idealizadores

³⁷ Ver Anexo 1.

esperavam que o espaço fosse resultado da interação de diferentes segmentos e indivíduos da região e que não houvesse vínculos políticos e/ou religiosos.

Assim como o dia 21 de março é apontado como a data oficial de surgimento do Grupo, o site <http://memoriazisp.blogspot.com.br/>³⁸ também considera o dia 21 de março de 2012 como a realização oficial da

primeira reunião para a discussão do Memorial da Zona Leste, que será criado no *campus* da USP-Leste. Foi apresentado o projeto e nessa reunião foram discutidos os principais aspectos da memória - de acordo com os autores citados no campo de leitura - e no que ela se diferencia da história e do passado. Foram tratados os diferentes conceitos de equipamentos culturais que satisfazem as demandas do grupo. (MEMÓRIAZLSP, ONLINE).

As leituras mencionadas abaixo são indicadas em outra publicação do Blog e, supostamente, são empregadas como referências teóricas para a condução dos trabalhos no Grupo. São elas:

HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.; BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: Lembranças de velhos*. São Paulo: Cia. das Letras, 1994.; POLLAK, Michael. *Memória, Esquecimento, Silêncio*. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.e POLLAK, Michael. *Memória e Identidade Social*. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212. (MORCELLI, ONLINE³⁹).

Por julgarem que a memória concebida pelo Memorial, agora denominado Centro de Memória e Cultura da Zona Leste, deve se assemelhar ao conceito de “memória coletiva”, uma advertência é ressaltada, mais adiante no Blog: “A leitura do Maurice Halbwachs é fundamental [...]”. (ibidem). Como veremos no próximo capítulo, o autor é compreendido como o cunhador do conceito “memória coletiva” e, naturalmente, exerce influência teórica sobre o referido grupo.

As primeiras investidas para a concretização do Memorial, segundo Pe. Ticão, deram-se antes mesmo da oficialização do Grupo, mais precisamente em 2011, em uma de suas visitas ao *campus* São Carlos da Universidade de São Paulo (USP),

³⁸ Acesso em 01 de ago de 2014.

³⁹ MORCELLI, D. O conceito de memória – leituras. São Paulo, 26 de abril de 2012. Disponível em: <http://memoriazisp.blogspot.com.br>. Acesso em 01 de ago de 2014.

especificamente em seu “admirável” Centro Cultural, assim adjetivado por ele. Logo vislumbrou um Centro de Cultura na USP-Leste capaz de alocar o almejado Memorial. Não demorou muito para que obtivesse a devida autorização, junto às autoridades públicas, para construir o Centro Cultural, especialmente após ter organizado Caravanas, Assembleias e negociações junto ao Poder Público.

A fim de obter dinheiro suficiente para o custeio do projeto arquitetônico, Pe. Ticão procurou apoio junto à Fundação Tide Setúbal⁴⁰ e recebeu o equivalente a R\$180.000,00 para arcar com o projeto, que ficaria a cargo do arquiteto Ruy Ohtake⁴¹. Segundo afirmação de Pe. Ticão, em conversa com esta pesquisadora, o interesse em agregar o Memorial da ZL ao respectivo Centro de Cultura surgiu em discussões com o arquiteto Ohtake, professores da USP e demais indivíduos e grupos sociais da região.

É oportuno dizer que o Memorial idealizado por Pe. Ticão adquiriu novo *status* e denominação quando foi acolhido pela USP. Por questões pragmáticas, como a viabilização de financiamentos públicos e privados futuros, convencionou-se nomear o espaço como Centro de Memória e Cultura da Zona Leste, embora ainda haja - até o presente momento - o emprego indiscriminado das palavras Museu ou Memorial para nomear o referido Centro.

A disposição da Universidade de São Paulo em acolher o então Memorial da Zona Leste e transformá-lo no Centro a ser detalhado a seguir, foi acrescida pelo interesse da instituição em ampliar suas dependências, como se pode aferir no composto de projetos elaborados pela Superintendência do Espaço Físico (SEF), pelo arquiteto Ruy Ohtake e pelo artista plástico Cláudio Tozzi. Uma publicação oficial da USP, em comemoração aos 10 anos da Instituição na região leste do município de São Paulo, registrou as propostas de expansão.

A EACH, além da construção de ampliação das salas do Edifício I1, terá novos edifícios para abrigar as diversas atividades realizadas diariamente por alunos, professores e funcionários. O Edifício A4 abrigará todos os programas de Pós-Graduação da Escola e o Edifício A5 receberá as atividades de pesquisa e extensão universitária, oferecendo um ambiente mais adequado para o desenvolvimento de experimentos científicos e atendimento à

⁴⁰ A Fundação é originalmente da Organização Empresarial Itaú; foi criada em 2005 e atua em São Miguel Paulista com projetos e ações que vão desde a capacitação profissional à produção de veículos jornalísticos comunitários, como o “Voz do Lapena”.

⁴¹ Além do reconhecimento internacional do renomado arquiteto, segundo Pe. Ticão, este foi procurado por sua ação social junto à Heliópolis, a segunda maior favela do Brasil.

comunidade da Zona Leste. O Edifício A6 é destinado aos Laboratórios de Têxtil, Moda e Mídias. Essas três construções completarão o conjunto laboratorial que já existe na Unidade, formado pelos Edifícios A1, A2 e A3. Para integrar o conjunto de Laboratórios de Ciências da Atividade Física está prevista a construção de uma piscina. (BOUERI; LEITE, 2013, p.42).

Integram-se aos projetos acima as futuras instalações da Casa da Ciência, a Escola de Desenvolvimento Social do Estado de São Paulo, o Laboratório Centro Dia do Idoso, o Laboratório Casa da Mulher, o Centro de Memória e Cultura da Zona Leste e o Centro de Convenções. (ibidem).

No local há uma chaminé de, aproximadamente, 22 metros de altura, proveniente de uma olaria existente na região no passado, que será mantida como ícone da forte industrialização vivenciada na Zona Leste ao longo do século XX (OHTAKE, 2012).

Segundo o projeto oficial⁴², assinado por Ruy Ohtake, o edifício do Centro apresentará uma “visão histórica da Zona Leste”. (ibidem, p.7).

Um corte longitudinal da história exibirá as sucessivas ocupações na Zona Leste ao longo de cinco séculos, desde a herança indígena, a colonização portuguesa, o legado afro, a participação dos imigrantes (notadamente portugueses, espanhóis, italianos, libaneses, japoneses), a fase da industrialização, sua decadência e as migrações resultantes da crise social das áreas rurais mais pobres do nordeste do país, provocando a vinda de grande contingente da população. (OHTAKE, 2012, p.7).

O corte longitudinal, mencionado acima, será seccionado por cortes transversais com pés-direitos mais altos. Segundo o arquiteto, o trecho final do supracitado corte longitudinal será dedicado à discussão da presente situação e perspectivas futuras da região. O Centro terá exposições permanentes e temporárias sob a justificativa de provocar interesse contínuo entre os visitantes.

Áreas de apoio também constam do projeto, tais como: gerência administrativa, técnica e cultural, livraria, loja de lembranças, restaurante com comidas nordestinas, ambulatório, segurança, doca e depósitos técnicos e administrativos.

Tendo em vista que a região era, originalmente, um aterro sanitário e diante da iminente contaminação do solo, o pavimento térreo da obra deverá ser constituído

⁴² Ver anexo 2.

por *pilotis*⁴³ sem paredes ou divisórias e abrigará atividades culturais diversas, tais como: oficinas de grafite, desenho, gravura e dança; contação de histórias; faixas para caminhadas etc. (ibidem).

Também há uma preocupação por parte do projeto com a instalação de uma espécie de parque gráfico destinado a publicações periódicas capazes de divulgar as exposições e publicações acadêmicas sobre a região e suas origens.

Inicialmente as exposições, temporárias e permanentes, serão dispostas no Centro sob as seguintes formas: fotografia, vídeo, arte infantil, artesanato, história em quadrinhos, arte erudita etc. Portanto, o Centro pretende utilizar mecanismos audiovisuais, gráficos, cinéticos, digitais, entre outros, durante as exposições.

Não há clareza quanto a metodologia a ser aplicada na coletânea de dados documentais e depoimentos orais e/ou manuscritos capazes de recuperar períodos considerados emblemáticos para a região. Mas já foi sinalizado no projeto que haverá depoimentos de intelectuais, líderes comunitários, representantes governamentais e moradores. (OHTAKE, 2012).

Também não foi esclarecido quem fará a gestão do futuro Centro de Memória e Cultura da Zona Leste, nem tampouco o prazo para a execução da obra. Sobre a iniciativa, um considerável número de encontros tem sido motivado entre os componentes do Grupo de Memória, Ruy Ohtake, moradores da Zona Leste, professores universitários da região e porta-vozes da USP, como o diretor do *campus* até dezembro de 2013, o Prof. Dr. Jorge Boueri.

As discussões sobre o andamento do projeto do Centro e das demais obras de expansão do *campus* foram interrompidas por alguns fatores que merecem menção. Segundo Ohtake, em entrevista exclusiva para esta pesquisa em 16 de maio de 2014, a mudança de gestão na USP e na USP-Leste retardou a concretização do projeto. O arquiteto se refere às nomeações do Prof. Dr. Marco Antônio Zago, como novo reitor da USP em janeiro de 2014, e da Prof^a Dr^a Maria Cristina Motta de Toledo, como nova diretora do *campus* USP-Leste em fevereiro de 2014. Além disso, para Ohtake (2014), a Instituição apresenta graves problemas de ordem financeira. Sobre este tema, em nota oficial no site

⁴³ *Pilotis* é um sistema construtivo em que uma edificação é sustentada através de uma grelha de pilares (ou colunas) em seu pavimento térreo.

<http://www.usp.br/imprensa/?p=42192>⁴⁴, propostas de reequilíbrio financeiro foram anunciadas pela reitoria em 15 de agosto de 2014.

Outro complicador se deu em 9 de janeiro de 2014, quando o *campus* foi interditado pela Companhia de Tecnologia de Saneamento Ambiental do Estado de São Paulo (Cetesb) por risco de contaminação de gás metano⁴⁵ no solo. A interdição se encerrou apenas em 18 de agosto do mesmo ano, quando a Instituição cumpriu as exigências para adequação do lugar às atividades regulares de ensino, pesquisa e extensão. Sendo assim, o espaço que abrigaria o futuro Centro de Memória e Cultura da Zona Leste passou a ter sua aptidão questionada a partir da interdição ocorrida em janeiro. De acordo com Ohtake (2014), as discussões e os encaminhamentos para a construção do Centro estagnaram por tais motivos e não apresentam possibilidade de retomada imediata, ao menos no escopo pré-concebido.

Em contrapartida, um recém-comunicado publicado por Danilo Morcelli nas redes sociais do Grupo de Memória da Zona Leste merece atenção. O comunicado informa:

Caros, amanhã dia 04/03/2015, nos encontraremos às 17:00 horas (com previsão de término às 18:30) no Salão Paroquial da Igreja São Francisco (Rua Miguel Rachid, 997) para discutir os seguintes pontos: - Centro de Memória de Ermelino: Quais os próximos passos que podemos dar? Foi feita a formalização do espaço? Estão todos dispostos a fazer com que o local funcione efetivamente como um espaço de memória? Podemos fazer um sebo/bazar para angariar recursos para o próprio Centro? - Livro das Memórias do Movimento de Moradia: Quais entrevistas e materiais temos até agora? Os recursos seriam liberados até março. Os pesquisadores estarão se dedicando ao trabalho? - Sítio Mirim: O que podemos fazer para que nossa proposta para o Sítio se efetive, e o local seja de fato utilizado. Estamos encaminhando uma carta para a prefeitura reivindicando que o Sítio seja um espaço de Educação Patrimonial, vinculado à Secretaria de Cultura. Ocorrerá um evento no Sítio Mirim, dando início aos trabalhos arqueológicos e de zeladoria, qual o cronograma e propostas? Foram cotados diversos artistas da região (Ermelino, São Miguel, Itaim, Itaquera, Penha) para que participem desta atividade cultural, grafite, sarau, cinema, música, artesanato... - Proteção ao patrimônio: Estaremos encaminhando uma carta cobrando ações do poder público para os seguintes espaços:

⁴⁴ Acesso em 20 de ago de 2014.

⁴⁵ O gás metano é proveniente da decomposição de material orgânico presente no solo onde o *campus* universitário foi construído. Em tais circunstâncias, o risco de explosões é iminente.

Casarão Sábado D'Ângelo, Fábricas Matarazzo e Chaminé da USP-Leste. (MORCELLI, ONLINE, grifos nossos⁴⁶).

Da citação acima, tecemos algumas considerações pertinentes ao nosso estudo. Notemos que o projeto do Centro deixa de ter a pretensão de alcance da representação do passado da Zona Leste como um todo, para se dedicar com exclusividade ao bairro de Ermelino Matarazzo, no qual se situa a maior parte dos líderes do Grupo de Memória da Zona Leste, entre eles, Pe. Ticão.

Também se depreende o empenho do referido Grupo para conceber publicações memorialistas, dirigidas aos movimentos sociais e populares de maior expressão na região, assim como ocorreu na feitura da biografia de Dom Angélico. Até a presente conclusão desta tese, o Grupo ainda estava debruçado sobre o planejamento do livro de memórias do Movimento de Moradia.

Destaca-se também, na citação acima, a preocupação com a valorização da região por meio da legitimação de seus espaços e objetos de memória, em particular da supracitada chaminé situada no terreno do *campus* Leste da USP.

Julgamos o Centro como uma iniciativa pertinente à pesquisa proposta por esta tese por inúmeros aspectos, sendo os principais: a presença de um indivíduo do antigo Cemi na idealização da iniciativa do Centro (Pe. Ticão), o número representativo e a pluralidade de perfis existentes no grupo de idealizadores envolvidos, a dimensão e o impacto da futura construção na região e, por fim, o interesse nas questões relacionadas à representação do passado da região em um espaço físico ancorado por lembranças materiais.

Prosseguindo, conheceremos, panoramicamente, outras iniciativas, desencadeadas pela sociedade civil, o empresariado e o setor público que buscam lidar com a memória da Zona Leste.

Desta forma, notaremos como a preocupação com a concepção de espaços físicos dedicados à memória da região é recorrente na contemporaneidade e como as recentes inclinações ao desenvolvimento econômico da localidade - somadas à proximidade da Copa de Futebol Mundial Fifa de 2014 - motivaram projetos interessados em memória e identidade.

⁴⁶ Facebook. 17 maio 2011. Disponível em 03 mar 2015. Acesso em 04 mar 2015.

1.4. Outras iniciativas

Paralelamente às discussões encaminhadas pela região sobre a concepção do Centro de Memória e Cultura da Zona Leste, outras iniciativas de espaços físicos ou não, tendo em vista a intenção de construção e/ou preservação da memória material e imaterial da Zona Leste foram propostas.

A Fundação Tide Setúbal⁴⁷, localizada em São Miguel Paulista, também tem aspirações junto à memória e mantém o projeto do Memorial do Migrante, cuja pretensão inicial era se instalar em uma área desativada do Parque Industrial Nitroquímica; espaço de representativo patrimônio industrial⁴⁸ para a região. Sobre o Memorial do Migrante, a Fundação considera que:

Para manter viva a cultura, as tradições, a memória social dos migrantes que contribuíram para a história da cidade, a Fundação Tide Setubal articula diferentes instâncias do poder público e da região da Zona Leste para criação desse projeto que tem duas perspectivas: o espaço virtual com um museu online, e também a construção de um espaço físico de acervo e exposição. A ação conta com a participação do Ministério da Cultura, a Secretaria Municipal da Cultura, o Instituto Votorantim, além de lideranças locais. (FUNDAÇÃO TIDE SETUBAL, ONLINE⁴⁹).

Além do Memorial do Migrante, ainda não concretizado fisicamente, a Fundação concebeu em 2008 o Centro de Pesquisa e Documentação São Miguel Paulista (CPDOC), a partir dos dados obtidos em projeto anterior intitulado *São Miguel Paulista é brasileiro*, no qual havia a proposta de coletar depoimentos e fotografias antigas dos moradores da região, com a intenção de trazer novas referências para a memória do bairro e adjacências. Os jovens do entorno da Fundação foram envolvidos e vivenciaram oficinas de fotografia, blog, artes plásticas, rádio, TV e produção de texto.

⁴⁷ A Fundação é originalmente da Organização Empresarial Itaú; foi criada em 2005 e atua em São Miguel Paulista com projetos e ações que vão desde a capacitação profissional à produção de veículos jornalísticos comunitários, como o “Voz do Lapena”.

⁴⁸ Entendemos o termo Patrimônio Industrial, de acordo com as especificações do Comitê Internacional para a Preservação do Patrimônio Industrial, ou seja, trata-se do conjunto de vestígios da cultura industrial, capaz de possuir valor histórico, tecnológico, social, arquitetônico ou científico. Pode ser então, maquinarias, oficinas, fábricas, minas, centros de produção etc. Locais que se relacionam com esta temática também são considerados, como por exemplo: locais de culto e formação técnica de trabalhadores.

⁴⁹ Disponível em <http://www.ftas.org.br/relatorio2010/8e.articulacao-migrante.php>. Acesso em 03 fev 2013.

O projeto teve como foco central o fortalecimento dos laços da comunidade com seu patrimônio histórico, material e imaterial, com o objetivo de contribuir com a construção da memória social do bairro nos seguintes eixos de atuação: cultura, educação e cidadania. (BONFIM, 2011, p. 114).

Segundo relatos publicados sobre a experiência, houve um trabalho de sensibilização dos jovens do entorno da Fundação a respeito da origem do bairro, a relação deste com a história da cidade e os principais patrimônios da região sob a ótica das histórias de vida orais registradas em audiovisuais por moradores como o Sr. Jesuíno Braga, residente em São Miguel Paulista desde 1930⁵⁰.

De acordo com Bonfim (2011, p. 90), responsável pelo CPDOC na época, a ideia era “a partir dos dados fornecidos pelos participantes mais antigos do bairro favorecer a ressignificação da história do bairro.” A experiência chegou a lograr inúmeras publicações, como o livro intitulado *Um olhar sobre São Miguel Paulista*⁵¹. As atividades do CPDOC estão suspensas, segundo informação da assessoria de comunicação da Fundação, obtida por telefone em setembro de 2014.

Outra iniciativa de relevo diz respeito ao Observatório de Políticas Públicas e Centro de Memória da Zona Leste da Cidade de São Paulo, idealizado em 2013 por professores do *campus* Guarulhos da UNIFESP, sob a coordenação do docente da Instituição, Prof. Dr. Cleber Santos Vieira. Segundo o site <http://www2.unifesp.br/proex/novo/pps/programasprojetos/projetos-2014/unidade-de-extensao-zona-leste>⁵², o espaço tem como missão:

reunir dados da Zona Leste da cidade de São Paulo e da Região Metropolitana na qual se encontra inserida e sem a qual não pode ser compreendida, promover estudos de problemas sociais, urbanísticos e ambientais (oferta de empregos, precariedade das moradias, insuficiência dos transportes, oferta precária de serviços públicos de saúde e educação e cultura, grau de desmatamento, degradação dos rios, etc), elaborar propostas de políticas públicas, preservar a memória e o patrimônio da Zona Leste, promover ações que garantam o aprimoramento educacional e profissional dos moradores da região. (UNIFESP, ONLINE).

⁵⁰ Ver documentário *Jesuíno, um olhar de São Miguel* sobre o depoente em <https://www.youtube.com/watch?v=nlqOKdVYmPI>. Acesso em 20 nov 2013.

⁵¹ É possível realizar *download* do referido livro no site www.fundacaotidesetubal.org.br/downloads/publicacoes. Acesso em 25 ago 2014.

⁵² Acesso em 20 ago 2014.

A proposta de criação do Observatório surgiu em meio à mobilização social pela criação da unidade da UNIFESP no bairro de Itaquera, Zona Leste, e como oportunidade para a “valorização da identidade do lugar”, conforme mencionado em entrevista concedida por um de seus idealizadores a esta pesquisadora, o Prof. Dr. Janes Jorge, em 7 de setembro de 2014.

O Observatório de Políticas Públicas e Centro de Memória da Zona Leste tornou-se, um programa de extensão universitária e, em 2013, desenvolveu um projeto de pesquisa submetido e aprovado à chamada pública MCTI/CNPq Nº 14/2013 – universal, com o principal objetivo de localizar e analisar, em pesquisas científicas de níveis de graduação e pós-graduação, acervos documentais (jornais, boletins de entidades diversas, revistas, fotografias, memórias, audiovisual etc.) dos movimentos sociais da Zona Leste paulistana.

A solicitação de um espaço físico para a alocação do Observatório ocorreu em 15 de março de 2013. O espaço almejado está localizado no terreno destinado às futuras instalações da UNIFESP no bairro de Itaquera, na Avenida Jacu-Pêssego, n.º 2630, onde funcionava a antiga Fábrica Gazarra. Até o momento de finalização desta pesquisa a proposta não foi concretizada.

Como já mencionamos anteriormente, em 15 de março de 2014, o Arquivo Diocesano de São Miguel Paulista foi inaugurado com a finalidade de preservar a memória católica da região. Todos os livros pertencentes às paróquias da Diocese que se encontravam no Arquivo Metropolitano da Arquidiocese de São Paulo também foram transferidos, entre os quais livros dos séculos XVIII e XIX. O Arquivo se situa no mesmo terreno que, anos atrás, abrigou o Cemi. Não há como aferir se o acervo deixado pelo Cemi está contemplado neste Arquivo, tendo em vista que o acesso ao público não é permitido e não houve aceite de entrevista, após o convite desta pesquisadora, para falar a respeito.

Por fim, falemos do centro cultural “Casa da Memória”, inaugurado em 16 de junho de 2014, no bairro de Itaquera, adjacente à São Miguel Paulista. O local é aberto ao público de segunda a sábado e se situa numa construção datada da década de 1930, a Casa do Chefe da Estação, no Centro de Itaquera.

Por muitos anos, o espaço abrigou o escritório do antigo encarregado da Estação de Trem da região. Com a desativação da estação, a Secretaria Estadual dos Transportes de São Paulo transferiu o imóvel para a Prefeitura, que passou a ser frequentada, desde 2012, por artistas e moradores do entorno.

A “Casa da Memória” possui lembranças de antigos moradores do bairro como fotografias e objetos diversos. A primeira exposição no espaço foi denominada “Itaquera: dos aldeamentos à Copa”. O local também abriga oficinas de dança, capoeira, exercícios para a terceira idade, entre outras atividades.

Notoriamente, outras iniciativas interessadas na memória da região podem coexistir, além das apresentadas antes. Mas não é objetivo desta tese, esgotá-las em uma possível catalogação, apenas julgamos pertinente a exposição de alguns exemplos a fim de evidenciar o considerável interesse da Zona Leste em registrar, preservar, conceber, entre outras propostas, sua própria memória.

Para entender a necessidade de conceber espaços físicos destinados à memória, faremos – no próximo capítulo – e simultaneamente com atividades de análise dessa proposta, uma incursão pelas principais discussões teóricas a respeito do tema.

CAPÍTULO 2
(AS TESSITURAS DA MEMÓRIA)

“Sem memória, não há resistência.”

(Jean-Luc Godard⁵³)

⁵³ Apud HIRSZMAN, L.; ECHEVARRÍA, N.; LAMATA, L. A.; CARRI, A. *Memória, história e identidade*. São Paulo: Aeroplano, 2004.

2. As tessituras da memória

Pretendemos, neste capítulo, apresentar inicialmente os principais autores e conceitos relacionados à memória. Deste modo, formulações conceituais como “memória sócio-histórica”, “memória coletiva”, “lugares de memória”, “memória midiaticizada”, entre outras são revisitadas. O percurso inicial do capítulo se traduz na literalidade do título do primeiro item deste trecho de nossa tese: *À procura de definições*. A incursão por estudos acadêmico-científicos relacionados à memória se justifica dada a complexidade da tarefa, ou seja, falar de memória é compreender inúmeros elementos distintos e variáveis em torno de seu objeto.

Em seguida, em *De qual memória estamos falando?*, nos atemos às formulações conceituais mais adequadas às discussões suscitadas por nosso objeto de pesquisa. Cada uma das definições está vislumbrada nos subitens subsequentes, são elas: *Lembrança: entre o esquecimento e a reminiscência*, *Memória Viva* e *Reflexões sobre mídia e memória*. Finalmente, a fim de compreender a necessidade humana de materialização e espacialização da memória, lançamos mão de breves reflexões sobre identidade, alteridade, o temor à morte e a incessante busca pela eternidade, tendo em vista que, em certa medida, o interesse pela memória está motivado pela busca ou até resgate de uma possível identidade cultural, ameaçada por nova relação mantida entre indivíduo, o tempo e o espaço, e conseqüentemente, a comunicação. Por outro lado, a atenção depositada na memória individual ou coletiva também revela, por vezes, a busca pela preservação do indivíduo e de seu grupo para o futuro, para a posteridade, para a eternidade.

2.1. À procura de definições

A memória é suscitada a todo o momento, seja em projetos políticos e urbanísticos (“É preciso construir um memorial neste município!”), em conversas entre amigos (“Você se lembra?”), em íntimas elucubrações (“Onde eu estou com a cabeça?”) ou, ainda, nas mais variadas formas de arte.

A incomensurável fragilidade humana perante o tempo, a memória e o esquecimento não é recente e sugere muito mais do que uma discussão branda. Na verdade, sempre foi motivo de tensão e inspiração para as artes, as literaturas, as religiões e o senso comum. Este tema coexiste em Salvador Dali, Goethe, Cristo, fábulas seculares e em outras inúmeras narrativas e imagens constituintes de nossa humanidade.

Figura 14 – Quadro *A persistência da memória* – Salvador Dali (1931).



Fonte: <https://www.jornaldafotografia.com.br/noticias/ccbb-recebe-maior-retrospectiva-de-salvador-dali-na-america-latina/>. Acesso em 12 de ago de 2013.

Os relógios, presentes na obra exposta acima, teimam em se desmanchar em locais inapropriados para a racionalidade, a fim de desmoralizar a solidez do tempo mensurado pelos relógios, que nada mais são do que objetos criados pela sociedade para padronizar sequências regulares, como dias, horas, minutos e segundos. Porém o tempo, ser invisível e soberano para Dali, é maleável ao indivíduo e ao espaço que lhe atribuem significado e subjetividade; ingredientes indispensáveis para a persistência da memória. Esta é apenas uma exemplificação imediatista do peso e do volume adquiridos pelo tema “memória” em discussões intensificadas por artistas, cientistas e filósofos.

Não é espantoso reconhecer que, na Filosofia, o tema seja alvo de questionamentos há pelo menos dezessete séculos e apresente inquietações tão atuais quanto na época de suas formulações, consoante o questionamento de Santo Agostinho em sua obra *Confissões*:

Chego aos campos e vastos palácios da memória onde estão os tesouros de inumeráveis imagens trazidas por percepções de toda espécie. Aí está também escondido tudo o que pensamos, quer aumentando quer diminuindo ou até variando de qualquer modo os objetos que os sentidos atingiram. [...] Quem poderá explicar o modo como elas se formaram, apesar de se conhecer por que sentidas foram recolhidas e escondidas no interior? (X., 8, 12 – 13).

De acordo com Rossi (2010), o interesse pelo tema habita as mentes e os corações dos indivíduos desde a Antiguidade pela via das *Artes da Memória*, veneradas, no passado, como fundamentais para o armazenamento de informações. O ofício também era conhecido como mnemotécnica, nomeação oriunda de *Mnemosyne*, a deusa da memória ou da reminiscência, protetora das artes e da história.

Para o autor, as *Artes da Memória* não foram capazes de esgotar o tema “memória” e tampouco o *frisson* provocado pelas descobertas recentes da neurociência conseguirá tal façanha.

O discurso sobre a memória é muito antigo. [...] Mas é importante sublinhar que esse tema não se identifica e não se esgota nem com o tema das artes da memória nem com os problemas das neurociências. [...]. (ROSSI, 2010, p. 23).

Na busca pela compreensão da memória, já se lançou mão da Filosofia, da Antropologia, da Psicanálise, da História, da Neurociência, entre outras ciências e outros campos científicos. Na revisão da literatura deste tema convivem estudos centrados na memória que habita o cérebro e na que ilumina o espírito, ora reforçando o *quórum* do discurso cartesiano - defensor da cisão entre mente e corpo - ora apregoando a totalidade humana como bandeira intelectual. Notaremos ainda, visões funcionalistas que compreendem, como memória, apenas os patrimônios culturais reconhecidos pelo Estado ou visões mais críticas que consideram como memória, o que foi tornado invisível pela e para a história oficial, os restos, os vestígios, os pesadelos, os fantasmas, o silêncio etc.

Como legado dos mais diversos esforços científicos na resposta a tais questionamentos, nutriu-se uma série de classificações que, apesar de questionáveis, segundo pesquisas anteriores a esta, valem aproximação.

Segundo Chauí (2003), a memória pode ser voluntária, consciente e estar sob o domínio da vontade do indivíduo, tal qual a situação em que ele se esforça para recordar um número de telefone e prontamente o verbaliza. Contudo, também pode ser involuntária, como mostra a obra visceral de Marcel Proust *Em busca do tempo perdido*. A célebre fabulação literária do episódio da *Madeleine* (PROUST, 2006), entre outros, atesta como memórias antigas podem despontar, no tempo presente, repletas de frescor diante de estímulos sensoriais significativos.

Na categoria “memória voluntária”, situa-se a memória perceptiva, usada para reconhecer coisas, lugares e pessoas; a memória habitual, para repetir gestos ou palavras; a memória pessoal, para lembrar acontecimentos de importância afetiva; e, finalmente, a memória sócio-histórica, para construir e valorizar mitos por meio de registros, documentos, entre outros objetos de significação coletiva. Referimo-nos, pois, à lembrança e não mais à memória. Esta não envolve necessariamente a experiência. Afinal, é possível entrar em contato com as lembranças de décadas atrás - não, necessariamente, vividas por nós -por meio de uma visita a um determinado museu ou da aquisição de um objeto antigo. Sendo assim, a lembrança seria uma memória mediada por lugares e coisas.

Bergson (1999), um dos autores mais expressivos no que concerne à complexidade da memória, também nos apresenta classificações para o termo memória, são elas: pura, hábito ou imagem.

A memória pura diz respeito à totalidade das memórias situadas no inconsciente. Essas memórias são virtualidades que representam determinados acontecimentos do passado.

Bergson concebe a memória pura a partir de seis classificações, entre elas, a de memória social ou histórica, aquela fixada por uma sociedade por meio de mitos fundadores, de relatos, documentos, monumentos, obras de arte e outros objetos. (BERGSON, 1999).

Note-se, portanto, que apesar de privilegiar a subjetividade em seus estudos, Bergson recusa a tese de que a memória pertença ao plano da subjetividade tão somente.

Já a memória hábito assemelha-se à concepção de Chauí, presente nos conceitos de memória habitual e perceptiva. Tratam-se das memórias automatizadas, tão caras ao sistema sensorial e motor de cada ser humano. Essas memórias são atualidades em forma de ações e não representam acontecimentos específicos do passado, segundo Bergson (1999). São “memórias-ações”, tais como reconhecimento das pessoas, dos objetos, dos movimentos do corpo etc.

Por fim, a “memória-imagem” corresponde à totalidade das memórias que são iluminadas pela consciência. Essas memórias são atualidades que representam acontecimentos específicos do passado. Notoriamente, os três tipos de memória identificados por Bergson confundem-se e operam em conjunto.

Outro estudioso relevante para as discussões sobre memória e anterior à Bergson, foi Gabriel Tarde (2007), defensor da ideia de que a memória é a propriedade irreduzível do fundamento do ser vivo, tanto na visão da biologia, quanto na da fisiologia. De acordo com tal linha de pensamento, Lazzarato, um de seus seguidores, diz que: “A essência do vivo é uma memória, a preservação do passado no tempo presente”. (2006, p.82).

Vale atentar para o fato de que no cerne do pensamento de Tarde situa-se o conceito de *mônada*⁵⁴ orgânica. Para o filósofo, as *mônadas* caracterizam a substância final, o princípio de força de que a matéria e os corpos seriam feitos. As *mônadas* seriam distintas e estariam fechadas em si próprias; aspecto que, aparentemente, o levou a crer na ausência de níveis de interação. Entretanto, com o

⁵⁴ Conceito-chave na filosofia de Gottfried Wilhelm Leibniz, que significa substância simples. As *mônades*, como são denominadas em grego, são consideradas átomos da natureza, isto é, elementos simples que compõem todas as coisas; inclusive, os indivíduos.

passar do tempo e o avanço de seus estudos, Tarde (2007) atestou que algumas mônadas conseguem se impor e se associar, ainda que provisoriamente, para estabelecer lei e ordem às demais.

Sendo assim, podemos considerar que toda mônada é aparentemente independente em relação à sociedade, ao tempo e ao espaço. Porém, sua tendência é a interação, a associação, a composição, a existência social.

Nesse sentido, se a continuidade fenomênica é fruto de um processo de associação infinitesimal, “[...] toda coisa é uma sociedade, [...] todo fenômeno é um fato social”. (TARDE, 2007, p. 81). A associação não seria um privilégio da vida dos homens em sociedade, mas uma característica de todos os fenômenos que se ampliam no social.

Seguindo tal premissa, Tarde apresenta importantes formulações sobre “semelhança e diferença”. No cerne da abordagem do pensador francês ratifica-se a ideia de semelhança no mundo e entre os homens, mas reitera-se que esta só pode ser pensada a partir da diferença original. Ou seja, para Tarde (2007), toda mônada é uma generalização (semelhança), mas também um composto singular e único de crenças e desejos (diferença), em constante fluxo de diferenciação nas esferas físico-química, vital e social. Portanto, somos levados a crer que nenhuma sociedade é coesa e homogênea. Mas, sim, contraditória e diversa, assim como sua(s) memória(s).

Dois outros conceitos são decorrentes desta perspectiva teórica, “a imitação e a invenção”, e auxiliam a refletir sobre as relações entre subjetividade e sociedade. A exploração dessas variáveis conceituais permite que se estabeleça relação entre “imitação – crença” e “invenção – desejo”, como mônadas que, em colisão, atuariam como elementos estimuladores da sociabilidade e, conseqüentemente, de níveis de complexidade do objeto memória.

Dizemos isso, pois, para Tarde (2007), os processos de construção da memória podem ocorrer como “imitação e crença” e, nesse sentido, podem se confundir com opinião e manipulação, inclusive, de ordem midiática; propiciando assim, o surgimento de uma “opinião-memória”, capaz de influenciar comportamentos, valores etc.

Todavia, os processos de construção da memória também podem ocorrer como “desejo e invenção”, paralelamente, e tensionar essa “memória midiática” para propor possíveis mudanças nas narrativas e imagens consolidadas pela memória

sócio-histórica; alterando assim, o *status quo*. Ou seja, o par “imitação e crença” pode desenvolver uma memória que, se confundindo com um hábito, caracterizaria uma recepção semelhante àquela que ocorre com a comunicação midiática e forjaria uma espécie de “opinião-memória”, que se repetiria, incessantemente, à maneira de uma crença.

Já com o par “desejo e invenção” ocorreria o oposto, ou seja, não se geraria uma “opinião-memória-imitativa”, mas sim uma memória fundamentada na experiência. Àquela, cuja denominação tomamos por empréstimo de Didi-Huberman (2013), a “memória viva”, cujo vetor principal é a comunicação.

Trata-se da memória coletada na experiência trivial, cotidiana e não à guisa de instituições, consensos históricos, lembranças comprobatórias de um determinado tempo etc. Em outras palavras, como bem ressalta Marzano (2006, p. 243), em entrevista dada ao livro *Memória Cotidiana*⁵⁵, “o verdadeiro peso da memória se inscreve na experiência”.

Assim, faz-se necessário ressaltar a distinção entre memória e lembrança, mas também cogitá-las como elementos que se complementam, ou seja, se integram a favor de uma espécie de completude, como veremos em discussões adiante.

Convém dizer, finalmente, que apesar da ausência de consenso e de uma vastidão de estudiosos debruçados sobre este campo temático, a interação estabelecida em sociedade como matriz produtora de sentidos para a memória é determinante e evidente nas diferentes formulações teóricas existentes; o que, obrigatoriamente, nos induz a refletir - minimamente - sobre a concepção de sociabilidade.

As concepções de sujeito social e de sociabilidade são despertadas com o surgimento das Ciências Sociais, conseqüentemente da Sociologia, com sua ideia de que a identidade de cada um é constituída na interação “eu e o outro”, ou melhor, eu e a sociedade, enquanto a noção de indivíduo epicentro, único, racional e individual remonta ao Renascimento do século XVI e ao Iluminismo do século XVIII. Santos diz que a interação do indivíduo com o social pode ser compreendida em quatro momentos, ou seja, por quatro seres práticos.

⁵⁵ A presente obra é fruto de diálogos estabelecidos entre Federico Casalegno e autores renomados em diversos campos científicos a respeito da tríade “memória, comunicação e comunidade”. O levantamento e a discussão de determinadas questões caracterizam-se como instigantes problemas de pesquisa científica. O livro foi concebido no início do projeto “Memória Viva” que se propõe a explorar novos paradigmas da comunicação sugeridos pelas tecnologias multimídia e interativas.

Todos nós somos configurações humanas em que se articulam e interpenetram os nossos quatro seres práticos: o ser de família, o ser de classe, o ser de indivíduo, o ser de nação. E como cada um desses seres, ancorado em cada uma das práticas básicas, é produto-produtor de sentido, o sentido da nossa presença no mundo e, portanto, da nossa ação em sociedade é, de fato, uma configuração de sentidos. (SANTOS, 1989, p.49).

Benjamin (1994a) - autor de relevo para as discussões sobre memória, entre outros temas correlatos - acresce a concepção de que esta negocia sua formação com o meio social com o qual interage e diverge da ideia de exclusividade da subjetividade na constituição da experiência para o indivíduo. "Onde há experiência, no sentido próprio do termo, determinados conteúdos do passado individual entram em conjunção, na memória, com os do passado coletivo". (ibidem, p. 38).

Outra defesa à prerrogativa existente na relação entre memória e sociedade está nas publicações de Halbwachs (2004), um dos alunos mais ilustres de Bergson.

Em sua breve trajetória como pesquisador, desenvolveu o conceito de memória coletiva. O autor refere-se à concepção de uma memória não mais centrada no sujeito em si, mas no coletivo. Bosi, em seus estudos acerca da temática, concorda com o autor e revela que, "o grupo é suporte da memória se nos identificamos com ele e fazemos nosso seu passado [...]". (BOSI, 1994, p. 414).

Halbwachs (2004) procura explicar o funcionamento da memória e da rememoração a partir do aspecto social. Neste sentido, para o sociólogo, as nossas lembranças conservam-se nos grupos, nos objetos que nos rondam e nos lugares em que convivemos.

Rememorar significa, portanto, colocar-se sob a ótica do grupo com o qual compartilhamos uma experiência ou nos colocamos diante dos objetos e lugares a partir dos quais nossa memória será estimulada.

A memória coletiva se apoia fundamentalmente nos quadros sociais concebidos pelo teórico Émile Durkheim (1999), são eles: os religiosos, os familiares e os correspondentes às classes sociais. Desta forma, a memória coletiva seria aquela compartilhada por um grupo identificado por uma determinada religião, família e classe social.

Contudo, na visão de Halbwachs, apesar de prioritariamente lidar com os três quadros sociais de Durkheim, a memória coletiva pode se dar entre grupos que compartilham a mesma etnia, ideologia, nação etc.

Sob o ângulo da concepção “memória coletiva”, Didi-Huberman (2013) se utiliza do legado de Aby Warburg (2005)⁵⁶, no tocante à História da arte, para enunciar a existência de um modelo “fantasmal da história”, “no qual os tempos já não se calcavam na transmissão acadêmica dos saberes, mas se exprimiam por obsessões, sobrevivências, remanências, reparações das formas (...) por não-saberes, por irreflexões, por inconscientes do tempo”. (idem, p. 25).

Nesse sentido, acredita-se que a sobrevivência de determinadas memórias advém como imagens, fantasmas - inconscientemente - manejados em determinadas circunstâncias como enumerou Didi-Huberman (2013, p. 274) abaixo:

A primeira é que a memória inconsciente só se deixa aprender em momentos-sintoma, que surgem como atos póstumos de origem perdida, real ou fantasmática. A segunda é que a memória inconsciente só surge nos sintomas como um nó de anacronismos em que se entrelaçam várias temporalidades e vários sistemas de inscrição heterogêneos.

A partir da citação de Didi-Huberman (2013), nota-se um despreendimento dos rigores da historiografia tradicional e a crença no tempo presente como sendo algo tecido por um múltiplo complexo e desconhecido de passados que, anacronicamente, se embaralham em temporalidades e situações distintas. Tal posicionamento vai ao encontro à Warburg, quando este avalia a História da Arte não a partir de uma origem unívoca, mas por meio de uma considerável densidade antropológica humana; capaz de nos fazer aceitar, razoavelmente, os drapeados das vestimentas e indumentárias das ninfas de Sandro Botticelli (*1445 – *1510) em incontáveis imagens primitivas e ancestrais, contemporâneas e *hi-techs*. A respeito, Didi-Huberman (2013, p.27) reitera,

A história da arte segundo Warburg é justamente o contrário de um começo absoluto, de uma tábula rasa: é, antes, um turbilhão no rio da disciplina, um turbilhão - um momento-agitador depois do qual o curso das coisas se haverá desviado profundamente, ou até transtornado.

⁵⁶ Aby Warburg (1866-1929) é um expoente da aplicação da arqueologia nos estudos das Ciências da Cultura. O intelectual alemão estava fielmente interessado na proposição de uma etimologia para os motivos imagéticos quando idealizou o Atlas das Imagens, chamado *Mnemosyne*. Nela, é possível notar imagens semelhantes à do Homem Vitruviano em documentos anteriores e posteriores a Da Vinci, por exemplo. De fato, determinadas imagens apontam um fluxo intenso entre si, repetindo-se exaustivamente na história da iconografia humana.

Como se pode denotar na citação acima, sendo as imagens e os fantasmas sobreviventes anacrônicos na História e na História das artes, tanto Warburg quanto Didi-Huberman evidenciam a existência de um tipo específico de memória correlacionada à memória coletiva. Trata-se da memória inconsciente, ilustrada claramente em um diálogo estabelecido por Federico Casalegno e Joel de Rosnay, publicado no livro *Memória Cotidiana*:

Nessa memória, reencontramos a das abelhas ou a das formigas, que não é uma memória baseada no tecido neuronal do cérebro, mas uma memória implantada em seu comportamento, extremamente programada e muito robótica. Mas que pode adquirir uma dimensão suplementar, graças à memória coletiva inscrita no ambiente. Pense nas formigas e em sua capacidade de ler as polaridades luminosas e, assim, de conhecer a direção do sol no zênite, de se localizar no espaço, graças a sua capacidade ocular de decodificação. Seu olho sabe decodificar a luz, e o ambiente (árvores, as sombras etc) se torna uma memória que serve a toda a comunidade. (2006, p. 42, grifo nosso).

A ilustração deflagrada nos leva a pensar sobre o determinismo da memória coletiva e de seu ambiente para a memória inconsciente. Aspecto que exige reflexões mais aprofundadas e maduras, na medida em que, o conceito de comunidade - tão bem quisto à memória coletiva - enfrenta determinadas revisões atualmente, em razão de determinadas características e decorrências políticas, econômicas, sociais e culturais de um mundo de dimensões espaciais e temporais incertas. Sob tal perspectiva, a comunidade deixa de ser apenas território do comum. Em sua singularidade, coexistem distintas noções como coletivos, redes sociais etc.

Cabe considerar, por exemplo, que - em geral - a humanidade faz parte de inúmeras comunidades simultaneamente. Notemos ainda, que boa parte da humanidade defende a legitimação das comunidades virtuais. Conclui-se, então, que a concepção de “comunidade” enfrenta constante elaboração⁵⁷.

De acordo com Mark Dery (2006) em diálogo com Casalegno, falar da memória de uma comunidade atualmente pode ser perigoso, pois demonstra indícios nostálgicos da memória do que consideramos um dia comunidade. Ele diz: “Quando falamos de comunidade, estamos falando sobre a nossa memória a respeito de uma

⁵⁷ Tendo em vista, não fazer parte dos objetivos primordiais desta tese, não nos concentraremos no detalhamento da referida reflexão.

comunidade, que talvez tenha existido ou talvez nunca tenha existido”. (2006, p.169).

Mesmo não sendo parte do foco deste estudo, é oportuno indicar, que o tema “memória inconsciente” desperta inquietações, do período de Warburg até os dias atuais, tendo em vista - entre outros aspectos - sua prerrogativa de memória atemporal e insensível às continuidades narrativas e genealógicas. “[...] o historiador e o historiador da arte não aceitam sem dificuldade que a própria evidência de seu trabalho, a história, seja desnordeada [...]”, afirma resolutamente Didi-Huberman (2013, p. 271).

Além da percepção advinda das Ciências Sociais, os estudos biológicos e psicológicos alimentam a discussão. Nos últimos anos, as Ciências Biológicas, por exemplo, especificamente a Neurociência, têm se dedicado com afinco aos estudos de memória.

Atualmente, assiste-se ao grande avanço das ciências dedicadas ao cérebro e aos mecanismos fisiológicos da formação, fixação e evocação da memória, contudo um longo caminho ainda deverá ser trilhado. (IZSQUIERDO, 2004).

Em publicação recente, Searle (2010) queixa-se da ausência de estudos científicos a respeito, especialmente no que concerne à consciência. “É um desafio para filósofos e cientistas não termos uma teoria que explique como é possível os processos cerebrais causarem a consciência”. (2010, p. 31).

Mais adiante, o autor dispara: “[...] estamos em busca de explicações causais do funcionamento do cérebro em diferentes níveis de descrição”. (ibidem, p. 173).

Damasio (2000) concorda com os autores apresentados. Segundo ele, apesar da dedicação excessiva à compreensão dos processos químicos, físicos ou fisiológicos desencadeados no cérebro durante a atividade subjetiva da consciência, pouco se elucidou sobre a cosmologia⁵⁸, o sentido da vida e o provável destino de ambos.

Rompendo com uma possível visão dogmática sobre a produção do conhecimento científico, diversos pesquisadores têm sinalizado a união entre as ciências sociais e biológicas, em estudos sobre a memória; o que confirma, definitivamente, a vocação da memória como objeto de interesse interdisciplinar.

⁵⁸ Em epistemologia, a cosmologia reúne o conjunto de disciplinas que estabelecem as leis da matéria e, mais precisamente, qualquer teoria científica do universo (DUROZOI; ROUSSEL, 1942, p. 108).

A Academia vem, gradativamente, questionando a cisão cartesiana entre biologia e antropologia⁵⁹ e prezando a totalidade humana. Essa tese aplica-se ao conceito de “hipercomplexidade” presente nos estudos de Morin (1979 e 2002) e, apesar de ser, por diversas vezes, aceita no plano teórico, nem sempre se concretiza na prática: “Assim, a biologia estava encerrada no biologismo [...] tal como a antropologia no antropologismo. [...] A vida parecia ignorar a matéria físico-química, a sociedade, os fenômenos superiores. O homem parecia ignorar a vida” (MORIN, 1979, p. 23).

Numa perspectiva, possivelmente, “antrobiopsicossociológica”, segundo o autor, estudar a questão da memória é oportuno.

Em nossa tese, alguns conceitos apresentados até o momento e que dizem respeito à memória são eleitos a contribuir para a reflexão sobre o objeto deste estudo, sendo assim, julgamos pertinente apresentá-los e aprofundá-los em seus principais aspectos.

2.1.1. De qual memória estamos falando?

A partir daqui, selecionamos e esclarecemos em detalhe quais são as principais referências acerca de memória que deverão compor o arcabouço teórico necessário à compreensão e análise do objeto de pesquisa desta tese. Desta maneira, iniciaremos esta abordagem, no item *Lembrança: entre o esquecimento e a reminiscência*, atendo-se ao conceito de memória sócio-histórica, ou seja, àquela ancorada na lembrança mediada pela materialidade.

Em seguida, no item denominado *Memória viva*, focaremos a memória espontânea e vivenciada como experiência.

Retomaremos, inclusive, os conceitos de memória coletiva e inconsciente, já enunciados anteriormente. Por fim, trataremos dos diferentes desdobramentos teóricos provenientes das *Reflexões sobre mídia e memória*.

⁵⁹ Ver mais em DAMÁSIO, A. R. *O erro de Descartes. Emoção, razão e cérebro humano*. São Paulo, Companhia das letras, 2004.

2.1.1.1. Lembrança: entre o esquecimento e a reminiscência

No tocante ao mundo ocidental, a história do capitalismo tem sido caracterizada pela aceleração do ritmo, em paralelo à redução das barreiras espaciais. Trata-se de um mundo cada vez menor, em particular, com o auxílio das tecnologias da informação e da comunicação. Nesse sentido, a capacidade de ora controlar o tempo, ora vê-lo esvaír-se sem pedir licença está presente nos paradoxos do cotidiano.

Harvey (2000, p. 34) reconhece: “Submetemo-nos a uma rigorosa disciplina do nosso sentido de espaço e de tempo, rendendo-nos à hegemonia da racionalidade econômica capitalista”. Aparentemente, a sociedade se vê atordoada pela espacialização do tempo, como complementa Morin:

O indivíduo privado que quer consumir sua própria vida tende a valorizar o presente. Fica, além disso, cada vez mais privado do passado; este não lhe fornece mais sabedoria e norma de vida; os antigos valores, as grandes transcendências são esmagadas por um devir acelerado. Esse homem cada vez mais privado de passado está cada vez mais privado de futuro. Aliviado das preocupações acumulativas, não ousa encarar um futuro incrível. (MORIN, 1984, p.175).

A dificuldade de lidar com o tempo passado, presente e futuro, faz Harvey acenar para a existência de um impasse. Para ele, a modernidade gerou uma crise entre a experiência do indivíduo para com o espaço e o tempo, “crise na qual categorias espaciais vêm a dominar as temporais, ao mesmo tempo em que sofrem uma mutação de tal ordem que não conseguimos acompanhar”. (2000, p.22).

Ele prossegue, dizendo que,

A modernidade, por conseguinte, não apenas envolve uma implacável ruptura com todas e quaisquer condições históricas precedentes, como é caracterizada por um interminável processo de rupturas e fragmentações internas inerentes. (ibidem, p. 187).

Segundo Benjamin (1994a), o impacto da ruptura histórica à qual se refere a citação acima, impede o indivíduo de estabelecer, criticamente, conexões e, portanto, significados para determinados fatos e acontecimentos. Apesar do acesso - por vezes e para alguns - ilimitado ao conhecimento desencadeado pelo homem, a

fragmentação impede conexões efetivas entre percepção, tempo, espaço e experiência.

Sobre o excesso de registros memoriais atribuído à informática, Casalegno (2006, p. 210) comenta: “De certa forma, a capacidade de armazenamento da memória de um computador nos faz sentir seguros. É uma presença importante, mas não é a mesma coisa que a circulação viva da informação”. Para o autor, é evidente que a dita “memória viva” não deve ser equiparada à memória digital.

Huysen (2000) concorda com tal proposição. Para o autor, a sociedade vive à mercê da obsolescência constante de suas tecnologias e do incontrolável esquecimento provocados pela ausência de vínculos entre coisas, vivências, lugares e pessoas. Na visão do autor, o indivíduo é acusado de difundir uma cultura contemporânea de amnésia, impactada por um processo massivo de consumo da informação e dos produtos capitalistas.

Entretanto, Huysen acredita também que, diante desta nova relação mantida entre o indivíduo, o coletivo, o tempo e o espaço e os meios digitais, “o enfoque sobre a memória é energizado subliminarmente pelo desejo de nos ancorar em um mundo caracterizado por uma crescente instabilidade do tempo e pelo fraturamento do espaço vivido”. (2000, p. 20). Desta forma, como verificamos no enunciado de Huysen, somos paradoxalmente levados à “sedução⁶⁰” exercida pela memória.

Neste cenário de dualismo entre esquecer e lembrar, alguns advogados de acusação do papel das mídias na sociedade, em especial, das mídias digitais, julgam que o acesso instantâneo e contínuo à informação nos diferentes ambientes midiáticos massivos e/ou digitais e o impacto destes sobre as noções tradicionais e ocidentais de tempo e espaço não contemplam benefícios, pelo contrário, têm contribuído para o superdimensionamento da finitude humana.

É como se a fragmentação e a estrutura espiral, não-linear e não-cronológica do tempo propiciassem uma sensação de insegurança no indivíduo quanto ao seu controle, apesar da perspectiva excitante apresentada pela memória digital presente em inúmeros bancos de dados existentes na internet, nos quais é possível acessar diferentes períodos históricos - em representações diversas - como e quando for mais conveniente ao indivíduo. (MANOVICH, 2006).

⁶⁰ O termo sedução é empregado pelo autor em seu livro: HUYSEN, Andreas. Seduzidos pela Memória: arquitetura. Tradução de Sergio Alcides. Seleção de Heloisa Buarque de Hollanda. 2ª. Ed. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

Todavia, é preciso evitar a visão reducionista de creditar a sensação de insegurança somente às mídias digitais, como anunciam alguns autores ditos contemporâneos. Tal prerrogativa é anterior às tecnologias digitais. Agamben, em seu livro *O que é contemporâneo*, tece uma profunda crítica ao uso banalizado do termo “contemporâneo”, relevante para a discussão que apresentamos. “Pode dizer-se contemporâneo apenas quem não se deixa cegar pelas luzes do século e consegue entrever nessas a parte da sombra, a sua íntima obscuridade”. (AGAMBEN, 2009, p. 64).

Tomando como referência o enunciado acima, pode-se depreender que, para ser contemporâneo, é necessário estar interessado naquilo que é obscurecido pelo contemporâneo ou escondido às suas sombras. Sendo assim, seriam poucos os autores que tratam da obscuridade de seu tempo e que, portanto, seriam contemporâneos. Seriam em menor número, ainda, os autores que conseguem escapar da leitura dita “contemporânea” a respeito da memória e entendê-la para além da associação com a tecnologia.

Lotman (1981) é um exemplo de autor contemporâneo por ser interessado no combate ao êxtase dos indivíduos em relação à técnica e à tecnologia, especificamente em temas correlacionados à memória. Em sua ótica, a influência da arte sobre a técnica é bem mais determinante.

Para Harvey, pensar a respeito destas duas categorias tão relevantes para o indivíduo, o tempo e o espaço, constitui uma necessidade primordial, tendo em vista que “o espaço e o tempo são categorias básicas da existência humana. E, no entanto, raramente discutimos o seu sentido; tendemos a tê-los por certos e lhes damos atribuições do senso comum ou autoevidentes”. (2000, p. 187).

Ferrara acresce esta imbricada discussão, quando revela que:

Estudar o espaço e o tempo supõe enfrentar uma complexidade, não apenas conceitual, mas da própria reflexividade que faz com que aqueles conceitos sejam não só revistos, mas, sobretudo, transformem-se em objetos de conhecimento, ou seja, o espaço e o tempo escapam da racionalização a que os reduziu o sistema Kantiano e passam a ser trabalhados por uma racionalidade na revisão do seu próprio conceito. (2008, p.25).

Inicialmente, a Geografia concebia o tempo de forma sequencial e linear, à maneira de Kant, como sugere a crítica de Ferrara acima. Seu impacto era

entendido por uma sucessão de fatos no espaço. Então, é compreensível a prevalência de uma perspectiva histórica sequencial nos discursos acadêmicos e de caráter geral.

O espaço geográfico incorporou uma visão do tempo como ciclo, no qual, apesar da estabilidade presente na sucessão de fatos, a dinâmica sempre conduz à repetição do ciclo. Hoje, a visão crítica da Geografia entende o tempo como espiral, mas também como seta e ciclo, ou seja, determinação e possibilidade. Então, em um mesmo “espaço geográfico”, há tempos diversos em convivência: o tempo tecnológico, o tempo analógico, entre outros. Milton Santos é uma das referências desta corrente do pensamento geográfico no Brasil.

De acordo com Santos (1999, p. 51), “espaço geográfico”⁶¹ é “formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá”.

Também é importante salientar a existência de outros tipos de espaço, como o “espaço simbólico”, que, em linhas gerais, para Bourdieu (1996), seria o conjunto de práticas e preferências constituidoras dos “signos distintivos” por meio dos quais os agentes sociais se reconhecem, ou seja, o espaço simbólico surge da atribuição de significados coletivos ao espaço.

Ferrara (2008), em seus estudos sobre o espaço, ainda nos remete ao conceito de “espaço social”, tendo em vista que, a partir do século XIX, o social redimensiona o espaço físico, impregnando-o de práticas condizentes com a instabilidade e a relatividade.

Este conceito de espaço social, já vigente na Grécia antiga, adentra o capitalismo e negocia com questões pertinentes para o mundo atual, tais como: a comunicação de massa, o espetáculo, o espaço público e o poder. Vale atentar para as considerações da autora:

[...] na medida em que avança o capitalismo e transforma a cidade no seu lugar característico, percebe-se que, ao lado daquele espaço

⁶¹ Em decorrência dos esforços da Geografia para compreender categorias valorosas como tempo, espaço, natureza e sociedade, um tortuoso caminho foi trilhado até alcançar o termo “espaço geográfico”. Entretanto não é nosso objetivo retomar os detalhes desta jornada, e sim apenas incorporar o sentido recente desse conceito para a presente tese. Também ressaltamos, não desconhecemos a relevância das discussões adjacentes aos conceitos de território, ambiente, natureza etc., porém, em face de nossos objetivos, não nos deteremos na reflexão de tais conceitos elencados.

funcional, surge outra manifestação: passamos do espaço social como relação, à dimensão do espaço público que reivindica outros vínculos comunicativos. Manipulado pela imagem que adere à massa, aquele vínculo transforma, de um lado, o espaço social em espetáculo [...]. (FERRARA, 2008, p.45).

Outra perspectiva que merece nossa atenção vem da nova abordagem cultural da Geografia. Entre seus maiores expoentes, figuram David Harvey, Robert Sack e Augustin Berque. As análises propostas por este ângulo de pensamento consideram o espaço e/ou o meio ambiente a partir de uma experiência humana estrutural, ou seja, uma combinação de elementos biológicos, técnicos, psicológicos, afetivos, simbólicos e culturais.

Augustin Berque (2000), por exemplo, ao se debruçar em estudos sobre o Japão e a filosofia Watsuji⁶², passou a questionar a filosofia ocidental da modernidade, na qual a natureza era estrangeira à sociedade. Atualmente, Berque é responsável por disseminar uma nova conceituação geográfica que integra o homem na natureza segundo sua consciência ecológica.

Esta dimensão ecológica da Geografia permite tecer estudos críticos em diferentes direções: territorialidade, construção de identidades, relações de alteridade, pertencimento etc.

De toda sorte, a resposta do ocidente ao controle do caos instaurado pelo descontrole do tempo e espaço veio no final do século XIX com a invenção da tradição por meio da dita “cultura do museu”, como observa Harvey.

O trabalho ideológico de inventar a tradição assumiu grande importância no final do século XIX exatamente porque essa foi uma época em que as transformações das práticas espaciais e temporais implicavam uma perda da identidade com o lugar e repetidas rupturas radicais com todo sentido de continuidade histórica. A preservação história e a cultura do museu vivenciaram fortes impulsos da vida a partir do final do século passado [...]. (2000, p. 247).

Para Huyssen (2000), a humanidade necessita da:

⁶² A filosofia Watsuji refere-se ao filósofo japonês Tetsurô Watsuji (*1889 - *1960) que se dedicou a estudar o corpo a partir da premissa de que o caráter de humanidade contempla o “entre”, o “*aidagara*” como o denominava, no qual as pessoas se localizam.

[...] memória e da musealização juntas para construir uma proteção contra a obsolescência e o desaparecimento, para combater a nossa profunda ansiedade com a velocidade de mudança e o contínuo encolhimento dos horizontes de tempo e de espaço. (HUYSSSEN, 2000, p. 28).

Jeudy também complementa o debate ao dissertar sobre o movimento de possível “museografização”, assim por ele nomeado:

Os museus multiplicam-se, uma quantidade infinita de objetos, de imagens e de relatos é conservada para testemunhar as riquezas da criação cultural, da inovação técnica ou da dinâmica da significação dos modos de vida. Nada parece conseguir escapar a esse empreendimento de estocagem e de classificação. (JEUDY, 1990, p. 1).

É possível sintetizar, então, que a cultura do museu, da musealização ou da museografização, assim referidas por Harvey, Huyssen e Jeudy, afeta o fluxo da experiência humana. “De fato, todo sistema de representação é uma espécie de espacialização que congela automaticamente o fluxo da experiência e, ao fazê-lo, destrói o que se esforça por representar”. (HARVEY, 2000, p. 191).

A cultura do museu apazigua o temor trazido pelo descontrole do tempo e do espaço por meio da consolidação da memória sócio-histórica, considerada neste estudo, como lembrança, “mediada” por espaços e coisas e frequentemente instrumentalizadas.

Neste ponto do trabalho, julgamos pertinente esclarecer que o domínio da mediação refere-se a um tipo de comunicação específico, de mão única, padronizado por uma mensagem conduzida em um canal desobstruído, de um emissor para um transmissor frágil, passivo e facilmente manipulável.

Enquanto que, a interação se identifica como uma comunicação imprevisível estabelecida entre emissor e receptor, plenamente intercambiáveis em seus papéis. Em suma, para Braga (2012, p. 39), “as interações envolvem toda uma variedade de processos sociais [...] as interações são o lugar de ocorrência da comunicação”.

Voltando às discussões sobre a cultura do museu, vale dizer que a lembrança mediada por patrimônios culturais e arquitetônicos, tais como: obras de arte e outros objetos de valor semelhante, bibliotecas, museus, centros de memória, demais monumentos, relatos oficiais e documentos, parece dignificar a lembrança de um

indivíduo, uma comunidade ou até de uma nação para a posteridade, segundo Chauí (2006).

A memória sócio-histórica indica a valorosa produção dos feitos alcançados por seus indivíduos, como ressalta a autora, “[...] o patrimônio cultural é nacional ou coletivo e sua função é celebrar os feitos da nação”. (2006, p. 119).

O sentido etimológico da palavra “patrimônio”, trazida por Chauí, remete a dois vocábulos greco-latinos: *pater* e *nomos*. *Pater* quer dizer chefe de família, figura masculina, pai. Em um sentido mais amplo, antepassado. Sendo assim, pode-se aferir a associação desse termo a bens, posses ou heranças deixadas pelos chefes de família ou antepassados renomados de um determinado grupo social. Já a palavra *nomos* origina-se do grego e refere-se a leis, usos e costumes relacionados à origem tanto de uma família quanto de uma cidade.

Patrimônio, então, pode ser compreendido, como o legado - material e simbólico - de uma geração ou de um grupo social para outro. Esta conceituação pode ser aferida nos dicionários recompilados e digitalizados pela Biblioteca Brasileira da USP, o Vocabulario portuguez & latino (BLUTEAU, 1712 – 1728, v 6) e o Diccionario da língua portugueza (SILVA, 1813, v. 1, p. 412).

Note-se que o sentido dado ao termo patrimônio está marcado pelo exercício do poder. Tem-se, aí, a imagem da chefia, do patriarcado e até do Estado, tendo em vista que “pátria” deriva de *pater*.

E, inegavelmente, essa máxima está associada à questão da idade, um critério estritamente relacionado ao tempo. Em busca de uma analogia, é comum julgar que um país antigo possua mais patrimônios do que um país de juventude relativa ou ainda atribuir o mérito de melhor ao mais antigo, em razão àquilo que é chamado tradição.

Daí o Estado-nação se ver compelido a conceber patrimônios como museus, bibliotecas, monumentos etc. Vale atentar para dois motivos circunstanciais que, na opinião de Chauí, são determinantes para a invenção - em pleno século XIX - da ideia de Estado-nação, primeiro, e de patrimônio cultural nacional, em seguida:

Em primeiro lugar pela pressão de uma classe média crescente que, não tendo poder nem riqueza, deseja ter acesso aos objetos-significações, forçando o Estado à criação das instituições públicas de patrimônio cultural e ambiental. Em segundo, como consequência da luta de classes, pois, se cada classe social instituir seus próprios

semióforos⁶³, definindo sua maneira de relacionar-se com o tempo, o espaço, o invisível e o sagrado, os conflitos sociais não poderão ser controlados pela classe dominante nem por seu Estado. (CHAUÍ, 2006, p. 119).

A ambivalência de motivações existentes na concepção de um patrimônio pelo Estado, conforme análise de Chauí, reitera o caráter político desta ação. Sob o prisma da autora, a pressão de determinada classe social mobiliza o Estado a desenvolver patrimônios que impõem sua maneira de se relacionar com o tempo e o espaço.

Assim como Chauí, Huyssen (2000, p. 83) também reflete sobre as lembranças armazenadas em patrimônios concebidos e geridos pelo Estado, tendo em vista as alterações de diferentes ordens vivenciadas por ele constantemente.

A memória é sempre transitória, notoriamente não confiável e passível de esquecimento; em suma, ela é humana e social. Dado que a memória pública está sujeita a mudanças – políticas, geracionais e individuais -, ela não pode ser armazenada para sempre, nem protegida em monumentos.

Nesse ponto da discussão, Corrêa acrescenta reflexões a partir do conceito de “lugar simbólico”. De acordo com o autor, o lugar simbólico - inclusive, o patrimônio concebido pelo Estado - pode receber a significação de lugar simbólico mercantilizado quando orientado pelo mercado, conforme citação abaixo:

[...] os lugares simbólicos resultam de complexo processo de criação, interno ou externo, para o qual há várias tensões que envolvem diferentes agentes sociais criadores e usuários de significados. Desse processo, resultam a preservação ou transformação, parcial ou não, dos lugares simbólicos e a ressignificação de seu *status* político, religioso, étnico ou histórico, que pode ou não incluir sua mercantilização. Nesse caso, é possível falar em lugares simbólicos mercantilizados, cujas paisagens e história foram valorizadas ou plenamente inventadas. (CORRÊA, 2012, p. 140, grifo nosso).

⁶³ Termo utilizado por Chauí (2000) em *História do Povo Brasileiro* para descrever um fato, um objeto, uma pessoa, enfim, pode remeter a vários sentidos, capazes de produzir outros; é a comunicação como invisível, segundo a própria autora. *Semióforo* é algo cujo valor não é medido pela sua força material e sim por seu significado simbólico.

É possível observar, por meio da citação de Corrêa (2012), a existência de lugares simbólicos mercantilizados, dada a criação de paisagens⁶⁴ e histórias.

Seguindo esta linha de pensamento, a afirmação de uma determinada cultura na concepção de novos patrimônios, como estratégia de autoridade, se torna possibilidade, ao se criarem paisagens e histórias que dignifiquem o lugar⁶⁵ como lugar simbólico. A respeito, Bhabha diz:

Trata-se do problema de como, ao significar o presente, algo vem a ser repetido, relocado e traduzido em nome da tradição, sob a aparência de um passado que não é necessariamente um signo fiel da memória histórica, mas uma estratégia de representação da autoridade em termos de artifício do arcaico. (BHABHA, 2013, p. 71).

Harvey parece concordar, com a premissa levantada acima, ou seja, para o autor, a criação de novos patrimônios, pode ser caracterizada como estratégia de legitimação do poder. Talvez, “a grande tragédia da modernidade”, como ressalta abaixo. Ele diz: “Encontramos aqui, mais uma vez, a tragédia da modernidade, mas desta feita estabilizada pelos pontos fixos de monumentos que incorporam e preservam um “misterioso” sentido de memória”. (2000, p. 84, grifo nosso).

Merleau Ponty (1975) integra o debate ao afirmar que os museus, as bibliotecas entre outros elementos da memória sócio-histórica, entendida - exclusivamente - como lembrança, descartam a nobreza da memória e enclausuram numa espécie de “miséria pomposa”.

Didi-Huberman (2013, p. 274) também soma críticas às lembranças. Para o autor, estas se tornam um obstáculo para a instituição da memória e contraditoriamente, se revelam como esquecimento. Ele afirma:

A partir daí, trata-se de compreender que a lembrança – aquela que temos ao nosso dispor, por exemplo, quando Vasari⁶⁶ vai beber no grande romance familiar da arte florentina – não passa, muitas vezes, de uma amnésia organizada, um engodo, um obstáculo à verdade para além de qualquer exatidão factual, em suma, uma função de encobrimento.

⁶⁴ Santos (1999) compreende paisagem como a expressão materializada do espaço geográfico, interpretando-a como forma. O conceito de paisagem assume a coexistência de objetos e ações sociais no seu aspecto econômico e cultural.

⁶⁵ Ainda para Santos (1999), lugar constitui a dimensão da existência que se manifesta através de um cotidiano compartilhado entre pessoas, empresas etc. Em suma, trata-se da base da vida em comum.

⁶⁶ Giorgio Vasari (*1511 - † 1574) foi um pintor e arquiteto italiano de reconhecido talento.

Após problematizarmos tais discussões, somos levados a pensar que a concepção de patrimônios está carregada de intenções diversas, entre elas, possivelmente, a de manutenção e legitimidade do poder político ou mercantil, como vimos em Chauí e Corrêa, respectivamente em parágrafos anteriores.

Aqui, podemos retomar à Lazzarato (2006, p. 86, grifo nosso), quando este alerta ser necessário refletir a respeito das “novas relações de poder que têm como objeto a memória e seu *conatus* (a atenção) como noopolítica”.

O autor conceitua noopolítica como conjunto de técnicas de controle que “se exerce sobre os cérebros, atuando em primeiro lugar sobre a atenção, para controlar a memória e sua potência virtual. A modulação da memória será então a função mais importante da noopolítica”. (ibidem).

Lazzarato acredita ainda que, na sociedade disciplinar, citada por Michel Foucault, havia uma preocupação, sobretudo do Estado, em moldar os corpos por meio da disciplina, a exemplo das prisões, escolas, fábricas etc. Já na atual sociedade disciplinar e de controle⁶⁷, organizada pelo biopoder⁶⁸, a gestão da vida e a modulação da memória são controladas pela noopolítica, ou seja, “redes hertzianas, audiovisuais, telemática e constituição da opinião pública”. (ibidem).

Cabe esclarecer que entendemos aqui, “dispositivo”, inicialmente, a partir do pensamento de Michael Foucault, datado de meados dos anos de 1970 e, posteriormente, sob a ótica da revisão conceitual proposta por Agamben (2005).

Segundo estudos realizados por Agamben, Foucault esclarece o termo em uma entrevista concedida em 1977. Desta forma, em linhas gerais, Foucault considera dispositivo como:

Um conjunto heterogêneo, que inclui virtualmente qualquer coisa, linguístico e não-linguístico no mesmo título: discursos, instituições, edifícios, leis, medidas de segurança, proposições filosóficas etc. O dispositivo em si mesmo é a rede que se estabelece entre esses elementos. O dispositivo tem sempre uma função estratégica concreta e se inscreve sempre em uma relação de poder. (AGAMBEN, 2005, p. 9-10).

⁶⁷ Denominação do autor Lazzarato em seu livro *As revoluções do capitalismo* (2006).

⁶⁸ Biopoder é um termo criado originalmente pelo filósofo francês Foucault para referir-se à prática dos estados modernos e sua regulação dos que a ele estão sujeitos por meio de técnicas numerosas e diversas para obter a subjugação dos corpos e o controle de populações.

Em *O que é um dispositivo?*, Agamben sugere abandonarmos a filologia foucaultiana e interpretarmos o conceito “dispositivo” de forma bem mais ampla. Ele diz: “Chamarei literalmente de dispositivo qualquer coisa que tenha de algum modo a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres vivos”. (ibidem, p. 13).

A partir desta revisão conceitual, proposta por Agamben, os dispositivos deixam de ser compreendidos exclusivamente em relações cujo poder se evidencia como nas prisões, nas fábricas, nas escolas etc. A respeito, Agamben acredita que:

Não somente, portanto, as prisões, os manicômios, o panóptico, as escolas, as confissões, as fábricas, as disciplinas, as medidas jurídicas etc, cuja conexão com o poder é em certo sentido evidente, mas também a caneta, a escritura, a literatura, a filosofia, a agricultura, o cigarro, a navegação, os computadores, os telefones celulares e – porque não – a linguagem mesma, que é talvez o mais antigo dos dispositivos, em que há milhares e milhares de anos um primata – provavelmente sem dar-se conta das consequências que se seguiriam – teve a inconsciência de se deixar capturar. (ibidem).

Sob o ponto de vista da discussão travada desde o início deste item da tese, se consideramos a arquitetura como comunicação e se “a cidade é um discurso”, como afirmou Barthes (1987, p. 184), é preciso atentar para o que está sendo dito, pois o apreço pela memória sócio-histórica, especialmente pelos patrimônios, pode servir ao Estado, em algumas situações, como dispositivos noopolíticos de memória.

Portanto, se a cidade é um discurso, pode-se ler, nas entrelinhas ou até mesmo nas capitulares de seus parágrafos, significações múltiplas, entre elas um discurso condizente com o simbolismo do capital ocidental e de sua expressão cultural de maior relevo: a Indústria Cultural⁶⁹. Entende-se, ainda, que a espetacularização pode atuar como uma das marcas da lembrança, objeto da noopolítica.

Quando nos referimos à espetacularização, nos baseamos no conceito de “espetáculo”, trazido por Debord (1997), que consiste na multiplicação de ícones e imagens, principalmente desencadeada pela Indústria Cultural, mas também pelos rituais políticos, religiosos e hábitos de consumo, de tudo o que falta à vida concreta

⁶⁹ Ver mais em HORKHEIMER, M., e ADORNO, T. W. *Dialética do Esclarecimento: Fragmentos filosóficos*. Trad. Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

do indivíduo. O espetáculo é uma faceta da sociedade que desenvolveu ao extremo o “fetichismo, inclusive o da mercadoria”⁷⁰.

Dessa forma, não é de espantar que - em algumas ocasiões - se esteja lidando com o brilho fugaz e espetacular de uma lembrança fruitiva e prazerosa e não com uma formação discursiva e crítica do tempo presente sobre o passado.

Como exemplo, citemos as características atuais dos museus na intertextualidade das cidades entendidas como discurso.

O historiador Meneses (1985, p. 198) discute o assunto:

Os próprios recursos museográficos hoje em voga, especialmente as técnicas de “display”, ambientação, comunicação audiovisual etc., rapidamente assimiladas como garantia de modernidade, parecem em última análise, orientar-se para uma deliberada convivência com o “visitante”, convertido quase que em “voyeur”. Tal situação, evidentemente, é suspeita. O que deveria limitar-se a uma preocupação do projeto arquitetônico e da programação visual com questões de conforto ambiental e eficiência passa a obsessão de privilegiar a fruição do prazer.

A referência acima nos faz pensar sobre dois aspectos importantes: a existência de um possível vínculo entre o aspecto midiático de patrimônio cultural e os espaços físicos dedicados à lembrança e o predomínio de um entendimento de que a memória só se concretiza a partir de uma determinada materialidade, ou seja, a partir de coisas, objetos do passado ou da recriação destes por meio de representações. Sobre o último aspecto, Meneses é taxativo quanto ao consenso existente neste interim: “Não há museu, sem acervo”. (1985, p.200).

Nesse sentido, a localização e a disputa pela detenção de objetos materiais destinados à lembrança, entre eles, artefatos históricos, relíquias e semióforos faz parte da rotina dos museus, dos centros de memória, dos memoriais etc. Eis uma corrida desenfreada pelos vestígios materiais de um tempo.

Na medida em que as memórias se tornam mais vagas, frágeis e raras, a necessidade de objetos que comprovem e testemunhem o passado que representam se torna mais evidente.

⁷⁰ Em sua obra intitulada “O Capital”, Karl Marx nota que a manufatura quando finalizada, não mantinha o seu valor real de venda, que segundo ele era determinado pela quantidade de trabalho materializado na mercadoria, mas que esta adquiria uma valoração infundada, como se não fosse fruto do trabalho humano e nem pudesse ser mensurada. É como se a mercadoria perdesse sua relação com o trabalho e ganhasse vontade independente de seus produtores.

É como se o processo de rememoração requisitasse a cultura material com fins de legitimação. Cabe destacar que a cultura material é envolvida por uma série de mediações, especialmente quando presentes em espaços dedicados à memória que vão desde a classificação de seus objetos até a forma como são expostos.

Sobre tal ponto de vista, alerta Meneses:

Com efeito, o artefato neutro, asséptico, é ilusão, pelas múltiplas malhas de mediações internas e externas, que o envolvem, no museu, desde os processos, sistemas e motivos de seleção, passando pelas classificações, arranjos, combinações e disposições que tecem a exposição, até o caldo de cultura, as expectativas e valores dos visitantes e os referenciais dos meios de comunicação de massa, a *doxa* e os critérios epistemológicos na moda, sem esquecer aqueles das instituições que atuam na área etc. (MENESES, 1998, p. 13).

Novamente nota-se, na observação do autor, a influência da comunicação de massa na constituição dos patrimônios, especificamente, no caso do museu.

Hoje, a sedução exercida pelos patrimônios é acrescida pelo prazer da visualidade⁷¹ que o avanço tecnológico e a comunicação de massa podem proporcionar, principalmente, em representações do passado e na proposição de suposta “interatividade”.

É comum atribuir-se o título de interatividade a museus que possuem uma visualidade marcada por inúmeros recursos midiáticos, tais como: audiovisuais diversos, *displays* digitais, guias virtuais etc. Contudo, nem sempre tais recursos tornam espaços, como o do museu, em interativos.

Para entender este impasse é necessário revisitar o termo interatividade, que vem sendo empregado, eventualmente, sem critérios. (LEMOS, 2000). Para não perder o rumo, buscou-se, aqui, amparo nos autores Silva, Lèvy, Lemos e Manovich.

Antes, importa explicar que o termo interatividade despontou nos anos de 1990 como extensão das mídias digitais e tem sido empregado amplamente na concepção de espaços midiáticos diversos.

⁷¹ Ferrara (2002) entende que o conceito de visualidade corresponde à constatação visual de uma referência; é mais passiva e limita-se ao registro decorrente dos estímulos sensíveis. A autora distingue visualidade de visibilidade, sendo esta última o contrário de visualidade, algo semiótico, tendo em vista sua compatibilidade com a cognição preceptiva como alteridade que caracteriza e desafia a densidade signica.

Segundo Silva (1999), a interatividade é o caminho para a melhor comunicação em relações presenciais ou virtuais entre máquinas e indivíduos ou entre indivíduos apenas. Já Lemos (2000) acredita que é necessário falarmos de um caso específico, a “interatividade digital”, aquela estabelecida entre homem e máquina.

Por fim, para Manovich (2006), assim como para Lèvy (1999), todas as experiências culturais podem ser definidas como uma forma de interatividade, mas realmente há a necessidade de se desenvolver diferentes termos para diversos tipos de interatividade, como bem sinalizou Lemos acima.

Também concordamos ser necessário considerar terminologias específicas para diferentes situações de interatividade, assim como é relevante compreender de que forma os ambientes midiáticos propostos em espaços dedicados à memória vêm lidando com a problemática da interatividade e da interação, termos comumente confundidos.

Em espaços destinados à lembrança suscitada pela materialidade, somente, - descomprometidos com a memória viva, ou seja, com as relações vivenciais e experimentais estabelecidas entre os indivíduos, os indivíduos e o tempo, os indivíduos e o espaço - as chances de se ter uma memória caracterizada por estruturas comunicativas não-interativas são consideráveis mesmo quando coexiste a “interatividade digital”, mencionada por Lemos (2000).

Para finalizarmos nosso panorama sobre os estudos voltados à espacialização e materialização da memória entendida como lembrança, não poderíamos nos furtar de mencionar a conceituação formulada por Nora em 1993: os “lugares de memória”.

Em sua polêmica publicação, intitulada *Entre memória e história: A problemática dos lugares*, Pierre Nora ratifica o antagonismo entre memória e história, inclusive por manterem relações distintas com o tempo e o espaço. “Memória, história: longe de serem sinônimos, tomamos consciência que tudo opõe uma à outra”. (NORA, 1993, p. 9).

O autor também diz que tais lugares concedem a ilusão de eternidade humana. “Museus, arquivos, cemitérios e coleções, festas, aniversários, tratados, processos verbais, monumentos, santuários, associações, são os marcos testemunhais de uma outra era, a das ilusões de eternidade”. (ibidem, p.13).

Entre outras ideias, desenvolve ainda a afirmativa de que não existe memória e que esta só é revivida e ritualizada numa tentativa de identificação por parte dos

indivíduos e que a sociedade utiliza-se hoje da história para lhe conferir lugares nos quais possa pensar que não é feita de esquecimentos, mas, de lembranças; lembranças mediadas por espaços físicos e objetos materiais.

De acordo com Nora: "Os lugares de memória são, antes de tudo, restos. A forma extrema onde subsiste uma consciência comemorativa numa história que a chama, porque ela a ignora". (1993, p.12).

A publicação de Nora ocorreu em um período de profunda revisão historiográfica no qual o projeto de construção de uma história plena e generalista como modelo científico se revelou falha.

Além disso, impactado pela década de 1970, Nora denota uma intensa crítica à modernidade. Em suas palavras, "numa sociedade pós-industrial, massificada e mediatizada, não é possível haver memória espontânea". (NORA, 1993, p.8).

Mais tarde, Nora concebeu outra formulação conceitual: "[...] Lugar de memória, então: toda unidade significativa, de ordem material ou ideal, que a vontade dos homens ou o trabalho do tempo converteu em elemento simbólico do patrimônio memorial de uma comunidade qualquer". (NORA, 1997, v.2, p. 2226, grifo nosso).

Notemos que Nora, considera em sua nova formulação conceitual, o "material" e o "ideal", ou seja, o autor julga possível haver lugares de memória materiais, físicos e lugares de memória idealizados, virtuais, além de haver a memória viva de uma comunidade que se identifica pela multiplicidade das experiências que, conservadas, agem como elemento de identificação.

Materiais ou ideais, para Nora, os lugares de memória são essencialmente meios de acesso a uma lembrança, que - há tempos - já não é mais memória. Desta forma, nos deparamos com um tipo de memória específico, não mais construída "pela" comunidade, mas "para" a comunidade. (NORA, 1997).

Somada à concepção de outros autores vistos antes de Nora, neste item da tese, somos levados a entender que a concepção de espaços físicos dedicados à memória deve envolver não somente as lembranças mediadas pela materialidade das coisas, mas também a compreensão da memória entendida como vivência; aspecto a ser discutido no próximo item.

2.1.1.2 Memória viva

“Javé só não será tomada pela água se virar patrimônio, se tiver história, coisa importante para dizer, uma memória [...]”. A declaração faz parte de “Narradores de Javé”, obra cinematográfica estreada em 2003 e dirigida por Eliane Caffé.

A trama dedica-se à narração do drama vivido pela cidade Vale de Javé, que está prestes a se tornar represa de uma poderosa hidrelétrica. Sob a pressão dos moradores da região, os engenheiros responsáveis pelo projeto revelam que a única maneira de a cidade ser poupada pela Usina está na aquisição do caráter de patrimônio, tarefa factível por meio do registro escrito de sua história, segundo a trama.

E exige-se mais: autoridades públicas relatam que em nada adiantaria o registro da memória sem fidelidade ou caráter científico. Com base nesse contexto, empenha-se a saga memorialista de Javé a encargo do único indivíduo alfabetizado da cidade, Antônio Biá. Cada narrador entrevistado pelo ex-carteiro, aproximadamente cinco, emite uma versão diferente para a saga de Javé, definindo, assim, seus próprios mártires, heróis e algozes.

Numa tentativa de atribuir prestígio aos antepassados de suas famílias, os respectivos narradores elegem, costumeiramente, a função de célebre herói a um membro de sua genealogia. Entre os desbravadores de Javé, figuras antes marginalizadas ganham *status* consideráveis, como no caso da “mulher guerreira”, Maria Dina, e do “negro herói”, Indalêo.

Biá, por sua vez, escuta tudo e predispõe-se a redigi-las com acréscimos e omissões autorais ainda mais fantasiosos. Segundo o personagem, “a história é de vocês, mas a escrita é minha”.

Mal a odisséia de relatar a “história científica de Javé”, nas palavras dos personagens da trama, se inicia e Biá já nota a dificuldade de cumprir o compromisso, tendo em vista a imprecisão, a heterogeneidade e a diversidade de motivações presentes nas narrativas oralizadas pelos moradores da cidade.

Acuado pelos narradores da comunidade, ao reivindicarem a legitimação de suas respectivas versões para a origem da cidade, ele abdica de sua incumbência e retira-se do Vale de Javé andando de costas e deixando a população desolada.

Pois bem, a profecia se cumpre; o sertão vira mar, e o público do filme é interpelado por mais um narrador, Zaqueu, que, no tempo-presente, ao entreter um cliente de seu bar, relata o conflito vivido entre o povo de Javé e Biá.

Surpreendentemente, Biá, no final do filme, em um tempo indefinido - que não se sabe se é passado, presente ou futuro - surge avistando o sino da Igreja ser encoberto pelas águas. Nesse momento, empunha lápis e caderno na tentativa de escrever outra história: a história de Javé, baseada em sua própria vivência. Emerge, então, para a cidade e seus moradores, um relato diante do fim de um ciclo e o início de outro.

Apesar de não tomarmos “Narradores de Javé” como objeto de estudo, nos valeremos da trama existente no filme, resenhada brevemente acima, para a compreensão de questões importantes a este trabalho, tais como: narração, esquecimento, lembrança, vivência, história e memória.

Inicialmente, notamos que a instituição de javé como patrimônio cultural e arquitetônico implica na construção de sua epopeia⁷², por meio das memórias dos indivíduos daquele lugar e, em seguida, na redação de um documento “fiel e científico”, nas palavras dos personagens, capaz de retratar a trajetória da cidade.

Entretanto, a narrativa memorialista feita pelos personagens vai à contramão da fidelidade e cientificismo almejados em narrativas históricas e, aos poucos, deixa transparecer, o quão é complexa a tarefa imposta ao personagem Antônio Biá, tendo em vista o embate entre elementos empregados, por vezes, como sinônimos, porém extremamente distintos e oponentes: história e memória.

A analogia abaixo expõe a relação antagônica, vivenciada entre estes dois conceitos.

A história e a memória podem ser pensadas como as duas pontas de uma antinomia: em que os avanços da historiografia fazem continuamente retroceder o passado imaginário que foi construído pela memória coletiva. [...]. (ROSSI, 2010, p. 28).

Nora (1993) complementa:

A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da

⁷² Epopeia é um gênero literário com longos versos que narram histórias de uma comunidade ou uma nação, envolvendo aventuras, guerras etc. Geralmente, apresenta-se nela um tom de exaltação, ou seja, de valorização de seus heróis e feitos.

lembança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história uma representação do passado. (p.9).

A antítese entre história e memória, sinalizada pelos autores acima, justifica o conflito vivido por Biá, diante da elaboração do documento histórico sobre Javé a partir de memórias, calcadas em vivências e não em fatos. As agruras de Biá revelam o papel do historiador que interfere na História, reunindo relatos, selecionando-os e concatenando-os de forma racional em um documento escrito, enquanto a memória contada pelos narradores confronta a historiografia a partir da cultura imaterial, simbólica e oral.

A memória com a qual Biá lida e teima em transformar em história é a memória entendida como vivência ou experiência, também denominada como memória viva - e entendida neste trabalho, como um tipo de memória que se dá espontaneamente em meio às experiências, os diálogos e as relações, inclusive os que se produzem no cotidiano trivial das famílias, das igrejas, das escolas, das fábricas, dos bairros etc. Em *Narradores de Javé*, o público é surpreendido por uma memória polifônica, marcada pela ausência de consensos, divergente e em constante reelaboração; dada a multiplicidade de subjetividades existentes nela. Uma memória viva por excelência. Neste aspecto, sob o signo da relação, o “viver” é o responsável pelo elo existente entre experiência e memória.

Na visão bergsoniana de “memória espontânea” e “laboriosa”, a memória entendida como viva é a espontânea, aquela que toma à consciência sem esforço, enquanto a laboriosa, decorre de esforço intelectual (BERGSON, 1999), assim como vimos outrora na alusão de Rosnay (2006) sobre as abelhas e as formigas.

A memória viva pode ser caracterizada por estruturas comunicativas de caráter interativo e, conseqüentemente, comunicam e transmitem valores igualmente interativos entre o passado e o presente. Por este motivo, muito do passado se conserva no “ser-estar-fazer” dos indivíduos e dos grupos sociais no tempo presente.

Tais valores, significativos sob o ponto de vista da identificação do grupo e do indivíduo no grupo, são transmitidos por hábitos, costumes, narrativas, fábulas etc. Esta transmissão de valores pode ser observada desde o modo como se cuida dos

filhos até a forma como as reivindicações sociais de um bairro são conduzidas comumente.

Sem dúvidas, cada sujeito existe social e psicologicamente e comandará o “tom e o timbre” da transmissão de determinados valores a partir de sua subjetividade, como ocorreu na fictícia Vale de Javé.

Durante o transcorrer do longa-metragem, constata-se que a memória dos narradores era seletiva, portanto, orientava-se a partir da subjetividade de cada um. Tal consideração explica o porquê de tantas versões diferentes para a história da cidade, inclusive após o seu fim. Verificou-se, ao final de *Narradores de Javé*, que a memória entendida como vivência é atualizada constantemente ao sabor do tempo presente.

Le Goff (1990) já nos prevenira para o fato de que a memória viva é a tradição vivida, a atualização do eterno presente, o descarte da cronologia oficial, dos eventos e dos monumentos públicos e o apego às motivações, aos medos, às esperanças, aos ideais, aos mitos, às paixões, enfim, a tudo que, eventualmente, foi e é interrompido ou ignorado pela história oficial.

A memória entendida como vivência, existente nas relações comunicativas e interativas presentes no grupo, nos conduz, imediatamente, ao conceito de “memória coletiva”, visto no início deste capítulo. Novamente *Narradores de Javé* nos auxilia na compreensão de conceitos caros à presente tese.

Durante o filme, narradores evidenciam como as memórias são desencadeadas a partir de quadros sociais identificáveis, para citar alguns: o de gênero, o étnico e o familiar. Exemplificando: num trecho do filme, uma das narradoras elege Maria Dina, como heroína da epopeia de Javé e numa outra ocasião, um narrador negro, seleciona um morador também negro, Indalêo, como o grande desbravador da cidadela.

Notemos ainda, que ambos se baseiam em eventos contados por seus antepassados sobre a história da cidade, atestando a interferência dos quadros sociais familiares na constituição das memórias coletivas. Nesse sentido, é compreensível que a memória não se forme a partir de datas, nomes e fórmulas reconhecidas pela história, e sim com base em eventos memoráveis para um determinado grupo do qual o indivíduo faça parte. Portanto, o coletivo não se refere a totalidades coletivas, mas a multiplicidades singulares.

Toda a memória coletiva tem por suporte um grupo limitado no espaço e no tempo. Não se pode concentrar num único quadro a totalidade dos acontecimentos passados senão na condição de desligá-lo da memória dos grupos que deles guardavam a lembrança, romper as amarras pelas quais participavam da vida psicológica dos meios sociais onde aconteceram, de não manter deles senão o esquema cronológico e espacial. (HALBWACHS, 2004, p. 90).

Em síntese, “cada grupo definido localmente tem sua própria memória e uma representação do tempo que é somente dele”. (ibidem, p. 111). Assim, a memória coletiva de um grupo se distancia da história na medida em que se ancora em uma narrativa vaga, fragmentada, incompleta, múltipla e vulnerável ao presente, daí uma representação do tempo tão particular. Sobre a relevância da narrativa nos processos de construção da memória coletiva, Casalegno (2006, p. 32) se posiciona: “Por isso, a narrativa é fundadora: ela é suplente da experiência compartilhada e participa da fundação da memória coletiva”.

Adiante, o autor conclui que à cada membro da comunidade, se dá a incumbência de se conceber narrativas e mitos. Ele pontua que esta visão sobre o conceito “memória”, “permite a cada membro da comunidade se perceber como criador de mitos, de narrar e de nutrir a memória coletiva”. (CASALEGNO, 2006, p. 33).

Notoriamente, se esta forma de lidar com o tempo diverge da genealogia histórica, é possível colocar em xeque crenças inabaláveis até o momento de suas revisões, como no caso das construções discursivas sobre a origem de povos, como atestamos no caso de Javé. Nas palavras de Bhabha, a memória confronta a história oficial e sua “supremacia cultural”, revela o “momento equívoco” da historiografia e:

contesta genealogias de “origem” que levam a reivindicações de supremacia cultural e prioridade histórica. [...] não celebrarão a monumentalidade da memória historicista, a totalidade da sociedade ou a homogeneidade da experiência cultural. O discurso da minoria revela a ambivalência intransponível que estrutura o movimento equívoco do tempo histórico. (BHABHA, 2013, p. 254).

Para Bhabha - pesquisador marcado por uma história de deslocamentos e desterritorialização -, minorias geográficas, étnicas, de classe e de outra ordem, deslegitimadas pela narrativa homogênea e positivista da historiografia, recusam o “tempo histórico”, por meio de suas memórias, que podem, inclusive, contestar “a

vanglória da soberania, do moderno, do progresso e do capitalismo”, em suas palavras. O autor dispara: “a comunidade perturba a grande narrativa globalizadora do capital, desloca a ênfase dada à produção na coletividade “de classe” e rompe a homogeneidade da comunidade imaginada da nação”. (BHABHA, 2013, p. 363).

Aqui, retomamos a concepção de que a memória pode exprimir o conflito de classes sociais e produzir por meio de suas contranarrativas, oposição à comunidade imaginada de nação, fenômeno urbano e político que advoga uma prerrogativa identitária única, essencialista. De acordo com Bhabha (2013), uma identidade essencialista que procura estabelecer características inerentes, compartilhadas e fixas, contribui para uma tendência à homogeneidade e à formação de um estereótipo.

Abaixo, o autor reitera como as contranarrativas confrontam as “comunidades nação-imaginadas”, e conseqüentemente, suas identidades essencialistas:

As contranarrativas da nação que continuamente evocam e rasuram suas fronteiras totalizadoras – tanto reais quanto conceituais – perturbam aquelas manobras ideológicas através das quais “comunidades imaginadas” recebem identidades essencialistas. (ibidem, p. 242).

Toda a discussão empenhada até o momento, inclusive a que se tece sobre a contranarrativa à historiográfica é um dos motivos cabais para o crescente apreço pela memória, ou seja, pelo desejo de se escrever outra “história”.

Segundo Rossi (2010, p. 24):

Entre as razões que explicam as paixões atuais pelo tema da memória há, sem dúvida, uma grande “demanda de passado” e uma renovação do interesse pelos argumentos e temas que pareciam superados ou marginais, tanto para os teóricos da invasão geral da técnica no mundo moderno, quanto para os teóricos da superação do capitalismo e da revolução mundial: o localismo, o nacional, o regional, o urbano, o bairro, as minorias, os grupos, suas culturas etc. [...].

É possível, aqui, fazer uma alusão à alegoria em que Benjamin (1994b) revela a necessidade de se “escrever a história a contrapelo”. Ou seja, escrever a história no movimento contrário àquele consolidado pelos vencedores, revelando, dessa forma, ao ouriçar dos pelos, antes tão bem escovados, todo o embaraço das

atrocidades e idiossincrasias presentes na superfície escovada e omitida por tanto tempo no mesmo sentido.

Remetendo-nos a *Narradores de Javé* mais uma vez, notaremos que a todo instante salienta-se o confronto entre a história e os excluídos da história. Cada grupo marginalizado, seja o das mulheres ou o dos negros, no caso do supracitado filme, deseja contar a sua versão para a história, comumente narrada pelos vencedores.

E se a história é “barbárie”, a memória pode ser “redenção” na tese de Benjamin. Conhecer a “memória dos vencidos”, como este intitulou, é conhecer o que a história é incapaz de divulgar em seus quadros lineares e ascendentes. Tomar conhecimento desta memória pode abrir uma nova possibilidade para a sociedade.

Sobre este tema, Benjamin(b) afirma: “A tradição dos oprimidos nos ensina que o “estado de exceção” em que vivemos é na verdade a regra geral. Precisamos construir um conceito de história que corresponda a essa verdade”. (1994, p. 226).

Festa⁷³, responsável por importantes estudos de comunicação popular e alternativa brasileira e atuante no Cemi à época de seu auge nos anos de 1970 - conforme mencionado no capítulo anterior desta tese - utiliza-se da concepção de Benjamin para analisar o contexto brasileiro, marcado por disparidades sociais:

É verdade que a questão da memória é um assunto nacional, mas ocorre que os grupos populares estão a fim de criar sua memória, descobrir as várias dimensões da sua experiência. A memória dos pobres jamais será a memória dos grupos dominantes. (FESTA, 1986, p.144).

Porém, não cabe, aqui, reiterar a ingênua pretensão de que haja “verdades soberanas” neste tipo de memória, tampouco desconsiderar a troca de papéis freneticamente vivenciada entre vencedores e vencidos ao longo da história.

Rossi (2010), em seus ensaios sobre *O passado, a memória e o esquecimento*, alerta para os riscos desse aspecto. Afinal, “haveria algo mais libertário e poético do que resgatar a memória de coletividades negligenciadas pela historiografia?”, questiona o autor.

Este impasse exige abordagens amparadas em metodologias adequadas, pois, se a memória é uma construção aberta às interpretações do presente, ela receberá

⁷³ Regina Festa tem inúmeras publicações na área de comunicação popular e alternativa. Lecionou na Universidade de São Paulo e, durante a existência do CEMI e do jornal *Grita Povo*, foi importante ativista de tais projetos.

interpretações e reinterpretações *ad aeternum*. Nesse sentido, tensões de diversas ordens devem ser consideradas, pois viver o tempo da memória é abdicar da “estabilidade” e “segurança” presentes na história oficial, como conclui Ferrara.

O trabalho dessa memória coletiva é, portanto, naturalmente heterogêneo, intradutível e imprevisível como resultado e decorrências; isto concorre para a confirmação daquele presente espacial que está em constante processo de construção e indócil aos velhos tempos de previsão entre causas e consequências que marcaram a tradição da cultura ocidental. Viver o tempo dessa memória em presença exige assumir a instabilidade e abdicar do conhecimento seguro [...]. (FERRARA, 2008, p. 135).

Vale lembrar que a transitoriedade da memória pode assumir forte conotação política no jogo dualista entre o esquecimento e a lembrança, pois se está diante de uma memória negociada e renegociada no tempo presente.

Sob este ponto de vista, os movimentos da lembrança e do esquecimento não se referem apenas ao passado, mas à atualidade, como reflete Hyussen: “se o sentido do tempo vivido está sendo renegociado nas nossas culturas de memória contemporâneas, não devemos esquecer de que o tempo não é apenas o passado, sua preservação e transmissão.” (2000, p. 83).

Conforme os autores apresentados até aqui, entre outros representativos para esta discussão, é possível afirmar que a lembrança e o esquecimento são faces da mesma moeda, tal qual um jogo de invisibilidade e visibilidade presente em movimentos de constituição, preservação, evocação e armazenamento da memória.

Toda memória emana de um processo misto de invisibilidade e visibilidade do que se pretende, ora revelar, ora obscurecer, ora lembrar, ora esquecer, de acordo com as relações sociais mantidas no tempo presente.

Segundo Didi-Huberman (2013, 112), nesse entremeio, cabe ao historiador agir como um sismógrafo; um aparelho que detecta os movimentos do solo, incluindo os gerados pelas ondas sísmicas e:

[...] não um simples descritor dos movimentos visíveis que ocorrem aqui e ali; é, principalmente, aquele que inscreve e transmite os movimentos invisíveis que sobrevivem, que são urdidos sob o nosso solo, que se aprofundam [...].

Mais adiante, o autor continua suas considerações em torno do papel do historiador ante a memória. “Na cultura, assim como na psique, não há nem destruições completas nem restaurações completas: por isso o historiador deve estar atento aos sintomas, às repetições e às sobrevivências”. (DIDI-HUBERMAN, 2013, p. 285).

Geralmente, dada a supremacia da história oficial, como Bhabha e Didi-Huberman sinalizam, é comum que a memória viva fique, quase sempre, invisível e que a memória mediada por espaços e coisas, a dita sócio-histórica, à da lembrança, se torne mais visível.

A constatação se acentua, principalmente, quando notamos a predominância de um aspecto midiático de patrimônio cultural e arquitetônico, inclusive ancorado, em algumas ocasiões, numa visualidade espetacularizada.

Dizemos isso, pois o esforço de transmutação da memória para espaços físicos lida com a comunicação midiática, enquanto dispositivo noopolítico, como já enunciado, especialmente no sentido de induzir o que se deve lembrar e aquilo que se deve esquecer.

Não à toa, na década de 1970, em defesa da memória viva, fundou-se em alguns círculos acadêmicos e artísticos o movimento antimonumento, interessado em “desritualizar e desmaterializar a memória”. (MENESES, 1998, p. 15).

Consideramos a posição de tais círculos reducionistas e, pelo contrário, entendemos que o que se estabelece em processos de constituição, preservação, evocação e armazenamento da memória é um processo misto de invisibilidade e visibilidade, pois sempre há jogo, alternância e oposição entre os dois aspectos.

Muitas vezes, o regime de visibilidade ou visualidade da lembrança deixa aflorar facetas da memória entendida como vivência, experiência. Um objeto⁷⁴ presente em uma exposição museográfica pode revelar, por exemplo, traços da memória viva de um grupo social ou indivíduo, conforme os estudos do historiador Meneses (1998) a respeito da cultura material.

Prosseguindo em nossas discussões conceituais, procuraremos compreender como a memória se relaciona com a comunicação, especificamente, com os *mass media*.

⁷⁴ O autor classifica os objetos como históricos, pessoais, colecionáveis - na condição de autobiográficos - e artefatos. Não nos ateremos na explanação dos mesmos, por não fazer parte dos objetivos de nosso estudo.

2.1.1.3. Reflexões sobre mídia e memória

Neste item, elegemos compreender de perto a forma como a “Sociedade da Informação” ou como a “Indústria Cultural” lida com a memória. O termo “Sociedade da Informação”, também denominado “Sociedade Pós-Industrial” ou ainda “Sociedade Informacional”, como prefere Manuel Castells, está ligado à reestruturação enfrentada pelo capitalismo desde os anos de 1980 e envolve privatização, desregulamentação, dissolução de fronteiras comerciais, entre outras atitudes favoráveis à nova economia.

Notoriamente, os avanços tecnológicos em comunicação midiática, telecomunicação, telemática, eletrônica, tecnologia da informação são alguns dos principais pilares desta sociedade e incidem sobre as formas de narrar a memória. No caso específico das mídias, é possível dizer que estas agem como matriz produtora e organizadora de sentidos no campo da memória e, conseqüentemente, como agenciadoras de lembranças e esquecimentos.

A respeito, Sampedro e Baer (2003, p. 94) lançam o conceito de “memórias midiáticas”, que segundo eles “son fruto de una negociación coletiva, em los grupos o comunidades, desde las representaciones que los medios proponem al dar significado o al promover discursos de distintos agentes que se pronunciam sobre El pasado⁷⁵”. A negociação coletiva referida por Sampedro e Baer considera que os referentes midiáticos não são exclusivos no processo de configuração das memórias individuais ou coletivas, porém são significativos, pois constroem midiaticamente as possibilidades de veiculação e circulação da memória.

Em tal formulação observa-se o viés do conceito de “mídiação”. O tema é amplamente debatido por autores como Fausto (2008), Matta (1999) e Sodré (2002), mas dificilmente sugerem consenso, dada a sua complexidade. Para Fausto,

A mídiação resulta da evolução de processos midiáticos que se instauram nas sociedades industriais, tema eleito em reflexões analíticas de autores feitas nas últimas décadas e que chamam atenção para os modos de estruturação e funcionamento dos meios nas dinâmicas sociais e simbólicas. (FAUSTO, 2008, p.90).

⁷⁵ “[...] são fruto de uma negociação coletiva, nos grupos ou comunidades desde as representações que os meios propõem a dar significado ou ao promover discursos de distintos agentes que se pronunciam sobre o passado” (Tradução nossa).

Sendo assim, os meios de comunicação ultrapassam seu caráter de mediação em relação às dinâmicas sociais e simbólicas e tornam-se em si uma realidade paralela que organiza a vida em sociedade a partir de suas próprias formas de interação (FAUSTO, 2008). Trata-se da constituição da mídia como uma nova forma de vida, como bem definiu Sodré (2002), um *bios*⁷⁶ midiático. Tal compreensão sobre o termo “mídiação” ultrapassa a concepção de coadjuvante da mídia, tão presente na sociedade dos meios, e assume “uma referência engendradora no modo de ser da própria sociedade, e nos processos de interação entre as instituições e os atores sociais”. (FAUSTO, 2008, p. 93).

Na sociedade dos meios, poucos detinham os monopólios da comunicação de massa. Na sociedade midiaticizada, graças aos meios tecnológicos, frequentemente digitais, é substituída a noção de mídia “representacional-institucionalizada-organizacional” por uma noção de mídia diferenciada, presente em qualquer tipo de comunicação interpessoal, grupal, organizacional e massiva.

Em suas análises, Fausto (2008) confirma a relevância das reflexões desencadeadas por Matta (1999) e Sodré (2002) sobre o tema, mas acena para um entendimento distinto que reconhece novas dinâmicas de operações de sentido no âmbito das práticas sociais - inclusive, no campo da memória -, mas não necessariamente atrelado às tecnologias.

O posicionamento de Fausto se caracteriza como prudente e favorável à nossa tese, tendo em vista que memórias de modalidades diversas, correspondentes ao indivíduo e suas relações interativas estão em contínuo trânsito e devem ser compreendidas para além da interferência midiática. Seguindo esta linha de raciocínio, o apontamento do termo “memória midiaticizada” por Sampedro e Baer é precipitado e denota certo determinismo tecnológico e evolucionista. De fato, o emprego do termo “memória” exige prudência e não deve ocorrer de maneira indiscriminada.

Sendo assim, acreditamos não haver memória midiaticizada, nem tampouco a mídiação possui memória. O que se tem é um vasto banco, arquivo, acervo de imagens e dados, acionados pela mídia, segundo sua conveniência. A mídia operacionaliza e manuseia este arquivo, geralmente, para forjar uma linearidade

⁷⁶ O autor faz alusão aos *bios* aristotélicos, são eles: do conhecimento, do prazer e da política. Ver mais em SODRÉ, Muniz. Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede. Vozes, 2002.

estreita entre o passado e o presente e construir uma pseudomemória do público através dos meios.

Nosso posicionamento não desabona a representatividade de tais bancos de dados midiáticos no campo da memória, porém ao agirem como o par “imitação-crença”, conforme a conceituação de Tarde (2007), - vista em nosso trabalho, anteriormente - podem se confundir facilmente com “opinião e manipulação”.

A seguir, trazemos à tona um estudo científico que avalia o relevo dos “bancos de dados midiáticos” na construção de certa linearidade entre o passado e o presente, aspecto oportuno para a identificação do público com os produtos da Indústria Cultural, neste caso específico a seguir, a telenovela.

O trabalho corresponde a um estudo de recepção sobre a possível relação do papel das mídias e a construção da memória étnica italiana. A pesquisadora Bonim (2006) compreendeu, por meio de inúmeras histórias orais coletadas, a presença de marcas midiáticas em processos de rememoração, mas não aponta - de forma determinista – tratar-se de uma memória essencialmente midiaticizada.

A título de exemplificação, na sequência, Bonim discorre sobre a constância da telenovela *Terra Nostra* como referente midiático, ela diz:

Uma marca forte nessa memória relativa aos italianos é a telenovela *Terra Nostra*. Dessa novela, ficaram marcados o casal de protagonistas, a língua que funciona tanto como elemento de identificação como de distinção e, ainda, sua repercussão e negociação nos grupos de relações aqui e da Itália, onde a novela também foi veiculada. Nota-se que foi objeto de negociação e de significação nessas relações no período, o que também parece ser um elemento importante na constituição dessas marcas da memória. (2006, p. 99).

Manovich reconhece a interferência - entre outros elementos - dos referentes midiáticos na configuração das memórias individuais e coletivas e destaca como a interface e a linguagem do cinema, da imprensa e daquilo que ele intitula como “usuário-computador” impactam na maneira como se acessa uma informação, se vê o mundo, se estrutura o tempo, se narra uma história e se configura uma memória. Ele pontua:

El cine, la palabra impresa y la inter faz entre el hombre y el ordenador: cada una de estas três tradiciones ha desarrollado una manera singular de organizar la información, presentar la al usuario, relacionar el tiempo con el espacio y estructurar la experiencia

humana em el proceso de acceder a la información.⁷⁷. (MANOVICH, 2006, p. 122).

Por julgarmos pertinente a abordagem de Manovich a respeito da relação mantida entre mídia e memória, problematizaremos tal discussão. Conforme ordem elencada pelo autor em seus estudos, nossa primeira abordagem será sobre o cinema.

Para Manovich, a predominância do cinema em relação às demais interfaces e linguagens mencionadas é efetiva, graças à força de sua visualidade.

Manovich (2006, p. 123, grifo nosso) acredita que, “[...] el cine son tradiciones culturales, formas diferenciadas de registrar la memoria y la experiencia humanas, mecanismos para el intercambio cultural y social de información⁷⁸.”

O autor Marc Augé compartilha do posicionamento de Manovich, neste aspecto, e entende o cinema não apenas como importante mecanismo de registro ou representação do passado, mas como agente influenciador do próprio regime de ficção ou ficcionalização humana, entendidos aqui como narrativa irreal, criada a partir da imaginação do indivíduo; trata-se de uma “[...] forma transviada de imaginário.” (AUGÉ, 1998, 112).

De acordo com este autor: “a aceleração da evolução das tecnologias da imagem, desde os anos dourados do cinema, principalmente com o surgimento da TV, não deixou de influenciar grandemente nosso próprio regime de ficção”. (ibidem, p. 103).

O intercâmbio entre a realidade e a ficção pode incorrer em riscos crassos como, por exemplo, a alienação e a disseminação da supremacia cultural e da prioridade histórica - em relação ao mito da origem - e do progresso e do moderno, em referência ao mito do futuro. Nas palavras do autor, “[...] a “ficcionalização” do presente substitui hoje a mitificação da história (ou se acrescenta a ela), no primeiro encantamento (mitificação das origens) e no segundo (mitificação do futuro) [...]”. (AUGÉ, 1998, p.126).

⁷⁷ “O cinema, a palavra impressa e a interface entre o homem e o computador: cada uma dessas três tradições desenvolveu sua maneira única de organizar a informação, apresentá-la ao usuário, relacionar o tempo com o espaço e estruturar a experiência humana no processo de acesso à informação” (Tradução nossa).

⁷⁸ “[...] o cinema são tradições culturais, formas diferenciadas de registrar a memória e a experiência humanas, mecanismos para o intercâmbio cultural e social da informação” (Tradução nossa).

Edgar Morin (2006, p.140, grifo nosso) também reflete sobre o tema e não vê meios de dissociar as discussões sobre memória da problemática da ficção. O pensador conclui: “A memória humana nos conduz em direção ao problema da seleção, da transformação e quase da ficção”.

Outros autores, a exemplo de Chartier, não falam em substituição e sim em complementaridade e convívio entre ficção e realidade, como observamos na citação a seguir: “A ficção é um discurso que informa a partir do real, mas não pretende representá-lo nem abonar-se nele”. (CHARTIER, 2009, p. 24).

Nesse sentido, somos favoráveis a tal posicionamento conceitual, porque como veremos no capítulo a seguir, ao analisarmos os exemplares de nosso objeto de pesquisa (Cemi e Centro), a memória convive com um verdadeiro intercâmbio entre o que é ficcional e o que é vivido.

E se há um intercâmbio entre ficção e realidade, em alguns momentos, podemos admitir que a memória considera a ficcionalização em processos de rememoração também. Nesse sentido, a assertiva de Benjamim é razoável: “a memória é a mais épica de todas as faculdades”. (1994, p. 210).

A rememoração convive, de alguma forma, com a essência de narrativas épicas nas quais combates, peregrinações, heróis, vilões, entre outros elementos podem emergir. Portanto, lembrar não é reviver e sim criar. Bosi, ao entrevistar inúmeros idosos, em seu livro *A lembrança de velhos* (1994), atestou essa máxima. Concordamos com a autora quando afirma que:

[...] na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. Se assim é, deve-se duvidar da sobrevivência do passado, “tal como foi”, e que se daria no inconsciente de cada sujeito. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas ideias, nossos juízos de realidade e de valor. (BOSI, 1994, p. 55).

A partir da premissa colocada pela autora, é comum compreender porque, ao rememorarmos episódios emblemáticos de nossas vidas, tudo nos pareça mais

iluminado, substancial e belo do que a percepção que nos acomete. Um dia de chuva, na ocasião entendido como um impedimento para a realização de uma atividade ao ar livre, no ato da rememoração é respaldado por um aspecto melancólico e poético capaz de nos fazer suspirar de saudades. Quase sempre nossas recordações omitem ou alteram o significado de determinados aspectos ocorridos no ato da percepção.

Neste instante da tese, a fim de estabelecer demais relações entre o cinema e a memória, novamente nos valem do filme *Narradores de Javé* como exemplar de análise das considerações que se seguirão.

Ao assistir a “Narradores de Javé”, é possível afirmar que as versões apresentadas por distintos narradores sobre a origem da cidade estão impregnadas da linguagem cinematográfica. São tramas quase *hollywoodianas* repletas de elementos característicos, outrora apresentados por Morin (1984) como: a presença do revólver, ou seja, o espetáculo da violência e/ou da aventura marcado pelo perigo; a supremacia da felicidade e de demais valores afetivos, tão bem quistos à “Grande Tela”; a constância do “*happy-end*”, ou seja, o final feliz das histórias relatadas; a valorização da juventude como ponto alto do perfil dos heróis, entre outros.

Apesar de nos referirmos à um filme, costumeiramente, encontramos relatos memorialistas com traços da linguagem cinematográfica em nosso círculo de convivência.

Ainda quanto à saga de Biá, pode-se aferir, em diversas ocasiões, que o ex-carteiro atua como montador cinematográfico legítimo da história da cidade, administrando segundo os seus critérios de seleção o que será lembrado e/ou esquecido para as futuras gerações em possíveis evocações decorrentes de seus registros.

Ele edita as narrativas e a memória, concebendo histórias com linearidade tradicional (começo, meio e fim); idealiza cenários e fragmenta o tempo ao eliminar os tempos-mortos⁷⁹.

É necessário revelar que definir montagem em cinema não é tarefa das mais fáceis (MACHADO, 2011), ainda assim, na busca por uma definição simplista,

⁷⁹ Pode ser compreendido como um intervalo no qual aparentemente nada de relevante para o enredo do filme acontece. Ver mais em Machado, A. *Pré-cinemas & pós-cinemas*. São Paulo: Papyrus, 2011.

arriscamo-nos a dizer que montagem é transformar uma matéria-prima em algo dotado de sentido e poética, com capacidade de ser inteligível e interessante. Desta forma, cabe ao montador estabelecer uma ordem para cortar, colar, montar e editar planos numa sequência, a partir de critérios adequados a um roteiro preestabelecido ou às preferências de quem concebe a respectiva obra.

Numa possível analogia, podemos dizer que a neurociência crê que o cérebro atua como o personagem Biá e aposta na associação entre cinema e os mecanismos de percepção e evocação da memória. Para Damásio (2011, p. 167),

[...] se uma cena tiver algum valor, se o momento encerrar emoção suficiente, o cérebro fará registros multimídia de visões, sons, sensações táteis, odores e percepções afins e os representará no momento certo. Com o tempo e a imaginação de um fabulista, o material poderá ser enfeitado, cortado em pedaços e re combinado em um romance ou roteiro de cinema.

Em conformidade com o enunciado de Damásio (2011), é possível entender que a rememoração pode se dar em infinitos níveis de ficcionalização, ou seja, a memória pode ser “cortada” e “recombinada” inúmeras vezes, isso por que, entre outros motivos, em pouco tempo a percepção migra para o *status* de memória.

Em livro ainda sem tradução para a língua portuguesa até o término desta tese, Kahneman (2011) referenda a premissa de estudos que atestam que após três segundos, as percepções migram da consciência para o armazenamento da memória do cérebro e que são plenamente mutáveis.

Na tentativa de uma explicação neurológica, Kahneman (2011) diz que as memórias são armazenadas na forma de conexões semipermanentes entre neurônios.

No ato da rememoração, as conexões se tornam instáveis e quimicamente sujeitas a modificações e distorções. Nesse sentido, podemos afirmar que, graças à mutação da memória humana, a aprendizagem é possível. As memórias ficam instáveis quando as acessamos a fim de permitir que novas informações sejam agregadas e que o aprendizado se consolide. Sendo assim, podemos afirmar que, não somente a memória é vivência, mas que a vivência é em si a própria memória.

Voltando a saga de Javé, narrada por Zaqueu a um dos frequentadores de seu bar, podemos verificar a ocorrência da “ficção da ficção”. Tal afirmação é pertinente, pois, durante o fim efetivo do Vale de Javé, Zaqueu fazia compras para o seu

estabelecimento na “cidade grande”, tendo, por isso, apenas o relato memorialista de outrem sobre o encerramento de mais um ciclo de sua cidade. Portanto, além da ficção de Zaqueu produzida pela narrativa oral e ficcional de outra pessoa, o filme, em si, atua como denotador de uma terceira via de ficcionalização: a percepção do espectador.

Então, não somente o processo de rememoração é impactado pelo regime de ficção, mas também a percepção. Pesquisador interessado na passagem do século XIX para o XX, Crary (1999) se concentrou no tema. Para ele, o indivíduo enfrentou um intenso processo de modernização dos conceitos de percepção e memória, que foram impactados pela ficção presente no cinema em 1890.

Bergson, em estudos anteriores ao de Crary, já acreditava que desde a percepção, ou seja, no instante de consagração da experiência - do registro de algo memorável - um regime ficcional era imposto. “A rigor, se pensarmos o presente como o instante em que se instalaria a experiência, teremos de admiti-lo como pura ficção”. (1999, p.73).

Desta forma, a relação mantida entre memória e cinema se dá em diferentes facetas, entre eles, quando o cinema produz e administra vasto banco de dados e imagens sobre o passado - acionado ao sabor da conveniência midiática - e quando este age como influenciador do processo de ficcionalização dos processos de rememoração e percepção.

Prosseguindo com a enumeração dos elementos midiáticos mais emblemáticos na concessão de referentes capazes de influenciar a memória, indicados por Manovich, em meados deste item, trazemos a imprensa à presente discussão.

A dita “Sociedade da Informação” convive com uma notória ambiguidade, dada a instantaneidade e o imediatismo do processo massivo de produção e consumo da informação. Este cenário transmuta a recepção exacerbada de informações, a peculiaridade das linguagens midiáticas e de seus dispositivos em fatores determinantes para a fragmentação e, paradoxalmente, a disseminação intensa de representações e narrativas sobre o passado.

A narrativa, inclusive a que se tece sobre o passado, é foco de atenção da sociedade antes mesmo do advento da escrita ou da imprensa. Previamente ao surgimento da escrita (entre 3250 e 1950 a.C.) no sul da Mesopotâmia, as narrativas orais e míticas possuíam a proeza de explicar ao homem a origem dos sentimentos, dos fenômenos da natureza, entre outras questões importantes.

Podemos depreender que a memória humana - ancorada na tradição oral - era a única mídia para a transmissão de memórias e que a legitimação de tais discursos estava atrelada ao gabarito de seu emissor e contemplava critérios como a faixa etária, o *status* e o nível de conhecimento.

Hoje, a narrativa é legitimada a partir de acontecimentos testemunhados, documentados ou fundados pela mídia. Com o avanço do *mass media* no cotidiano ocidental, evidenciou-se a tomada de consciência dos acontecimentos não somente pela via da História, mas, principalmente, pelas tramas midiáticas que envolvem o indivíduo, como conclui Dosse.

Longe de ser uma relação de externalidade, as *mass media* participam plenamente da própria natureza dos acontecimentos que elas transmitem. Cada vez mais, é através delas que o acontecimento existe. Para ser, o acontecimento deve ser conhecido, e as mídias são de maneira crescente os vetores dessa tomada de consciência. (2013, p. 260).

Para Benjamin, essa nova forma de comunicação é a informação, estranha à narrativa e responsável por minar o interesse pela arte de narrar, segundo Benjamin. Anuncia o filósofo: “Se a arte de narrar é hoje rara, a difusão da informação é decisivamente responsável por esse declínio”. (BENJAMIN, 1994a, p. 203).

Seguindo este argumento e de acordo com Pena, estudioso das teorias do jornalismo, os acontecimentos contemporâneos chegam à nossa mente, predominantemente, por meio da informação: “[...] a mídia é a principal ligação entre os acontecimentos do mundo e as imagens desses acontecimentos em nossa mente”. (PENA, 2005, p. 142).

Em estudo de doutorado desenvolvido na PUC durante intercâmbio no Brasil, Reis (2009) identificou referentes midiáticos da imprensa na construção da memória coletiva espanhola e considera que:

La memoria colectiva depende, em gran medida, del periodismo para constituir se como proyecto público y como elemento de una racionalidade contemporánea centrada em los medios de consumo. Así, se crea una dependência hiperrealista donde todo lo que no es reflejado por los medios resulta desconocido o irrelevante o jamás ocurrió⁸⁰. (REIS, 2009, p. 189).

⁸⁰ A memória coletiva depende, em grande medida, do jornalismo para constituir-se como projeto público e como elemento de uma racionalidade contemporânea centrada nos meios de consumo.

A percepção de Reis (2009) nos leva a crer no potencial do jornalismo como agenciador de esquecimento e lembrança, invisibilidade e visibilidade, na medida em que torna determinados acontecimentos visíveis em detrimento de outros.

A singularidade, a improbabilidade e a não previsibilidade dos acontecimentos sempre foram predominantes entre os critérios de noticiabilidade empregados pela imprensa. A máxima “se um cachorro morde um homem não é notícia, mas se um homem morde um cachorro, aí sim é notícia”, é apropriada para esta discussão. Inegavelmente, uma série de acontecimentos não é midiaticizada e, por conseguinte, dificilmente chegará ao patamar de memorável.

Cabe dizer ainda que a seleção do que viria a ser notícia pode esbarrar em relações de interesse conflituosas, mantidas entre a imprensa e outros segmentos da sociedade, por exemplo, o Estado. Sendo assim, se nos valermos da definição de Pierre Nora, visto anteriormente, a imprensa se apresenta como lugar privilegiado para o agenciamento da memória, pois

[...] em consequência (sic) da ação dos jornais, da televisão e dos outros meios de informação, o público sabe ou ignora, presta atenção ou descarta, realça ou negligencia elementos específicos dos cenários públicos. As pessoas têm tendência para incluir ou excluir dos seus próprios conhecimentos aquilo que os *mass media* incluem ou excluem do seu próprio conteúdo. Além disso, o público tende àquilo que esse conteúdo inclui uma importância que reflete de perto a ênfase atribuída pelos *mass media* aos acontecimentos, aos problemas, às pessoas. (SHAW Apud WOLF, 1995, p. 130).

A partir desta perspectiva, nota-se o jogo da “invisibilidade-visibilidade”, mencionado no item anterior desta tese, adquirir relevo e se tornar equivalente ao praticado pelo *mass media* durante a opção pela veiculação de determinadas notícias e outras não, a partir de especificidades como a linha editorial do veículo e o favorecimento a determinadas relações políticas, por exemplo.

Sob o ângulo de tal discussão, pode-se compreender que os referentes midiáticos considerados no processo de construção da memória individual e coletiva reforçam determinados grupos sociais e discursos, como uma espécie de produtos da visibilidade midiática de determinados princípios, indivíduos e versões para um acontecimento.

Por fim, conforme enumeração proposta por Manovich no que tange aos elementos midiáticos mais expressivos durante a configuração das memórias individuais e coletivas, recuperamos a questão do “usuário-computador”, ou seja, a interface gráfica que se comunica com o indivíduo a partir da informática.

Ganhos expressivos trazidos pela consolidação da “Sociedade da Informação”, como a possibilidade de novas formas de sociabilidade por meio da Internet, endossaram expectativas como a de integração entre povos e o compartilhamento potencial do conhecimento humano. Sobre o assunto, Castells aponta que “Se alguma coisa pode ser dita, é que a Internet parece ter efeito positivo sobre a interação social, e tende a aumentar a exposição a outras fontes de informação”. (2003, p.102).

A sensação de segurança trazida pela capacidade do computador em armazenar e difundir dados também tem sido encarada como uma vantagem substancial para a difusão da cultura humana.

Entretanto, não podemos incorrer na via do enaltecimento das tecnologias como promotoras determinantes dos mecanismos de sociabilidade e difusão da cultura humana, uma vez que tais ganhos também abarcaram, mediante a espacialização do tempo - como vimos anteriormente em outros itens desta tese - uma sensação de fragmentação da experiência e de descontrole em relação ao tempo e à memória.

Em reflexão acerca desta eclosão da tecnologia digital a partir dos anos 2000, Manovich confronta as mídias derivadas de componentes da informática, com o cinema e a palavra impressa. Segundo o autor, a tela do navegador da internet substituiu outras telas como a do quadro, da televisão, da página do livro, do cinema etc e dissemina de forma muito particular a cultura humana passada e presente; tendo, neste aspecto, influência direta nos processos de construção da memória.

Isso porque a interface da informática atua como um código que não se limita a ser um mecanismo neutro de transporte. Tal código estabelece sua visão de mundo, seu sistema lógico, sua ideologia. Para Manovich, “Em resumen, ya no nos comunicamos com um ordenador sino com la cultura codificada en forma digital”⁸¹. (MANOVICH, 2006, p. 120). Nesse sentido, a interface da informática também pode

⁸¹ “Em resumen, já não nos comunicamos com um computador e sim com a cultura codificada em forma digital” (Tradução nossa).

agir como o par “imitação-crença”, parafraseando Tarde (2007), e caracterizar-se como “opinião e manipulação”, no que tange os meandros da memória.

Ainda numa visão crítica no que corresponde à memória, especialmente, à coletiva, entendemos não haver clareza sobre como as tecnologias da informação e da comunicação lidam e lidarão com as dinâmicas de registro e exteriorização da informação memorialista, para além da função de estocagem de dados históricos, nem tampouco como isso afeta e afetará a construção da memória individual e coletiva. Nossa única convicção é de que não há razão para superestimar os mecanismos de registro. Devemos sim, nos ater ao uso e à interação realizada junto a tais registros.

Levy (2006, p. 273) tem uma posição semelhante a nossa, ele comenta: “O registro não é um valor em si. O que vale é a inteligência coletiva se autonutrindo”. Fica claro, a partir da consideração de Levy (2006), que apenas o registro não garante louros expressivos à construção da memória. O ideal é estabelecer a inteligência coletiva, isto é, um tipo de inteligência compartilhada que surge de processos interativos capazes de envolver diferentes indivíduos e grupos sociais.

Fica evidente, aqui, que a relação entre comunicação e memória, não sendo uma questão meramente técnica, emerge como seara tensa e complexa. Por este motivo, estas temáticas têm sido constantemente levantadas por estudiosos em pesquisas acadêmico-científicas e não apresentam sinais de exaustão, algumas delas, inclusive, foram destacadas ou ainda serão neste trabalho, como exemplo temos as pesquisas de Harvey (2000), Hall (2001), Manovich (2006), Casalegno (2006), Levy (2006), Bhabha (2013), entre outros. De toda sorte, é taxativo dizer que tais reflexões sobre a influência da mídia no campo da memória exigem parcimônia e dedicação em estudos futuros.

2.2. As múltiplas faculdades da memória

Aclamado pelo público e pela crítica, o filme *hollywoodiano* “De volta para o futuro”⁸², tornou-se, em plena década de 1980, um marco para a ficção científica. A concepção de uma máquina capaz de viajar no tempo reverenciava o ápice da

⁸² *De volta para o futuro* é um filme norte-americano, datado de 1985 e dirigido por Robert Zemeckis. A distribuição foi realizada pela Universal Pictures.

humanidade e do domínio da técnica, assim como afugentava o temor pelo descontrole do tempo e pelo risco do esquecimento do indivíduo e de suas conquistas.

O empenho da ficção *De volta para o futuro* em retomar o otimismo prometido pela modernidade e corrompido por guerras mundiais, ameaças de aniquilação nuclear e destruições em massa, está explícito em seu título. Afinal, após viajar para o passado na intrigante máquina do tempo forjada em um notável *De Lorean* e vivenciar situações inusitadas e desafiadoras, coube aos personagens centrais retomarem o “tempo presente” como desfecho da trama. Porém não um “tempo presente” qualquer, e sim o “tempo-presente-futuro”. O título “De volta para o futuro” parece expressar a crença de que o século XX seria o auge da modernidade.

Entretanto, as ressacas pós-Iluminismo e pós-Modernismo colocaram em dúvida as aspirações do domínio da técnica em favor da emancipação humana e aproximaram, progressivamente, a sombra da opressão vivenciada nessa mesma época.

Despertou-se, então, o súbito interesse em trilhar o caminho inverso. Partir do dito “tempo-presente-futuro” para o “tempo passado” - para tudo o que se relaciona com - ou é em si - memória, sob o pretexto de salvaguardar identidades, lidar com o medo da morte e a ânsia pelo devir, assimilar a fragilidade das atuais fronteiras do tempo e do espaço e evitar o esquecimento dos rastros da humanidade pela terra, como bem alerta Rossi: “[...] esse interesse quase espasmódico pela memória e pelo olvido, está ligada ao terror que temos da amnésia [...]”. (2010, p. 30).

Sobre as possíveis relações entre os temas: memória e identidade, o autor revela que:

Os replicantes de *Blade Runner* (que é um bom filme de 1982) são seres humanos artificiais em tudo semelhante aos naturais e que foram fabricados de modo a viver apenas alguns anos. Sabem que logo vão morrer, mas não sabem quando. Diferenciam-se dos humanos só por uma afetividade menor (dificilmente mensurável) e pelo fato de serem privados de memória. Quando tentam subtrair-se de sua situação de escravidão, o primeiro problema que enfrentam é o de uma autobiografia, de um passado que seja possível recordar e documentar [...]. (ROSSI, 2010, p. 24).

A elaboração de Rossi lança olhos para um ponto crucial nas discussões sobre memória: aparentemente, sem ela não é possível identificar-se, diferenciar-se dos

demais humanos e animais. Para o autor, essa razão, pura e simplesmente, seria capaz de anular ou validar, por si só, todo e qualquer empenho humano depositado em guerras, paixões e expectativas para o futuro. Sob este ângulo, a memória concede ao ser humano uma existência e identidade superiores aos quesitos funcionais e pragmáticos.

De acordo com Le Goff, não é exagero reiterar que a memória não tem relação apenas com o passado, mas com a identidade: “A memória é um elemento essencial (...) da identidade individual ou coletiva, cuja busca é atividade fundamental dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia”. (1990, p. 75).

O termo “identidade” foi popularizado na década de 1950 como sentido individualizado ao *self* e, mais tarde, a referência também foi adotada por cientistas sociais para denominar aspectos capazes de associar ou identificar um determinado grupo de pessoas (GILLIS, 1994). Progressivamente, a memória também deixou de ser um elemento apenas subjetivo e passou a ser constituinte da identidade coletiva, como discutimos anteriormente sob a orientação de Halbwachs (2004). Sendo assim, a literatura correlata apontou em direção de uma identidade marcada pelo denso relacionamento de subjetividades e alteridades, rumo contrário ao signo da unicidade e do genuíno.

Para Hall e Giddens, o reconhecimento do “outro” na formação da identidade foi um dos mais expressivos sintomas da “Globalização” e confrontou, fortemente, o sentido tradicional de “identidade”.

A globalização implica um movimento de distanciamento da ideia sociológica clássica da “sociedade” como um sistema bem delimitado e sua substituição por uma perspectiva que se concentra na forma como a vida social está ordenada ao longo do tempo e do espaço. (GIDDENS apud HALL, 2001, p. 68).

Segundo Bhabha, a formulação de identidade sempre foi contestável, não pelo impacto gerado pela Globalização, mas ao longo de toda a História. Ele pondera:

O acesso à imagem da identidade só é possível na negação de qualquer ideia de originalidade ou plenitude; o processo de deslocamento e diferenciação (ausência/presença, representação/repetição) torna-a uma realidade liminar. (2013, p. 95).

Hall compartilha da mesma opinião e reconhece a presença da alteridade na formação da identidade desde os primórdios da humanidade.

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar ao menos temporariamente. (2001, p. 13).

Os estudos de Warburg em relação ao ritual da serpente praticado pelos índios Pueblo permitem refletir sobre identidade e alteridade.

Diante da iminente ameaça ao pensamento e prática mítico-simbólica dos Pueblo, a partir da sobreposição das imagens da Igreja Católica, Warburg lamenta e questiona:

Se essas impressões agora estão mais obscuras do que já estiveram, só lhe posso assegurar que, ao partilhar minhas memórias distantes, auxiliado pela imediatez das fotografias, o que tenho para dizer oferecerá impressão tanto de um mundo cuja cultura está se apagando quanto de um problema de importância decisiva nos escritos gerais da história cultural: de que maneira podemos distinguir traços característicos da humanidade pagã primitiva? (WARBURG, 2005, p. 9).

Sobre o temor de Warburg, diante da sobreposição das imagens pagãs primitivas pelo cristianismo, estudiosos como Grusinski (1995) despontam oportunamente. “L’ identité se définit donc tou jours à partir de relations et d’interactions multiples⁸³”. (GRUSINSKI, 1995, p. 48). Este mesmo autor lidou com pesquisas sobre a colonização do imaginário indígena mexicano pelo catolicismo, em especial, o jesuítico. Em suas constatações, prevalece a tese de que as identidades não se isolam e se atomizam, mas exponenciam-se e tornam-se outras em contato com a alteridade.

Sob esta perspectiva, Augé também nos auxilia a pensar sobre alteridade. De acordo com ele, a humanidade vivencia uma guerra muito específica, a “guerra dos sonhos”. A partir desta premissa, os sonhos são colonizados em favorecimento e afirmação de determinadas imagens cristãs, a exemplo da recusa do paganismo pela Igreja Católica no campo dos sonhos. “A Igreja foi levada a fazê-lo quando

⁸³ “A identidade é sempre definida a partir de relações e interações múltiplas” (Tradução nossa).

pretendeu extirpar o paganismo, por exemplo, distinguindo as duas “portas do sonho” - o sonho-ilusão e o sonho-premonição”. (AUGÉ, 1998, p. 45). Ainda assim, para o autor, coexistem outras formas de interpretação dos sonhos, independentes ou contaminadas em parte pelas investidas da Igreja Católica.

Tais avaliações - de Grusinski e Augé - apontaram, em suas considerações finais, a incorporação da alteridade como movimento natural da vivacidade cultural e da memória coletiva. Sendo assim, em nenhum momento, os autores pretenderam localizar ou defender a pureza de identidades e memórias únicas, assim como não esperavam que o projeto de colonização das imagens e dos sonhos fosse plenamente vitorioso.

Augé declara: “Não existe afirmação identitária sem redefinição das relações de alteridade, como não há cultura viva sem criação cultural. A própria referência ao passado é um ato de criação e, pode-se dizer, de mobilização”. (1998, p. 28).

Sendo assim, é indispensável repensar o discurso insistente de preservação da memória não como substancial à alteridade, mas como pretexto da afirmação da identidade, seja a dos vencidos ou a dos vencedores, parafraseando Benjamin.

É Jeudy quem acrescenta reflexões importantes em torno disto. “Por trás do aspecto idealizante da reapropriação das identidades culturais e da reabilitação das memórias coletivas, talvez esteja em jogo uma transformação social das relações com a memória e com a morte”. (JEUDY, 1990, p. 4).

De acordo com o autor, a aparente nobre intenção do resgate da memória pode travestir uma perigosa negociação entre autoafirmação póstuma e historicização/homogeneização da história do presente.

Sobre o assunto, Bhabha (2013, p. 31) também se posiciona:

Fanon reconhece a importância crucial, para os povos subordinados, de afirmar suas tradições culturais nativas e recuperar suas histórias reprimidas. Mas ele está consciente demais dos perigos da fixidez e do fetichismo de identidades no interior da calcificação de culturas coloniais para recomendar que se lancem “raízes” no romanceiro celebratório do passado ou na homogeneização da história do presente.

A “fixidez e a calcificação”, comentadas acima, podem trazer, disfarçadamente, intenções de novos enaltecimentos a determinadas culturas, comunidades ou nações em prejuízo de outras. Atente-se, ainda, na citação acima, para o fato de que

a história do presente à qual se refere Bhabha pode lançar raízes não somente em monumentos, mas também em “romanceiros celebratórios do passado”, como acrescenta o autor.

Nota-se que a procura da identidade pela via da memória dialoga intensamente com um ideal de futuro, no qual se traduz a intenção egoísta de subsistência após a possível destruição das obras do homem por si mesmo ou pela inesperada morte. Aqui, a memória se relaciona com a identidade, a alteridade e um terceiro elemento: o ideal de eternidade.

Ansioso por perpetuar sua existência para a posteridade, o devir - ou seja, o inesperado “vir a ser” - o indivíduo é envolvido pelo crescente movimento da cultura do museu, também denominado de musealização ou museografização, assim referidas por Harvey, Huyssen e Jeudy, respectivamente, como já discutimos nesta tese. Independentemente do valor estético e da excepcionalidade histórica, cada comunidade e temática parecem requerer seu *status* de memorável por meio da espacialização da memória.

O indivíduo acredita que tal movimento apazigua o caos aterrorizante trazido pelo descontrole do tempo-espço e pela ânsia de saber o que o devir fará com a memória do indivíduo em si; enfrentando assim - como medida paliativa, porém consoladora - o temor ao inevitável destino humano, independente do alto grau de sofisticação da *techné*: a morte.

Afinal, a morte parece inutilizar a eficiência de todo o arsenal de conhecimento e de técnica atribuído à humanidade, como afirma o historiador a seguir:

Existe uma coisa que me toca nesta ideia: a consideração de que não só os homens serão destruídos, mas que sua memória será tão completamente perdida que, na sucessiva duração dos tempos – admitindo que existam criaturas na Terra –, estas não saberão quase nada do que aconteceu conosco e menos ainda hão de saber do que sabemos ter acontecido antes do Dilúvio. Um pensamento como esse faz de fato sentir a inutilidade de nossos trabalhos e, principalmente, a inutilidade da glória que é buscada com tanto ardor e, com frequência, em detrimento dos dois únicos bens reais que nos é dado possuir sobre a Terra: a existência e o conhecimento, duas coisas às quais, em geral, damos menos atenção que a todas as outras. (BOULANVILLIERS, 1949, p.137).

A ideia nostálgica de legado, de conservação dos louros produzidos pela humanidade pode disfarçar, em algumas circunstâncias, o propósito vaidoso de

preservação da singularidade de apenas alguns indivíduos eleitos a gozarem do *hall* da posteridade.

O impulso de preservar o passado é parte do impulso de preservar o eu. Sem saber onde estivemos, é difícil saber para onde estamos indo. O passado é o fundamento da identidade individual e coletiva; objetos do passado são a fonte da significação como símbolos culturais. (HARVEY, 2000, p. 85).

Nesse caso, o risco de definições históricas serem priorizadas, de discursos hegemônicos serem impostos e de novos “vencedores” serem forjados, parafraseando Walter Benjamin, é em certo aspecto, uma possibilidade, como já debatemos em outros trechos da tese.

No próximo capítulo, munidos das discussões teóricas empenhadas neste trecho da tese, nos concentraremos na compreensão das estratégias metodológicas adotadas e nos exemplares do objeto de estudo eleito para a análise empírica proposta neste trabalho.

CAPÍTULO 3
(TRAJETÓRIAS E PERSPECTIVAS)

“Por toda a parte, sabe-se que o homem é um ser físico e biológico, individual e social, mas em nenhuma parte foi possível estabelecer uma ligação entre os pontos de vista físico, biológico, antropológico, psicológico, sociológico. Fala-se de interdisciplinaridade, mas por toda a parte o princípio da disjunção continua a separar às cegas.”

(Edgar Morin - 2002)

3. Trajetórias e perspectivas

O presente capítulo está subdividido em dois itens. No primeiro, *Estratégias metodológicas* procurou-se traçar o caminho percorrido durante a pesquisa, a fim de esclarecer e justificar determinadas escolhas, atitudes e resultados obtidos. Nele, traz-se o detalhamento sobre a inserção do trabalho no campo da Comunicação e os métodos e técnicas de pesquisa empregados.

No segundo item, *Exemplares do objeto de estudo*, nos debruçamos sobre dois exemplos que sustentarão a análise empírica: o Cemi e o Centro; já apresentados no primeiro capítulo da tese. Aqui, fez-se necessário mapear os caminhos pelos quais conduzimos a coleta e a análise de dados, amparadas primordialmente pelo Método Indiciário.

3.1. Estratégias metodológicas

Esse estudo se insere no campo da Comunicação a partir de um viés transdisciplinar, portanto, apto a reconhecer a relevância e hibridizações entre diferentes ciências, áreas e campos científicos. Na particularidade desta tese, isto se tornou relevante ao trazer à tona intersecções teóricas importantes entre a História, a Sociologia, a Filosofia e a Antropologia.

Uma abordagem transdisciplinar revela o modo como a Comunicação intervém em outros campos científicos e faz-se oportuna diante da complexidade das relações sociais, econômicas, culturais e comunicativas vivenciadas atualmente (LOPES, 2001). Contudo convém esclarecer que a transdisciplinaridade não absorve plenamente:

[...] a dissolução dos problemas-objeto do campo da comunicação e os de outras disciplinas sociais, mas as construções de articulações – intertextualidade – que fazem possível pensar os meios e as demais indústrias culturais como matrizes de desorganização e reorganização da experiência social e da nova trama de atores e estratégias de poder. (BARBERO *apud* LOPES, 2001, p. 115-116, grifo nosso).

Portanto, a transdisciplinaridade não encerra as inquietações de uma pesquisa no campo da Comunicação, mas ampliando-o, auxilia o enfrentamento da complexidade de estudos como o proposto nesta tese. A especificidade investigativa dos “problemas-objeto” do campo da comunicação, frisados por Barbero na citação acima, favorece a abertura para a transdisciplinaridade e suas múltiplas interpretações. Trata-se de uma abordagem que nos permite atuar por meio de uma prática dialética junto ao objeto de pesquisa, considerando as divergências e as similitudes dos diversos aportes do conhecimento envolvidos, assim como a dinâmica da sociedade e da produção científica.

Ainda sob o viés do paradigma da transdisciplinaridade, importa dizer que este estudo qualitativo foi amparado pelo método indiciário (GINZBURG, 1990). Tendo em vista, assim como Braga (2008, p. 75), acreditarmos que “o paradigma indiciário de Carlo Ginzburg parece compor um modelo epistemológico e metodológico bem ajustado”, para o campo da Comunicação.

A relevância do Método Indiciário para a observação de fenômenos empíricos no campo da Comunicação se justifica pela forma como o mesmo foi utilizado ao longo da história e pela sua capacidade de gerar novas descobertas na sociedade. Carlo Ginzburg introduziu o paradigma indiciário e a premissa da interdisciplinaridade em um momento de verdades incontestáveis e de ausência de interlocução entre diferentes disciplinas.

A partir do paradigma indiciário, Ginzburg incorporou uma nova maneira de produzir o conhecimento científico e também a História ao se ater ao que foi recriminado como marginal, irrelevante, invisível e dispensável.

Portanto, assim como o conceito de transdisciplinaridade, o método indiciário contribui em reflexões sobre a Comunicação por considerar a complexidade de seus “objetos-problema”, negar métodos de investigação prontos ou pré-determinados e contestar verdades absolutas empregadas como possíveis estratégias de poder.

Nestas circunstâncias, é importante descrever, brevemente, como o método surgiu e vem sendo utilizado. Desenvolvido pelo médico italiano Giovanni Morelli - que, com o pseudônimo de Ivan Lermolieff, redigiu no período entre 1874 e 1876, uma série de artigos sobre a pintura italiana - o método propunha a utilização de novas estratégias para a atribuição de autoria para célebres pinturas.

Carlo Ginzburg no texto *Sinais: Raízes de um paradigma indiciário*, conta que Morelli criou o novo método para distinguir obras artísticas falsas das originais presentes em célebres museus. Para Morelli, a forma mais adequada para se verificar a originalidade dos quadros se dava por meio da observação atenta dos detalhes, das minúcias, tal qual a investigação proposta por um detetive “que descobre o autor do crime (do quadro) baseado em indícios imperceptíveis para a maioria”. (GINZBURG, 1990, p.145).

Na literatura, o método indiciário é utilizado pelo detetive Sherlock Holmes, que foi criado pelo autor e médico britânico Arthur Conan Doyle. Assim como o médico, Holmes viveu em Londres entre 1881 e 1903, período próximo da publicação dos livros de Morelli. Muito provavelmente, Doyle foi inspirado por Morelli.

Procuramos articular as diretrizes do método indiciário a este trabalho, na condição de estratégia adequada para o tensionamento quadrangular entre o objeto empírico, o arcabouço teórico selecionado, a hipótese levantada e o problema de pesquisa. O método indiciário foi selecionado, entre outros motivos, por se opor a um paradigma meramente empiricista, dedutivo ou explicativo:

Apesar da proximidade com o concreto, o indiciário não corresponde a privilegiar exclusivamente o empírico. A base do paradigma não é colher e descrever indícios – mas selecionar e organizar para fazer inferências. Uma perspectiva empiricista ficaria apenas na acumulação de informações e dados a respeito do objeto singular. Diversamente, o paradigma indiciário implica fazer proposições de ordem geral a partir dos dados singulares obtidos. (BRAGA, 2008, p. 78).

O método indiciário corresponde, inicialmente, em levantar a estrutura e os movimentos do objeto a ser analisado. Tal proposta foi empregada por José Luiz Braga junto à pesquisa empírica de análise de cem artigos publicados e debatidos na Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (COMPÓS) e está registrada no artigo *Análise Performativa: cem casos de pesquisa empírica*. De acordo com Braga (2008), com base no levantamento dos elementos que compõem os textos analisados podemos chegar a uma descrição das estruturas que constituem o artigo. Desta forma, parte-se de um ponto, desenvolvem-se argumentos, analisam-se indícios, produzem-se inferências, apresentam-se deduções etc.

Os indícios são fundamentais, pois podem fazer a passagem dos dados materiais da realidade para os processos de inferências que levam ao teste de hipóteses e à indispensável generalização científica. Na prática, segundo experiência pessoal do pesquisador José Luiz Braga, esse processo é análogo ao de um jogo de xadrez.

Esta estrutura se constitui, em termos performativos, através de uma série de “movimentos”, como em um jogo de xadrez. Parte-se de um determinado ponto; constroem-se bases de sustentação; são tomadas decisões de encaminhamento; planeja-se o modo de observar; observa-se; são feitas referências complementares; tiram-se inferências, fazem-se deduções; elaboram-se reflexões para articular fragmentos; percebem-se relações entre “objetos” e entre conceitos; derivam-se consequências. (BRAGA, 2010, p. 425).

Para entender as “regras do jogo” do objeto desta pesquisa, foi pertinente centrar a atenção nos detalhes, nas obscuridades, nos resíduos tomados enquanto indícios, vestígios ou sinais. Sendo assim, documentos oficiais, decretos-leis, plantas arquitetônicas, matérias jornalísticas, testemunhos voluntários e involuntários foram aproveitados oportunamente e de forma sensível.

Convém dizer que o método indiciário se caracteriza por “ter como objeto casos, situações e documentos individuais; oferecer instrumento para desvendar mecanismos de ocultação ideológica e revelar fenômenos mais gerais através de indícios singulares”. (GINZBURG, 1990, p. 156-177).

É válido dizer que os indícios e outras seleções operadas são localizáveis a partir da ótica do problema de pesquisa, das hipóteses levantadas, dos objetivos almejados e das teorias pré-estabelecidas. (BRAGA, 2008).

A seguir, demais detalhes de cada uma das técnicas de pesquisa mencionadas anteriormente.

No que diz respeito ao estudo de caso, convém dizer que esta técnica consistiu na seleção de objetos restritos à pesquisa empírica com o objetivo de aprofundar-lhe os aspectos característicos.

Primeiramente, tomamos como objeto de estudo a região da Zona Leste do Município de São Paulo e sua necessidade de evocar e armazenar a memória em espaços físicos. Em seguida, este estudo se expandiu para considerar duas iniciativas que justificam a hipótese de que há necessidade de materialização da memória através da construção de uma espacialidade, a fim de que, edificadas, possam atuar como lugar de memória suficiente para substituir a própria memória.

As duas iniciativas foram selecionadas como casos exemplares suficientes para o estudo empírico da questão investigada por apresentarem dimensões e impactos de grandes proporções na região e em séculos diferentes, XX e XXI, por movimentarem alto número de indivíduos envolvidos e por compreenderem objetivos e especificidades semelhantes entre si. Notoriamente, outras iniciativas coexistem na região e algumas delas foram mencionadas no item *Outras iniciativas*.

Acreditamos que a análise proveniente dos exemplares propostos foi capaz de auxiliar no cumprimento dos objetivos desta tese, já enunciados na introdução do trabalho.

A pesquisa de campo foi iniciada com entrevistas semiestruturadas no que tange à fase exploratória⁸⁴. Segundo Trivinho (1987), essas entrevistas correspondem a perguntas genéricas, abertas e com possibilidade de serem modificadas, conforme as respostas do entrevistado, e ainda servem como guia para

⁸⁴ Uma vez obtido o acesso ao campo, pode-se iniciar o período exploratório, cujo principal objetivo é proporcionar, através da imersão do pesquisador no contexto, uma visão geral do problema considerado, contribuindo para a focalização das questões e a identificação de informantes e outras fontes de dados. (ALVES MAZZOTTI, GEWANDSZNAJDER, 1999, p. 161).

a entrevista com o objetivo de colher informações e opiniões a respeito de um determinado assunto.

O momento foi favorável para a aquisição de credibilidade e confiança junto aos indivíduos, integrantes do Grupo de Memória da Zona Leste, envolvidos em iniciativas de espacialização e materialização da memória da região. Além disso, a análise de todas as entrevistas permitiu a compreensão da proposta do projeto de pesquisa, a verificação das hipóteses estabelecidas e a relevância do objeto de pesquisa.

Os sujeitos eleitos como depoentes foram selecionados em função de sua representatividade junto às iniciativas estudadas. Eventualmente, depoimentos não voluntários foram considerados no estudo, a partir da observação criteriosa da pesquisadora.

Em seguida, a pesquisa de campo foi encaminhada com registros sistematizados, como por exemplo, os correspondentes às reuniões do grupo responsável pela concepção do Centro. No que tange ao registro destes encontros, convém esclarecer que os mesmos se deram desde o início de 2013, com o acompanhamento e a gravação sistematizados, em minigravador.

Tais reuniões presenciais (8 no total)⁸⁵ ocorreram no Salão Paroquial da Igreja São Francisco de Assis, em Ermelino Matarazzo, sem periodicidade regular e com convocatória realizada por e-mail. Todos os presentes nas reuniões foram alertados sobre as intenções desta pesquisadora e não houve objeção aparente em nenhuma circunstância.

Outros encontros coletivos registrados por esta pesquisa também devem ser mencionados como os que dizem respeito ao 1º e 2º *Seminário sobre Patrimônios Históricos da Zona Leste*, ocorridos em 22 de março e 09 de agosto de 2014, no Centro Cultural da Penha, Teatro Martins Penna.

A pesquisa documental também foi necessária a esse trabalho, especialmente no tocante aos dados primários coletados durante o mestrado que a presente pesquisadora realizou sobre o Cemi. Alguns desses dados - como, por exemplo, determinadas edições do jornal *Grita Povo*- foram divulgados no primeiro capítulo da tese, não como mero adereço ou redundância, mas como subsídios para aferições e considerações pertinentes ao estudo.

⁸⁵ Nos apêndices, apresentamos o áudio captado pela presente pesquisadora nestas reuniões.

Também consideramos, ao longo deste estudo, publicações jornalísticas, projetos arquitetônicos, legislações específicas e outros documentos de ordem primária ou secundária referentes ao Centro e a outras iniciativas, como por exemplo, a análise que se tece do projeto desenvolvido pelo arquiteto Ruy Ohtake no item a seguir.

Simultaneamente, foi desenvolvida ampla pesquisa bibliográfica ancorada na transdisciplinaridade.

3.2. Exemplos do objeto de estudo

A eleição dos dois supracitados exemplares de nosso objeto de estudo, Cemi e Centro, em meio a tantas iniciativas similares existentes na região em períodos distintos, obedeceu a alguns critérios que merecem esclarecimentos.

Inicialmente, salientamos que os dois exemplares apresentam determinada relação entre eles, como trataremos a seguir. Além disso, ambos têm como intenção representar a memória da comunidade da Zona Leste como um todo e geraram ou gerariam impactos de grandes proporções na região.

A multiplicidade e a complexidade dos perfis de envolvidos nos dois casos também nos intrigam, assim como seus plurais anseios e expectativas em relação à consolidação dos espaços de memória. Tal cenário se configurou como farto e estimulante exemplar de nosso objeto de estudo.

A possibilidade de demonstrar iniciativas com objetivos semelhantes em diferentes séculos, XX e XXI e na distinção dos seus contextos, também se mostrou oportuna à tese. Afinal, apesar de se situarem em períodos distintos, ambos os projetos consideram que a espacialização e/ou materialização da memória da região caracteriza-se como aspecto determinante para a construção e/ou administração da identidade do lugar e de seus moradores.

No caso dos dois períodos históricos nos quais se situam os exemplares analisados, situações de drásticas mudanças conjunturais e estruturais se apresentam. Em se tratando do Cemi, ressalta-se a existência de um Estado ditatorial e suas conseqüentes adversidades a um projeto popular que apresentava práticas e valores divergentes aos da ditadura. Já no Centro, uma sensação de “escalada rumo ao desenvolvimentismo” impacta sobremaneira o cotidiano do lugar.

Em ambos os exemplares, julgamos pertinente analisar determinados registros orais e documentais, entre outras estratégias metodológicas, a fim de verificar, posteriormente, a hipótese construída ainda no projeto de pesquisa deste estudo.

Como veremos, nos itens subsequentes, o confronto entre lembrança e a memória se sobressai constantemente, e por meio de um processo de “invisibilidade e visibilidade” de determinados acontecimentos – transversalmente impactados pela comunicação midiática e relações conflituosas de poder – a construção de uma comunidade imaginada se efetiva.

3.2.1. Cemi

A criação do Cemi teve motivações diversas que giraram em torno do contexto adverso propiciado pelo Estado ditatorial brasileiro, vivido entre as décadas de 1960 e 1980. Portanto, destacamos como aspectos relevantes, a união dos movimentos sociais e populares de então à ala progressista da Igreja Católica e a inserção de estudos científicos no interior das CEBs, dos movimentos e dos partidos políticos em situação de clandestinidade a partir dos anos de 1970.

Cabe lembrar que tais estudos serviram à tomada de decisões e à formulação de estratégias encaminhadas por tais grupos em busca da redemocratização do país, sendo a documentação uma destas estratégias proeminentes.

Sendo assim, por uma série de fatores já discutidos nesta tese, a ameaça propiciada pelo Estado ditatorial da época, aliada ao medo do anonimato à identificação com uma classe social considerada excluída e à consciência da necessidade de reconhecimento da participação coletiva, tendo em vista a gravidade da situação política, despertaram a intenção de materializar lembranças capazes de identificar os indivíduos e o lugar.

Tal premissa pode ser contemplada na publicação a seguir:

Quantas vezes ouvimos: “– não existe memória para aqueles a quem nada pertence. Tudo o que se trabalhou, criou, lutou, vão cair no anonimato ao fim de seu percurso errante”. Esta afirmação não deixa de ser verdadeira. É por isso que nós através do trabalho de Educação Popular queremos cada vez mais reconstruir a história do nosso povo, pois percebemos que ela está ligada à existência das classes pobres. (*GRITA POVO*, nº 71, mai. 1987. p.12).

Aqui, a tese de que a memória possui íntima relação com o seu meio social também se apresenta. Seguindo a premissa de Durkheim (1999) e, posteriormente, Halbwachs (2004), a memória coletiva se estabelece a partir de quadros sociais precisos tais como: os familiares, os religiosos e os de classe, literalmente expressos na citação anterior, principalmente, quando se declara que há a necessidade de se reconstruir a história a partir da ótica das “classes pobres”, conforme enunciado.

Nesse sentido, o Cemi, como espaço de salvaguarda de lembranças de uma determinada parcela da sociedade de então, criou diversas estratégias de documentação além do veículo jornalístico *Grita Povo*.

O Cemi armazenou - por exemplo - todas as edições jornalísticas impressas dos mais variados veículos de comunicação de massa, popular e alternativo de sua época e catalogou exemplares de comunicação audiovisual e radiofônica criados por seus responsáveis ou por outros indivíduos atuantes, sob o apoio da infraestrutura do centro.

Não havia a intenção de criar exposições ou algo similar, apenas o desejo de arquivar, reter, acumular “provas” capazes de testemunhar a favor dos grupos sociais e dos indivíduos em questão, caso um possível julgamento pela constituição da identidade da região fosse solicitado.

Assim sendo, podemos estabelecer relação direta com os estudos de Meneses (1985) e com a hipótese trabalhada nesta tese. Pois, se lida, nesse aspecto, com o predomínio de um entendimento de que a memória só se concretiza a partir de uma determinada materialidade. Quando, como alertara Nora (1997), a memória “ideal”, ou viva - como a intitulamos - é muito mais representativa.

Definitivamente, o incentivo à documentação - em nome da lembrança - por parte do Cemi se dava em frentes diversas.

Destaquemos, por exemplo, a fotografia, como sugerido no trecho a seguir, extraído do jornal *Grita Povo*:

Existe um grupo da Pajú nas COHABs em Guaianases que está fazendo uma experiência em documentar a História do bairro através da fotografia e eles estão até montando um áudio-visual (sic). Uma vez eu fui até o grupo para discutir um pouco a importância da fotografia e como fotografar. Em Ermelino Matarazzo também tem algumas pessoas trabalhando nesse sentido de documentação. Só o que falta na Região é um trabalho integrado dessas pessoas. (*GRITA POVO*, nº 56, ago. 1986. p.12).

O depoimento é do fotógrafo Douglas Mansur, na época, colaborador do Cemi. Em mais de 30 anos de carreira, ele realizou diversas exposições no Brasil e no exterior, nas quais retratou os movimentos sociais brasileiros por meio de uma vasta documentação iconográfica, em parte, gerada a partir da época de origem e existência do Cemi⁸⁶.

O depoimento desperta a atenção para as intenções de um dos representantes do Cemi na ocasião: a documentação da história dos bairros da região por meio dos registros fotográficos. Salienta-se pelo discurso em questão, a preocupação com a formação de novos fotógrafos documentais, inclusive.

Convém comentar que o surgimento do conceito de fotojornalismo e fotografia documental se dá em decorrência da Primeira Guerra Mundial (1939-1945) e da Segunda Guerra Mundial (1914-1918). Em tais períodos, a fotografia foi vista como suposto “recorte da realidade”, sendo muitas vezes tratada como prova irrefutável de um acontecimento.

O histórico do surgimento da categoria fotografia documental, de certa forma, nos faz pensar porque o Cemi lançou mão de tal conceito em pleno regime totalitário a fim de documentar a história sob o viés particular dos movimentos sociais e populares de então. Havia uma motivação do grupo em busca de registros que, em hipótese de evocação futura, representariam uma espécie de “outra verdade”.

Desta forma e em outros aspectos, nota-se que além da necessidade de se constituir uma identidade opositora ao regime militar posto na época, outras identidades emergiram, tais como a da Igreja progressista, do feminismo, de uma determinada corrente ideológica socialista, entre outras.

Definitivamente, as ações e os projetos do Cemi, como um todo, revelam a preocupação da comunidade em vincular o conceito de memória à identidade. Aliás, a matéria que noticia a inauguração do Centro no jornal *Grita Povo* anuncia os projetos a serem desenvolvidos pelo órgão, entre eles o “Projeto Memória”, que consistia na construção e/ou revisão da história do lugar e de seus moradores e, conseqüentemente, de suas respectivas identidades.

⁸⁶ Douglas Amparo Mansur é professor mestre de fotojornalismo na Escola de Comunicação da Universidade de São Paulo (ECA-USP/SP) e da oficina de Projeto da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), entre outras atividades. Há cerca de uma década atua no jornal O Estado S. Paulo. Já foi homenageado, em 2008, pela Câmara Municipal de São Paulo com o título de *Cidadão Paulistano*. Também recebeu prêmios como duas *Menções Honrosas* do MST, em 1989 e 2005, o *UCBC de Fotojornalismo 1993*, pelas reportagens sobre direitos humanos publicadas na imprensa brasileira, e foi finalista do *Prêmio Comunique-se 2007*.

A criação de um movimento interessado na história da região por parte do Cemi, o Movimento de História, e a promoção de debates que pudessem colaborar para a reflexão sobre a origem do lugar produziam contranarrativas à imaginação de uma nação e identidade essencialistas⁸⁷. Aqui se estabelece relação direta com a obra de Bhabha (2013), visto no capítulo anterior, quando este revela que as contranarrativas são capazes de perturbar a homogeneidade da comunidade nacional imaginada. Para o autor, trata-se de um ato político que exprime, inclusive, o conflito de classes.

Um exemplo deste aspecto pode ser constatado na edição n.º 13 do jornal *Grita Povo*, especificamente, na seção destinada à agenda do grupo.

Segundo esta edição, o evento intitulado “Independência no Brasil” seria um dos temas abordados pelo Projeto Memória em um encontro a ser realizado nas dependências do Cemi. (*GRITA POVO*, n.º 13, set. 1983. p.2).

O mote principal do evento era rever as bases historiográficas centradas na independência do Brasil sob um olhar crítico e contestador, favorecendo assim, a discussão sobre a posição de determinados grupos considerados excluídos, tais como: os índios e os escravos.

Logo abaixo, observamos demais edições do jornal *Grita Povo* que mencionam, ou são em si, fruto de determinadas ações do Movimento de História:

- 11ª Edição - “História da Zona Leste I”. Segundo a matéria, após encontros realizados no Cemi, identificou-se que os moradores desconheciam a história de sua região. Depois desta constatação, o Movimento de História concebeu a “verdadeira história da Zona Leste”, segundo o jornal, para devida veiculação no *Grita Povo*. São várias edições com narrativas em HQ’s, situadas na dobra inferior do jornal. A proposta chama atenção pelas ilustrações de índios caricatos e de diálogos que condenam a catequização dos índios por parte da Igreja Católica e a postura dos colonizadores. (Vide Anexo 3).

Na primeira sequência da referida história, contempla-se a catequese dos índios naquela época:

Os portugueses trouxeram índios e brancos de outros lugares para a exploração do trabalho. Os jesuítas para domesticar os “rebeldes”

⁸⁷ De acordo com Bhabha (2013), uma identidade essencialista procura estabelecer características inerentes, compartilhadas e fixas, contribuindo para uma tendência à homogeneidade e à formação de um estereótipo.

usaram a catequese, os que não aceitaram, organizaram-se formando duas aldeias: a de Nossa Senhora dos Pinheiros e a de São Miguel [...]. (*GRITA POVO*, nº 11, jun. 1983. p.4).

Na terceira sequência da história, observa-se a crítica aos colonizadores: “O valente guerreiro e seus irmãos compreenderam a malícia dos brancos colonizadores. Ao índio obediente à vontade do português, adulação, catequese e um pouco de comida. Ao índio consciente de que era explorado, restava bala”. (*GRITA POVO*, nº 11, dez. 1982. p.2).

- 22ª Edição - “O povo foi o juiz: Sobre a semana de história em São Miguel”. Aqui se revela a discussão levantada pela Semana de História em São Miguel, evento promovido pelo Cemi. Em um dos trechos da matéria discorre-se sobre a importância de se conhecer a história: “História se faz. História se conta. Memória perdida é vida que se perdeu. Numa só semana juntamos pedaços de história que são pedaços de cada um de nós. Com os pedaços fizemos um farol alto e robusto para iluminar nosso caminho de futuro. Entre os claros e escuros, avanços e recuos dos últimos 20 anos, aprendemos a renascer confiantes.” (*GRITA POVO*, nº 22, jul. 1984. p. 8). (Vide Anexo 4).

A publicação rememora o golpe militar no Brasil e a história de resistência ao regime político por parte de determinados movimentos, assim como da ala progressista da Igreja. Notoriamente, por meio da análise do texto, revela-se a pretensão de futuramente servir como referência de identificação histórica aos moradores da Zona Leste.

Assim, tendo em vista esta e outras peculiaridades do Cemi e do jornal *Grita Povo*, podemos concluir que ambos agiram como lugares de agenciamento da memória, legítimos “lugares de memória”, parafraseando Nora (1997). Pois, diferente de alguns objetos e até de outros jornais antigos encarados como representações do passado, o *Grita Povo* já foi concebido e planejado como “lugar de memória” (NORA, 1997). Portanto, nascido com a finalidade de agenciar a memória para as gerações advindas; uma possível lembrança a ser evocada futuramente.

Controversamente, apesar de muitas ações do Cemi e edições do *Grita Povo* serem concebidas por seus responsáveis e atuarem, inclusive nesta tese, como lembranças de um tempo passado, a memória como experiência também é insinuada a todo instante.

Nota-se isso quando os moradores tomam experiências propiciadas pelo Cemi e pelo jornal como hábitos, costumes, narrativas, discursos e práticas espontâneas nos dias atuais. A memória viva exige a interação entre indivíduos capazes de transmitir valores, discursos, hábitos, narrativas... E esta envolve direta e indiretamente as lembranças também.

Podemos crer que apesar das documentações do acervo deixado pelo Cemi, entre elas o jornal *Grita Povo*, se apresentarem como lembranças de um determinado tempo e espaço, foi justamente a contemplação de subjetividades múltiplas presentes em participações colaborativas, biografias, testemunhos etc o fator determinante para elevar as experiências interativas do Cemi e do *Grita Povo* para além da condição de lembrança.

Dizemos isso, pois no jornal notamos colunas específicas para alocar memórias de pessoas, bairros e movimentos sociais e populares; observamos matérias informativas preocupadas com a contextualização histórica dos movimentos e líderes mencionados e conferimos edições especiais e produções gráficas diferenciadas, como a narrativa em História em Quadrinhos (HQ's) a respeito da origem da Zona Leste.

Inicialmente, citemos as colunas biográficas, ou seja, pequenos relatos memorialistas que surgiam nas edições sem uma editoria específica, como na 5ª edição "Sou Ritinha, tenho 12 anos". (Ver anexo 7). A edição de nº 19 (Vide Anexo 5) que traz o depoimento de uma mulher recém-alfabetizada, sob o título "Agora eu vejo o mundo com clareza" ou na edição de nº 17 (Vide Anexo 6), na qual a senhora Maria Cosmira dos Santos, antiga líder popular do extinto Clube de Mães de Monte Santo, localizado à época na Zona Leste, é a autora do depoimento "Mulher fora das quatro paredes". Nos três casos levantados, verifica-se a presença de textos biográficos, escritos em primeira pessoa e focados em revelar lembranças, experiências e expectativas sobre o futuro.

Como já anunciamos, identidades múltiplas emergiram naquele período, entre elas, a do feminismo, o que é perceptível na medida em que se articulavam espaços com frequência crescente para pessoas do gênero feminino no veículo. Além disso, cabe comentar que o Cemi propiciava muitos encontros destinados à reflexão da condição da mulher naquele período e chegou a mediar encontros entre a Rede Mulher de Educação, a Anzol - órgãos mencionados no primeiro capítulo da tese - e as moradoras da comunidade.

A respeito da última matéria mencionada, mesmo após a extinção do Clube de Mães em questão e da ausência de Maria Cosmira nos atuais círculos religiosos que propiciaram o surgimento do Cemi e do *Grita Povo*, ela conserva lembranças daquela época em sua residência, tais como: fotografias, cartilhas, poesias, recortes do *Grita Povo*, entre outros.

Em conversa com esta pesquisadora no ano de 2014, revelou que, como moradora da região, aprecia relembrar as antigas paisagens de seu bairro por meio da observação do lugar ou do resgate dos objetos daquele tempo. Segundo ela, é de suma importância contar e recontar estas histórias aos seus familiares.

As lembranças de Maria Cosmira revelam que, apesar da extinção do seu grupo e de sua ausência nos círculos religiosos atuais, os objetos que a rondam e os espaços em que transita ainda provam a vivacidade da memória. Didi-Huberman (2013, p.139) elucida o caso de Maria Cosmira. Ele diz, “[...] os próprios documentos amarelados são uma carne da memória, e a tinta que os cobre é um sangue coagulado da história”.

Diferentemente do que Halbwachs (2004) pensava, a materialidade das lembranças também se relaciona intrinsecamente com a memória. Novamente, somos assertivos em considerar que o uso feito do registro parece ser bem mais relevante para a memória viva, do que o registro em si.

Os sinais do tempo deixados pelo manuseio do jornal, a marca de papel dobrado, a forma delicada e atenciosa como Maria Cosmira preservou as fotografias ao longo destes anos denotam a interação mantida entre indivíduo e objeto; uma interação que se deu de forma concreta e marcante por meio da experiência tátil e sensitiva junto à lembrança.

O caso de Maria Cosmira nos leva a considerar que a memória viva conserva-se e pode ser suscitada por meio da memória material (objetos e lugares simbólicos) que não necessariamente possui o título oficial de patrimônio cultural.

Além disso, podemos reiterar que a transmissão interativa de valores entre o passado e o presente e da imaginação da “ZêÉle” como comunidade abstrata é, possivelmente, mediada já no interior da família de quem ali habita. Em conversa com esta pesquisadora, Maria Cosmira frisou a relevância da transmissão de tais narrativas e imagens aos seus filhos e netos, ainda residentes na região.

Voltando à análise do jornal, podemos dizer que apesar da costumeira abertura dada pelo *Grita Povo* à participação ativa da comunidade, verificam-se textos em

que a veracidade de alguns depoimentos é colocada em xeque, como no caso da 5ª edição “Sou Ritinha, tenho 12 anos”. (Ver anexo 7). Neste texto, a referida garota reflete sobre questões complexas como política, família e economia. A menina chamada Rita Helena diz: “Bem, no Brasil muita gente não enxerga que o PDS que está no poder é o culpado da miséria que o povo sofre. A gente deveria votar nos candidatos do povo”. (*GRITA POVO*, nº 5, set. 1982. p.8).

A declaração traz desconfiança quanto a sua autoria. Afinal, é incomum ouvir opiniões concretas sobre partidos políticos advindas de crianças. E mesmo que o depoimento tenha sido espontâneo, a criança pode ter recebido influência direta do discurso dos pais, por exemplo. Desse modo, o depoimento pode ser apenas uma reprodução, sem senso crítico algum.

Além do teor crítico do texto, a desenvoltura da menina para debater assuntos impróprios para crianças de 12 anos também gera desconfiança. Independentemente do veículo de comunicação, a manipulação por meio da edição do texto e a seleção de determinadas matérias para publicação, em detrimento de outras, revelam as tendências ideológicas do jornal e de seus produtores.

Assim como a imprensa da dita “Grande Mídia” se impõe a partir do jogo de invisibilidade e visibilidade de determinados acontecimentos – como vimos em discussões anteriores – a imprensa popular e alternativa também “aprende” e incorpora tal dinâmica aos seus produtos comunicacionais, o que, conseqüentemente, produz questionáveis referentes detentores de sentido para a memória a ser evocada pelas gerações futuras.

Além dos relatos biográficos, constatamos a primeira coluna fixa no jornal *Grita Povo* criada para “registrar/preservar/rememorar”, segundo o veículo, os feitos dos movimentos sociais e populares, intitulada “Experiências de lutas populares”, conforme se verifica na 11ª edição (Vide Anexo 3), em que se revela a experiência da cooperativa de costura das mulheres do Itaim.

A proposta de “registrar/preservar/rememorar” também dialoga com a discussão que já tecemos a respeito da necessidade de se construir uma memória prodigiosa e épica para a Zona Leste e que ressalte categoricamente as glórias e os feitos do passado, tendo em vista que nesta coluna se tecem recordações saudosas e elogiosas sobre as conquistas dos movimentos de então e justificam a existência de determinados equipamentos públicos atualmente situados na região, por exemplo, a instalação de determinadas creches, ou ainda, de práticas adotadas para

o melhor convívio da comunidade, como exemplo, a abolição da taxa da Associação de Pais e Mestres (APM) como forma de ingresso na rede pública de ensino.

Vale dizer que algumas palavras sempre figuram nos textos que fazem menção ao histórico dos movimentos sociais e populares e aos seus líderes no jornal, são elas: conquista, luta, batalha, guerreiro(a), mártir, herói(na), vitória etc. Todas nos remetem ao repertório identitário dos movimentos, da ala progressista da Igreja e de uma espécie de “romance celebratório” - parafraseando Bhabha (2013) - das glórias vividas, à época, em um passado ainda recente para a ocasião de publicação do jornal.

Dada a sua recorrência e representatividade no discurso textual do *Grita Povo*, notamos ainda que tais expressões de efeito também são empregadas e interpretadas como imagens. Foi justamente esta uma das conclusões obtidas por Didi-Huberman ao se debruçar no legado de Aby Warburg, “As sobrevivências advêm como imagem”. (2013, p.152). E estas estariam sujeitas ao tempo, pensado por Warburg, como o vetor flexível da sobrevivência e da metamorfose das imagens. Sendo assim, a imagem sobrevivente pode fazer lembrar o significante, mas nem sempre o significado. Daí a função simbólica destas imagens serem flexíveis ao sabor e dissabor do tempo.

Nesse caso, possivelmente, quando vemos a convocação das imagens do herói, do guerreiro, da luta, da glória, rememoramos - ainda que sem saber - os significantes e os significados daquilo que Nietzsche denominou como “dor originária da humanidade”.

De acordo com a tese de Didi-Huberman (2013), já enunciada em capítulos anteriores, imagens sobreviventes como estas sobressaem em períodos específicos como, por exemplo, o conflito, a ameaça, a morte etc. A convocação de tais imagens pelo Cemi e o *Grita Povo*, naquelas circunstâncias, fazem-se compreensíveis, tendo em vista a ameaça trazida pelo regime militar.

A respeito, atentemos para a menção das palavras “luta e glória” na matéria publicada na edição de nº 13 do jornal *Grita Povo*,

Há vinte dias, nós entregamos uma pauta com todas as nossas reivindicações. Hoje nós viemos aqui para buscar uma resposta definitiva. Não queremos enrolação. Com este espírito, o Movimento de Saúde da Zona Leste, reunindo moradores de mais de 70 bairros, transformou o dia 25 de agosto num dia de luta e de glória. (*GRITA POVO*, nº 13, set. 1983. p.3, grifo nosso).

A construção dos textos como narrativas - caracterizadas por enredo, personagens, clímax, desfecho, narradores etc - também nos remete ao universo literário dos romances ficcionais. Em tais textos, é uma constante o reducionismo de abordagens que reforçam dualidades entre o bem e o mal, o oprimido e o opressor, o pobre e o rico, entre outros. No texto sem autoria apontada e denominado *A besta Fera* é possível verificar a presença do texto narrativo:

Aconteceu que um certo povo sofrido resolveu dizer: “Chega!”. Não se deixou levar pelo desânimo, superou dificuldades das mais variadas, desde a negação de seus direitos em poder trabalhar, para assim ter recursos de sobreviver até o cúmulo de ver seus governantes entregando sua pátria com o solo fecundo, indústrias arrojadas e povo trabalhador, tudo, de mão beijada aos banqueiros internacionais [...]. (*GRITA POVO*, nº 17, fev. 1984. p.5).

Ao que tudo indica, os textos destinados à memória são atravessados por um regime de ficção que procura criar um constructo histórico épico capaz de dignificar os moradores e, conseqüentemente, o lugar, distinguindo-os, inclusive, das demais regiões da cidade de São Paulo.

Cabe salientar que, conforme visto no segundo capítulo da tese, a ficcionalização promove o intercâmbio entre o real e o ficcional, especialmente, na produção de referentes de memória sobre a origem e o devir dos indivíduos e de suas comunidades.

O levantamento dos jornais mostra, posteriormente, o surgimento da coluna “A luta não pára (sic) com uma conquista”. Nesta coluna, por meio de um testemunho qualquer, se falava sobre “conquistas alcançadas” no campo da moradia, da saúde, da educação etc, estimulando, assim e novamente, a difusão de relatos biográficos e o registro das lembranças dos movimentos sociais e populares daquele período.

Com o passar do tempo, foi instituída a coluna “Comunidade e sua história”. Segundo a publicação: “Esta coluna se destina à história da comunidade. Pedimos a todas as comunidades que colaborem, mandando-nos a sua história”, anuncia a publicação. (*GRITA POVO*, nº 125, mar. 1990. p. 4).

Aqui, reitera-se a intenção de construir argumentos elaborados sobre o histórico de determinados bairros, dos movimentos sociais e populares, assim como esclarecer como os mesmos impactaram o progresso urbano da Zona Leste, especificamente, os subdistritos contemplados como bairros cuja alçada pertencia à

Diocese Católica de São Miguel Paulista, tais como: Artur Alvim, Ermelino Matarazzo, Penha, Itaim Paulista, Itaquera, entre outros.

A partir da análise que fizemos do jornal, notamos que esta preocupação com a história dos movimentos extrapolava as colunas destinadas aos “textos-lembrança” e, muitas vezes, adentrava as matérias informativas do jornal por meio de *boxes* explicativos e contextualizadores. Alguns exemplos:

- 22ª Edição - “O movimento de creche do Itaim Paulista continua firme na luta. Os passos da nossa caminhada”: Neste caso, temos uma historiografia ilustrada com as ações tomadas pelo movimento de creches ao longo dos anos (1979-1984). (Vide Anexo 4);

- Nº 103 - “Jardim São Carlos: uma ocupação que deu certo”. Nas duas páginas centrais do jornal, situa-se uma extensa matéria a respeito da respectiva ocupação. Para a constituição da matéria foram utilizados depoimentos dos moradores participantes da ocupação. “Aqui estão os ingredientes que fizeram da ocupação do Jardim São Carlos uma das mais bonitas conquistas da luta da terra na Zona Leste”. (*GRITA POVO*, nº 103, set. 1988. p. 6-7). (Vide Anexo 8).

Líderes de movimentos populares também eram constantemente lembrados pelo jornal como mártires daquele momento político. Tratam-se de referências exaltadas em edições diversas. Neste sentido, citemos como exemplos Santo Dias, já apresentado ao longo da tese e a Presidente do Sindicato dos Trabalhadores da Paraíba, Margarida Alves, assassinada à queima-roupa por policiais.

Ainda hoje, trabalhadores rurais em todo o país a consideram um símbolo de coragem e resistência política. Aqui, lançamos mão da edição de nº 13 (Vide Anexo 9).

Sobre Margarida Alves, especificamente, lemos na edição citada: “Margarida, como todos os nossos mártires, continua viva”. (*GRITA POVO*, nº 13, set. 1983. p.6).

Novamente, observamos a proposta de construção de uma contranarrativa à história oficial, com datas, nomes, narrativas e personagens memoráveis para o grupo da época, porém de pouco ou nenhum sentido historiográfico para a nação.

Constatamos ainda que a Zona Leste sempre é referenciada pelo jornal como um lugar que, em sua totalidade, condena a ditadura militar e sofre com a miséria e a falta de equipamentos públicos. Também é delineada nas publicações, a ideia de que a Zona Leste, como um todo, atua de forma integrada aos movimentos pela

obtenção de novas condições de bem-estar social. Tal premissa pode ser notada no texto publicado na 17ª edição do jornal *Grita Povo*:

O homem é da terra. É gente quando tem chão. O direito ao lote e à casa construída com suor e sangue é sagrado. Não arreda pé. Luta teimosamente. Negro é bonito. Trabalhador. Inteligente. É gente. Cor não é atestado de dignidade. É beleza criativa de Deus. Negro é irmão. A enchente é sempre criminosa. Mata e destrói. Só não mata quem devia morrer. Os que permitem que isso aconteça. O 'trombadinha' precisa trombar um dia com escola, carinho, família, comida, direito de crescer. Por isso nossa Região se compromete a ser voz, gana e raça na luta contra a exploração do nosso povo. (*GRITA POVO*, nº 17, fev. 1984. p.6, grifos nossos).

Acima, observa-se o tratamento da Zona Leste como uma "Região" conforme grafia presente no texto, coesa e unificada, e que se identifica na íntegra com a resistência a possíveis contextos políticos, econômicos e sociais. Depreende-se ainda, a referência ao título de "nosso povo" como marca de distinção em relação aos demais habitantes da cidade de São Paulo.

Seguindo esta linha de raciocínio, percebe-se um apelo constante para a identificação dos moradores como pertencentes à Zona Leste e não a bairros específicos. É como se a marca "Zona Leste" fosse um parâmetro de resistência para todos os bairros da região, naquele período, um verdadeiro "modo de ser".

Poucas edições se referenciam às demais regiões do município de São Paulo. Quando a referência é feita, geralmente, se tecem comparações entre os movimentos da Zona Leste e os de outras regiões. É o que observamos na matéria publicada na edição de n.º 4, cujo título é *Na Zona Sul também se briga pela terra* (grifo nosso):

Conhecendo a luta dos moradores de São Miguel, e as vitórias já conseguidas, a comissão de Direitos Humanos do setor Itapecerica convidou o Centro de Defesa dos Direitos Humanos de São Miguel Paulista para mostrar como se desenvolve a organização popular em nossa região. (*GRITA POVO*, nº 4, nov. 1982. p.4). (Vide Anexo 10).

A intenção de identificar-se como sendo oriundo da Zona Leste e não de um bairro específico foi uma das premissas do já mencionado Movimento de História. Nota-se que este discurso é oportuno à unificação dos movimentos sociais e populares da época e ao consequente fortalecimento destes em combate ao estado

ditatorial vigente, a seguir encarado analogamente por Dom Angélico como um elefante.

No trecho abaixo, nota-se, no discurso do pároco, a condenação aos movimentos reivindicatórios isolados:

E vão explodindo reivindicações: água, lixo, transportes, custo de vida. São agulhadas no elefante. O elefante é o sistema, construído pelo egoísmo. Reivindicações isoladas incomodam, mas não desalojam o elefante. Ele é esperto e sabe reagir. Porém, há outras que o colocam em perigo e em prontidão: as greves, como, por exemplo, a dos metalúrgicos e a dos bancários. Estamos diante de um processo dinâmico de libertação. Requer paciência histórica. (BERNARDINO apud MENEZES, 2007, p. 38).

O resgate histórico religioso também fazia parte das preocupações do Cemi, como podemos compreender na edição de nº 48, do jornal *Grita Povo* – “Concílio Vaticano II – 20 anos de diálogo e as CEBs”, duas páginas são dedicadas ao respectivo assunto, na tentativa de fazer um balanço sobre o referido período da Igreja. (Vide Anexo 11).

Edições especiais que rememoram as biografias de personalidades da Igreja também eram comuns, como a de março de 1989, repleta de depoimentos a respeito de Dom Angélico Bernardino e sua gestão na Diocese, bem como com rememorações de sua trajetória narradas por ele mesmo.

Por fim, o *Grita Povo*, de forma metalinguística, também é objeto da história da própria comunicação e imprensa populares e alternativas, como vimos no primeiro capítulo da tese. Nas edições 19 e 71, a história da comunicação popular é contada em detalhes, com ares de rememoração. (Vide Figuras 7 e 8). Ou seja, por meio da observação da história do Cemi é possível contemplar a história da comunicação popular e alternativa, da evolução do “boca-a-boca” à câmera de videotape.

3.2.2. Centro

O projeto do Centro é motivado por uma série de mudanças conjunturais já apontadas no primeiro capítulo desta tese, basicamente caracterizadas pela ampliação do acesso ao transporte público, da especulação imobiliária, da proliferação de centros comerciais, da expansão do ensino superior, de megaobras em prol da Copa do Mundo Fifa de 2014, entre outros aspectos.

Ainda em 2010, a região chegou a disputar com outras regiões do Estado de São Paulo - tais como, Morumbi, Pacaembu e Pirituba - a autorização para sediar determinados jogos da Copa mediante a construção de um novo estádio em sua localidade.

A justificativa de angariar mais investimentos econômico-financeiros para a região da Zona Leste figurou na imprensa como sendo determinante para a escolha do local por parte do Estado e das autoridades responsáveis pelo evento esportivo mundial mencionado, como se pode notar no excerto de uma reportagem abaixo:

Segundo Fernando Haddad, o legado da Zona Leste “ainda não está claro para a população”, porque a segunda parte vai ser entregue depois da Copa do Mundo. Nos terrenos no entorno do estádio do Corinthians, que será o palco da abertura do Mundial, serão construídos escolas do Senai e do Sesi, um museu, centro cultural e outros equipamentos públicos, de acordo com o prefeito. Além disso, graças à aprovação de lei específica no ano passado, que prevê incentivos e subsídios a empresas que queiram se instalar na região, a expectativa é de geração de cerca de 100 mil postos de trabalho na Zona Leste nos próximos anos, conforme expectativa do prefeito. “Ainda haverá muitas surpresas à população da Zona Leste. A Zona Leste não será mais a mesma depois do Mundial”, declarou Haddad. (MORA, ONLINE).⁸⁸

Em uma publicação de 2013, o jornal *O Estado de S. Paulo* destacou o interesse do poder público no desenvolvimento da Zona Leste, especialmente, com a proximidade da Copa.

O interesse na zona leste também cresce com a proximidade da Copa. Em junho de 2011, sob o argumento de alavancar investimentos na região, a Câmara Municipal aprovou um pacote que

⁸⁸ Site: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2014/06/zona-leste-nao-sera-mais-mesma-afirma-haddad-sobre-legado-da-copa.html>, acesso em fev de 2015.

livrara o Corinthians de pagar até R\$ 420 milhões em impostos como IPTU e ISS para a construção da arena em Itaquera para a abertura da Copa de 2014. Nos sete anos anteriores, o valor que a Prefeitura concedera em certificados de incentivo ao desenvolvimento (CIDs) para empresas da zona leste não chegou a 1% desse valor. (RODRIGUES, O ESTADO DE S. PAULO, 11 de abril de 2013. p. C4, grifo nosso).

A publicação evidencia o fato de, antes do referido evento esportivo, os incentivos fiscais na região não terem ultrapassado nem 1% do valor conferido ao Corinthians mediante a construção do estádio que sediaria a abertura da Copa. Portanto, após a conjectura do referido evento esportivo, consolida-se a percepção de que a região se tornara atraente a possíveis investimentos econômico-financeiros.

Outra reportagem, agora da *BBC Brasil*, publicada em julho de 2014, apresenta um dos ângulos de avaliação dos moradores a respeito do legado da Copa para a região, inclusive no que diz respeito ao âmbito econômico-financeiro. O discurso da entrevista enaltece a implantação do estádio na região da Zona Leste:

"A Copa trouxe um empurrão pra comunidade. Só assim acordou nosso governo. Se não tivesse a Copa aqui ou feito o Itaquerão aqui, nós iríamos continuar como eu continuo há 21 anos", observou Diana do Nascimento, outra líder da comunidade. Andando por Itaquera e conversando com moradores nos arredores, é possível sentir que há esperanças de mudanças no futuro por causa da construção do estádio, que atraiu mais investimento para a região. Está entre as promessas da prefeitura e do governo a construção de escolas, parques e até de um centro empresarial que gerará até 50 mil empregos. (BBC, ONLINE⁸⁹).

Apesar da “promessa” de aportes financeiros na região, determinadas personalidades julgaram - à época - inviável a realização da Copa em Itaquera. Vide abaixo, a opinião de uma personalidade da música brasileira:

A cantora Rita Lee criticou nesta segunda-feira (30) em sua conta no Twitter o anúncio do novo estádio do Corinthians, que será construído para abrigar os jogos da Copa do Mundo de 2014. A cantora escreveu que "algo me diz q o estádio do curíntia será 1

⁸⁹ Site: http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2014/07/140709_wc2014_legado_copa_itaquera. Acesso em fev. de 2015.

presente d grego. p/ quem ã conhece itaquera é o cú d onde sai a bosta do cavalo do bandido" (sic). (G1, ONLINE⁹⁰).

No texto publicado pela artista, denota-se grande preocupação com a realização dos jogos em uma região considerada por ela, inapropriada para a proposição de um evento midiático de alcance mundial como a Copa. Em certo aspecto, a opinião denuncia a posição da região numa espécie de suposta “hierarquia imaginária” da cidade.

A declaração dos dirigentes de clubes esportivos diversos também suscita repercussões polêmicas e expõe a rivalidade entre os times paulistas. Em 2010, o dirigente do São Paulo Futebol Clube na ocasião, Juvenal Juvêncio declarou ter ressalvas quanto à realização da Copa do Mundo no bairro de Itaquera, na Zona Leste. Em parte, sua opinião deveu-se à vontade de seu clube sediar a Copa do Mundo naquele momento:

Para você chegar lá (Itaquera) precisa chamar o corpo de bombeiros. Se você pega a Angela Merkel, da Alemanha, ela não chega lá. Se tiver de sair, também não sai. Isso é um fato. Além da área do estádio, você precisa de mais duas áreas, uma de 30 mil metros quadrados, outra de 50 mil metros, vip, veryvip, aquelas coisas da Fifa. Como é que você pode fazer um negócio desse em Itaquera? (...) Em um lugar onde não tem planta, subsolo, não tem fundação, não tem caderno de encargos da Fifa, não tem mobilidade, lá não tem hospital, não tem hotel para dormir. Por estas coisas, a Copa do Mundo corre até perigo. (FOLHA, ONLINE).⁹¹

Mesmo após o encerramento da Copa no país, a discussão sobre a localização do estádio e as condições do local ainda foram alvo de críticas na imprensa, proporcionando a interpretação de que a região apresenta determinadas desvantagens em relação às demais na cidade, como constante na afirmação do senhor Carlos Miguel Aidar, então candidato à presidência do São Paulo Futebol Clube, em uma reportagem veiculada em 2014: “O Itaquerão não vai ter show, aquilo lá é outro mundo, outro país, não dá para chegar lá. Lá não vai funcionar.” (EXAME, ONLINE).⁹²

⁹⁰ Site: <http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2010/08/no-twitter-rita-lee-diz-que-estadio-do-corinthians-e-presente-de-grego.html>. Acesso em fev. de 2015.

⁹¹ Site: www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk2010201002.html. Acesso em 01 fev 2015.

⁹² Site: <http://exame.abril.com.br/brasil/noticias/corinthians-lanca-video-comparando-itaquero-a-morumbi>. Acesso em 02 fev 2015.

Adiante a mesma publicação jornalística menciona a contra-argumentação do então presidente do Sport Club Corinthians Paulista, Andrés Sanchez, e denota o confronto existente entre times adversários.

“O Aidar é um preconceituoso. É uma vergonha falar o que ele falou, querendo fazer um *apartheid*. Ele ofendeu a Zona Leste como um todo e o Corinthians. É um absurdo, um cara que ganha cheque de tudo o que é lugar, que foi presidente da OAB... Foi um irresponsável. Há muitos preconceituosos no Brasil, mas declarados, como ele, é difícil encontrar. Ele é racista”, afirmou, em entrevista.

Note-se que apesar de o senhor Sanchez ter mencionado ser uma ofensa a declaração do senhor Aidar em relação à Zona Leste, é predominante como pano de fundo de tais discussões, o embate entre os times opositores, e não a preocupação com a condição social da região.

A proximidade da Copa do Mundo Fifa 2014 motivou, além de investimentos financeiros, determinadas ações destinadas à memória e algumas delas orientadas por uma finalidade econômico-financeira, midiática, midiaticizada e de espetacularização.

Como pudemos aferir no item *Outras iniciativas* desta tese, a concepção de determinados espaços destinados à memória da região se dá após o anúncio de que a Copa do Mundo Fifa de 2014 ocorreria no Brasil, e que teria sua abertura na Zona Leste do município de São Paulo. De certo modo, diante de eventos de dimensão e impacto consideráveis - como a Copa - as memórias social e coletiva passam a ser acionadas, significadas e ressignificadas para o confronto ou a afirmação da identidade nacional.

Sendo o futuro Centro, amparado por uma instituição de ensino pública e estatal, arriscamo-nos a dizer que há um empenho do Estado para reforçar a imagem de nação imaginada, tendo em vista que os espaços de memória agirão como mecanismos representativos de comunicação simbólica difundidos em escala mundial durante a Copa.

Afinal, estamos nos referindo a um evento de alta visibilidade mundial e de cunho midiático e midiaticizado. Não à toa, a Copa Mundial de Futebol impacta o cotidiano, os desejos, as expectativas e as memórias de seus envolvidos. Sendo sua periodicidade quadrienal, o acontecimento de tal evento age como emblema histórico para uma nação e marco afetivo para as lembranças individuais e

coletivas. Para Ferreira, pesquisador das questões relacionadas aos “megaeventos”, momentos como a Copa “são investidos de funções simbólicas e ideológicas, orientadas para a promoção da identidade e da coesão das comunidades locais”. (2006, p. 26).

Em nosso entendimento, a mudança conjuntural da região, culminada pela proximidade da Copa do Mundo parece ter gerado, ao menos no caso do Centro, dois grupos interessados na evocação e no armazenamento da memória e na concepção e posterior administração da identidade do lugar.

Para um grupo, ora destaca-se uma identidade de militância social aguçada, ora uma identidade religiosa, especificamente de uma vertente da Igreja Católica, que já não é mais predominante na região. Em paralelo, no outro grupo, pretende-se inculcar ainda, uma identidade de franco desenvolvimento na Zona Leste que abarca, inclusive, a identidade universitária numa região sem tradição na oferta do ensino superior público.

O primeiro coletivo diz respeito, prioritariamente, aos integrantes do Grupo de Memória da Zona Leste e à Paróquia de São Francisco de Assis, liderada por Pe. Ticão. Caracterizado pela heterogeneidade de participantes, como vimos na descrição do encerramento do *II Seminário sobre Patrimônios Históricos da Zona Leste* no capítulo I, o Grupo de Memória da Zona Leste tem clara intenção de preservar patrimônios culturais e instituir novos na região. Como exemplo desta posição, temos os constantes apelos feitos em defesa do Sítio Mirim, atualmente em condições inapropriadas de conservação, como já comentamos.

Também coexiste neste grupo, a vontade de preservar a memória dos movimentos sociais e populares da região, especialmente, os que foram combativos durante a ditadura militar. Inegavelmente, Pe. Ticão, como um dos atuantes do Cemi no passado, procura preservar as lembranças e memórias daquela época a fim de que, mesmo diante das mudanças conjunturais vivenciadas atualmente, tais traços deste histórico da Zona Leste e de parte da Igreja não se percam. De certa forma, neste aspecto, a discussão teórica que travamos a respeito do temor pelo desaparecimento vem à tona novamente.

No caso específico deste grupo de idealizadores do Centro - em especial dada a presença de indivíduos que vivenciaram a experiência do Cemi - se destacam as identidades de uma vertente da Igreja Católica progressista e dos movimentos sociais e populares combativos do período ditatorial brasileiro.

Já no segundo grupo, destaca-se a identidade universitária, em razão dos acadêmicos da USP-Leste que abraçaram o projeto do Memorial, hoje denominado Centro, em suas dependências, apesar de sua recente instalação na região e do baixo número de residentes da Zona Leste na condição de estudantes e/ou participantes de projetos extensionistas na instituição.

A intenção de abrigar o Centro nas dependências da Universidade é providencial na medida em que se procura estreitar os laços com os moradores e ainda cumprir uma das premissas da instituição, salvaguardar o patrimônio cultural da sociedade. A USP é reconhecida nacional e internacionalmente por seus museus, tais como o Museu de Arte Contemporânea, Museu de Anatomia Humana, Museu Paulista, Museu de Zoologia, entre outros. No total, são 17 locais destinados a acervos, documentações e informações museológicas.

Notoriamente, o papel da Academia como guardião de lembranças do passado é destacado aqui, ainda mais, em uma região sem patrimônios culturais de reconhecido prestígio, com devida ressalva à Capela de São Miguel Arcanjo.

A instituição de ensino em questão ou outras quaisquer podem ser espaços críticos propícios para reflexões sobre a região, sua história, sua condição atual e suas aspirações futuras. Tal conclusão pode ser aplicada nos três pilares da formação superior: no ensino, na extensão e na pesquisa. Por exemplo, um futuro curso voltado à compreensão de patrimônios culturais e arquitetônicos pode despertar inúmeros estudos circunstanciais que auxiliarão, inclusive, a preservação de tais espaços.

Entretanto, acreditamos que este grupo de idealizadores aspira, além disso, construir um ícone para a Zona Leste, efetivar um patrimônio cultural expressivo e condizente com as mudanças conjunturais que a região vem enfrentando, a fim de legitimar a relevância da Universidade naquele lugar.

O projeto de proporções imponentes e de uso internacional em potencial é condizente com a ideia de progresso e modernidade tão desejável e celebrada na região atualmente, apesar da condição predominante de precariedade do planejamento urbano da Zona Leste, registrada desde sua origem como bairro-dormitório.

Pode-se intitular o Centro como sendo uma “megaobra”, ou seja, empreendimento arquitetônico “com características grandiosas, seja pelo tamanho da área no qual vai se desenvolver, seja pelo volume do dinheiro gasto pela sua

execução – dois fatores intimamente ligados”. (UZZO, 2012, p. 8). Em entrevista a esta pesquisadora, o arquiteto responsável mencionou ter a expectativa de um empreendimento com dois espaços de 400 m² de exposições longitudinais dispostas em pés-direitos de 8m².

O porte grandioso da megaobra “Centro” é uma metáfora do aspecto midiático e midiaticizado que se pretende imprimir na Zona Leste durante um evento igualmente midiático e midiaticizado, a Copa.

Atentemos ao aspecto de que ao assumir a expectativa de futuro ícone da Zona Leste em plena realização de eventos de forte apelo representacional e densidade simbólica como a Copa, se ressalta a hipótese desta tese de que há um confronto entre o aspecto midiático de patrimônio cultural e arquitetônico como vínculo necessário à evocação e ao armazenamento da memória e a memória construída a partir de vivências e experiências.

Sendo assim e ao retomarmos Meneses (1985), Huyssen (2000), Chauí (2006) e Corrêa (2012), podemos dizer que, na concepção de patrimônios culturais - concebidos ou não pelo Estado - impactados pelo aspecto midiático, residem diversas malhas de mediação, seja na dimensão do projeto; na determinação do lugar que abrigará o empreendimento; no processo de seleção, na organização e na disposição das representações do passado nas exposições; na definição hierárquica dos sujeitos e das instituições responsáveis pelo espaço etc.

No caso do Centro, verifica-se que a escolha do local que abrigará tal edificação suscita reflexões. Apesar de o bairro de São Miguel Paulista ser um espaço simbólico representativo para a sua comunidade - um dos marcos para a constituição da região, como já vimos -, o local ou outros de significação semelhante para os moradores não foram selecionados para sediar o Centro, e sim o *campus* Leste da USP.

Conforme os apontamentos obtidos na pesquisa de campo, a escolha da USP-Leste como local apropriado ao futuro Centro envolve a possibilidade de aportes financeiros que, inicialmente, a instituição dispunha para o Projeto e para outros planejados pela instituição como as futuras instalações da Casa da Ciência, a Escola de Desenvolvimento Social do Estado de São Paulo, o Laboratório Centro Dia do Idoso, o Laboratório Casa da Mulher e o Centro de Convenções.

Os demais projetos de espaços semelhantes aos do Centro, relatados no item *Outras iniciativas*, também convivem com o imperativo da necessidade de um

espaço físico para alocar objetos do passado com a finalidade de preservar ou quiçá “instituir/criar/estabelecer/gerir” a memória e, por conseguinte, a identidade do lugar. Dessa maneira, os moradores não se identificam por si próprios, ao contrário, são identificados pela construção midiática e midiaticizada que se estabelece - por meio da espacialização e da materialização da memória - como uma espécie de motor para uma identidade pré-estabelecida. Para a construção dessa comunidade imaginada, é indispensável uma espacialidade construída para tal fim ou a adoção de objetos que atuem como lembranças significativas.

Vejam alguns exemplos e atentemos para a escolha de determinados espaços que envolvem uma espécie de crivo simbólico: a Fundação Tide Setúbal pleiteia alocar o Memorial do Migrante em área desativada da Nitroquímica, indústria de relevo para as origens da região; o Observatório de Políticas Públicas e Centro de Memória da Zona Leste da Cidade de São Paulo, concebido pela Unifesp aguarda, ansiosamente desde março de 2013, a liberação do terreno onde funcionava a antiga Fábrica Gazarra, para dar início às suas instalações físicas e o Arquivo Diocesano de São Miguel Paulista foi aberto justamente no lugar onde funcionou um dia o Cemi.

Notemos a necessidade de prestigiar a região através de um vínculo simbólico que concilie patrimônios industriais, marcantes na origem dos bairros mais antigos, e o relevo da identidade cristã apostólica romana para os moradores e o lugar.

Uma das questões levantadas pelo historiador Meneses (1985), é de que os espaços destinados ao armazenamento e à evocação da memória têm sofrido considerável impacto da comunicação midiática já nas concepções de seu acervo e exposições que, de certa forma, parecem contribuir para a mistificação do passado, a diluição das contradições sociais, a generalização da cultura de lugares e/ou comunidades.

Sob a ótica deste apontamento, observa-se que, eventualmente, a concepção do Centro é influenciada pela preocupação com uma espécie de fruição prazerosa da memória e não com uma reflexão crítica sobre a mesma ou sobre a experiência vivida.

No caso das exposições almejadas pelos idealizadores do Centro, o jogo praticado pelos idealizadores, ao planejarem aquilo que deve ser parte da exposição permanente e/ou temporária ou ser lembrado em contraponto àquilo que deve ser omitido revela a criação de padrões de lembrança em meio a um cenário permeado

por relações conflituosas de poder e de alta preocupação com a visibilidade midiática.

Estamos nos referindo às relações de poder que envolvem Igreja, Estado, Movimentos populares e sociais, Academia e outros indivíduos e grupos sociais. Assim, a hipótese desta tese a respeito do exercício do poder sobre a construção de subjetividades a partir de espaços dedicados à dita “memória” retorna ao debate.

Como já mencionado ao longo da tese, em nome da concepção de um novo patrimônio cultural e arquitetônico, é forjada uma estratégia de autoridade ao criar e recriar imagens e narrativas sobre o passado que endossam o uso da memória como dispositivo noopolítico, segundo as considerações de Lazzarato (2006).

Partindo do pressuposto de que a memória constitui-se em um campo de disputa de diversas ordens, assumimos sua dimensão política. A imaginação da comunidade e conseqüentemente da identidade nacional - por meio da criação de imagens e narrativas sobre o passado -, geralmente, tem valor político e é envolvida pelas relações de poder dadas no tempo presente.

Este é um ponto crucial para compreender o profundo descompasso observado nas reuniões entre os idealizadores do Centro, tendo em vista que a memória não é consensual. Durante as reuniões, pode-se verificar tal situação: enquanto os membros do Grupo de Memória da Zona Leste julgavam determinadas temáticas mais apropriadas para a exposição permanente, os acadêmicos da USP-Leste as consideravam mais pertinentes em exposições temporárias.

Também notamos uma grande dificuldade para encontrar marcos, datas, nomes e versões para a história da Zona Leste, já que ela não corresponde a uma tábula rasa uniforme e coesa. Sua seleção corresponde a multiplicidades singulares e não a uma totalidade coletiva. Portanto, a pretensão de representar a região como um todo nas exposições se mostrou um desafio ingrato aos seus idealizadores, tendo em vista a diferença dos bairros que a constituem e a heterogeneidade dos indivíduos que neles residem.

Com o avanço das reuniões, a pretensão de se ter uma conduta teórica e disciplinada - porém, não esquemática - durante a concepção das exposições se distanciava progressivamente.

Como outro exemplo do impasse vivido na ocasião do planejamento das exposições, podemos trazer à tona a reunião de idealizadores ocorrida no salão paroquial da Igreja São Francisco de Assis em 08/05/2013. Na ocasião, veio à

discussão a existência de uma chaminé de, aproximadamente, 22 metros de altura, proveniente de uma olaria existente na região que ainda se mantinha no terreno que futuramente abrigaria o Centro. Tratava-se de um ícone da forte industrialização vivenciada na Zona Leste no passado. Contudo, um breve debate sobre a chaminé despertou nossa atenção.

Um dos participantes do encontro disse que era necessário manter a chaminé no local, para que as gerações vindouras soubessem o prejuízo que aquela indústria havia causado a inúmeras tribos indígenas que, em nome da urbanização, tiveram que abandonar suas lavouras e habitações situadas naquele local. Em seguida, outra participante do evento lamentou a existência de pensamentos semelhantes àquele e ressaltou como seria louvável sua participação no planejamento de futuras exposições do Centro capazes de revelar os desafios e os méritos dos industriais europeus no processo de urbanização da Zona Leste e de São Paulo.

A participante ainda reiterou seu desconforto diante da situação, pois a referida chaminé havia pertencido à indústria de um de seus antepassados.⁹³ Ali, naquele debate sem resultado unânime, cada um possuía a sua “verdade” e ambos estavam dispostos a lutar pela prevalência de sua versão.

Nesse sentido, a procura por uma memória convergente, tal qual é a linguagem da comunicação midiática, se mostra vã, pois a natureza da memória viva caminha na contramão da convergência de discursos a respeito do passado, o que se caracteriza como uma espécie de resistência, graças ao seu caráter divergente e “polidialogante”.

Contudo, a disputa política e simbólica desencadeada pelos processos de constituição do Centro também estabelece interação, na medida em que são envolvidos discursos contrários e diversos sobre as vivências nos processos de rememoração e enunciação. Sendo assim, mesmo que prevaleçam os discursos e as imagens sobre o passado em maior alinhamento com as estruturas vigentes de poder, sempre o confronto e a pluralidade serão as maiores evidências de que a memória viva é de caráter interativo.

O Centro - esteja sob a gestão dos movimentos sociais e populares ou da Academia - não se deve deixar levar pelo discurso homogêneo da história oficial e/ou pela narrativa histórica dos excluídos, “dos vencidos”. Na medida em que se

⁹³ Os participantes mencionados preferiram não ter suas identidades reveladas na presente tese.

procura caracterizar um discurso soberano e verdadeiro, outra relação conflituosa entre classes de poder se impõe e mesmo que as posições entre vencedores e vencidos se intercambiem, a memória como estrutura “comunicativa-interativa” não se consolida.

Ainda sobre exposições, podemos mencionar o fato de a Casa de Memória de Itaquera, comentada no item *Outras iniciativas*, ter iniciado suas atividades e inaugurado sua primeira exposição com uma temática de considerável notoriedade e conivência midiática para o período vivenciado em meados de 2014, a dita “Copa do Mundo”. Referimo-nos à exposição denominada “Itaquera: dos aldeamentos à Copa”.

O índio, o nordestino, o militante e o operário parecem habitar um vasto banco de dados e, de certa forma, de imagens sobreviventes, sobre a região. Conforme a conveniência de sua menção, suas narrativas e imagens são acionadas, inclusive, em favor da notoriedade midiática. No caso desta exposição, em Itaquera, fez-se necessário oferecer ao evento midiático e midiaticado “Copa”, algo da mesma natureza.

A gestão do Centro também intriga e permite avaliações que a sintetizam como uma comunicação dada sob o domínio da mediação que procura atingir um determinado efeito. Desde as primeiras reuniões entre os idealizadores, os indícios de uma gestão marcada pela mediação sobrepõem-se às possibilidades de uma gestão ancorada na interação.

Em 03/04/2013, numa reunião com duração de duas horas e 30 minutos no salão paroquial da Igreja São Francisco de Assis, segundo os registros de nossa pesquisa de campo, o arquiteto Ruy Ohtake deixou claro que era necessário haver uma equipe profissional e remunerada para gerir o Centro, sendo assim, formulou o seguinte escopo de trabalho: comitê gestor e de orientação, imprensa, equipes de pesquisa, biblioteca, projeto, montagem e acervo.

O arquiteto disse que o primeiro passo para a concretização do Centro seria o levantamento sistematizado de materiais sobre a Zona Leste em museus paulistas, assim como o levantamento bibliográfico e de imprensa sobre a região. Como última etapa da pesquisa, segundo ele, estaria o levantamento de depoimentos e materiais junto à população local. Embora um ideal de trabalho tenha sido traçado, não houve deliberações na ocasião para que se procedesse com o início das atividades a partir deste escopo e planejamento.

Ainda assim, o arquiteto sugeriu o seguinte cronograma de trabalho: 1ª etapa (30/06/2014) – Idealização dos temas que comporão as exposições, na elaboração do espaço físico e nas formas de visualidade das exposições do Centro; 2ª etapa (30/06/2015) – Levantamento de dados e artefatos junto à comunidade da Zona Leste e, por fim, a 3ª etapa (após a conclusão da obra) - Continuidade dos levantamentos, formação de equipes e formulação das exposições. Ohtake encerrou sua audiência ressaltando a necessidade de um espaço físico para início imediato do trabalho e na ocasião, a Paróquia São Francisco de Assis, onde atua Pe. Ticão, foi sugerida como abrigo provisório do pretense acervo do Centro.

Alguns integrantes da reunião se queixaram do fato de iniciar as atividades sem diretrizes oficiais e melhor articuladas com uma metodologia específica de trabalho. As queixas foram aceitas, porém nenhuma medida foi tomada a respeito, tendo em vista que este aspecto tornou-se alvo de discussão inúmeras vezes, em outras reuniões.

Até o presente momento, os idealizadores do Centro, associados estritamente à USP, não envolveram os moradores da região da Zona Leste em discussões deliberativas, apesar de haver um esforço aparente do Grupo de Memória da Zona Leste e do Pe. Ticão para integrar os moradores de diferentes perfis nas reuniões frequentes entre o Grupo de Memória, intelectuais da região, arquiteto Ruy Ohtake e, muito raramente, docentes da USP. Costumeiramente, forja-se a oportunidade participativa por meio da concessão de pronunciamentos livres nessas ocasiões, mas pouco se permite avançar em discussões pontuais e deliberativas.

Outra demonstração pouco interativa no quesito gestão está numa carta de intenções preparada pela USP-Leste na qualidade de orientadora da concepção do Centro, após a constituição de uma comissão de acadêmicos, inclusive de outros países, destinada a conceber as bases conceituais, teóricas e metodológicas do empreendimento⁹⁴.

⁹⁴ No salão paroquial da Igreja São Francisco de Assis em 08/05/2013, com duração de aproximadamente duas horas, notou-se a presença do Diretor da USP Leste, Prof. Dr. Jorge Boueri; demais professores da USP; integrantes do Centro de Memória; moradores da região; Ruy Ohtake; Pe. Ticão; um representante da Fundação Tide Setúbal e três professores estrangeiros levados por Boueri: sendo um da Universidade de Vigo (Espanha), outro da Universidade de Lisboa (Portugal) e uma da Universidade de Paris-Sorbonne (França). Os mesmos foram anunciados como consultores da Comissão Especial responsável pela concepção do Centro de Memória e Cultura da Zona Leste. Porém não expuseram quais seriam, exatamente, suas ações junto ao projeto. Os referidos docentes pediram que seus nomes ainda não fossem revelados oficialmente em nosso trabalho.

Na ocasião da reunião do dia 08/05/2013, data na qual foi anunciada a inclusão de docentes estrangeiros na concepção desta carta de intenções, o então diretor do *campus* Leste da USP - Sr. Boueri - afirmou ser o projeto do Centro propriedade e responsabilidade dos moradores e não da referida instituição de ensino:

Por intervenção do embaixador de vocês junto à USP (*menção ao Pe. Ticão*), o reitor assumiu o papel de promover e dar continuidade a um projeto e termos um centro de memória e cultura. Não é uma coisa que a USP acordou hoje e 3 ou 4 professores se telefonaram e disseram: “vamos criar um centro”. O centro está vindo de vocês. É uma demanda antes de a USP chegar. É um trabalho que veio de vocês. (Ver apêndice).

Contudo, no dia desta declaração, após o pronunciamento de diversos indivíduos sobre a hesitação em relação à presença da USP na condução dos trabalhos concernentes ao Centro - como aferido na seleção abaixo - a diretoria do *campus* Leste reiterou a existência de um grupo de intelectuais debruçados na elaboração da carta de intenções destinada à concepção do espaço memorialista em questão, sem mencionar o compartilhamento da feitura de tal documento com a comunidade.

Os referidos pronunciamentos a respeito enfatizam o temor a uma gestão pouco participativa no que se refere ao Centro:

Uma das críticas que a gente faz à USP é que ela sempre teve uma dinâmica quieta. Então, queremos que este espaço seja parceria (sic). (Luiz França - Morador).

Me questiono um pouco sobre a importância deste empreendimento público dada a localização. Historicamente a USP surge nos anos 1940 e tem contribuído muito com a pesquisa científica. Por outro lado, é uma instituição bastante fechada para participação popular. Isto preocupa para uma região que requer um sentido de pertença, de participação, de elaboração destes trabalhos sociais. (Tião Soares - Consultor em Gestão e Políticas Sociais). (Ver apêndice).

Cabe registrar que a outra ala de idealizadores - marcada fundamentalmente pelo Grupo de Memória liderado por Pe. Ticão - desenvolveu outra carta em resposta a da USP-Leste com sugestões para a concepção do Centro. No documento, retomou-se a origem do Grupo de Memória e o surgimento do “memorial” da Zona Leste.

Não tivemos acesso à carta encaminhada pela USP-Leste, mesmo após justificá-la como relevante ao bom andamento desta pesquisa. Porém, a atenção dada por todos ao sintético projeto arquitetônico criado por Ohtake, e não às cartas orientadoras - por si só - associa a idealização do Centro ao aspecto midiático de edificação do patrimônio cultural e arquitetônico como vínculo necessário ao armazenamento da memória.

Dizemos “sintético”, pois o próprio projeto arquitetônico desenvolvido por Ohtake se restringe a plantas estruturais, questões arquitetônicas, técnicas e pragmáticas. Na página 3 do referido projeto (Vide Anexo 2), são apontadas possíveis temáticas para as exposições, mas não se apresentam esclarecimentos ou mais detalhes sobre elas. Observamos no projeto, apenas a indicação de temáticas sem esclarecimentos ou mais informações: “*Reflexões para o futuro, Herança indígena, Influência Afro, O Trabalho, A Contribuição da Imigração Estrangeira [...]*”.

Vale dizer que, no encontro que sucedeu à apresentação de tais temáticas, uma nova versão do projeto foi revelada, mais precisamente no dia 08/05/2013 e trouxe novos temas para as exposições, ainda mais evasivos. Foram eles: *Botecos e padarias, Memórias do futuro, Constelações do futuro, Memórias espontâneas, O sol nasce no leste, Meninos do leste, Som e movimento – música e dança, A casa, a rua, o bairro e a cidade, Os indígenas e o rio Tietê, A habilidade das gerações, O trabalho, As perspectivas, A mulher, A criança e o adolescente, Movimento reivindicatório e A resistência.*

Outra vez, não houve contextualização ou mais detalhamentos sobre os temas levantados, apenas seus títulos. Alguns demonstram, inclusive, forte apelo midiático e fraco senso argumentativo, a nosso ver, como: *Constelações do futuro* e *O sol nasce no leste.*

A inserção da temática *Movimento reivindicatório e A resistência* na revisão do projeto do Centro, segundo o arquiteto Ohtake, foi fruto de uma sugestão dada no último encontro do Grupo, por parte de alguns moradores presentes. Mas ele deixou claro, que a manutenção de tais temáticas, a exclusão e a inclusão de outras dependem, fundamentalmente, da gestão a ser concebida pela USP.

Na mesma data, o então diretor do campus USP-Leste, Sr. Boueri, reiterou a relevância do Centro para a região que, segundo ele, “vivenciava uma fase ímpar em sua história nos quesitos desenvolvimento e modernidade”. Por fim, houve a

oportunidade de os demais participantes exporem suas opiniões e expectativas em relação ao Centro livremente. Numa análise imediata dos depoimentos deste trecho do encontro compreende-se certo desconforto em relação à forma como a gestão do futuro Centro vem sendo conduzida. Os presentes se queixavam de não participarem integralmente e de forma deliberativa do processo de concepção do Centro.

Ainda sobre a concepção do Centro, outros aspectos revelam a preocupação com a concepção de um ícone visual para a Zona Leste, assim como a presença da comunicação midiática na essência do empreendimento. Para exemplificar, citemos a reconstituição da flora considerada “original da Zona Leste” nos jardins da pretensa edificação, que denota a preocupação do arquiteto responsável com a construção de um “pseudocenário”, uma imagem propícia para o possível resgate de uma determinada época, supostamente vivida pelos moradores da região.

Outro aspecto que denota, além da proximidade com o aspecto midiático, a generalização da cultura de lugares e/ou comunidades, como apontado por Meneses (1985) outrora é a idealização de um restaurante de comidas ditas “típicas” da região, predominantemente nordestinas, reforçando, assim, a imagem de estereótipos, determinismos e generalidades, por vezes, exóticas em nome de um possível resgate da identidade do local. Tais aspectos parecem alimentar o regime de abstração que se faz sobre a dita “ZêÉle”.

Todavia, ao enfrentarmos o determinismo, notamos que mesmo o aspecto midiático da lembrança pode envolver a memória viva. Prova disso, é que até a conclusão deste trabalho, o atual projeto do Centro contemplava a preservação da antiga chaminé no lugar, apesar da falta de consenso sobre sua origem.

Em síntese, consideramos que uma relação de dialogia entre formas de representação do vivido e processos de evocação e fixação da memória, existentes no plano da materialidade, deve ser uma premissa para a mediação cultural, na medida em que *lócus* como o Centro agem como meios e espaços de transmissão da identidade, amplamente influenciados por relações sociais, culturais e econômicas estabelecidas como poder, no lugar e no tempo onde estão situados.

No próximo capítulo, caminhamos para o encerramento de nossa tese na intenção de traçar determinadas conclusões à luz da coleta e análise dos dados construídos ao longo desta pesquisa.

CAPÍTULO 4
(CONFRONTO CONTÍNUO, CONCLUSÃO IMPROVÁVEL)

“Miserável país aquele que não tem heróis.
Miserável país aquele que precisa de heróis”.

(Bertolt Brecht)

4. Confronto contínuo, conclusão improvável

A trajetória vivida ao longo destes quatro anos de estudo permitiu a elaboração de determinados apontamentos merecedores de destaque neste último capítulo da tese, bem como engendrou a retomada dos principais elementos que deram contorno a este estudo, são eles: problema de pesquisa, hipóteses e objetivos.

A saber, o problema de pesquisa perseguido pela tese foi: Qual a relação comunicativa existente entre a manutenção da lembrança presente em espaços físicos dedicados à memória e o processo de construção da memória individual e coletiva?

Nossa hipótese básica supunha que “havia um confronto entre o conceito midiático de patrimônio cultural arquitetônico como veículo comunicativo necessário à evocação e ao armazenamento da memória e a construção dos vínculos comunicativos da memória a partir das vivências, das experiências de uma comunidade e/ou de um lugar”.

Essa hipótese se subdividia em outras quatro, eram elas: 1. Há uma diferença básica entre os conceitos de lembrança e de memória viva, entendida aqui como experiência ou vivência, 2. A construção midiática da lembrança como memória envolve o exercício explícito do poder sobre a percepção e a construção de subjetividades, 3. A construção da memória viva supõe denso relacionamento de alteridades e de subjetividades e 4. Há uma dificuldade de apropriação do sentido da memória compreendida como experiência ou vivência, apesar da unanimidade em relação à sua importância e percepção.

O objetivo geral desta pesquisa foi compreender como o esforço de transmutação da memória para espaços físicos lidava com a comunicação e a comunicação midiática, em especial. Nossos objetivos específicos foram: estabelecer conexões reflexivas entre a comunicação e os ambientes midiáticos criados pela espacialização e materialização das representações do passado e compreender a relação entre a lembrança suscitada por espaços e coisas e a memória viva ancorada na experiência.

A oportunidade de nos lançarmos a determinados apontamentos conclusivos impõe considerar o trabalho de reflexão feito até aqui e, em especial, lembrar os

objetos empíricos (Zona Leste e, conseqüentemente, Cemi e Centro) e epistemológico (a memória como estrutura comunicativa).

O presente capítulo está disposto em dois itens. No primeiro, *A memória sob a mira da espetacularização*, reafirmamos a estreita relação mantida entre memória, lembrança e comunicação midiática. No segundo item, lançamos mão da reflexão acerca da presença de diferentes níveis de ficcionalização existentes no âmbito da memória e da lembrança. Trata-se do título *Regimes de ficcionalização em lembranças e memórias*.

4.1. A memória sob a mira da espetacularização

Ao nos concentrarmos na revisão da literatura correspondente à conceituação de memória, sentimos considerável diversidade de formulações teóricas e a impossibilidade de estabelecer consensos a respeito do tema. As incontáveis publicações sobre memória há pelo menos dezessete séculos, consoantes as inquietações de Santo Agostinho, expressam o relevo deste assunto para a humanidade.

O apreço pela memória pode ser notado ainda na proliferação de espaços celebratórios dedicados às lembranças dos indivíduos e suas glórias. Diferentes comunidades que habitam lugares distantes dos grandes centros urbanos, formando vilas, comunidades ribeirinhas, quilombolas, entre outras, parecem reivindicar sua representatividade memorial, independente de valor estético e excepcionalidade histórica. Do centenário bandeirante ao futebol brasileiro, todos e tudo, exigem ser lembrados na posteridade a partir das suas próprias performances narrativas e imagéticas.

Até os ambientes corporativos adentram este universo ao instituírem seus centros de memória fundados em cronologias, depoimentos e acervos dito “oficiais”. A memória institucional ou empresarial, como os gestores de grandes corporações a intitulam, favorece a difusão dos valores e princípios organizacionais entre clientes e funcionários, conforme reza o *Manual de Implantação do Centro de Memória (CM) Itaú Cultural* (ITAÚ CULTURAL, 2013, p. 12):

Nesse sentido, partindo da essência da cultura, um CM colabora ativamente na difusão dos valores entre os funcionários e o público externo. Mas o inverso também é verdadeiro: ao promover uma reflexão sobre a história da instituição, um CM dá subsídios para que os gestores moldem e atualizem os componentes da cultura organizacional.

Seja em relação à cultura organizacional, como mencionado acima, ou à cultura em geral, a inquietação que expressamos em relação à predominância do aspecto midiático sobre a temática da memória e seus processos de construção individual e coletiva, tornou-se palpável de diversas formas em nossas interpretações, ao longo do presente estudo.

Ao que tudo indica, há um esforço pungente de espetacularização do tema memória em nosso convívio social e este se expressa, entre outras maneiras, pela disseminação de espaços dedicados às representações do passado.

Providencialmente, devemos relembrar que a “invenção da tradição”, como denominou Harvey (2000), tentou conter o medo do esquecimento e da morte, por meio da concepção de museus, centros de memória, arquivos, monumentos e outros espaços semelhantes no final do século XIX. Tratou-se de uma ocasião em que transformações nas concepções de espaço e tempo exigiram ações e projetos que exprimissem continuidade histórica e identificação.

Em se tratando de nosso objeto de pesquisa, a necessidade da Zona Leste em conceber espaços físicos que contenham materialidade capaz de representar o passado com a finalidade de continuidade histórica e identificação é sentida no número representativo de projetos similares não somente neste século - à exemplo do Centro ou das demais propostas contempladas no item *Outras iniciativas* -, mas também no século passado. Além do Cemi, outros centros despontaram na década de 1980 com a mesma intenção, a exemplo do Cecopi, já mencionado.

No caso do Cemi, havia-se instaurado um inimigo claro e comum, o Estado ditatorial. O temor à morte e ao desaparecimento das memórias dos movimentos sociais e populares da região ante a ditadura militar (1964-1984) incitou a criação do referido centro e inúmeras ações interessadas em memória, entre elas o *Grita Povo*.

Já no que diz respeito ao Centro, por conta da profusão de atores envolvidos e de motivações diversas, o interesse pela espacialidade da memória deve-se a múltiplos sentimentos.

Para uma ala de idealizadores, a excitação pelo progresso urbano - associada à Copa do Mundo - é notória e exige a concepção de uma espacialidade de memória na condição de ícone representativo para tal fase desenvolvimentista da região. Para a outra ala de idealizadores, a comunidade entra em colisão com o medo do progresso urbano e o sentimento de possível enfraquecimento ou desaparecimento de determinadas memórias identitárias religiosas e políticas, que tiveram seu auge à época do Cemi. Isso porque, por vezes, até inconscientemente, esta ala de idealizadores toma como parâmetro a experiência vivida pelo Cemi em um passado imaginado, midiático e difundido, em parte, pelo jornal *Grita Povo*. Assim, a concepção do Centro agiria como peça-chave no resgate de uma possível comunidade imaginada.

Portanto, para uma determinada ala de idealizadores do Centro, a espacialidade da memória traz à tona a imagem/identidade que se quer deixar/imprimir não somente na história do país, mas na do mundo, já que além de “hipermidiatizado”, a Copa do Mundo é um marco quadrienal para os eventos esportivos mundiais. Enquanto que para a outra ala de idealizadores, sendo o evento uma expressão da Globalização e das novas relações mantidas entre o indivíduo, o espaço e o tempo, se faz necessária a localização do grupo, da memória, da identidade e da sensação de comunidade, segundo eles, tão expressivas em tempos de regime militar.

Em ambos os casos, Cemi e Centro, a memória sócio-histórica, também denominada lembrança, tem sua premissa de materialidade e espacialização - por vezes - impactada pelo signo do midiático, da midiatização e da espetacularização, como podemos notar em análises tecidas ao longo deste estudo.

No tocante ao Cemi e ao jornal *Grita Povo*, mais especificamente, notamos ocasiões em que a comunicação popular e alternativa “aprendeu” com a comunicação massiva a espetacularizar determinadas informações em favorecimento de seus grupos de interesse, em particular, político e religioso.

Como exemplo, recordemos o caso da matéria “Sou Ritinha, tenho 12 anos”, publicado no Jornal *Grita Povo* e mencionado no capítulo 3 desta tese. A declaração traz desconfiança quanto a sua autoria. Além do teor crítico do texto, a desenvoltura da menina para debater assuntos impróprios para crianças de 12 anos também gera desconfiança.

Independentemente do veículo de comunicação, a manipulação por meio da edição do texto e a seleção de determinadas matérias para publicação, em detrimento de outras, revelam as tendências ideológicas da publicação e de seus produtores, assim como, o jogo de invisibilidade e visibilidade de determinados acontecimentos que, não atingindo o *status* de veiculação, provavelmente serão pouco memoráveis no futuro.

No caso do Centro, são ainda mais visíveis os traços da espetacularização que afetam a idealização do Centro e seu título de ícone da região em plena simultaneidade com a realização da Copa de Futebol Mundial de 2014; evento de considerável notoriedade midiática. Em suma, o porte grandioso da megaobra “Centro” já é em si uma metáfora do aspecto midiático e espetacularizado que se pretende imprimir sobre a fase desenvolvimentista da região.

O Centro se assemelha muito mais a um projeto de instituição de padrões de lembrança, por meio de uma visualidade espetacularizada e sedutora, do que a um discurso crítico sobre o passado. Sob este ângulo, tal empreendimento se mostra condizente com o aspecto midiático do evento “Copa do Mundo”, encarado por esta pesquisa como mola propulsora da intenção de se resgatar uma possível noção de comunidade e de memória coletiva na região, através de representativa visualidade massiva em nível mundial, além de estímulo ao desenvolvimento econômico-financeiro da região que o acolhe.

Arriscamo-nos a dizer que a ambição por tais investimentos envolve uma espécie de “imaginário coletivo” no qual eventos esportivos de grandes impactos e proporções, proporcionam o desenvolvimento industrial, urbano e capitalista das “cidades-sede”. Considerando o levantamento de dados realizados e expostos no capítulo 3, diversos grupos sociais da Zona Leste almejavam benfeitorias econômico-financeiras com a construção do estádio que sediaria a abertura da Copa do Mundo.

Muitas instituições entraram em embate tendo em vista o referido evento esportivo e a indecisão em torno do local onde se instituiria o estádio que deveria sediar a abertura do evento e seus demais jogos. Sendo assim, em prol de possíveis investimentos econômicos, a região da Zona Leste e determinadas instituições situadas nela empenharam disputas significativas, inicialmente dispendo da argumentação de que ali havia a necessidade proeminente de investimentos financeiros. Como consequência, justifica-se a edificação de futuros patrimônios culturais e arquitetônicos; além da oferta de uma história e memória como moedas de valorização, legitimação e enaltecimento de um local que deve fazer jus aos investimentos e à recente atenção.

Além do almejado avanço econômico-financeiro da região, estava em xeque, a alta capacidade de as lembranças presentes no Centro - e, devidamente, selecionadas por seus idealizadores - pressuporem veiculação ou circulação mundial, tal qual a premissa da midiatização, especialmente, em uma ocasião de potencial notoriedade nacional e internacional. Nesse sentido, a difusão e a circulação de informações a respeito de determinados indivíduos e comunidades passam a ser assumidas pela memória, como característica essencial de midiatização.

Oportunamente destacamos, aqui, a realização da primeira exposição “Itaquera: dos aldeamentos à Copa” concebida pela Casa da Memória de Itaquera, próximo à data de lançamento da Copa de Futebol Mundial de 2014, amplamente divulgada pela Grande Mídia. Não coincidentemente, o referido título sugere a associação do bairro ao evento de mega proporção e visibilidade.

A presença de estigmas e estereótipos em determinadas nuances do projeto do Centro também pode ser qualificada como uma estratégia de espetacularização; a fim de exemplificar a afirmativa, convém salientar que esta característica está impressa na concepção de um restaurante de comidas típicas nordestinas, na reprodução de um jardim com flora típica dos primórdios da região, entre outras circunstâncias. Resolutamente, institui-se uma visualidade cenográfica com fins de espetacularização.

Também pudemos aferir o signo da espetacularização na denominação das temáticas futuras das exposições do Centro. Títulos como *Botecos e padarias*, *Memórias do futuro*, *Constelações do futuro*, *Memórias espontâneas*, *O sol nasce no leste*, *Meninos do leste*, entre outros são apresentados no projeto do Centro (vide anexo 2) sem nenhuma contextualização ou argumentação esclarecedora. Tais denominações atuam como imagens midiáticas e midiaticizadas, sacadas de um vasto arquivo de dados de acordo com a conveniência das relações de poder mantidas no “tempo presente”.

Outra prova da influência espetacularizadora trazida pela Copa do Mundo para a concepção do Centro está no fato de o projeto ser declinado por parte do Estado e da USP-Leste, entre outros motivos, após o desfecho do evento e o desempenho do time brasileiro nas competições do mundial⁹⁵.

Aqui, depreende-se que o Centro deveria agir como lembrança celebratória de um momento excepcional do futebol nacional. Porém, com o baixo desempenho do time em questão e o resultado da última partida, a tendência foi esquecer o período e renunciar solenemente às lembranças correlacionadas. Em suma, em se tratando de algo que maculasse a identidade nacional, a alternativa encontrada foi o esquecimento.

Considerando a concepção de patrimônios culturais e arquitetônicos impactados pelo viés midiático que lidam com o reforço da identidade nacional e da

⁹⁵ O time brasileiro foi julgado por um desempenho de baixo nível, segundo especialistas na área. Em sua última partida, perdeu de 7 a 1 para a Alemanha.

comunidade imaginada de um possível “Estado-Nação” - ideias surgidas a partir do século XIX, como sugere Chauí (2006) - podemos dizer que ocasiões como a Copa do Mundo e o recente desenvolvimento econômico da região da Zona Leste manipulam a memória como estratégia de comunicação, ressignificação e difusão simbólica, a favor dos objetivos e anseios das esferas de poder vigentes no tempo presente. Desta forma, é fácil entender as razões pelas quais o Estado quis reforçar sua representatividade em um momento de mudanças paradigmáticas para o país por meio da concepção do Centro e de outras iniciativas.

Tal situação nos conduz à segunda variável de nossa hipótese, ou seja, “A construção midiática da memória como lembrança pode envolver o exercício explícito do poder sobre a percepção e a construção de subjetividade”.

Para endossarmos nossa proposição, convocamos o pensamento de Tarde (2007), quando este afirma que os processos de construção da memória podem ocorrer como “imitação e crença” e, sendo assim, se confundirem com “opinião e manipulação”, inclusive quando, sob a influência do aspecto midiático, tornam-se padrões de lembrança essencialmente midiáticos. Influenciadores de comportamentos, valores e opiniões - aspectos característicos de projetos noopolíticos -, naturalmente, favorecerão identidades essencialistas em detrimentos de alteridades múltiplas.

Nesse sentido, vemos concordância com o pensamento de Lazzarato (2006, p. 86), quando este alerta ser necessário refletir a respeito das “novas relações de poder que têm como objeto a memória e seu *conatus* (a atenção) como noopolítica”. Para o autor, como discutido anteriormente, noopolítica é o conjunto de técnicas de controle que “se exerce sobre os cérebros, atuando em primeiro lugar sobre a atenção, para controlar a memória e sua potência virtual. A modulação da memória será então a função mais importante da noopolítica”. (ibidem).

Aqui, também retomamos Bhabha (2013), quando o mesmo revela que uma identidade essencialista procura estabelecer características inerentes, compartilhadas e fixas, contribuindo para uma tendência à homogeneidade e à formação de um estereótipo.

Analogamente, o excesso de lembranças se revela como neblina a distorcer a memória viva, porém, sem jamais a dirimir por completo. Esta memória calcada no convívio, na relação, na experiência, no viver se vale - entre outros mecanismos - de

desconhecidos processos da inconsciência humana e revela a densidade antropológica do indivíduo e do conceito de comunidade em si.

Convém salientar que o conceito de comunidade - tão bem quisto à memória coletiva - enfrenta revisões na atualidade, em razão, dentre outros motivos, do avanço das tecnologias da informação e da comunicação. Sem dúvida, as dissoluções das fronteiras espaciais e temporais lançaram o indivíduo à convivência simultânea com várias comunidades e o mal-estar em razão disso condiciona à nostalgia por um passado de identidade e memória estáveis e palpáveis.

Como dissemos anteriormente, sob o amparo de teóricos no assunto, sentimos saudades do conceito de comunidade, há muito em mutação em nosso convívio social. Neste cenário de desassossego, torna-se compreensível os anseios dos indivíduos da Zona Leste na busca por uma suposta memória que os identifique.

O que os moradores da Zona Leste não cogitam é que a razão pela qual anseiam - em diferentes épocas e projetos - por uma memória coletiva já evidencia a presença da coletividade e da memória que os identifica.

Em verdade, as imagens sobreviventes de um passado de agruras sociais, vividas desde os primórdios do surgimento do bairro dormitório São Miguel Paulista até o período da ditadura militar (1964 – 1984) insistem em assombrar a região e a convocar, piamente, os sentidos de comunidade, memória e identidade como blindagem contra a opressão, a morte e o esquecimento.

No boletim informativo responsável por divulgar a elaboração do segundo volume do livro de memórias de Ermelino Matarazzo, um enunciado clama pelo elemento identidade: “É urgente que todo povo conheça a sua memória, sua história. Isso nos dá IDENTIDADE”. (PARÓQUIA SÃO FRANCISCO DE ASSIS, [s.d]).

A presença do adjetivo “urgente” e da grafia “identidade” em letras maiúsculas demonstra a preocupação dos membros da região para com tal aspecto. Contudo, o clamor por identidade nega a existência desta e da memória viva, por conseguinte.

A Zona Leste não percebe que sua memória viva já é emblema constituinte de sua identificação como comunidade, uma vez que em ocasiões conflituosas - nos “momentos-sintoma”, conforme denominação de Didi-Huberman (2013) -, a região procurou fortalecer seus laços de comunhão como escudo de proteção.

Chama a atenção ainda, o fato de a maioria dos envolvidos em discussões sobre centros de memória - o Grupo de Memória da ZL, a USP-Leste, a Unifesp, entre outros - compreender os meandros da construção da memória coletiva, apesar

de insistir em fundá-la a partir da espacialização e da materialização efetivas; o que vai ao encontro à quarta variável de nossa hipótese, “4. Há uma dificuldade de apropriação do sentido da memória como vivência, apesar da unanimidade em relação à sua importância e percepção”.

Prova disso, é que o Grupo de Memória da ZL toma a obra de Maurice Halbwachs como referência bibliográfica básica, como vimos anteriormente, em publicações de seu blog na ocasião do lançamento oficial do movimento.

O autor, em questão, é incisivo quanto à distinção entre os conceitos de memória coletiva e memória sócio-histórica, ou seja, àquela ancorada em espacialidade e materialidade de cunho oficial, patrimonial. Halbwachs (2004) reitera em sua obra a concepção de que a memória coletiva é compreendida como vivência, experiência, diferentemente, da sócio-histórica, da lembrança.

Outra evidência de nossa percepção está no fato de o Grupo de Memória da ZL insistir na consolidação de um espaço físico dedicado à memória, mesmo após o encerramento das discussões sobre o Centro de Memória e Cultura da Zona Leste. Um texto publicado no blog do Grupo de Memória por Morcelli, um dos líderes do Grupo de Memória, em agosto de 2014, ratifica esta conclusão: “(...) Centro de Memória de Ermelino: Quais os próximos passos que podemos dar? Foi feita a formalização do espaço? Estão todos dispostos a fazer com que o local funcione efetivamente como um espaço de memória?”. (MORCELLI, 2015, grifo nosso).

A indagação de Morcelli nos suscita outra: se a memória viva, na maior parte do tempo, ocorre através de mecanismos inconscientes da vivência e da convivência, como instituir um arquivo consistente da mesma, um espaço de memória, como pontua Morcelli acima? O presente impasse reforça nossa postura quanto à distinção entre os termos memória e lembrança e nos encaminha a novos estudos sobre o tema.

De toda sorte, nos dois exemplares de nosso objeto de pesquisa, ficou evidente que a tentativa de constituir o acervo da memória viva não foi vitoriosa. O caráter de interação, infinita e improvável, presente nos processos memorialistas, jamais tornará as vivências e suas memórias comparáveis às edificações celebratórias do passado. A essência da existência do ser vivo só é possível graças à memória do passado carregada, inconscientemente, em cada uma das monâdas que constituem o ser humano (TARDE, 2007) e elas não se igualam à materialidade em nenhum aspecto.

Sendo de caráter divergente e “polidialogante”, a memória viva não suporta a criação de padrões de lembrança geralmente empregados na espacialização e/ou materialização das representações do passado.

A insistência na construção de uma memória convergente - que deixa de ser coletiva para se tornar apenas lembrança e, talvez até midiática, mediatizada e espetacularizada - pode até resultar em um projeto noopolítico, como prevenira Lazzarato (2006), todavia jamais ameaçará a existência de contranarrativas à identidade essencialista, já que este é um dos maiores méritos da memória encarada como vivência. Trata-se de um confronto contínuo, sem conclusões.

Mesmo que prevaleçam nas lembranças institucionalizadas, as imagens e as narrativas sobre o passado em consonância com as estruturas de poder vigentes no tempo presente, ainda assim não se anulariam as memórias, justamente em função dos processos comunicativos e interativos pressupostos no ato de viver que, de certa forma, reiteram nossa concepção epistemológica de que a memória é uma estrutura em constante processo de comunicação e que esta, por sua vez, está sempre em comunicabilidade e/ou em rede comunicante, graças às inúmeras interações estabelecidas entre indivíduos, tempo e espaço.

E se a memória é comunicação, fruto de um processo de interações diversas e de associações exponenciais, destaca-se, aqui, seu aspecto predominante de criação, invenção e diferenciação como mecanismo de resistência e de autogestão frente à homogeneização.

Ainda assim, dada a complexidade de nosso objeto de estudo, fomos surpreendidos durante o desenvolvimento da pesquisa. Durante a elaboração de nossas hipóteses, julgávamos memória e lembrança dois conceitos distintos e em possibilidade alguma complementares. Porém, havíamos nos enganado. Estávamos diante de memórias de intenso trânsito e convivência. Memória e lembrança se relacionam intrínseca e intensamente.

Quando indagamos como problema de pesquisa, qual era a relação comunicativa existente entre a manutenção da lembrança presente em espaços físicos e objetos dedicados à memória e o processo de construção da memória individual e coletiva, não prevíamos que a premissa de *locus* culturais como os centros de memória e cultura surgisse amparada pela dialética das experiências, das expectativas e das diversas identidades envolvidas em suas concepções,

inclusive as provenientes das estruturas políticas, socioeconômicas, religiosas e midiáticas.

Nesta reflexão, pudemos aferir o objetivo geral de nosso trabalho, “compreender como o esforço de transmutação da memória para espaços físicos lida com a comunicação e a comunicação midiática”. Acreditamos que tal propósito foi alcançado ao verificarmos que a memória é em si uma estrutura comunicativa e a todo instante é manipulada no plano da subjetividade e nas mais variadas esferas sociais, tais quais familiares, religiosas, escolares, trabalhistas, entre outras.

Inclusive, o passado de nossa cultura e espécie biológica também é transmitido consciente e inconscientemente, por meio da memória viva, como atestam os estudos dos autores Searle (2010) e Damásio (2011). Sob este prisma, comunicação e memória existem em razão de considerável reciprocidade. A memória é um emblema substancial da vida.

Também pudemos cumprir outro objetivo específico, ou seja, “compreender a relação entre lembrança suscitada por espaços e coisas e a memória viva”. Primeiramente, ao percebermos que apesar de o jornal *Grita Povo* ser concebido e evocado como objeto de lembrança, este também envolve experiências, diálogos, vivências, enfim, interações efetivas; testemunho disto é a constância de relatos biográficos a compor as edições do veículo.

O caso de Maria Cosmira, visto no capítulo 3, também nos leva a considerar que a memória viva conserva-se e pode ser suscitada por meio da memória material (objetos e lugares). Neste episódio em particular, os sinais do tempo deixados pelo manuseio do jornal, a marca de papel dobrado, a forma delicada e atenciosa como Maria Cosmira preservou as fotografias ao longo destes anos denotam a interação mantida entre indivíduo e objeto; uma interação que se deu de forma concreta e marcante por meio da experiência tátil e sensitiva junto à lembrança. Inegavelmente, as lembranças de Maria Cosmira a conduzem à memória viva, apesar de sua ausência nos círculos de convívio religiosos progressistas e feministas, efervescentes à época de sua militância.

Até em espaços dedicados à memória e impactados nitidamente pelo espectro midiático e pelo prazer da visualidade, é possível estabelecer relações entre lembrança e memória, como proposto em um de nossos objetivos específicos. Muitas vezes, a lembrança deixa aflorar facetas da memória viva.

Um objeto presente em uma exposição museográfica pode revelar, por exemplo, traços da memória viva de um grupo social ou indivíduo, conforme aferimos nos estudos do historiador Meneses (1998) a respeito da cultura material. O que se estabelece em processos de constituição, preservação, evocação e armazenamento da lembrança é um processo misto de invisibilidade e visibilidade, pois sempre há jogo, alternância e oposição.

Assim como a discussão sobre memória se apresenta como uma indagação bizantina, o presente trabalho também não contempla término imediato. Afinal, a memória não é, ela está sendo. Um estudo sobre tal tema não oferece debates brandos, nem tampouco horizontes de conclusões precipitadas. Não se trata de questão técnica ou pragmática de fácil resolução, uma vez que nenhuma sociedade é coesa e homogênea, quanto mais suas memórias, sempre sujeitas à revisão no tempo presente.

4.2. Regimes de ficcionalização em lembranças e memórias

Todos os dias, criteriosamente às 6 horas da manhã, Seu Matias já está de pé. A forma convicta como conduz seu carrinho de mão repleto de tubérculos provenientes de sua horta já se tornara emblema das ruas e vielas de Itaquera. O versátil Seu Matias transita entre as funções de produtor rural, comerciante e consultor gastronômico com admirável astúcia e destreza.

Duas. É a quantidade de palmas suficientes para que ele alerte Dona Celina sobre a chegada de mandiocas frescas que deverão compor o almoço daquele dia, ainda em preparo, na casa de apenas dois cômodos e ampla janela de madeira.

Da rua, avista-se a mesma senhora, de pele baça e cabelos envoltos em lenço branco, entoando rezas em cochichos contra mau-olhado, caxumba, brigas conjugais e tudo o mais que a fé, a cultura e a medicina popular possam alcançar. Na outra calçada, beatas e comerciantes do bairro falam da próxima temporada de quermesses na região. Ali, na rua mesmo, definem-se atrações e quitutes sem constrangimentos. Ante o pôr do sol, no mesmo lugar, o planejamento das festividades cede espaço às discussões sobre o mutirão que lograria o asfalto de determinadas ruas daquela comunidade.

Já no início da noite, após a chegada dos maridos que retornam de exaustivo expediente profissional, donas de casa saem para entregar tarefas acumuladas além

da rotina domiciliar. São mulheres que trabalham para fora engomando, costurando, lavando, rendando, cozinhando, entre outras atividades.

Dado o calor, alguns moradores se põem a conversar nas cadeiras postas diante da porta de suas casas, enquanto as crianças brincam de “mãe da rua”. Os que não possuem alpendres improvisam assentos no batente da porta e, sem cerimônias, conversam sobre o preço do leite, a novela, o transporte público, a morte de saudosos vizinhos e outros temas presentes no viver.

Esta é uma das minhas⁹⁶ recordações sobre o cotidiano do bairro onde cresci na Zona Leste e, provavelmente, integrará o conjunto de memórias a serem relatadas ao meu filho sobre minha infância na região. A imprecisão da data em que se deu tal percepção, a suspeita em relação à sua fidelidade e a ausência de provas materiais que reiterem sua ocorrência exprimem uma de nossas primeiras descobertas ao longo desta jornada científica, oportunamente, caracterizada como a primeira variável de nossa hipótese: “1. Há uma diferença básica entre os conceitos de lembrança e de memória viva, entendida aqui como experiência ou vivência”.

O primeiro conceito (lembrança) exige a materialização e a espacialização para legitimar-se, enquanto o segundo (memória) é um sentimento, às vezes, inconsciente, que nem ao menos incorre por mecanismos objetivos para ser evocado ou armazenado.

Além de aferirmos tal diferença por meio dos exemplares de nosso objeto de estudo, ampla pesquisa bibliográfica, presente em sua maioria, no capítulo 2 desta tese, ratifica que a cultura imaterial, simbólica e oral é o emblema maior do confronto entre lembrança e memória e, conseqüentemente, entre história e a memória.

E, nesse sentido, a memória torna-se um mecanismo de resistência à imaginação das nações, ou seja, às imagens e às narrativas que constituem uma identidade essencialista; enquanto o apreço da historiografia pela lembrança se traduz em representar o que se viveu sob a chancela da oficialidade, do concreto, do tangível.

Entretanto, como já dissemos no item anterior, fomos levados a entender que mesmo a lembrança, pode envolver a experiência e a vivência. A lembrança pode agir - não, exclusivamente - como veículo comunicativo à evocação e ao armazenamento da memória e à construção dos vínculos comunicativos da memória

⁹⁶ Utilizarei a primeira pessoa do discurso ao me referir a experiências pessoais neste capítulo.

a partir das vivências, das experiências de uma comunidade e/ou de um lugar, como apontamos em nosso problema de pesquisa. Em nossa compreensão, o vínculo comunicativo existente entre lembrança e memória se dá, dentre outros modos, pela via da ficcionalização.

Aliás, o viés mais intrigante de nossas discussões não se situa no dualismo entre lembrança e memória, mas na capacidade de o homem ficcionalizar e re-ficcionalizar, constantemente, a cada percepção ou rememoração. Sendo assim, o regime de ficcionalização impacta lembrança e memória, em termos de igualdade.

Em ambos os casos, Cemi e Centro, a eterna revisão da memória da Zona Leste é atravessada por um regime de ficcionalização, no qual “heróis”, “vilões” e “lutas” são significados e ressignificados constantemente.

No plano da memória individual, cabe alertar que processos como percepção, registro e rememoração também são impactados, sobremaneira, pela ficção. Nesse sentido, lembrar jamais será reviver o passado, como advertiu Bosi (1994).

Tratar-se-á, em verdade, de uma nova percepção advinda do tempo presente sobre o passado. Percepção esta, impregnada por um conflito contínuo entre o real e a ficção, em diferentes níveis de intensidade para cada um dos envolvidos no processo de comunicação da memória. Convém ressaltar que este processo de ficcionalização é influenciado, entre outros aspectos, pelo cinema, pela imprensa e pela informática - como pensa Manovich (2006) - e que seu curso é cíclico, ou seja, reinventado *ad aeternum*.

As possibilidades de criação, inovação e ficcionalização presentes no ato da enunciação e/ou percepção e rememoração, permitem o surgimento de múltiplas narrativas e imagens e, de certa forma, este ciclo torna a memória algo vivo.

No tangente às exposições alocadas em espaços destinados às representações do passado, tal qual o Centro, esta proposição se acentua. A materialidade dos “lugares de memória” está predestinada a ser interpretada e reinterpretada, frequentemente, seja a cada percepção ou a cada rememoração.

No caso da percepção, o indivíduo - isento de experiência para com aquele objeto ou lugar até então - se utiliza do exato momento daquele encontro para estabelecer um regime de ficcionalização. O referido indivíduo pode fabular, por exemplo, sobre o contexto de utilização de um objeto em determinada época e, daí estabelecer um vínculo comunicativo entre a lembrança e a experiência. A existência

do objeto parece nos convidar a conceber novas narrativas e este convite é alheio a qualquer ação totalitária ou absolutista.

Em se tratando da rememoração, pode-se dizer que cada esforço humano para rememorar determinada vivência - suscitada ou não pela lembrança - um regime de ficcionalização ocorre, tal qual constatamos na observação da trama fictícia *Narradores de Javé* ou quando presenciamos as infundáveis discussões a respeito da origem da chaminé situada no *campus* Leste da USP.

O vínculo comunicativo entre lembrança e memória tramou condições para a emersão de inúmeras imagens e narrativas - entre elas, as ficcionais - sobre a chaminé. Neste tocante, visualizamos denso e conflituoso relacionamento entre alteridades para a construção da memória viva, suscitada pela lembrança.

A materialidade da chaminé e as memórias de diferentes famílias afetadas pela respectiva construção arquitetônica, no passado, permitem a atribuição de novos significados para um mesmo significante ou uma mesma “imagem sobrevivente” de um tempo perdido, parafraseando Didi-Huberman (2013). Esse ponto de vista nos conduz, inegavelmente, à compreensão da memória como espaço de disputa simbólica. Porém, também de complementaridade, compartilhamento e convivência, especialmente, quando em contato com as lembranças.

Não à toa, uma de nossas variáveis hipotéticas é: “A construção da memória como vivência coletiva supõe denso relacionamento de alteridades e de subjetividades”. A memória encarada como vivência coletiva pressupõe o relacionamento de alteridades e subjetividades, em oposição ou harmonia. No concernente ao Centro, cabe dizer que as interações ora harmoniosas, ora conflituosas entre os diferentes grupos de idealizadores, ilustra esta variável de nossa hipótese.

Por fim, considerando que os ambientes midiáticos - ancorados na lembrança - também podem estabelecer vínculos comunicativos com a memória viva, inclusive a partir de regimes de ficcionalização, julgamos ter atendido outro objetivo específico deste trabalho, quando estabelecemos conexões reflexivas entre a comunicação e os ambientes midiáticos criados pela espacialização e materialização das representações do passado. Em ultimíssima instância, reiteramos a relação indissociável e simbiótica entre a memória e o viver. Dadas às dimensões contempladas por este trabalho, não somente a memória é vivência, mas a vivência é em si a própria memória.

ANEXOS

Anexo 1 – Convocatória para o 2º livro de memórias de Ermelino Matarazzo.

PROJETO do 2º. Livro de “MEMÓRIAS DE ERMELINO MATARAZZO”.
Participe ativamente do Volume 2 das “MEMÓRIAS DE ERMELINO MATARAZZO”

Registrar em livros a memória de um bairro, uma cidade ou um povo, é algo de grande importância, pois mantém viva as histórias vividas pelos pioneiros desde sua chegada até seus descendentes, hoje presentes.

Por certo, um livro apenas, jamais irá conter todas as histórias e lembranças de uma comunidade, mesmo porque, o tempo não para e novas histórias vão se construindo cotidianamente.

Sendo assim, estamos iniciando uma nova pesquisa junto aos moradores de Ermelino Matarazzo com o objetivo de produzir um novo registro, um novo livro (Volume 2). As pesquisas serão iniciadas a partir das Famílias Ermelinenses, das Famílias dos Imigrantes, das Migrantes, de origem Indígena, Afro, Latino-americanas, etc...

Para participar, você deve seguir as seguintes orientações:

- 1º Escreva a história de sua família desde a chegada em Ermelino Matarazzo com todos os detalhes que conseguir apurar, tais como: de onde vieram, como e quando chegaram a Ermelino Matarazzo, onde trabalharam, onde estudaram, etc.
- 2º Se for possível, utilize um gravador e registre as histórias contadas pelos mais velhos sobre como era o bairro quando chegaram; como era o comércio, o transporte, etc.
- 3º Junte fotos e documentos antigos para serem reproduzidos. Todos os documentos, fotos, cartas... nós nos comprometemos em devolver.
- 4º Queremos contar as MEMÓRIAS DE CADA VILA/JARDIM DE ERMELINO MATARAZZO. As HISTÓRIAS DAS LUTAS DE CIDADANIA E QUALIDADE DE VIDA DO POVO de Ermelino Matarazzo.
- 5º Vamos registrar as MEMÓRIAS das Entidades Sociais, das Escolas, dos espaços de Esportes e Lazer, dos espaços Públicos, dos transportes, das Moradias, das Religiões e Igrejas de Ermelino Matarazzo, das Lideranças, da organização e trabalhos dos idosos, jovens, famílias, etc... Você pode contribuir com as MEMÓRIAS. Escreva e envie para a equipe do Volume II das histórias do nosso Bairro.
 - Depois disso, preencha esta ficha e entregue com todos os materiais que você conseguiu juntar na Secretaria da Igreja São Francisco de Assis. **Você pode entregar ao Prof. Valdir, ao Maurinho ou na Secretaria da Igreja São Francisco de Assis, Rua Miguel Rachid, 997 – Ermelino Matarazzo – Fone 2546-4254.**

Prazo para entregar: Até o dia 31 de Dezembro de 2012.

- Todos os documentos que você apresentar serão devolvidos após digitalização e registros.

DADOS PARA CADASTRO

Nome: _____

Endereço: _____ nº _____

Complemento _____ Bairro _____

Telefone: _____ Celular _____

E-mail: _____

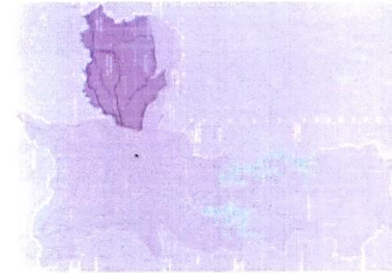
- Você pode entregar os seus escritos das MEMÓRIAS DE ERMELINO MATARAZZO na secretaria da Igreja São Francisco de Assis. Como também fotos, cartas, documentos, etc... Os objetos poderão ser fotografados. Tudo será devolvido aos que participam do Livro: volume 2.
- Entregar na Rua Miguel Rachid, 997, Ermelino Matarazzo: Valdir, Maurinho. Tel: 2546.4254.
- É urgente que todo povo conheça a sua memória, sua história. Isso nos dá IDENTIDADE.

Anexo 2 – Projeto Arquitetônico do Centro de Memória e Cultura da Zona Leste.

**Centro de Memória e Cultura
Centro de Convenções**

USP LESTE

Ruy Ohtake arquitetura e urbanismo
Novembro / 2012

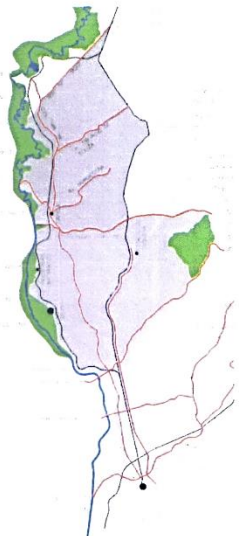


Município de São Paulo e a Zona Leste

Com a construção do Centro de Memória e Cultura e do Centro de Convenções, no Campus da USP Leste, a Universidade de São Paulo abre a possibilidade de estabelecer significativa e profícua relação Universidade – Comunidade na mais populosa e não menos carente região da metrópole de São Paulo, que é a Zona Leste. Com 4,5 milhões de moradores, maior numericamente do que Paris, Roma, Lisboa, Berlim, Madri, Amsterdã, Estocolmo.

Assim, a USP ao criar há 10 anos o Campus da Zona Leste, com dezenas de unidades de ensino, tornando-se na mais significativa área de educação na região. E agora, com decisão de construir os dois Centros, para a qual muito contribuiu a solicitação das comunidades locais, o Campus atingirá um novo patamar. O diálogo direto irá lhes proporcionar enorme ganho cultural e educativo. E, as novas gerações de jovens brasileiros com condições cada vez melhores.

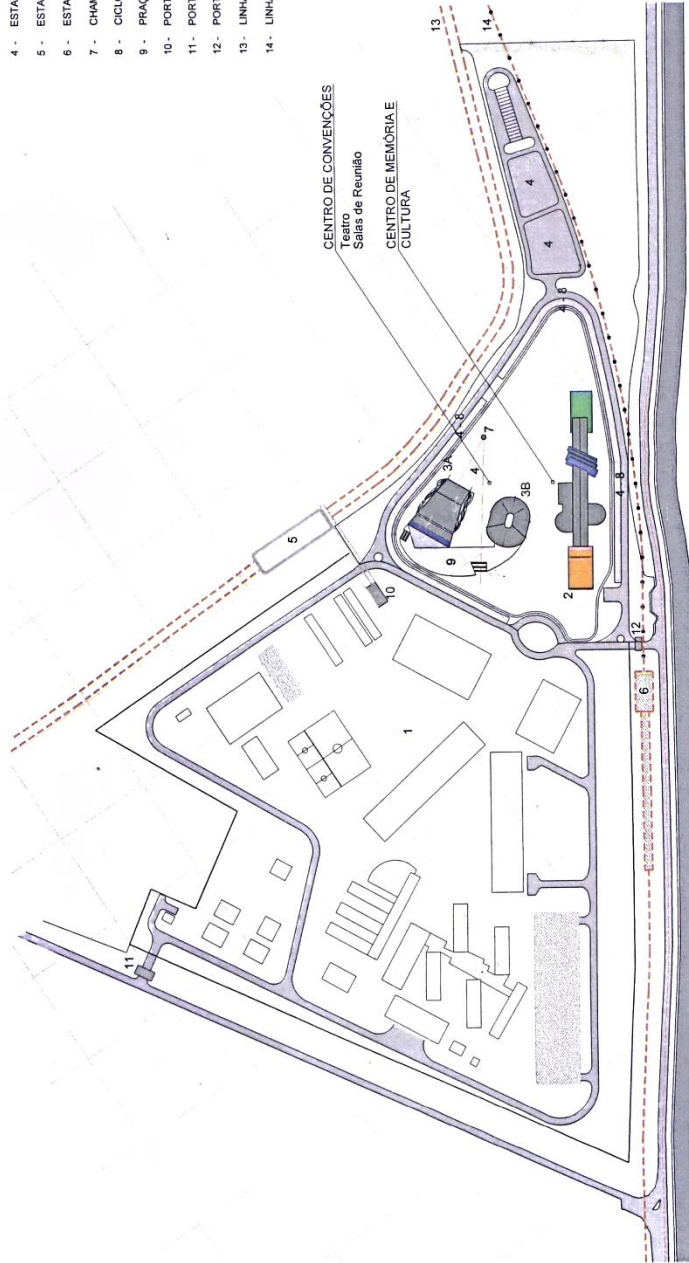
11,000 m
1000 m
2000 m
3000 m
4000 m
5000 m
6000 m
7000 m
8000 m
9000 m
10000 m
11000 m
12000 m
13000 m
14000 m
15000 m
16000 m
17000 m
18000 m
19000 m
20000 m
21000 m
22000 m
23000 m
24000 m
25000 m
26000 m
27000 m
28000 m
29000 m
30000 m
31000 m
32000 m
33000 m
34000 m
35000 m
36000 m
37000 m
38000 m
39000 m
40000 m
41000 m
42000 m
43000 m
44000 m
45000 m
46000 m
47000 m
48000 m
49000 m
50000 m
51000 m
52000 m
53000 m
54000 m
55000 m
56000 m
57000 m
58000 m
59000 m
60000 m
61000 m
62000 m
63000 m
64000 m
65000 m
66000 m
67000 m
68000 m
69000 m
70000 m
71000 m
72000 m
73000 m
74000 m
75000 m
76000 m
77000 m
78000 m
79000 m
80000 m
81000 m
82000 m
83000 m
84000 m
85000 m
86000 m
87000 m
88000 m
89000 m
90000 m
91000 m
92000 m
93000 m
94000 m
95000 m
96000 m
97000 m
98000 m
99000 m
100000 m



Dezembro de 2012.

LEGENDA

- 1 - CAMPUS USP LESTE UNIDADES CONSTRUÍDAS
- 2 - CENTRO DE MEMÓRIA E CULTURA
- 3A - CENTRO DE CONVENÇÕES - TEATRO
- 3B - CENTRO DE CONVENÇÕES - SALAS DE REUNIÃO
- 4 - ESTACIONAMENTO
- 5 - ESTAÇÃO CPTM USP - LESTE (existente)
- 6 - ESTAÇÃO CPTM POLI - LESTE (projetado)
- 7 - CHAMINÉ
- 8 - CICLOVIA E VIA INTERNA
- 9 - PRAÇA DE ACESSO
- 10 - PORTARIA 1
- 11 - PORTARIA 2
- 12 - PORTARIA 3
- 13 - LINHA FERREÁ EXISTENTE
- 14 - LINHA FERREÁ ELEVADA



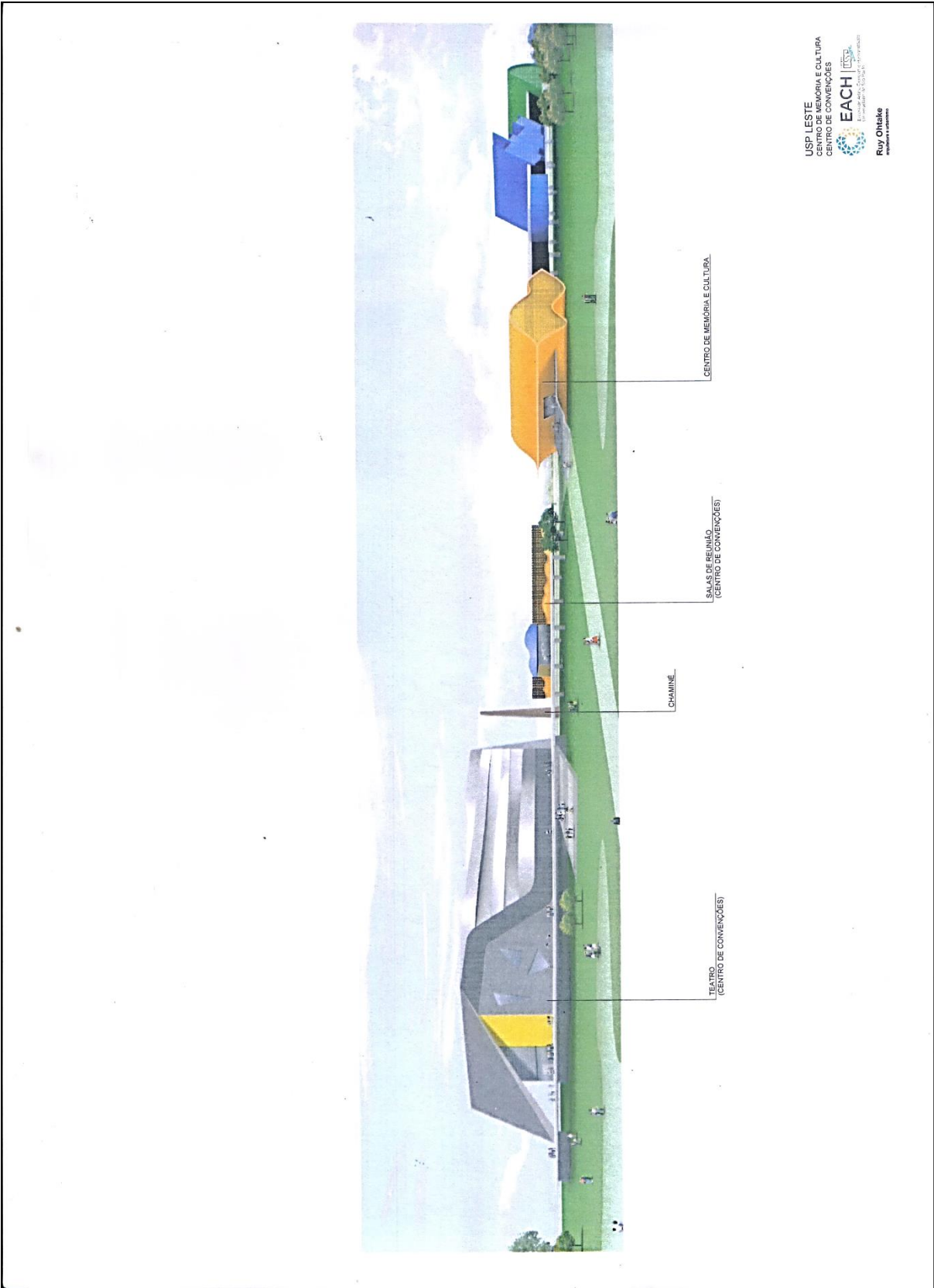

 IMPLANTAÇÃO Esc. 1:4000

USP LESTE
CENTRO DE MEMÓRIA E CULTURA
CENTRO DE CONVENÇÕES



Ruy Ohtake
 arquitetura e urbanismo
 novembro 2012

01

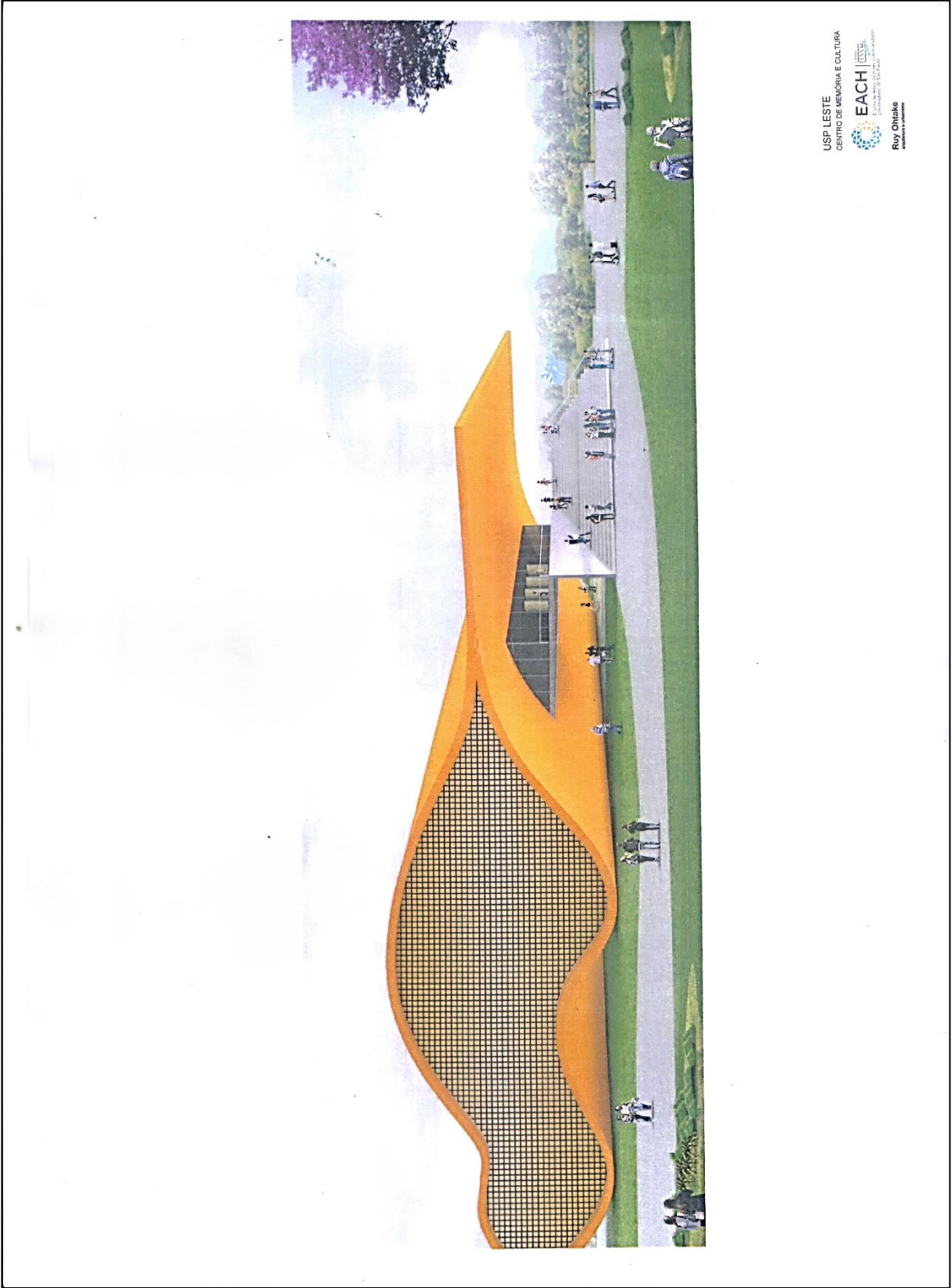




USP LESTE
PLANO GERAL

EACH
Escuela de Arquitetura e Urbanismo

Ruy Ohtake
arquiteto

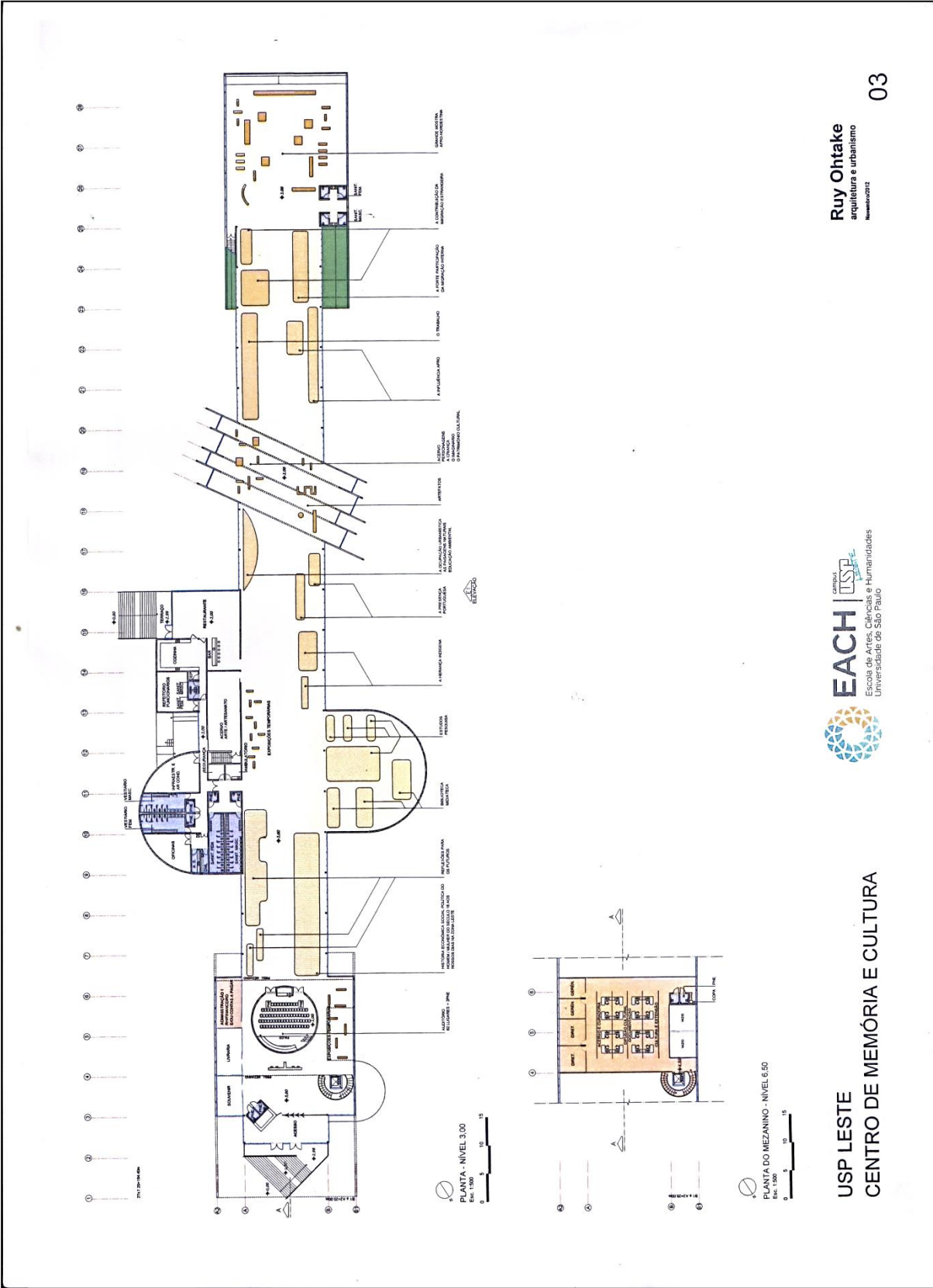


USP LESTE
CENTRO DE MEMÓRIA E CULTURA

EACH
Escuela de Arquitectura
de la Universidad de São Paulo

Ruy Ohtake
arquitecto y urbanista





Centro de Memória e Cultura

USP LESTE

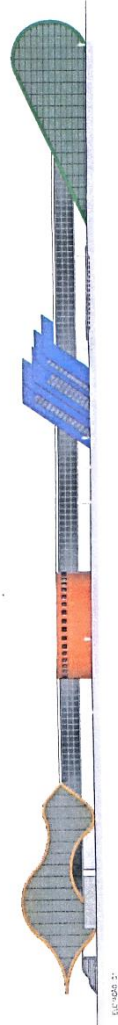
Centro de Memória e Cultura

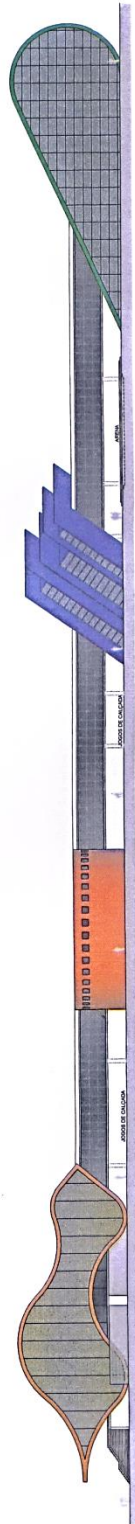
No pavimento superior, o edifício apresentará uma visão histórica da Zona Leste. Um corte longitudinal da história exibirá as sucessivas ocupações na Zona Leste ao longo de cinco séculos, desde a herança indígena, a colonização portuguesa, o legado afro, a participação dos imigrantes (notadamente portugueses, espanhóis, italianos, libaneses, japoneses), a fase da industrialização, sua decadência e as migrações resultantes da crise social das áreas rurais mais pobres do nordeste do país, provocando a vinda de grande contingente de população. A Zona Leste transformou-se, nas últimas décadas, em bairro dormitório, na qual 81% da população produtiva tem seu local de trabalho fora da Zona Leste. Esse corte longitudinal histórico será seccionado por cortes transversais com pés direito mais altos, que permitirão exposições de grande porte, mostrando a diversidade das manifestações do homem e da mulher da Zona Leste, no seu território, na produção do trabalho e na cultura. Algumas dessas exposições serão permanentes e outras temporárias a fim de provocar interesse contínuo. Trabalhos acadêmicos serão estimulados e estabelecerão convívio com a comunidade, que se estenderá nas salas de seminários e palestras no Centro de Convenções.

Necessárias áreas de apoio permitirão o bom funcionamento do Centro de Memória e Cultura: gerências administrativa, técnica e cultural, livraria, loja de lembranças, restaurante, serviços, área de segurança e ambulatório, doca e depósitos técnicos e administrativos. O projeto prevê acessibilidade.

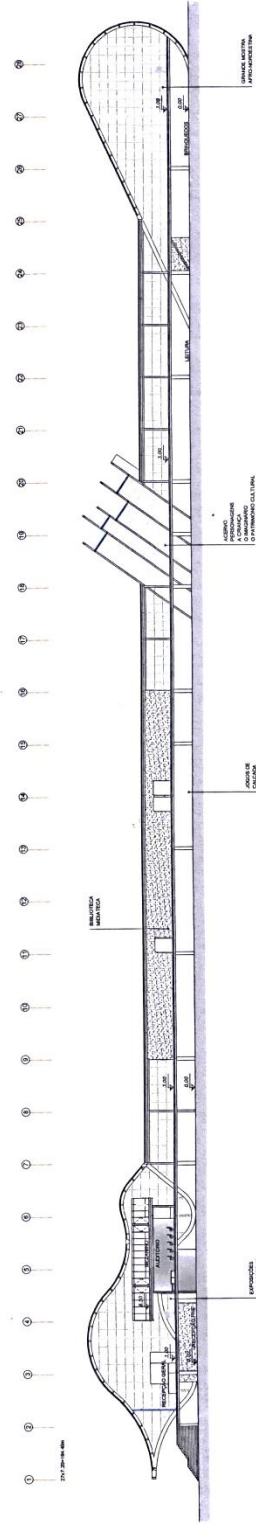
O capítulo final do corte longitudinal é dedicado à discussão da presente situação e das perspectivas futuras da Zona Leste, na qual o urbano, o homem e a mulher possam ter melhores condições ambientais (trabalho, moradia, transporte, área verde) e de desenvolvimento (educação, saúde, cultura).

No pavimento térreo, constituído por pilotis, o projeto prevê espaços sem paredes nem divisória, estimulando a formação de crianças, jovens e adultos para as diversas atividades culturais e seus complementos. Assim, locais para oficinas abertas de desenho, gravura, grafite, contador de história, jogos de calçada. Princípios de montagens de exposição, iluminação, documentação. Além de espaços de convivência, como área para caminhada, pequena arena aberta.





ELEVACAO 1
Ech. 1:200
0 5 10 15



CORTE AA
Ech. 1:500
0 5 10 15

USP LESTE
CENTRO DE MEMÓRIA E CULTURA



Ruy Ohtake
arquitetura e urbanismo
Memorabitiz

04

Centro de Convenções Teatro / Salas de Reunião

USP LESTE

Centro de Convenções

Teatro, música, shows sempre foram, desde a época de gregos e romanos, atividades muito atrativas para os habitantes das cidades. Esse interesse se perpetua. Ao possibilitar um espaço com esses objetivos, a USP Leste criará um fundamental ponto de convergência entre as comunidades e a formação acadêmica, divulgando, discutindo e promovendo manifestações culturais e populares. Proporcionar um Villa-Lobos, um Verdi, um show da coletânea de Adoniran Barbosa, ou um espetáculo de percussão da bateria do Vai-Vai.

O Centro de Convenções será constituído do Teatro multiuso, abrangendo plateia de 1.200 pessoas para concertos musicais, óperas, teatro, artes cênicas, ballet e dança. O palco terá adequações para os diferentes usos: cenotecnia, coxia, fosso da orquestra, além de abertura para o exterior, possibilitando espetáculos ao ar livre para 8.000 pessoas e interligando visualmente a chaminé existente.

O foyer é o saguão de entrada que unirá os vários ambientes: plateia, salas de ensaio, camarins, espaço para exposições, bar, loja de lembranças, bilheteria, segurança, com especial destaque para as salas de seminários e palestras.

No pavimento térreo, constituído pelos pilotis, estão previstas oficinas abertas para desenvolvimento dos diversos setores de artes cênicas, áreas para recreação e convivência, permitindo atividades para formação dos jovens e, com isso, possibilitando um uso interessante e didático, tendo piso permeável. Áreas para atividades da terceira idade, exercícios de circo, de teatro infantil, dança e skate. Serviços, infraestrutura, depósitos e doca complementam o edifício, além das gerências administrativa, técnica e cultural.



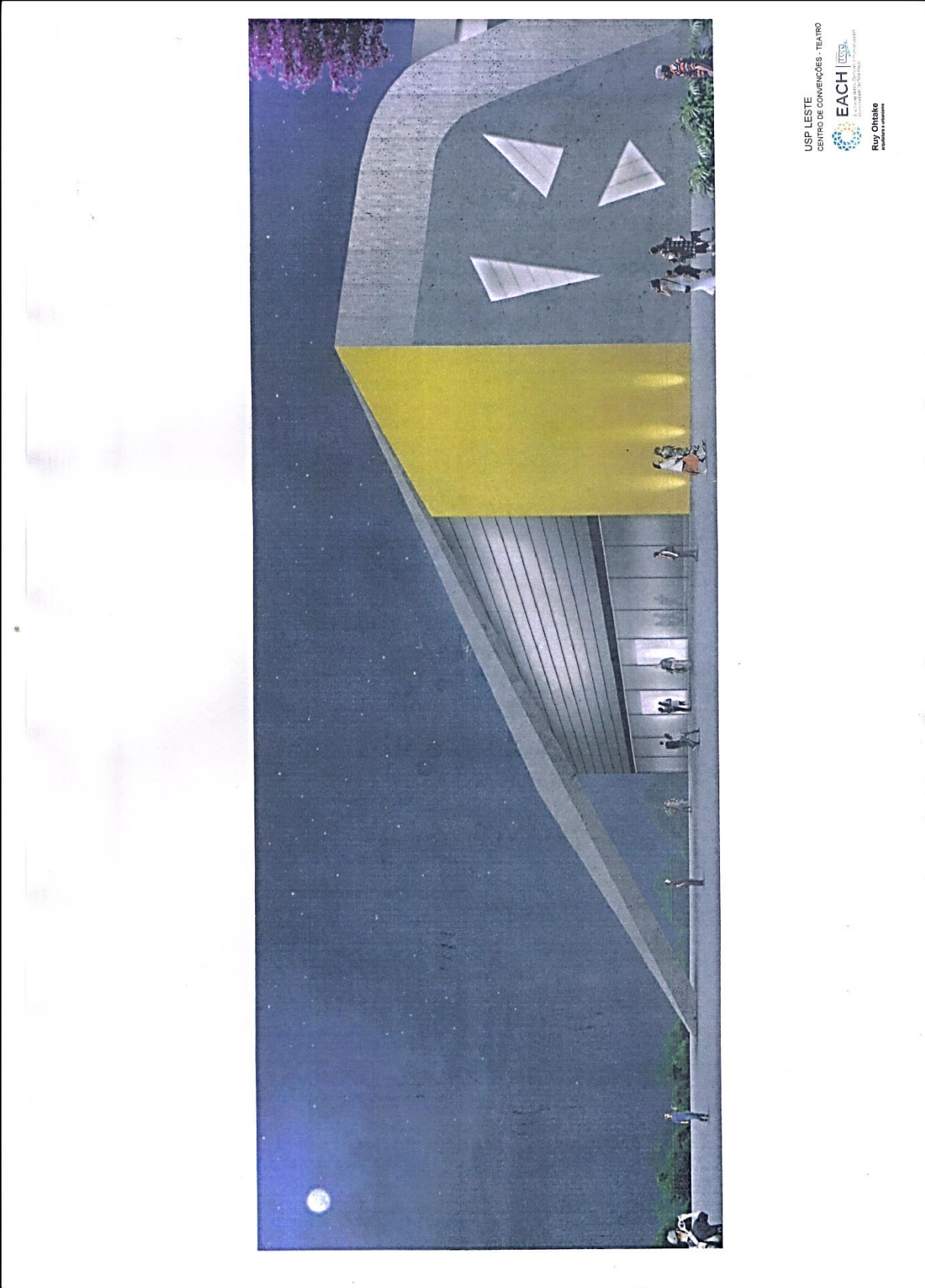
Complementos

Sistema viário: a partir do Pontão 3, está previsto o sistema viário interno para automóveis e bicicletas, com respectivos estacionamento e bicicletário, ônibus para caravanas, caminhões para carga e descarga.

Acessos: O acesso, através de transporte público, poderá ser feito pela atual estação USP Leste da CPTM e está proposta a estação Poli Leste, na futura ligação férrea aérea, que a CPTM fará para o Aeroporto de Cumbica, que possibilitará a frequência dos estudantes moradores de Guarulhos e facilitará o contato internacional.

Paisagismo: setores didáticos como amostragem da fauna brasileira e outro para convivência ao ar livre. Internamente está prevista uma ligação das unidades acadêmicas já constituídas com o Centro de Memória e Cultura. Pátio para exposição ao ar livre.

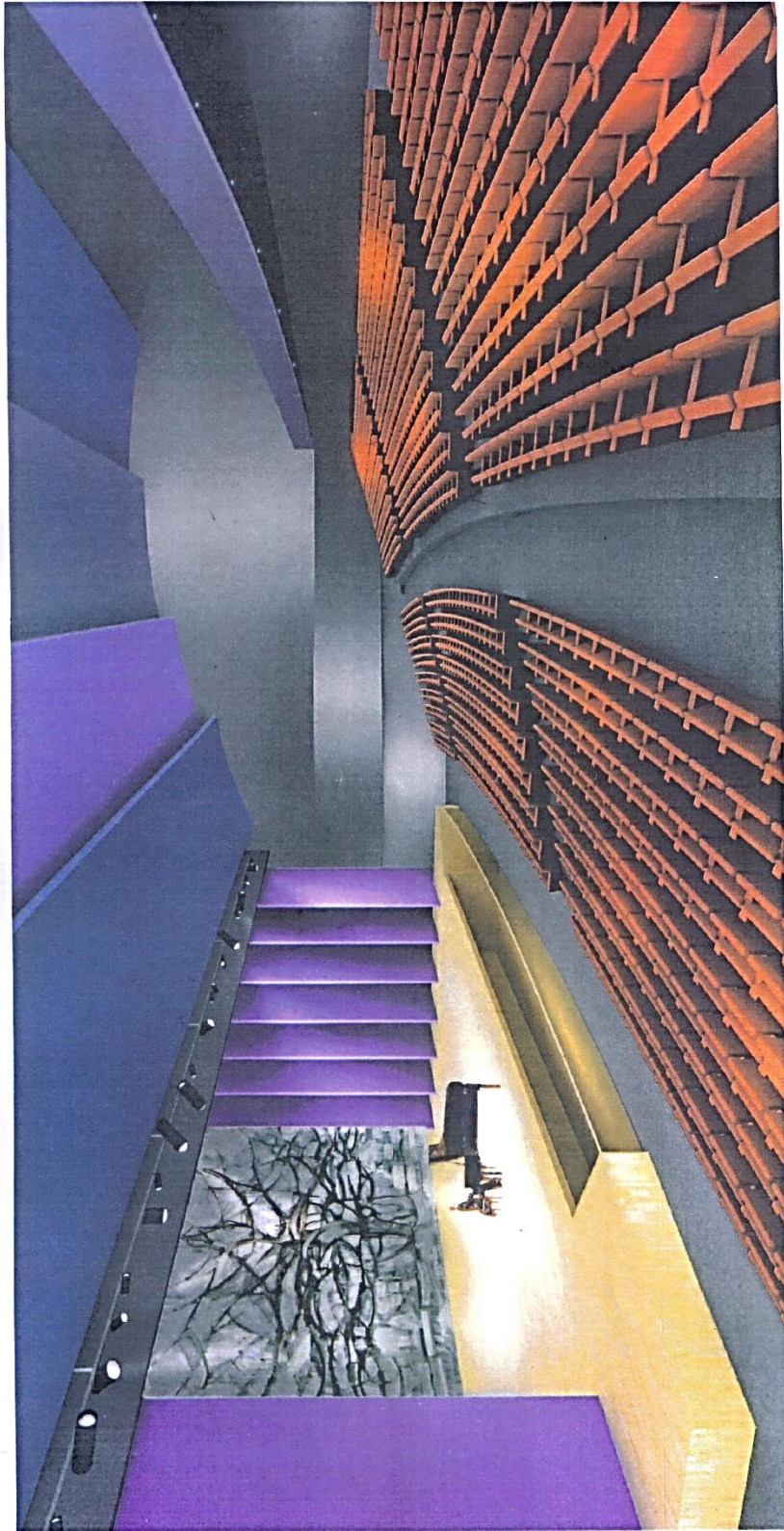
Chaminé: a chaminé existente será preservada e a linha do eixo do Teatro e a visada das escadadas para o Centro de Convenções passam por ela.



USP LESTE
CENTRO DE CONVENÇÕES - TEATRO

EACH USP
Escuela de Arquitectura de la Universidad de São Paulo

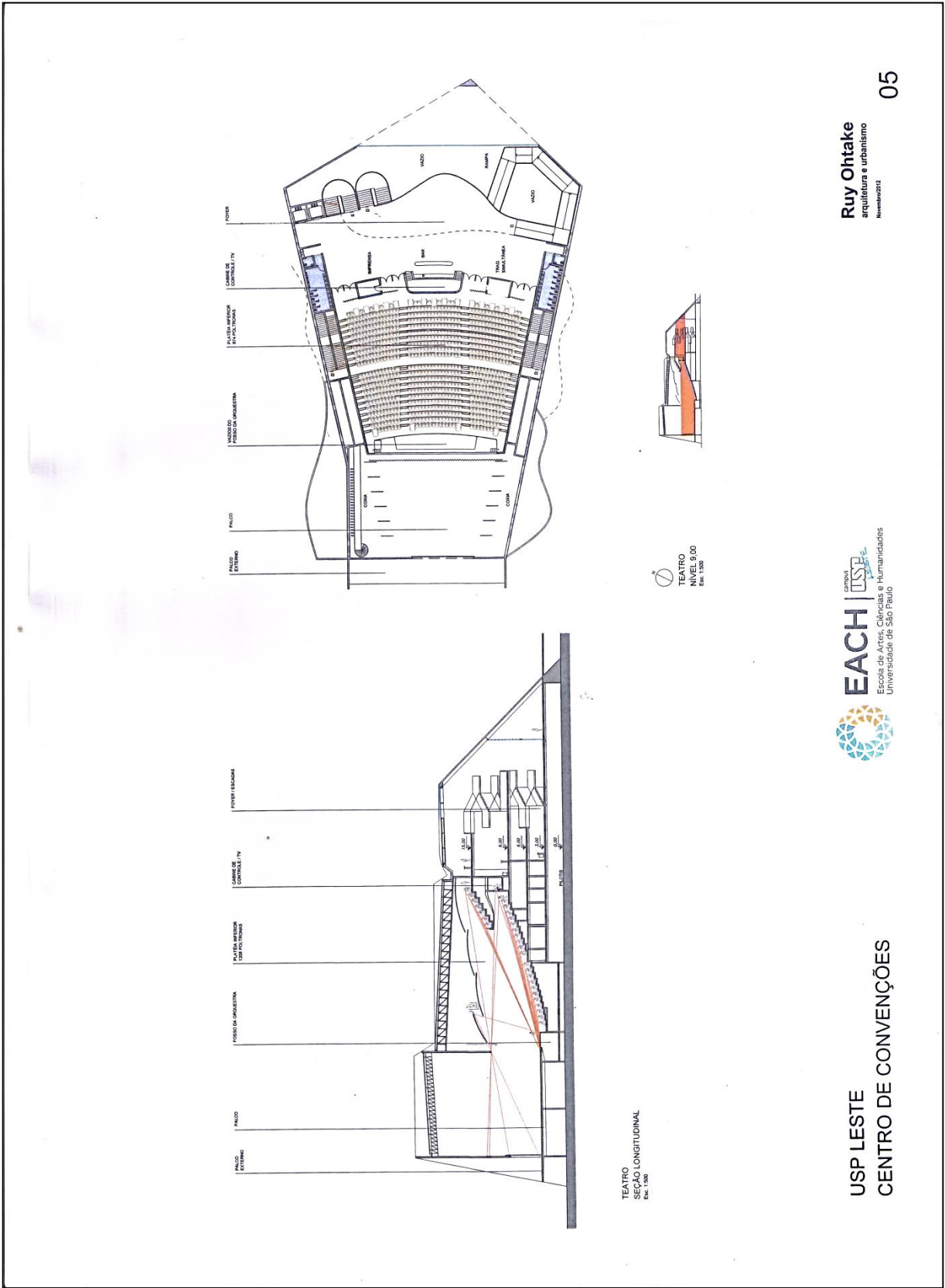
Rua Otávio
de Almeida Prado



USP LESTE
TEATRO

EACH | Escena de Arte e Cultura

Ruy Ohtake
Arquiteto e Designer



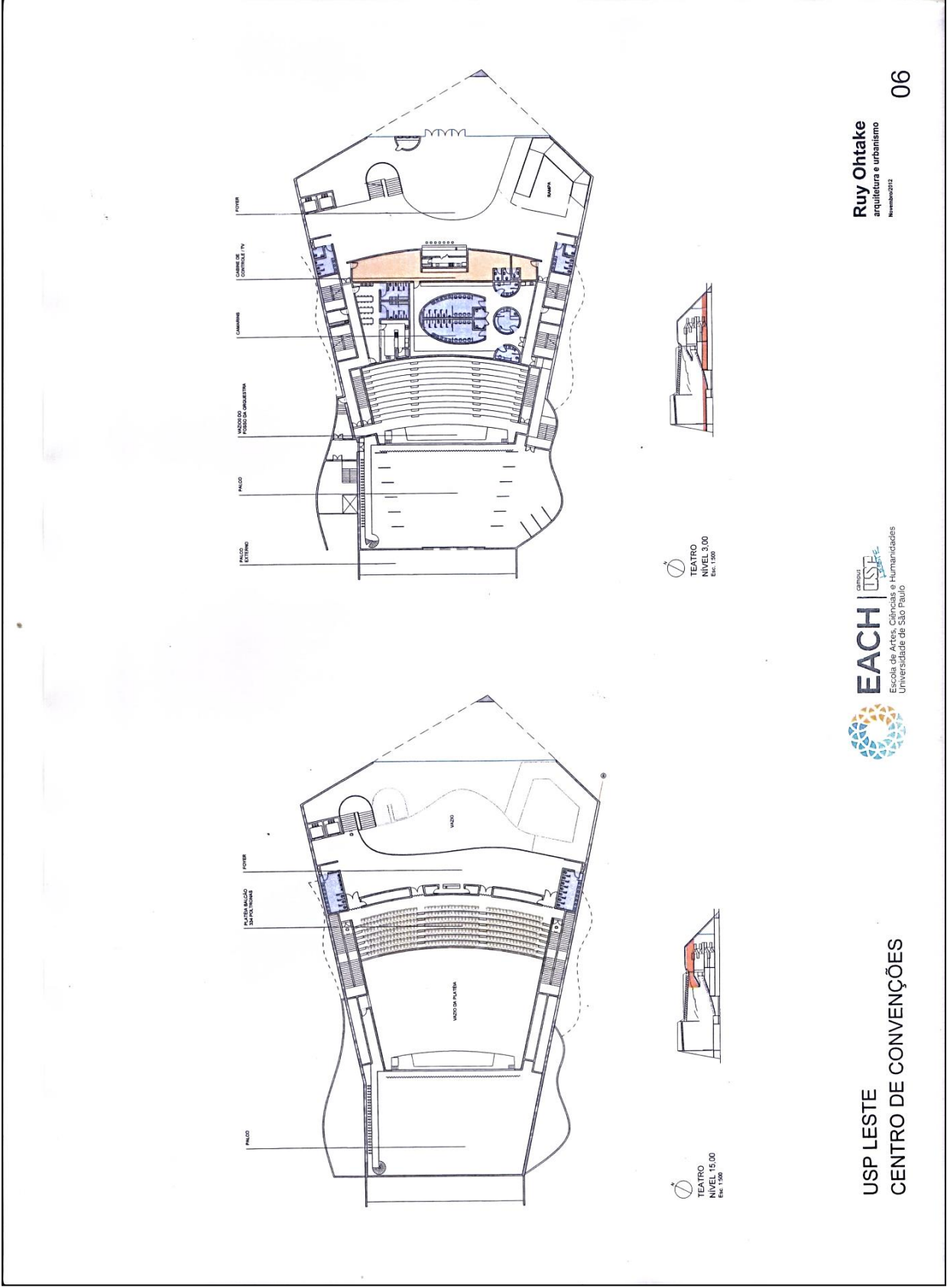
Ruy Ohtake
 arquitetura e urbanismo
 Novembro/2011

05



USP LESTE
CENTRO DE CONVENÇÕES

TEATRO
 SEÇÃO LONGITUDINAL
 Esc. 1:500

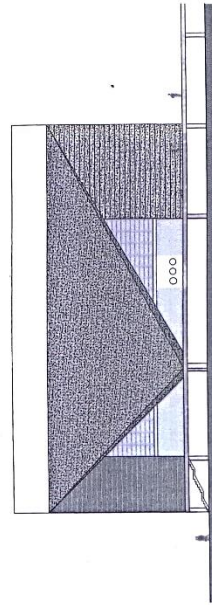


Ruy Ohtake
 arquitetura e urbanismo
 Novembro/2012

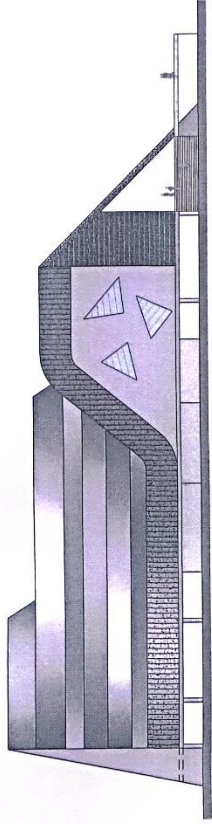
06



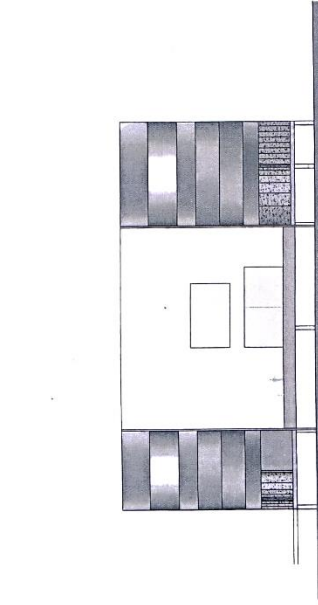
USP LESTE
CENTRO DE CONVENÇÕES



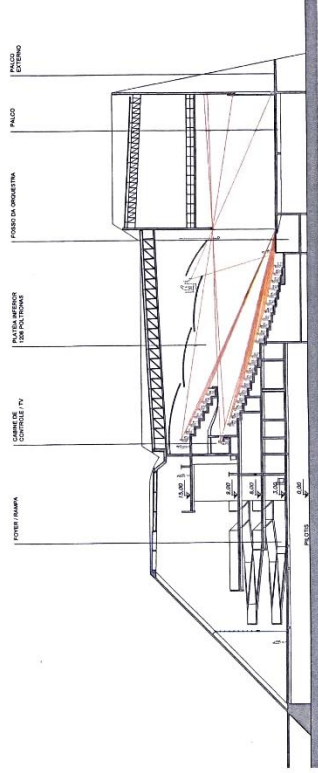
TEATRO
FACHADA FRONTAL
Escala: 1:200



TEATRO
FACHADA LATERAL
Escala: 1:200



TEATRO
FACHADA PALCO EXTERNO
Escala: 1:200

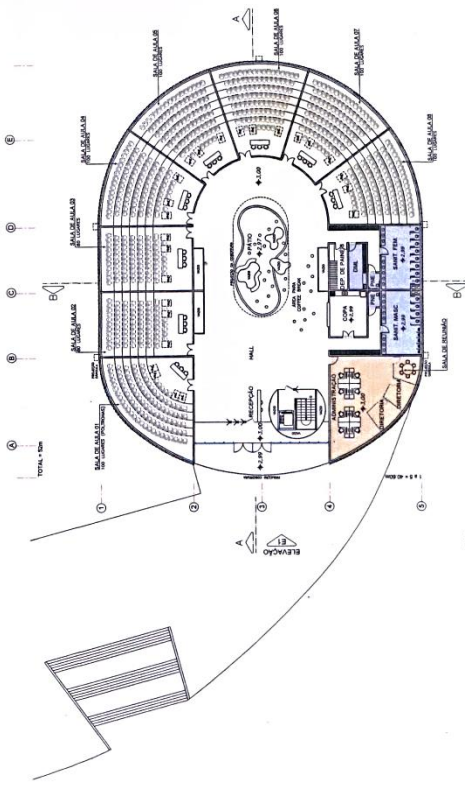


TEATRO
SEÇÃO LONGITUDINAL
Escala: 1:200

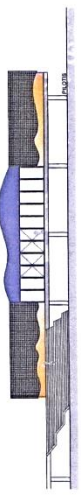
USP LESTE
CENTRO DE CONVENÇÕES



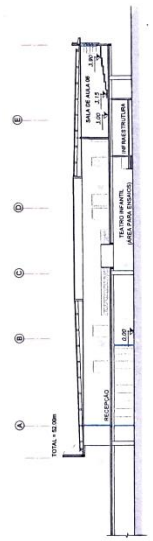
Ruy Ohtake
arquiteto e urbanista
RuyOhtake.com.br




SALAS DE REINÍCIO
 PLANTA - NÍVEL 3.00
 Esc. 1:200



SALAS DE REINÍCIO
 ELEVACÃO 1
 Esc. 1:200



SALAS DE REINÍCIO
 CORTE AA
 Esc. 1:200



SALAS DE REINÍCIO
 CORTE EB
 Esc. 1:200

Anexo 3 – GRITA POVO, São Paulo, jun. 1983, nº 11. (p.4).

O que é?

Análise de Conjuntura



Análise de conjuntura não é tão complicado como parece. É simples. Quer dizer: análise da situação atual. É aquilo que a gente faz todos os dias na paróquia, nas CEBs, na nossa cidade, quando a gente procura entender o que está acontecendo.

Por que fazemos análise de conjuntura? — A gente faz análise de conjuntura porque quer melhorar a situação. Então tentamos compreender em que ponto estamos e para onde queremos ir. Primeiro a gente procura compreender o que aconteceu no passado. E analisa quais os fatos mais importantes desse passado. Em seguida, a gente tenta compreender o que está acontecendo

nos dias de hoje (com o nosso grupo, na Região, na cidade e no país), ou seja, o que anda acontecendo com o nosso povo. Depois, de entender o passado e o presente, a gente procura definir aonde queremos chegar, ou seja, qual deve ser a nossa luta. Claro que não podemos prever o futuro. Afinal, quem sabe o que vai acontecer daqui a dois anos? O que vai acontecer com o movimento das CEBs? A gente não sabe, mas para dar os passos da luta, fazemos um estudo.

Esse estudo, depende de duas coisas:

1. Das informações que a gente tem. Por isso, é muito importante estar bem informado do que acontece.
2. Do conhecimento que temos de como os fatos sociais acontecem. É muito importante a vontade de mudar o caminho das coisas. Nada acontece automaticamente. O importante é acreditar que a nossa vontade e a nossa luta pode modificar o jeito que as coisas vão. Então, quando a gente faz análise de conjuntura, precisamos ter claro que: estamos procurando mudar o rumo das coisas; estamos tentando se organizar com outros grupos que também lutam; acreditamos que, com vontade e luta, a gente vai construindo o futuro mais do jeito que a gente quer. E acredita.

(Texto tirado de uma palestra de Plínio Sampaio)

Novo Governo: P viola, e por



Não é de hoje que nosso povo vêm brigando por seus direitos junto às autoridades. Nos últimos 20 anos foram enganados e usados por prefeitos e secretários que também tinham alergia ao "cheiro do povo".

A teimosia popular conseguiu muitas vezes arrancar promessas que ficaram nas palavras e, quando muito, no papel... De fato não se podia esperar mais de um governo de coronéis e empresários.

Agora, dizem que mudou. O poder está nas mãos de gente que o povo escolheu. Será, que de fato, mudou alguma coisa? Veja e julgue:

- Uma comissão de 30 moradores do Jardim Planalto e Vila Reis foram até o governador pedir

a reti milhar pessoa camin Estad. CON, de M de pé

• I õnibu Migue tura enche marca foram muita lados E gover Santó cioná Co palav gover Nas p O conti mud cação

DOM ANGÉLICO, NOSSO PRESIDENTE



Dom Angélico foi eleito Presidente da Comissão Representativa do Regional Sul-1 da CNBB na última Assembléia dos Bispos do Estado de São Paulo realizada em Itaici, de 6 a 9 de junho último.

Como Presidente, Dom Angélico estará representando o pensamento dos Bispos do Estado de São Paulo, além de coordenar a caminhada da Pastoral

conjunta das Dioceses que compõem o Regional.

Nosso desejo é que não lhe falte coragem e sabedoria para levar esse importante trabalho para a frente. Força, irmão, estamos com você.

História da Zona Leste - 1

TUDO COMEÇOU EM 1560 QUANDO OS PORTUGUESES E JESUITAS AQUI CHEGARAM PARA FUNDAR A VILA S.P. DE PIRATININGA, HOJE CIDADE DE S.P.



PARA GARANTIR O TRABALHO NA LAVOURA TIVERAM QUE FORMAR UMA POPULAÇÃO COMPOSTA DE COLONOS E INDIOS



PORQUE RECORRERAM AOS INDIOS: OS PORTUGUESES VINHAM SEM MULHERES, SEM BRAÇOS FORTES PARA O TRABALHO



OS INDIOS GUANANIZES ERAM DA REGIÃO, NÃO SUBMETERAM-SE AO TRABALHO ESCRAVO E DOENÇAS TRANSMISSÍVEIS DOS PORTUGUESES



OS PORTUGUESES TROUKERAM INDIOS E BRANCOS DE OUTROS LUGARES PARA EXPLORAÇÃO DO TRABALHO



OS JESUITAS PARA DOMESTICAR OS REBELDES USARAM A CATEQUESE, OS QUE NÃO ACEITARAM, ORGANIZARAM-SE



FORMANDO DUAS ALDEIAS: A DE N. SR. DOS PINHEIROS E DE SÃO MIGUEL (ALDEIA DE URURAI)



A ORGANIZAÇÃO FOI LIDERADA PELO INDIÓ FIGUERUBI QUE... CONTINUA NO PRÓXIMO NÚMERO



A partir desta edição a Equipe do "Projeto Memória" do Centro de Comunicação, começa contar a verdadeira História da Zona Leste

A selh Asse maic Itaq A resse equ dad segu Equ A 151 tas, algu com apo pará dad repr com I Chu ção um são "Pa da nós aco este

Grita Povo

Experiências de lutas populares

A cooperativa de costura das mulheres do Itaim

Uma cooperativa de produção de costura que quer acabar com a exploração das costureiras pelas fábricas de roupa, ajudar aos desempregados e despertar nas mulheres do bairro uma consciência política e de luta. É o que um grupo está fazendo no Monte Taó, em Itaim Paulista. Quem vai contar esta experiência é a Cida e a Dona Ermenegilda, duas participantes da cooperativa.

Cida: "No fim do ano passado fiquei desempregada, e com um grupo de pessoas do Monte Taó resolvemos fazer um trabalho no bairro que mostrasse a situação das mulheres que costumam para as fábricas. Começamos a fazer reuniões todos os domingos e vimos que a proposta era boa. Fizemos um levantamento do que tínhamos e o resultado foi: algumas máquinas de costura e muito boa vontade. A Dona Nega e a Dona Ermenegilda compraram outras máquinas. O Silas, que também participa da cooperativa, conseguiu retalhos na fábrica onde ele trabalhava, e retalhos até bons. Compramos um pouco de tecido com o dinheiro que a gente tinha e a costura começou. Marcamos o primeiro bazar no dia 15 de Maio, no Diretório do PT do Itaim Paulista. Com o dinhei-



Cida: "A intenção é que a coisa seja espalhada por toda a periferia".

ro conseguido compramos mais tecido. Depois disso mais dois bazares foram realizados. A proposta era que tudo que a gente fizesse fosse dividido. Constantemente fazemos reuniões para encaminhar melhor o trabalho. O que a gente quer também é que as pessoas, ao invés de comprarem

roupa na cidade, onde ela é mais cara, passem a costurá-las; combater a exploração das fábricas, que eu sei como é, pois já trabalhei nelas; e mostrar às costureiras que aceitar fazer roupa em casa para as fábricas, é tirar o emprego de quem poderia estar trabalhando lá."

Dona Ermenegilda — "A gente ainda está em experiência. Falta dinheiro para aplicar em tecidos e uma máquina overloque. O Padre Chico, do Itaim, pediu um orçamento dessa máquina e o encaminhou ao Dom Angélico. Talvez a gente vai para as feiras livres pra ajudar a vender as roupas. Mas tem os fiscais que perseguem a gente e eles não deveriam fazer isto. Com o dinheiro que a gente conseguir, é também para o trabalho de menores aqui do Monte Taó, que, às vezes as crianças nem tem o que comer".

Cida — "A Intenção é que a coisa seja espalhada por toda a periferia. Em São Marcos e Itaquera já vão começar um projeto parecido com o nosso.

O trabalho não está sendo fácil, como elas fazem questão de dizer. Mas está valendo a pena, pois o sentido da cooperativa é a ajuda mútua, e acabar com a exploração.



Dona Ermenegilda: "A gente tem que começar uma cooperativa com a cara e a coragem".

Mas, o que é uma Cooperativa Popular?

Uma Cooperativa Popular é uma reunião de gente do povo para fazer um trabalho juntos, com as despesas e os lucros divididos entre todos. O povo sempre faz uma cooperativa quando falta dinheiro. Ela pode ser de costura, como já vimos, de alimentos, que é comprar mantimentos no atacado, que sai mais barato, e depois dividir para quem colaborou com dinheiro, ou então vender por preço mais baixo; ou uma cooperativa

habitacional, onde várias pessoas se unem para construir casas mais baratas, com material comprado por todos.

Esta é uma forma de ajuda que precisa ser feita. E não só de costura, de alimentos ou habitacional. Cada um, de acordo com o que está precisando, devem pensar na cooperativa popular como uma saída para a organização de suas lutas.

Aprendendo e ensinando Tira o rabo

I. Objetivo: Animação II. Materiais: Cordas panos ou papéis III. Desenvolvimento



Todos os participantes devem colocar um pedaço de pano na parte de trás da cintura sem amarrá-lo; em seguida passa seu braço esquerdo por trás da cintura....



... e o amarra, com uma corda no cotovelo do braço direito. (Desta maneira, se reduz consideravelmente a capacidade de movimento do braço direito).

Quando todos estiverem prontos, dá-se o sinal do início da brincadeira e todos devem tentar arrancar os panos dos demais participantes. Aquele que conseguir carrancar o maior número de panos, sem perder o seu, será o vencedor.

Aquele que tiver seu pano arrancado, ou que solte seu braço esquerdo para arrancar o pano do outro, cai fora da brincadeira.



(do livro "Técnicas de Educação Popular", do Grupo Alforja, da costa rica).

Anexo 4 – GRITA POVO, São Paulo, jul. 1984, nº 22. (p.8).

Página 8

Um Ano de Legítima Defesa

Grita Povo

Semana de História na Região São Miguel

O POVO FOI O JUIZ

História se faz. História se conta. Memória perdida é vida que se perdeu. Numa só semana juntamos pedaços de história que são pedaços de cada um de nós. Com os pedaços fizemos um farol,

alto e robusto para iluminar nosso caminho de futuro. Entre os claros e escuros, avanços e recuos dos últimos 20 anos aprendemos a renascer confiantes.

Foi assim a "Semana de História" realizada de 19 a 14 de julho. O povo se propunha a julgar. E julgou. Diariamente, mais de 300 pessoas se reuniram na casa de encontros de S. Miguel para discutir os últimos vinte anos da história brasileira. A sentença foi dada.

NA POLÍTICA, 20 ANOS DE REPRESSÃO

Desde o golpe militar de 64, imposto pelas forças armadas e pelos grupos dominantes sobre a classe trabalhadora, até os dias de hoje, tentou-se alienar o povo de toda participação política. Os métodos variaram entre a tortura mais brutal e os sucessivos pacotes de leis. Mas, em todos esses anos de escuridão a resistência e os pequenos ensaios de reação sempre marcaram a presença do povo no processo político brasileiro.



NA ECONOMIA, 20 ANOS DE EMPOBRECIMENTO

Arrocho salarial, fraude nos índices de inflação, lei antigreve, abertura incondicional ao capital estrangeiro, venda do país ao FMI, empobreceram o povo e levaram o país a uma crise jamais vista em nossa história. O Brasil foi para o buraco... e agora? Quem segura este país? Ninguém. Os militares prometiam

acabar com a corrupção, e começam a bater em retirada, atolados num mar de lama. Alardearam que reduziriam a inflação e agora deixam o poder afogando o povo num índice de mais de 200% ao ano.



NO MOVIMENTO POPULAR, 20 ANOS DE RESISTÊNCIA E LUTA

Castelo, Costa e Silva, Médici, Geisel, Figueiredo, príncipes de um tempo de escuridão. Trazem as mãos sujas de sangue de centenas de vidas cujo crime foi querer liberdade. Construíram um império de pés de barro que o povo da periferia e do campo, as entidades civis e democráticas fizeram por minar. O povo resistiu. O amanhecer se aproxima.



NO MOVIMENTO OPERÁRIO, A VOZ QUE NUNCA SE CALOU

Mais de 1000 sindicalistas eliminados com o golpe. Lei antigreve. Fundo de garantia. Lei 4725 (arrocho salarial), foram cenas de um teatro obscuro criado por atores não menos inescrupulosos. Contagem, Osasco, S. Bernardo, a reação não se fez esperar. O sindicalismo autêntico vai se fortalecendo, as oposições ganham terreno. Chegaremos lá.



IGREJA, UMA PRESENÇA AO LADO DO POVO

Da timidez ao profetismo, a Igreja dos pobres se fez voz entre as mordidas e o silêncio imposto. Apurou sua fidelidade, anunciou o Evangelho claro e seguramente nas vilas e roças. Foi solidária. Mais de 80.000 Cebts tecem um tecido novo de uma nova sociedade. A Igreja se converte. Torna-se a cada dia mais uma Igreja do povo. Do Povo de Deus.



IDEOLOGIA DA SEGURANÇA NACIONAL, UM PECADO QUE EXIGE CASTIGO

Em seu nome foram assassinados Alexandre, Tito, Fiel Filho. Para sua proteção, arrombaram-se casas e vidas. De seu escremento nasceu o AI-5. De seu ventre assassino saiu e cresceu toda uma geração sem história e sem memória. A história vai julgar e será severa, pois, "do ventre fecho das filhas do povo, das cinzas dos ranchos, da terra queimada, das marchas, das greves, das ruas feridas nascerão seus julgadores'..."

Nosso grande agradecimento a Clovis Azevedo, Carlos Eduardo de Carvalho, Paulo Vanuchi, Elias Stein, D. Angélio Sândalo Bernardino e Gilson Schwartz que, num tempo de usura desmedida souberam repartir na gratuidade suas experiências e esperanças.

Você poderá adquirir o texto síntese de todas essas palestras no CEMI, ao preço simbólico de Cr\$ 100,00.



Leia, Divulgue e Assine o Grita Povo

NOME.....
ENDEREÇO.....Nº.....
CASA/APTO.....BAIRRO/VILA.....
CEP.....CIDADE.....ESTADO.....

Estou enviando cheque nominal para Região Episcopal Leste II, no valor de Cr\$ 1.500,00 (6 meses).
Correspondência:
Praça Pe. Aleixo Monteiro
Mafra, 13 - 08.000. -
São Miguel Paulista - SP.

GRITA POVO, São Paulo, jul. 1984, nº 22. (p.6).

página 6

um ato de legítima defesa

Grita Povo



No dia 08 de julho, os moradores do Bairro dos Pimentas e o Movimento de Terras de São Miguel realizaram um ato público para denunciar a situação dos posseiros daquele bairro, constantemente ameaçados por grileiros, bem como para exigir providências das autoridades quanto à apuração dos fatos em relação à morte de dois líderes do Movimento dos Posseiros do Pimentas (Antônio e Paulo). Neste sentido o Procurador Geral da Justiça, atendendo um requerimento de vereadores do PT de Guarulhos, nomeou um

Novos passos para defesa da terra

promotor para acompanhar o inquérito aberto para investigar as mortes, o que representa maior garantia de que os fatos serão apurados.

Compareceram ao ato, para manifestar apoio à luta dos moradores, a Oposição Metalúrgica de Guarulhos, o PT de Guarulhos, a Comunidade e Associação dos Moradores do jardim Normândia (vizinha à área dos posseiros do Bairro dos Pimentas), e integrantes do extinto Centro de Defesa dos Direitos Humanos de São Miguel.

O ato foi encerrado com a proposta de um novo encontro, desta vez promovido em conjunto pelos posseiros do Pimentas e pela Comunidade e Associação dos Moradores do Normândia, já que este bairro

também vive problemas de terra e a luta deve ser comum.

Encerramento da Semana da Terra
O Movimento de Terra de São Miguel se reuniu, no último dia 15, às 15 horas, na Praça Padre Aleixo Monteiro Mafra, para encerramento da Semana da Terra. Entre os vários assuntos tratados, o Movimento assumiu dar novos passos para defender a terra onde moramos.

Inconformados com a lentidão das autoridades, representantes do Movimento irão, no dia 01 de agosto, à Assembléia Legislativa e à Prefeitura Municipal, reivindicar, mais uma vez, a legitimação de posse para os milhares de moradores da área, sobre a qual recai a Ação Discriminatória. (Movimento de Terra — Região São Miguel)

Como pagar menos nos alimentos

Você já pensou na possibilidade de comprar alimentos pagando 21% mais barato que nas vendas e supermercados? Pois foi isso que 840 famílias da nossa região conseguiram no mês passado participando das Compras Comunitárias.

Roberto, um dos participantes, conta como funciona. "Primeiro, são formados vários grupos de compras. Cada grupo tem que ter, no máximo, 30 famílias. Essas famílias recebem da CEAGESP uma lista individual de compra com dez tipos de alimentos: arroz, feijão, macarrão, óleo, farinha de mandioca, farinha de trigo, batata, cebola, alho e ovo. Cada família faz sua relação de compra e a entrega para o coordenador do grupo. Ele reúne todos os pedidos, faz um só total e o repassa à CEAGESP, que é quem vai comprar os produtos alimentícios.

Preços mais baixos

Até agora, a maioria das pessoas está achando que as compras comunitárias está valendo a pena. Neste mês, por exemplo, o quilo do arroz estará custando Cr\$ 580,00, o do feijão Cr\$ 1.400,00, o da cebola Cr\$ 450,00 e Cr\$ 945,00 a dúzia de ovos.

Para a Cida de Souza, da Comunidade de São José, tudo isso está sendo bom porque "assim a gente come uma comida pura. A batata até parece que foi colhida naquela hora".

A preocupação agora do pessoal é com as exigências da CEAGESP que está querendo cobrar uma taxa das famílias participantes para cobrir algumas despesas. Na opinião de Roberto, deve-se exigir que o governo subsidie essas despesas com funcionários e transporte, senão, no final das contas, o preço dos alimentos será o mesmo que em qualquer casa comercial.

A próxima reunião das Compras Comunitárias será no dia 21 de julho, às 16 horas, na Casa de Encontros de São Miguel. Participando, além de economizar, você estará pressionando os comerciantes a abaixarem os preços dos alimentos. Pense nisso.

O Movimento de Creches do Itaim continua firme na luta OS PASSOS DA NOSSA CAMINHADA



Fizemos uma grande pesquisa no bairro



Organizamos as comissões de moradores por vila. Houve uma assembleia para apresentar os resultados às autoridades.



Conseguimos arrancar do prefeito a promessa de construção de 8 creches no bairro.



Começaram as construções das 8 creches. Formamos comissões para acompanhar as construções e fiscalizar o andamento das obras.



Continuamos a nossa luta pela construção das creches ainda não construídas: indo à prefeitura, administração regional e pressionando as autoridades.



Precisamos articular a luta pela construção de novas creches com a luta pelo bom funcionamento.

Só com muita união e organização conquistaremos os nossos direitos. Estamos nos reunindo no último sábado de cada mês às 15hs, no Salão Paroquial do Itaim Paulista. Venha Participar!

Todos os Setores Unidos na Luta pela Terra



VOCÊ DEVE FAZER A FIGURA DE SÓCIO-GERENTE NA SUA COMUNIDADE E PARTICIPAR DAS REUNIÕES.



O que vamos fazer para que todos nós, povo sem habitação, tenhamos terra e casa? Como cadastrar as áreas livres da Zona Leste? E quando estivermos no terreno, como ele vai ser pago? Esses são alguns assuntos que vão ser discutidos na Assembléia da Terra a ser realizada em todos os Setores da Região. Serão todas no dia 22 de julho.

Ermelino Matarazzo terá hospital



Foi muito tempo de promessas e enrolação das autoridades do estado e município. Mas o Movimento de Saúde de Ermelino Matarazzo não ardeou pé e, finalmente, vai ser construído um hospital no bairro. Será na Vila Robertina e terá 250 leitos. Essa foi mais uma vitória do povo que se organiza reivindicando saúde.

Cooperativa de alimentos na Comunidade São João

A Pastoral Familiar da Comunidade São João, Setor Artur Alvim, acaba de inaugurar uma cooperativa comunitária de alimentos. Todos os domingos, a partir das 8 horas da manhã, o pessoal pode adquirir cenoura, beringela, pimentão, pepino, alface, mandioca, arroz, feijão, farinha e outros produtos por preços bem inferiores aos das quitandas e feiras. O endereço é: Rua Alberto Flores, nº 34, no Jardim São João, e está aberta a todas as comunidades.

Anexo 5 – GRITA POVO, São Paulo, abr. 1984, nº 19.

Grita Povo

Um Ato de Legítima Defesa

Página 5

MULHER

Criando sua própria história

Durante muito tempo às mulheres foi negada a educação, e portanto, certo poder: o do conhecimento. Já em 1789 algumas mulheres reclamaram uma melhor educação para não serem totalmente dependentes dos homens. Mais tarde, as mulheres aprenderam a ler, porém a diferença entre elas e os homens continua sendo enorme e o número de analfabetos no mundo aumentou em 40 milhões, entre as mulheres, e 8 milhões, entre os homens.

Acaso a mulher é sujeito de cultura? É capaz de criar? Sem dúvida, no passado, as mulheres escreveram e pintaram, hoje também. E, sem dúvida, a máquina que dá a conhecer os criadores é essencialmente masculina (críticos, meios de comunicação de massa, editores, publicitários). Sendo assim, a história das criadoras tem sido ocultada.



Alfabetização e a luta popular

As comunidades, grupos e movimentos populares começam a criar seus programas de alfabetização como parte de um trabalho muito mais amplo e libertador de **educação popular**. Por outro lado, nas experiências mais tradicionais de alfabetização, o método sempre foi imposto de cima para baixo, através dos programas oficiais. Na verdade, depois de 1964, os movimentos populares foram re-

primidos no Brasil. E, mais ainda depois de 1968, o governo criou o MOBREAL — Movimento Brasileiro de Alfabetização.

O Mobreal é criado neste tempo. O seu trabalho foi exatamente o contrário dos sonhos e métodos de **Paulo Freire**. Visando uma transformação social, hoje em dia, os educadores procuram recuperar esse método criado há vinte anos, pelo educador pernambucano. Assim,

de 23 a 25 de março, 30 pessoas participaram de um Curso de Treinamento — Método Paulo Freire, coordenado por uma equipe do Sedes Sapientiae que, há vários anos, se dedica ao trabalho de **educação popular** nas comunidades da região. Compõem a equipe: Yolanda Setúbal, Joana A Coutinho, Aparecida Rodrigues e Angela Santos.

Além de agentes de diversas pastorais, mi-

litantes e monitores de alfabetização, que já atuam, entre os participantes estava dona **Maria do Carmo**, 42 anos, casada, três filhas e que mora na Vila Suíça, perto da Ponte Rasa, onde os grupos de alfabetização já funcionam há três anos.

A presença de dona Maria do Carmo enriqueceu as experiências trocadas entre os participantes, durante o encontro, transmitindo sabedo-



Alfabetizar visando uma transformação social

ria, através de seu **testemunho de vida**.

Dona Maria do Carmo resolveu participar do curso, pois pretende formar um grupo de alfabetização no

seu bairro. Ela conta para os leitores do Grita Povo a importância deste trabalho e como sua vida se transformou depois que aprendeu a **ler e escrever**.

A participação da mulher na vida e na educação

A mulher tem tido uma grande participação na vida brasileira e até na vida política deste país. A professora **Célia Maria** é casada e tem dois filhos. Trabalha na E.P.G. "Antonio de Pádua Vieira", no Jardim das Oliveiras. Isto tudo não a impede de participar da sociedade da qual faz parte. Para ela a mulher enquanto profissional enfrenta os mesmos problemas que o homem: baixos salários, convênios médicos hospitalares que deixam muito a desejar. Como profissional a mulher se vê obrigada a número de aulas cada vez maior restando-lhe cada vez menos tempo para se dedicar aos filhos e ao lar.

Continuando o depoimento, **Célia Maria** afirma que é importantíssimo a participação da mulher no trabalho fora do lar já é marcante e portanto sua presença se faz necessária em todas as decisões e reivindicações. A mulher de uma forma ou de outra sempre contribuiu com os homens nas suas lutas sociais. A diferença marcante é que hoje mais livre e politizada ela o faz de maneira direta e lutando em nível de igualdade.

A seu ver, o magistério precisa de mudanças urgente. Sabe-se que o índice de repetência nas escolas é alarmante, assim como é assustador a desistência nas séries iniciais do 1.º

Grau. Isso significa que o ensino não está acompanhando a realidade da grande maioria da população. O ensino tem sido preparado para uma criança rica; uma criança que tenha boa alimentação; moradia decente e condições de higiene e saúde.

O principal avanço do magistério está na tomada de consciência do professor em lutar pela sua causa. A medida que o professor convencer-se de seu importante papel na sociedade, não haverá nada que possa deter o magistério na recuperação de sua dignidade profissional. A mulher tem desempenhado um grande papel.

"Agora eu vejo o mundo com clareza"

"Me sentia frustrada por ser analfabeta. Sentia a dificuldade das minhas filhas, que iam precisar sempre da minha orientação. Ser analfabeta é como viver entre quatro paredes, gente tem medo de conversar e aparecer na sociedade.

Por causa da repressão que existe no Mobreal, no começo eu fiquei com medo de participar do Grupo de Alfabetização da Comunidade. Mas logo eu mudei de opinião, porque neste grupo não encontrei professores. Encontrei amigas. Tive liberdade total. Não era mais: "Você

tem que fazer isso!" — de professor para aluna, mas sim, de **amiga para amiga**.

A **Maria Campos** e a **Cidinha** tiraram esse tempo delas para me dar um pouco do que elas tinham. Agora eu sei ler e escrever. Então, quero retribuir o trabalho delas, transmitindo o que eu sei para os meus companheiros. Eu ainda gostaria de ter mais tempo disponível para participar em muitas atividades da comunidade. Atualmente eu participo nos grupos de rua e grupo de mães. E, no grupo de Reforço (Alfabetização) eu incentivo meus compa-

nheiros a vencerem o cansaço. Vamos em frente! Eu cheguei lá e vocês também vão chegar! Mesmo assim, muitos desistem por cansaço e desânimo.

Esse treinamento foi muito importante para mim. Conheci novos companheiros e aprendi com as idéias e a humildade do grupo. Sabe, antes eu me sentia deprimida. Agora eu me sinto uma mulher segura de mim mesma. Agora eu tenho mais visão do mundo. Eu tenho certeza daquilo que estou fazendo. Antes eu vivia na escuridão. **Agora eu vejo o mundo com clareza.**"

Anexo 6 – GRITA POVO, São Paulo, jul. 1984, nº 17.

Grita Povo

Um Ato de legítima Defesa

Página 3

Mulher de verdade é aquela que luta por seus direitos

Não ao machismo. Não à mulher objeto de cama e mesa. Sim à igualdade de direitos. Sim à participação da mulher em todos os campos e níveis da sociedade. Mulher é companheira. É gente e agente do mundo novo que todos queremos. Mais. Mulher é prioridade pastoral da Igreja da nossa Região.



Onde você está?

Tudo começou quando o homem saiu à caça e a mulher se deixou ficar na caverna, cozinhando e procriando, em plena vegetatividade. O homem lutou, cresceu e criou desde a roda à astronave. Sua participação assegurou o seu desenvolvimento. Enquanto isso, a mulher, sempre na caverna (que mais tarde passou a se chamar lar), esperava passivamente, a volta do caçador.

Desde a infância, a mulher é condicionada a ficar na "caverna". Enquanto o menino é solto, a menina é presa. Indo para a rua, o garoto enfrenta todos os desafios do mundo, desenvolvendo a inteligência e os músculos. Em casa, a menina assimila os problemas da mãe (o irmãozinho para olhar, o bolo que queimou, a telenovela que acabou mal etc). Enquanto os meninos praticam esportes, elas brincam de "casinha".

Felizmente, depois de muitos séculos, a coisa começa a mudar. A mulher coloca-se frente ao mundo, e passa a usar a sua inteligência e as suas emoções.

Atualmente, a mulher dispõe dos meios de comunicação que lhe permitem enxergar onde a ciência, a arte e a política colocaram o homem, e o lugar onde foi colocada (sua imagem só aparece na televisão cozinhando o arroz que trará o marido para casa; usando o xampu que há de encantá-lo; ou fazendo o bolo, que lhe garantirá a fidelidade).

Hoje a mulher começa a caminhar ao lado do homem. Ela trabalha, participa da vida da comunidade e luta por seus direitos, enfrentando todas as discriminações. No entanto, muitas mulheres ainda não se conscientizaram de sua força, e é comum encontrarmos dois tipos de "grupos de mulheres". Um grupo ativo, que questiona e participa, lutando por creches, por melhores condições de saúde e educação etc, e um outro que se reúne, apenas, para aprender a bordar e tricotar, trocar receitas de bolos, ou participar de chás beneficentes, mulheres que não tomam conhecimento de nada que aconteça além das janelas de suas casas. E VOCÊ, ONDE ESTÁ???

Mulher Fora das quatro paredes



Comecei num Grupo de Rua, só que era um grupo bem tradicional. Uma vez por mês, eu participava também da reunião de pais e catequistas, na Comunidade, até que fui convidada pelo Grupo de Mulheres. Na época, eu achava que este Grupo de Mulheres era muito avançado e que a gente só devia rezar e falar sobre Deus. Não aceitava que a oração e os problemas caminhassem juntos. Para mim, Igreja e assuntos políticos não se misturavam.

Com o tempo, fui mudando a mentalidade. Nas reuniões a gente comparava o Evangelho com a vida. Então, percebi, através da prática de Jesus Cristo, que as duas coisas (fé e vida) não estavam separadas. A partir daí, comecei a ver a realidade de maneira mais aberta. Fui me engajando em movimentos maiores, onde a gente lutava pelo custo de vida.

iluminação, lixo, telefone, APM (Associação de Pais e Mestres) e muitos outros. Como militante, eu sempre acreditei numa transformação, onde se devolve ao povo os direitos que ele tem, mas que muitas vezes desconhece.

Estes anos de participação, para mim, foram sem modéstia, uma verdadeira "faculdade". Aprendi a me valorizar como mulher e ajudar os outros a se descobrir como pessoa, conhecendo seus próprios direitos. De um modo especial, eu sempre lutei para fazer com que a mulher descobrisse o seu papel na sociedade, pois, ela ainda desconhece o que é capaz de fazer fora das quatro paredes do lar... doce lar!

Maria Cosmira — Monte Santo

Semana da Mulher

Quantas heroínas anônimas poderão ser lembradas no Dia Internacional da Mulher, oficialmente comemorado em 8 de março? As donas-de-casa, as operárias, as prostitutas, as militantes populares, e por que não, as operárias de Chicago, Margarida Alves e outras barbaramente assassinadas porque defenderam com justiça o povo e morreram por sua causa?

Para preparar uma semana de atividades em homenagem à mulher, os grupos da região já estão se reunindo.

Você também pode participar na organização da semana. Procure o Grupo de Mulheres que se reúne na sua rua, bairro ou setor. Converse com suas amigas, vizinhas e comadres sobre o que é importante realizar. Comece você mesma um Grupo de Mulheres!

Mulher é tema de pesquisa

Em breve, as mulheres de nossa região estarão respondendo a uma pesquisa que está sendo orientada pela "Rede Mulher", organização que há algum tempo trabalha com grupos de mulheres.

O objetivo desta pesquisa é

levantar a situação das mulheres suas preocupações mais urgentes e suas propostas de mudança. A partir do resultado colhido, será elaborada uma série de subsídios que servirá como instrumento de trabalho para todos os grupos de mulheres. Aguardem o resultado.

Mulheres da Leste

Com este primeiro número do Jornal Grita Povo de 84, continuamos com a proposta, lançada em 83, de devolver ao nosso povo trabalhador o pensamento que nasce dele mesmo, através de suas próprias lutas. Iniciamos uma série de depoimentos das mulheres da nossa região, inaugurando assim a Seção.

Reconhecidas como Prioridade Pastoral, as mulheres exigiram na Assembleia Regional de Itaipu subsídios, isto é, instrumentos necessários para reforçar e organizar melhor suas lutas. Pensando

em contribuir para atender, em parte, à esta exigência, o Grita Povo pretende recolher experiências, provocar o debate, informar, mobilizar, e junto com as mulheres, criar instrumentos de transformação do presente.

Para isso, contamos com você. Comece já a escrever, mas procure resumir bem suas idéias, pois a nossa boa vontade é muito grande porém o espaço infelizmente é pequeno. O endereço é: Praça Padre Aleixo Monteiro Mafra, 13 — CEP 08000 — São Miguel Paulista.



Anexo 7 – GRITA POVO, São Paulo, dez. 1982, nº 5.

Grita Povo

"SOU RITINHA. TENHO 12 ANOS."

"Política pra mim
é vida.
A criança faz
política sem querer"



Dessa vez, o "Grita Povo" deu a palavra às crianças e entrevistou Rita Helena, a mais jovem e ativa militante da Comunidade do Burgo Paulista.

Acompanhando sua mãe, dona Maria, seu irmão Manoel e a cunhada Ana, pois seu pai é falecido, Rita sempre participou das lutas do bairro.

"Nas reuniões eu fui conhecendo o pessoal e vendo as dificuldades de cada um. Eu perguntava pra minha mãe por que acontece isso. Assim fui aprendendo a entender a realidade da vida. Essa foi a minha formação".

Rita, as outras crianças, quero dizer, seus amigos, pensam como você?

Infelizmente as crianças do bairro não participam. Quase todas as minhas colegas têm a mentalidade de "Crys", quero dizer, só pensam em discoteca e namorado".

Você gosta de estudar? Que acha da escola?

Estou na 6ª série e gosto de estudar. Mas a escola ensina que Brasil foi descoberto por Pedro Álvares Cabral. Tai uma mentira.

A escola não ensina que o Brasil já estava descoberto, pois aqui moravam os índios. Mesmo assim eu me interessei pelas aulas de Estudos Sociais. Por isso eu acho que na escola a gente só escreve. Na comunidade é que a gente aprende.

AS BRINCADEIRAS

Para Rita toda criança precisa brincar. Ela gosta de todo tipo de jogo. Brincava de casinha, mas agora brinca de vôlei e hand ball com as crianças do bairro. "Muitas não têm

espaço pra brincar, nem mesmo bola. As vezes fazem um bola de papel".

CRIANÇA PARTICIPA NA POLÍTICA

Rita, que trabalhou até na boca-da-urna explica o que acha das eleições:

"Bem, no Brasil muita gente não enxerga que o PDS, que está no poder, é o culpado da miséria que o povo sofre. A gente deveria votar nos candidatos do povo.

Se as crianças pudessem votar, em que partido você votaria?

— As crianças ainda não podem votar, mas um dia precisaremos votar. Eu votaria no P.T. (Partido dos Trabalhadores).

Você sabe o que é política?

Política pra mim é vida. A criança faz política sem querer. Toda hora. Quando ela reclama. Na escola deveria ter uma aula onde se falasse de política, sobre os partidos e até como vive a criança.

Se você fosse um governador, que faria para acabar com a mortalidade infantil?

A primeira coisa que eu faria era baixar a inflação. Acabaria com o desemprego; aumentaria os salários; baixaria o preço das coisas; as ruas seriam asfaltadas e iluminadas; teriam esgoto.

UM PLANO PARA ACABAR COM A DOMINAÇÃO

Rita Helena acredita que os trabalhadores podem participar do governo, mas as comunidades precisam fazer, no seu entender, um enorme trabalho de conscientização.

Ela com o seu jeito adulto de falar diz que os fazendeiros, industriais, banqueiros e o governo fazem as leis só para eles. São os que dominam. Ritinha, como é conhecida na Comunidade, até bolou um plano para acabar com a dominação:

Primeiramente acabaria com o dinheiro. Depois repartiria um pedacinho de terra igual para cada brasileiro produzir o que quisesse. Dai as pessoas teriam que discutir uma forma de trocar as mercadorias. Ela acha que assim todo mundo ia ser mais feliz.

Rita, e a religião, onde fica em tudo isso?

Esta fé que está com a gente é muito forte. Com ela, às vezes, a gente faz coisas que fica pasmada. Depois que passa tudo a gente nem acredita que fez. Quero dizer que é muito importante acreditar em Deus. Numa vida melhor.

APRENDER PARTICIPANDO

O recado de Rita certamente é mais do que um desafio aos pais, professores, catequistas e todos aqueles cuja tarefa é educar as crianças, hoje.

Com elas a gente vai aprendendo uma nova lição. Experimentando a satisfação de descobrir os conhecimentos que elas têm.

Portanto, o principal desafio é despertar nelas um espírito de observação crítica da realidade, através de uma educação libertadora, onde elas possam participar nas lutas da comunidade.

*O Ano de 1982 está no fim.
Conseguimos chegar ao final de mais um ano
sem deixar que a esperança morresse.
Resta-nos ainda um enorme
saldo de coragem
para iniciar 1983.
Fica aqui nossa homenagem agradecida a
todo aquele que transformou a força
de seu braço e a
capacidade de sua mente na*

*riqueza necessária para a vida;
a todo aquele que,
profeticamente,
anunciou a justiça e
defendeu o pobre; e àqueles,
que no anonimato de suas vidas espalharam
ternura e a bondade.
A todos os nossos leitores e amigos
um Natal abençoado e um Ano
de 1983 grávido de esperanças.*

Anexo 8 – GRITA POVO, São Paulo, set. 1988, nº 103. (p.6).

Página 06

GRITA POVO

de 09/09/88 à 23/09/88

JARDIM SÃO CARLOS: uma

Uma idéia de justiça na cabeça. Uma boa dose de determinação. O equilíbrio entre a simplicidade das pombas e a esperteza das cobras. Aqui estão os ingredientes de uma receita que fizeram da OCUPAÇÃO DO JARDIM SÃO CARLOS uma das mais bonitas conquistas da luta da terra na Zona Leste. O radicalismo de alguns atribuiu o sucesso mais à sagacidade do governo do que à tenacidade do povo. Acusações de peleguismo e entreguismo circularam por todos os cantos tentando diminuir o brilho de um fato incontestável: o movimento queria conseguir casa para o povo e hoje muitos já estão dentro da casinha tão sonhada.

**SONHO QUE SE SONHA JUNTO
É REALIDADE**

"A gente não tinha nada a perder. O povo não tinha para onde ir, estava despejado: esta era a situação da maioria do povo que ocupou a terra. A solução imediata era a ocupação mesmo, era a única esperança para o povo sem moradia."

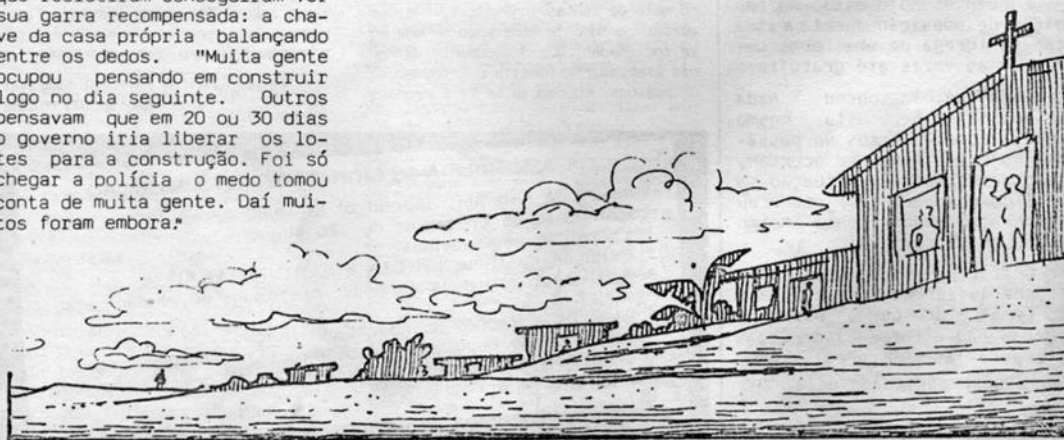
Assim pensavam as 1650 famílias que inicialmente foram cadastradas no Jardim São Carlos logo no início da ocupação em fevereiro de 87. Hoje, decorridos 18 meses as 258 famílias que resistiram conseguiram ver sua garra recompensada: a chave da casa própria balançando entre os dedos. "Muita gente ocupou pensando em construir logo no dia seguinte. Outros pensavam que em 20 ou 30 dias o governo iria liberar os lotes para a construção. Foi só chegar a polícia o medo tomou conta de muita gente. Daí muitos foram embora."



"Estava na disputa 350.000m² de terra. Parece que o covas já tinha destinado 50.000m² daquela área para o Messias (Movimento de favelados ligado ao PMDB). O resto da terra era da Sharp, que logo entrou com ordem de despejo contra o ocupantes". Apareceu a polícia, querendo despejar. O governo, por outro lado pressiona também. "Aí sabe o que nós fizemos? Pedimos para o João arranjar uma cartolina e botamos nela as impressões digitais de todas as crianças da ocupação e levamos para o Secretário. Aí começou a negociação".

RESISTENCIA X VIOLENCIA

Pautado pelos princípios da Não-Violência-Ativa, o Movimento da Terra, ligado à Pastoral da Terra da Região São Miguel, ficou conhecido a nível nacional pela determinação que tem em querer garantir o direito fundamental de todos à moradia. Nenhum ato de violência ou vandalismo por parte do povo puderam ser cometido. O povo nunca quis abadernar. Queria casa apenas. Por seu lado, o governo respondeu de forma brutalizada, usando policiais, chegando mesmo ao assassinato.



GRITA POVO, São Paulo, set. 1988, nº 103. (p.7).

de 09/09/88

GRITA POVO

Página 07

ocupação que deu certo



Por que o Jardim São Carlos conseguiu a vitória enquanto tantos outros ainda esperam sua vez?. Na opinião de Chico Plínio - liderança do movimento desde seu início - além da garra e organização do próprio povo, foram indispensáveis "nos momentos de maior dificuldade, a presença e ajuda de pessoas com maior preparo. Quando a gente estava no maior desespero, a gente recorreu ao Mané, Geraldo, Jung, Plínio Arruda Sampaio. Nós estávamos nos sentindo sem condição, sem preparo político para negociar aquela briga ferrenha". "Tem gente que pensa que só dando murro na mesa resolve o problema. Nós sempre achamos que assim não vai. Tem que haver negociação dos dois lados. Todo mundo tem que ceder um pouco".

Uma batalha assim ganha palmo a palmo, minuto a minuto, numa resistência exemplar, torna-se a melhor escola de formação para as lideranças que vão emergindo. Chico Terra comenta: "Com esta luta ganhamos um respeito político muito grande. Ganhamos mais capacidade que faz a gente levar o trabalho pra frente com maior confiança". "Eu ganhei uma força de espírito muito grande... Se você não tiver a força do espírito não aguenta, não resiste", completa a Lucila.

Acostumados que estamos a prestigiar lideranças de renome, não encheramos o cotidiano de tantos Chicos, Edites, Lucilas, Cíceras, Lauras, Valciras, Marias que tecem, no miúdo da vida, a estrutura de um tempo novo e de um mundo diferente. Apostar no pequeno, acreditar em suas capacidades escondidas, crer que o Reino é deles faz Jesus de Nazaré reviver em sua prédica e sua prática.

PALAVRAS DE UMA NOVA PROFECIA

"Não é por interesse próprio que lutamos, mas por todo o povo" - Lucila.

"Se a gente não aprendesse a negociar, essas casa não teriam saído" - Chico Terra

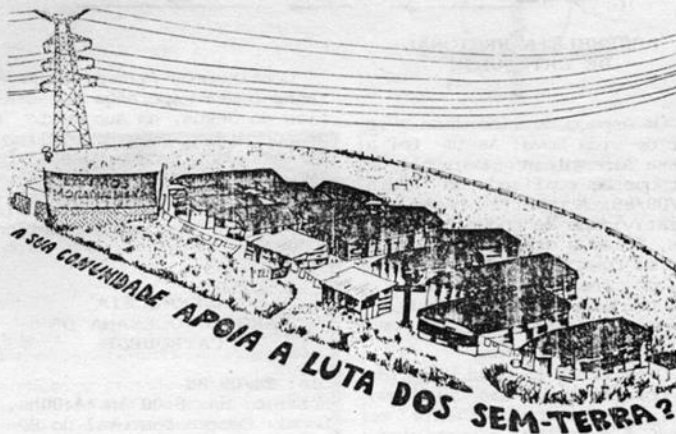
"A gente não pode pensar só em ganhar, deve aprender a perder também" - Cícera

"Que todos fiquem firmes como nós ficamos. Que tenham confiança em si mesmos" - Dada

"Garantir a união. Sem ela não conseguimos nada". - Lurdes

"...fé em Deus e muita cabeça pra aguentar até ser chamado de pelego. Disfarçar e ir em frente que a gente vence". - Laura

"Eu não acredito só na força da manifestação, só na força do grito alto. E acho que o São Carlos me ensinou isso. Meu sonho é ainda ver a união de Favelas, Messias, Ana Martins, Benedito, Virgulino, sentado na mesma mesa". - Chico Plínio



ELEIÇÕES DE CONSELHOS DE SAÚDE

A Zona Leste está se preparando para renovar, através de eleições, os Conselhos Populares de Saúde, municipais e estaduais.

Todas as chapas ligadas ao Movimento de Saúde da Zona Leste se chamarão "Saúde é Vida".

O período das eleições irá de 26 de setembro até 2 de outubro de 1988.

Participe votando no Conselho do seu bairro e se possível ajudando no processo eleitoral.

Anexo 9 – GRITA POVO, São Paulo, abr. 1983, nº 13.

Página 6

GRITA POVO

As CEBs querem uma nova sociedade

Durante cinco dias, 489 participantes da 5.ª Assembléia Intereclesial das Comunidades Eclesiais de Base-CEBs, estiveram reunidos em São Francisco do Canindé, interior do Ceará, de 4 a 8 de julho, para se fortalecerem unidos pela fé de Deus e para discutirem porque esta sociedade é a negação de Deus.

Participaram do encontro agricultores, operários, domésticas, motoristas, mecânicos, peões de obra, funcionários públicos, pescadores, poetas, garimpeiros, músicos, estudantes, além de bispos, assessores, observadores e imprensa.

Da nossa região, participou a dona Marta, do Jacuí. Aqui, ela nos dá o seu testemunho, contado com o coração de quem viu e acredita na caminhada das CEBs.

Eu Vi

Eu vi o povo me dizendo adeus,

Eu vi São Paulo e entre fumaça ficando.

Eu vi a noite indo embora, o dia chegando e o sertão começando.

Eu vi, enquanto o ônibus corria, os olhos espantados do povo que dizia: olha o pé de árvore, como este povo vive aqui?

Eu vi pontes, mas não vi rios,

Eu vi o gado magro ardendo, sacudindo o badalo, pegando um mato aqui e ali.

Eu vi mulheres carregando latas na cabeça, numa triste fila indiana, lá longe no mato, como numa grande procissão.

Eu vi o tempo correndo, o dia passando, a noite chegando e novamente o dia e de novo a noite. Eu vi alguém dizer estamos chegando no Canindé. A euforia chegou, mas a decepção mais depressa ainda.

Eu vi alguém dizer: meu Deus, quanta gente pobre



na praça. Uma igreja tão rica e tanta gente pobre. Eu vi a Doroti jogar fora os restos de comida, misturada com água e já azéda.

Eu vi o rosto de terror quando ela viu muitas pessoas arrancarem no prato de comida.

Eu vi a Doroti dizer: meu Deus, não comam que está estragada. Não faz mal dona, nós estamos com fome.

Eu vi o choro e a decepção no rosto das pessoas que não sabiam o que fazer com tanta gente nos pedindo uns trocados.

Eu vi no abrigo dos romeiros o povo chegando, as mãos se encontrando e o povo todo devagar se conhecendo.

Eu sou do Norte, eu do Leste, eu do Sul e eu do Nordeste!

Eu vi o povo nos grupos se perguntando como vão as CEBs na sua região

A resposta era a mesma do norte ao sul do Brasil. Só opressão de um lado e de outro: o povo morrendo de fome, de sede ou afogado, posseiros expulsos, operário apanhando, bóia-fria sendo escravo, criança sofrendo fome, e prostituição.

Eu vi o segundo dia chegando, os grupos se organizando, o povo todo perguntando como as CEBs estão reagindo.

Eu vi o povo discutindo movimentos populares, sindicatos, partidos políticos e conscientização das comunidades.

Eu vi muita união entre bispos, padres, religiosos e leigos.

Eu vi o terceiro dia e os grupos perguntarem: o que as CEBs podem fazer para mudar a sociedade? Então, veio a resposta:

— com a união, a participação e a partilha, as celebrações das lutas e não divisão dentro da Igreja. Que as CEBs sejam o espelho vivo da alma do pobre. Que os bispos, padres, religiosos e leigos possam caminhar juntos sem divisão de classes.

Eu vi a celebração da penitência, onde D. Pedro Casaldáliga fez todos ajoelhar-se e pedir perdão uns aos outros.

Eu vi a romaria sair às ruas cantando a caminhada do migrante, o sofrimento do bóia-fria e a ciranda da nova sociedade.

Eu vi a celebração final. Todos na praça da matriz assumiram o compromisso de seguir firme na caminhada.

Eu vi um homem abrir uma gaiola e libertar uma pomba que foi sentar-se no topo da Igreja.

Eu vi a tristeza das pessoas na rua, quando a gente passava se despedindo.

Eu vi, minha gente, muita seca, muita gente sofrida, muita gente lutando com unhas e dentes para esta vida

melhorar,

Eu vi a vontade de fazer realizar esta tão sonhada sociedade.

Eu vi muito assessor falar como homem humilde e muito homem humilde falar como assessor.

Eu vi, em quatro dias, o sonho da sociedade nova acontecendo. E estou aqui para contar. Quem quiser saber e só a Marta chamar.

Lugar de mulher é na cozinha?

Enquanto muitas mulheres estão iludidas com as novelas, de cabecinhas fechadas, outras desligaram a televisão e, enfrentando a cara feia dos maridos, decidiram participar.

Dia a dia foram se organizando nos grupos de rua, associações e movimentos de bairro, reivindicando com muita garra, creches, saúde, terra, educação e outros benefícios para a população.

Atualmente, não se pode negar que as mulheres ocupam lugar de destaque nas lutas da nossa região. Com coragem e decisão de lutar, elas saíram da porta pra fora, dispostas a transformar o mundo, combatendo o machismo e a opressão.

Mas, como transmitir essa experiência de vida, quando muita gente ainda acredita que lugar de mulher é na cozinha?

Com a preocupação de tornar conhecida a sabedoria destas mulheres humildes e corajosas, nasceu o PROJETO MULHER. Sua primeira iniciativa será divulgar uma série de artigos no Grita Povo baseados em depoimentos de mulheres da nossa região.

Embora a proposta seja dirigida às mulheres, não significa que os homens não possam participar. As reuniões serão abertas e realizadas no Centro de Comunicação.



A morte de Margarida Alves

A queima-roupa, com um tiro na cabeça de espingarda calibre 12, assim mataram Margarida Maria Alves, a presidente do Sindicato dos Trabalhadores de Alagoa Grande, na Paraíba, dia 12 de agosto passado.

Tudo aconteceu rápido. Eram mais ou menos 6 horas da tarde e Margarida estava na porta de casa, quando estacionou o Opala e dele desceu o pistoleiro. Depois de uma rápida troca de palavras, o assassino sacou a espingarda e atirou. Desfigurada pelo tiro, Margarida caiu morta, enquanto o pistoleiro corria para o carro onde dois capangas o esperavam. Fugiram como um raio.

Para o povo é a história que se repete. Assim morrem, barbaramente assassinados, os mártires como Gringo, Santo, Avelino, Margarida Caiu morta, enquanto o pistoleiro corria para o carro onde dois capangas o esperavam. Fugiram como um raio. São os que morrem porque têm sede de justiça, porque lutam com o povo.

Margarida Alves tinha 50 anos, um filho de 8. Foi a primeira mulher a ser presidente de um sindicato na Paraíba. Há muito tempo ela vinha recebendo ameaça dos usineiros da região por seu trabalho à frente do sindicato. No dia 1.º de maio passado, ela chegou a denunciar as ameaças no ato público, mas não tinha medo de morrer. Continuou lutando até a morte chegar.

Para testemunhar a coragem e o compromisso com seu povo, cerca de 5 mil trabalhadores rurais compareceram ao seu enterro. Vieram de vários estados do Norte e Nordeste representando 25 sindicatos da área.

Margarida, como todos os nossos mártires, continua viva. Ela é a semente boa da nova sociedade que está nascendo. "Se o grão de trigo caído na terra não morrer, fica só. Se morrer, produz muito fruto". (Jo. 12,24).

Anexo 10 – GRITA POVO, São Paulo, nov. 1982, nº 4. (p.4).

Página 4

GRITA POVO

Na zona Sul também se briga pela terra

A região de Itapeerica, na zona sul de São Paulo, enfrenta sérios problemas de terra, mas já se organiza para resistir às constantes ameaças de expulsão.

Conhecendo a luta dos moradores de S. Miguel, e as vitórias já conseguidas, a comissão de Direitos Humanos do Setor Itapeerica convidou o Centro de Defesa dos Direitos Humanos de São Miguel para mostrar como se desenvolve a organização popular em nossa região.

Cerca de cem pessoas compareceram no dia 17 de outubro na igreja de Campo Limpo, para ouvir o relato das experiências dos companheiros de S. Miguel. Pelo menos 14 vilas estavam representadas, todas vivendo os mesmos problemas: ameaças de despejo, falta de regularização de lotes, falta de escrituras.

Os representantes do Centro de Defesa contaram a história do aldeamento indígena e da Ação Discriminatória entre o Estado e a União (Governo Federal), que vem se arrastando há mais de 40 anos, impedindo a Legitimação de Posse para as famílias sem títulos definitivos de propriedade.

O caso do Monte Taó também foi lembrado, mostrando que com organização e luta é possível vencer as injustas ameaças de expulsão da terra.

Os moradores do setor Itapeerica mostraram-se animados com as nossas experiências. Fizaram perguntas, discutiram a questão da terra e se comprometeram a iniciar imediatamente sua organização. Portanto, os grileiros e especuladores imobiliários que se cuidem, porque a briga agora é prá valer.

Quem não tem para onde ir, fica onde está



Os moradores do Parque Paulistano, onde existem mais de 200 barracos, enfrentam ameaças de despejo desde o ano passado. Várias famílias foram expulsas e não valeram os apelos às autoridades, que só fizeram promessas. Hoje elas estão se organizando, pois compreenderam que só desse modo poderão lutar e resistir às ameaças.

O pessoal do Parque Paulistano já venceu uma batalha: no processo de despejo movido contra eles, a União (Governo Federal) foi citada para se pronunciar perante a Justiça Federal.

MUITA TERRA PARA POUCOS DONOS

Assim como os moradores do Parque Paulistano, cerca de 3,5 milhões de pessoas, nos últimos dez anos, chegaram a São Paulo, vinda dos estados do Norte e Nordeste. Elas foram obrigadas a sair de suas terras de origem porque desapareceram as condições mínimas para sobrevivência. Elas não tinham mais o pedaço de terra para plantar e colher, garantindo seu sustento.

Existem várias causas que provocam esse triste quadro, mas há algumas que se destacam:

— A **FORMAÇÃO FUNDIÁRIA** de nosso país permite que grandes áreas (latifúndios), se concentrem nas mãos de poucos donos;

— **GRILAGEM**, que no campo e na cidade causa enormes conflitos, expulsando posseiros de suas terras;

— **AS GRANDES EMPRESAS** nacionais e multinacionais (hidrelétricas, Carajás, Jari, Nestlé etc), implantadas no interior de vários Estados, como o Maranhão e o Pará. Essas empresas não permitem as culturas de subsistência das famílias que lá habitam, expulsando-as da terra.

Expulsa do campo, essa população vem cheia de esperanças tentar a vida nas grandes cidades. Quando chegam, encontram as piores condições: desemprego, miséria, falta de escolas, de atendimento médico, de moradia. Assim, são obrigadas a ocupar as áreas abandonadas, principalmente na periferia da cidade. E aí começa uma nova luta para se fixar na terra.

Eleição no sindicato acaba em pancadaria

Na madrugada do dia dois teve pancadaria geral na sede do Sindicato de Condutores de Veículos e Anexos de São Paulo e muitas pessoas ficaram feridas. A pancadaria começou quando a apuração da eleição, que escolheria a nova diretoria do sindicato, chegou ao fim e se constatou o empate entre a chapa 2, apoiada pelo PDS, e a chapa 3, formada de militantes dos jornais "Hora do Povo", "Tribuna da Luta Operária" e "Voz da Unidade". Cada uma dessas chapas teve 3.887 votos e o restante foram divididos entre as chapas 1 e 4.

A briga final mostrou bem o clima dessa eleição, que segundo Djalma, da chapa 1, parecia uma briga partidária e não sindical. E nela valeu de tudo.

Para ajudar a chapa 2 os fiscais da CMTC pressionaram os trabalhado-



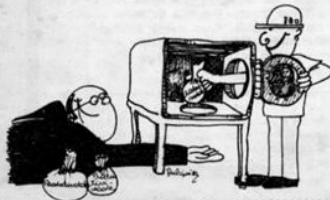
res, ameaçando-os com demissão caso não apoiassem essa chapa. A CMTC "cedeu" cinqüenta funcionários para trabalhar na campanha e até um candidato do PDS apareceu numa garagem fazendo campanha e dizendo que o partido dele tinha dado 20 milhões para ajudar a chapa 2 ganhar a eleição.

Por outro lado, a chapa 3 contou com a ajuda de muita gente estranha à categoria, com o apoio da diretoria do sindicato dos metalúrgicos de São Paulo e até com um mesário que trabalha para o Departamento Estadual de Ordem e Política Social — Deops.

Por causa do "estranho" empate haverá novo escrutínio dentro de 15 dias e somente as chapas 2 e 3 irão concorrer novamente à diretoria do sindicato.

Metalúrgicos de SP encerram campanha salarial

Mas o acordo salarial não agrada ninguém



Na assembléia do dia 27 três mil metalúrgicos de São Paulo encerraram a campanha salarial desse ano, graças ao acordo que o presidente do sindicato, Joaquim dos Santos Andrade, fez com os patrões, aceitando 4% de índice de produtividade. Os metalúrgicos reivindicavam 15%.

Neto, da oposição sindical criticou o acordo, mas disse que os trabalhadores não tinham condições de dar uma

resposta aos patrões e aos pelegos, pois a única resposta seria a greve e a categoria não está organizada para decretá-la.

As principais reivindicações — da pauta que tinha 70 — foram ignoradas no acordo. Só fora, atendidas as chamadas "água com açúcar". Os patrões fecharam questão em não atender a reivindicação de estabilidade no emprego e em reconhecer as comis-

sões de fábrica. O acordo estabeleceu que o piso salarial será de Cr\$ 38.040, enquanto que os metalúrgicos reivindicavam Cr\$ 58.740,00.

Em resposta às manobras dos patrões, os metalúrgicos resolveram iniciar uma luta nacional contra o desemprego e pela estabilidade, e marcaram uma assembléia para o dia 26, às 19 horas na sede do sindicato, ou seja, rua Galvão Bueno, 780, Liberdade.

GRITA POVO, São Paulo, nov. 1982, nº 4. (p. 8).

Disco Santo Dias: tributo e protesto



Com a morte do operário Santo Dias, vítima da violência policial, da fome e do subdesenvolvimento foi criado o "Comitê Santo Dias".

A partir das reuniões nas bases operárias, Ana, esposa de Santo, juntamente com colaboradores dos mais diversos setores da sociedade, discutiram a proposta de criar um disco que fosse um registro das lutas operárias e ao mesmo tempo um documento que marcasse na história a memória de Santo Dias.

Com este mesmo objetivo, ARRIBAÇÃO e CANTA POEMA, grupos independentes que trabalham na periferia, realizando shows musicais, se reuniram pela primeira vez e gravaram o disco SANTO DIAS.

O lançamento ocorreu no dia 30 de outubro último, durante o Congresso de Comunicação e Direitos Humanos, realizado na Pontifícia Universidade Católica e, depois, na inauguração da Praça Santo Dias, no bairro onde ele residia, na zona sul.

O disco, com 13 músicas e uma poesia, é um TRIBUTO e um PROTESTO, segundo seus próprios criadores.

É Tributo daqueles que morreram na luta da causa operária e é um protesto a toda violência e assassinato que vêm acontecendo diariamente a toda a classe trabalhadora no campo e na cidade.

O objetivo do trabalho não é comercial, por isso o disco não vai entrar no mercado musical. Na opinião dos Grupos, a arte quando é comercializada deixa de ser arte e se transforma em mercadoria.

É, segundo eles, um projeto cultural educativo e popular, que visa combater a cultura de massa, baseada em interesses lucrativos e de consumo.

Arribação e Canta Poema, bem como todos aqueles que, durante mais de um ano, se dedicaram no trabalho de montagem, criação de músicas, arranjos e ensaios para o disco, acreditam que a arte não é privilégio de uma minoria dominante.

É assim que se encontram todos aqueles que, vindos do campo, se conhecem e descobrem entre si a capacidade de criar e fazer música.

A partir de novembro, o disco será distribuído através do Comitê Santo Dias a todos os estados, às entidades e pessoas interessadas.

Como tudo que é bom neste país, o disco já foi censurado e por isso já é um sucesso. Vale a pena conhecer!

GRITA POVO

Faça o seu jornal mural.

Está mais do que comprovada a importância da comunicação na formação e organização dos grupos e movimentos populares. O jornal mural é um dos meios de comunicação que está mais ao alcance dos grupos populares por motivos importantes:

- é econômico
- é fácil de fazer
- está sempre ao lado, informando um certo número de companheiros
- seu conteúdo pode variar sempre



OS MATERIAIS

Podemos usar uma infinidade de materiais. Tudo depende dos recursos que temos e da criatividade do grupo. Como suporte para as informações podemos usar: uma cartolina, uma folha de papelão, uma folha de eucatex, uma folha de isopor, uma parede comum etc...

Em cima desse suporte pregamos (colamos ou espetamos) artigos e ilustrações. Se pudermos emoldurar nossos trabalhos com papel colorido, resalta e chama a atenção das pessoas para a leitura do texto, da fotografia etc. Tudo o que é colorido atrai e chama a atenção. As fotografias, os desenhos, as ilustrações, os títulos grandes, os gráficos, podem ser recortados de jornais e revistas.

O TAMANHO

O tamanho pode variar. Mas sem dúvida é aconselhável o que tem 1,20m por 1,50m. Este é o tamanho adequado e com o qual se trabalha perfeitamente.

O FORMATO

É preciso ter sempre em conta que um jornal mural deve ser atraente e bonito. Essa é uma forma de chamar a atenção. Afinal, quem não gosta do que é bonito? Por isso a apresentação do jornal mural deve ser chamativa. Deve ter **títulos grandes, letra variada, desenhos que ajudem a compreender o conteúdo dos artigos, recortes pequenos de jornais e revistas.**

Um jornal mural não é para as pessoas se entretêm horas lendo o seu conteúdo. Pelo contrário, deve cumprir sua missão rapidamente. É necessário então que os textos sejam pequenos (não tenha medo de cortar um artigo pela metade), e a linguagem seja simples, sem palavras complicadas.

Outra dica: Em vez de só recortar uma notícia, experimente copiá-la numa folha de papel, com letra grande, que facilite a leitura. Você vai ver que as pessoas preferem este tipo de texto. Assim, se você quiser que uma notícia seja lida, essa é uma tirada que não falha.

Outra dica: Experimente pregar num dos cantos, uma folha em branco com uma pergunta escrita em letra grande. Por exemplo: "Você acredita que a inflação vai baixar? Dê sua opinião". Ao lado, amarrado com um barbante, deixe um lápis ou uma caneta. As pessoas têm opinião a dar a respeito das coisas que as envolvem. Não é necessário assinar.

AS SEÇÕES

As seções de um jornal são importantes porque ajudam a gente a se orientar segundo os assuntos. As seções variam de acordo com as atividades que o grupo realiza na comunidade e de acordo também com os objetivos que se quer alcançar. Por exemplo: se o grupo é de operários, vai ter seção de luta sindical. Se o grupo está ligado ao movimento de bairro, vai tratar da sua luta específica e informar o que acontece com os grupos parecidos etc.

Tem algumas seções que quase todos os grupos podem usar: **Editorial** (opinião do grupo sobre determinado assunto), **atividades internas** (quer dizer, atividades do grupo ou da comunidade), **denúncias**, **realidade nacional**, **realidade internacional**, **assuntos culturais**, **esporte**, **humor**, etc.

O NOME DO JORNAL

Todo jornal tem nome. O jornal mural também deve ter. Recomenda-se que ele seja escolhido pelo grupo ou comunidade. O nome deve ser escrito de forma bem grande e chamativa. Convém que fique pregado no alto do mural, no centro ou à esquerda, que são lugares bem visíveis.



O TEMPO DE TROCA

Não trocar as notícias de tempo em tempo é condenar o jornal mural. As pessoas perdem o interesse. O ideal é trocar as informações uma vez por semana ou num dia marcado. Por exemplo: se o jornal mural que está na porta do centro comunitário for trocado todo sábado, os companheiros que

vão à missa no domingo têm sempre notícias novas para lerem. Passado um tempo, as pessoas ficam esperando o dia da troca para saberem as novidades.



ONDE COLOCAR O JORNAL MURAL

O lugar onde colocamos nosso jornal é fundamental para conseguir que ele seja lido pelas pessoas.

É preferível colocá-lo num local de passagem ou muito frequentado pelas pessoas. Se o jornal escolhido pelo grupo é o de parede, aqui vai uma **dica importante:** deve ficar sempre na horizontal, porque aumenta o campo para a colocação de artigos. **Segunda dica:** como saber se a altura está correta? As notícias mais importantes são aquelas que ficam à altura dos olhos da gente. Isso quer dizer que o centro do mural deve estar à altura dos olhos.

Se o mural escolhido for do tipo cavelete, as notícias mais fáceis de serem lidas são as do alto. As que ficam em baixo dependem das pessoas se abaixarem.

QUEM FAZ O JORNAL MURAL?

Podem ser um grupo de operários, grupo de jovens, de mães... O que caracteriza mesmo o Jornal Mural Popular é que ele seja feito com a participação das pessoas que escolhem o que deve e o que não deve entrar, através do diálogo e do intercâmbio de opiniões. Pode ter um responsável escolhido pelo grupo. Mas convém que varie de vez em quando. Assim, todos os membros da equipe poderão participar também dessa responsabilidade.

O jornal mural é ideal para ajudar a organizar o trabalho de uma comunidade e também provocar novos processos de organização dos grupos.

EXPERIMENTE FAZER UM. VAI VALER A PENA!

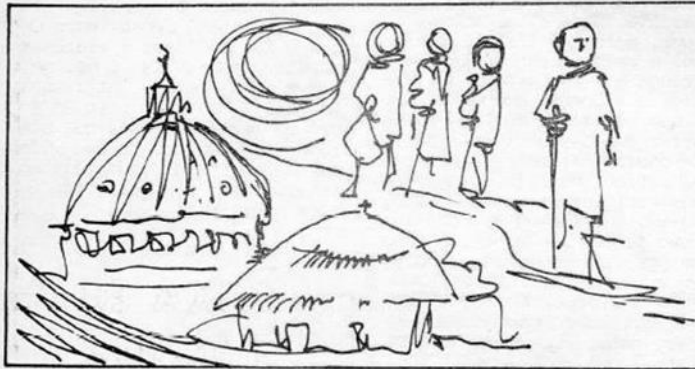
Anexo 11 – GRITA POVO, São Paulo, mai. 1986, nº 48.

De 18 a 9 de maio de 1986

GRITA POVO

Página 10

concílio vaticano II 20 anos de diálogo e as CEB's.



Para falar sobre o significado dos 20 anos de caminhada da Igreja após o Concílio Vaticano II, 40 representantes das Ceb's de nossa Região se encontraram no dia 6 de março na Casa de Encontros para um dia de formação.

O professor Julio Santana mostrou que para compreender esses 20 anos de caminhada pós-conciliar, é necessário ir além na história, ir até o Vaticano!, acontecido uns 92 anos antes do Vaticano II (1962).

Havia, naquele tempo do Concílio Vaticano I, um esforço em centralizar a ação da Igreja a partir da palavra do Papa.

Na história da Igreja do Brasil, se pode observar que até 1850, ou 1860, a Igreja era, por assim dizer, muito mais brasileira. A vinda das ordens religiosas no fim do século passado, caracteriza uma Igreja mais "Romana", orientada a dar mais importância ao Vaticano que mesmo ao espírito, a história, à cultura brasileira.

Depois do Vaticano I (1870) existia na Igreja, estreita relação com o poder político, porque ela mesma pretendia participar desse poder. A Igreja estabelecia juízo sobre tudo, aparecendo, por causa disso, bastante antipática. Era muito mais uma Igreja de "proibições" do que de "diálogo" com o mundo moderno...

Acontece finalmente, de 1962-1965, o Vaticano II. Em 1958, morre Pio XII, Papa vindo de aristocrática família romana. No Vaticano, se processa a eleição do sucessor. Depois de demorada espera (2 semanas), o que prova que lá dentro as coisas estavam bastante quentes. A fumaça branca, sinal de escolha, sobe aos céus! Viva João 23! Filho de camponeses!

Começa uma grande etapa na história da Igreja. Depois de somente 3 meses João 23 convoca o Concílio Vaticano II três anos de preparação. Convide a 3 mil bispos. Chegam também representantes das outras Igrejas, "Irmãos Separados".

Na palavra do maior teólogo do nosso século, Carlos Rahner, "através do Vaticano II, a Igreja volta a ser CATÓLICA, isto é UNIVERSAL".

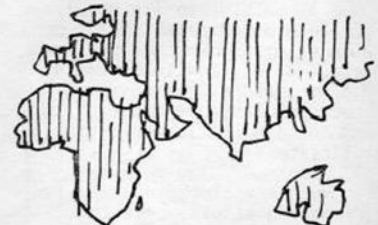
Que aspectos destacamos a respeito do Concílio Vaticano II?



1. O Cristianismo tem que ser universal. Os problemas tem que ser vistos a partir da Igreja da África, da Ásia da América Latina. A Igreja não pode tomar posturas arrogantes ou colonialistas! Onde está realmente a caminhada da Igreja? De um lado, a Igreja se organiza de forma hierarquizada, por outro lado ela se define "POVO DE DEUS". Igreja vem de "Dialogar", tem de ser Comunhão, isto é, Entidade Colegiada. Reconhecer as outras culturas, e realidades: Os leigos tem que ganhar novo destaque e importância.

2. Igreja dos Pobres. A Igreja tem que reencontrar a única forma para ser EVANGELIZADORA, ser a Igreja dos Pobres. A maioria dos pobres do mundo não são cristãos, não estão na Igreja Católica, enquanto a maioria dos ricos do mundo são "Cristãos"! Realidade dura de encarar! Questão de compromisso de Batismo! Deus ama sobre tudo os injustiçados! Como evangelizar? Qual o enfoque da ação evangelizadora de nossas Comunidades?

3. Abertura da Igreja ao Mundo Moderno. No mundo vivem pessoas humanas adultas que nem sempre, na Igreja antiga, eram tratadas como adultas. Igreja tem que ser Presença e Testemunho! Não dar lições de superioridade! O mais importante não é dizer aos outros o que fazer, mas, sim FAZER! É uma nova compreensão da Evangelização! É pôr toda a força na partilha do Amor de Deus! Acompanhar assim a transformação! Buscar no coração do mundo os sinais do Reino!



APÊNDICE

Apêndice 1: Áudio das gravações obtidas na pesquisa de campo.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, G. O que é o contemporâneo? In: O que é o contemporâneo? E outros ensaios. Chapecó: Argos, Editora da Unichapecó, 2009.
- AGAMBEN, G. O que é um dispositivo?. Outra travessia, [S.l.], n. 5, p. 9-16, jan. 2005. ISSN 2176-8552. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/Outra/article/view/12576/11743>>. Acesso em: 30 mar 2014.
- ALBUQUERQUE JR, D. M. de. A invenção do nordeste e outras artes. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2009.
- ALVES, M. H. M. Estado e Oposição no Brasil (1964-1989). Petrópolis: Vozes, 1984.
- ALVES-MAZZOTTI, A. J., GEWANDSZNAJDER, F. O método nas ciências naturais e sociais; pesquisa quantitativa e qualitativa. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 1999.
- ANDERSON, P. Balanço do neoliberalismo. In: Pós-neoliberalismo: as políticas sociais e o Estado democrático. Emir Sader e Pablo Gentili (orgs.). 5ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.
- ANDRADE, M. de. Cartas de trabalho: correspondência com Rodrigo Mello Franco de Andrade, 1936-1945. Brasília: Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/ Fundação Pró-Memória, 1981.
- ANDRADE, R. O. Braços civis de uma intervenção militar. Revista Fapesp. São Paulo. Disponível em: http://revistapesquisa.fapesp.br/wp-content/uploads/2014/04/016-045_Golpe64_218NOVO_02.pdf?efe66e. Acesso em 09set 2014.
- ARANTES, A. A. (org). Produzindo o passado. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- AUGÉ, M. A guerra dos sonhos. Campinas: Papyrus, 1998.
- AUGUSTI, W. A (a). Memórias de Ermelino Matarazzo: um bairro paulistano, seu povo, sua gente. São Paulo: Ed. do autor, 2012.
- AUGUSTI, W. A (b). (Coord); MARCHIONI, A. L. [et al.]. Dom Angélico Sândalo Bernardino: Bispo profeta dos pobres e da justiça. 1. ed. São Paulo: ACDEM, 2012.
- AZEVEDO, DOM (2004), A Igreja Católica e seu papel político no Brasil. Disponível em: www.scielo.br. Acesso em: 20/12/2014.
- BARBERO, J. M. Dos meios às mediações. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.
- BARTHES, R. A aventura semiológica. Lisboa: Edições 70, 1987.
- BENJAMIN (a), W. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov in Obras Escolhidas I - Magia e Técnica, Arte e Política. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BENJAMIN (b), W. Sobre o conceito de história in Obras Escolhidas I - Magia e Técnica, Arte e Política. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BEOZZO, P. J. O. História da Igreja no Brasil. In: ARNS, Cardeal Paulo Evaristo. O que é Igreja. São Paulo, Brasiliense, 1981 (Col. Primeiros Passos)
- BERGSON, H. Matéria e memória. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- BERQUE, A. Ecumène. Introduction à l'étude des milieux humains, Paris: Belin, 2000.
- BERTOLIN, G. O Diálogo entre Lideranças Católicas e Intelectuais de Esquerda na Redemocratização Brasileira. Dissertação de Mestrado em Educação – Universidade São Francisco. Itatiba, 2005.
- BHABHA, H.K. O Local da Cultura. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

- BLADE RUNNER. Direção: Ridley Scott. Produção: Michael Deeley. Intérpretes: Harrison Ford; Rutger Hauer; Sean Young; Edward Ward; James Olmos e outros. Roteiro: Hampton Fancher e David Peoples. Música: Vangelis. Los Angeles: Warner Brothers, c1991. 1 DVD (117MIN), Color. Produzido por Warner Video Home.
- BLUTEAU, R. Vocabulário português & latino: aulico, anatomico, architectonico. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712 - 1728. 6 v.
- BOMTEMPI, S. Origens Históricas de São Miguel Paulista. São Paulo: UNICSUL, 2000.
- BONFIM, M. (coord.). Almanaque, um olhar sobre São Miguel. Manifestações culturais, ontem e hoje. São Paulo: Fundação Tide Setubal, 2008.
- BONFIM, M. *Centro de Pesquisa e Documentação São Miguel Paulista (CPDOC): Projeto 'Observatório de memória audiovisual'* In Santhiago, R., Magalhães. V. B. (org.). Memória e Diálogo: escutas da Zona Leste, visões sobre a história oral. São Paulo: Letra e Voz: Fapesp, 2011.
- BONIN, J. “Mídia e memórias: delineamentos para investigar palimpsestos midiáticos de memória étnica na recepção”, in Revista Fronteiras – Estudos Midiáticos, n. 2, vol. 3, São Leopoldo, 2006.
- BOSI, E. Memória e sociedade - lembranças de velhos. 3. ed. São Paulo: Cia das Letras, 1994.
- BOUERI, J. ; LEITE. E. (coord.) Livro comemorativo: dez anos de lançamento da pedra fundamental do campus capital da USP Leste. São Paulo: Escola de Artes, Ciências e Humanidades – EACH/USP, 2013.
- BOULANVILLIERS, H. de. Astrologie mondiale: histoire du mouvement de l'apogéedu Soleil auratique desrègles d'astrologie pourjuger desevenements generaux. (Organizado por R. Simon). Garche: Editions du Nouvel Humanisme, 1949.
- BOURDIEU, P. Razões práticas: sobre a teoria da ação. Trad. Mariza Corrêa. Campinas: Papirus, 1996.
- BRAGA, J. L. 2012. Interação como contexto da Comunicação. Revista Matrizes, 6 (1-2):25-41.
- BRAGA, J. L. “Análise performativa. Cem casos de pesquisa empírica”, in BRAGA, J. L., VASSALLO de L., M. I. e MARTINO, L. C. (orgs.), Pesquisa empírica em Comunicação. São Paulo: Compós, 2010.
- BRAGA, J. L. Comunicação, disciplina indiciária. Matrizes (USP. Impresso), v. 1, 2008. Disponível em www.matrizes.usp.br/ojs/index.php/matrizes/article/download/46/28. Acesso em 20/11/2013.
- CAMARGO, P. F. C. et alli. São Paulo 1975, crescimento e pobreza. São Paulo: Loyola, 1976.
- CANCLINI, N.G. Culturas híbridas. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1997.
- CARTAZ DE DIVULGAÇÃO DO II SEMINÁRIO SOBRE PATRIMÔNIOS HISTÓRICOS DA ZONA LESTE. São Paulo, ago 2014.
- CARTILHA No ar, uma rádio popular. São Paulo. Localizado no acervo do CEMI situado na Igreja São Miguel Arcanjo. [s.n.d].
- CARTILHA Rádio do povo – São Miguel. São Paulo. Localizado no acervo do CEMI situado na Igreja São Miguel Arcanjo. [s.n.d].
- CARTILHA Rádio popular. São Paulo. Localizado no acervo do CEMI situado na Igreja São Miguel Arcanjo, mai 1985.

- CARTILHA EDUCATIVA PARA TRABALHO EM GRUPOS POPULARES. São Paulo: Fundação Fé e Alegria do Brasil, [s.d.].
- CARVALHO, A. REVISTA EXAME. COM. É mais rápido chegar no Itaquerao que no Morumbi?. Disponível em: <http://exame.abril.com.br/brasil/noticias/corinthians-lanca-video-comparando-itaquerao-a-morumbi>. Acesso em 02 fev 2015.
- CASTELLS, M. A galáxia da Internet. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- CASALEGNO, F. (ed.). Memória cotidiana: comunidades e comunicações na era das redes. Porto Alegre: Sulina, 2006.
- CEMI. Ata de criação do Cemi. São Paulo. Localizado no acervo do CEMI situado na Igreja São Miguel Arcanjo. [s.n.d].
- CHARTIER, R. A história ou a leitura do tempo. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- CHAUÍ, M. A volta da Santa Inquisição. Folha de São Paulo, São Paulo, 7 de setembro de 1984: Opinião, p.3.
- CHAUÍ, M. História do Povo Brasileiro – mito fundador e sociedade autoritária. São Paulo: Perseu Abramo, 2000.
- CHAUÍ, M., Convite à Filosofia, São Paulo, 13a. ed., Ática, 2003.
- CHAUÍ, M. Cidadania Cultural: O Direito à Cultura. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2006.
- CORRÊA, R. L. Espaço e Simbolismo. In: Olhares Geográficos: modos de ver e viver o espaço. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 2012.
- CRARY, J. Suspensions of perception (attention, spectacle, and modern culture). Londres: MIT Press, 1999.
- DALI, S. quadro “A persistência da memória”. 1931.
- DAMASIO, A. E o cérebro criou o homem. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- DAMASIO, A. O erro de Descartes – emoção, razão e cérebro humano. São Paulo: Cia das Letras, 2004.
- DAMASIO, A. O Mistério da consciência. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- DE VOLTA PARA O FUTURO, Robert Zemeckis (direção). Estados Unidos, Universal Pictures, 1985, 116 minutos, sonoro/colorido.
- DEBORD, G. A sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- DERY, M. Diálogo com Mark Dery. Desconstruir a memória comunitária. In CASALEGNO, F. (ed.). Memória cotidiana: comunidades e comunicação na era das redes. Porto Alegre: Sulinas, 2006.
- DIDI-HUBERMAN, G. A imagem sobrevivente: história da arte e tempo dos fantasmas segundo Aby Warburg. Rio de Janeiro: Contraponto; Museu de Arte do Rio, 2013.
- DOSSE, F. Renascimento do acontecimento. São Paulo: Editora Unesp, 2013.
- DURKHEIM, É. As Regras do Método Sociológico. São Paulo, Martins Fontes, 1999.
- DUROZOI, G., ROUSSEL, A.; (trad.) APPENZELLER. M. Dicionário de filosofia. São Paulo: Papyrus, 1993.
- EVERS, T., PLATENBERG, C.M., SPESSART, S. Movimentos de bairro e Estado (Lutas na esfera da reprodução da América Latina). [s.n.t].
- EXEMPLAR DE DIVULGAÇÃO DE UM EVENTO PROMOVIDO PELO CEMI. São Paulo. Localizado no acervo do CEMI situado na Igreja São Miguel Arcanjo, set 1987.
- EXEMPLO DE CLIPPAGEM. São Paulo. Localizado no acervo do CEMI situado na Igreja São Miguel Arcanjo. [s.n.d].

- EXEMPLO DE FORMULÁRIO IMPRESSO ESPECÍFICO DO CEMI PARA A SOLICITAÇÃO DE EDIÇÕES DE VEÍCULOS JORNALÍSTICOS DIVERSOS. São Paulo. Localizado no acervo do CEMI situado na Igreja São Miguel Arcanjo. [s.n.d].
- FAUSTO N., A. Fragmentos de uma “analítica” da midiatização. Matrizes. Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da USP. São Paulo, 2008, ano 1, n.2, p. 89- 105.
- FERRARA, L. D. A. Design em espaços. São Paulo: Rosari, 2002.
- FERRARA, L. D. A. Comunicação, espaço e cultura. São Paulo: Annablume, 2008.
- FERREIRA, C. C. A Expo'98 e os imaginários do Portugal contemporâneo: cultura, celebração e políticas de representação de representação. 676 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Faculdade de Economia, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2006.
- FESTA, R. Comunicação popular e alternativa no Brasil. São Paulo: Paulinas, 1986.
- FESTA, R. Comunicação Popular e Alternativa. A realidade e as utopias. Dissertação de Mestrado - Universidade Metodista de São Paulo. São Bernardo do Campo, 1984.
- FESTA, R. Elementos para uma Análise de Comunicação na América Latina Perspectivas para os Anos 90. Disponível em: <http://www.metodista.br>. Acesso em: 16 fev 2003.
- FOLHA ONLINE. Juvenal volta ao ataque por Copa. Disponível em: www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk2010201002.html. Acesso em 01 fev 2015. [s. a.].
- FONTES. P. Um nordeste em São Paulo: trabalhadores migrantes em São Miguel Paulista (1945-66) – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.
- FORMULÁRIO DE SOLICITAÇÃO DE ASSINATURA DO JORNAL GRITA POVO. São Paulo. Localizado no acervo do CEMI situado na Igreja São Miguel Arcanjo. [s.n.d].
- FOTOGRAFIA DA CAPELA DE SÃO MIGUEL ARCANJO. Disponível em: www.capeladesaomiguelarcanjo.com.br. Acesso em: 15 jul 2014. [s. a.].
- FUNDAÇÃO TIDE SETUBAL. Memorial do migrante. Disponível em: <http://www.ftas.org.br/relatorio2010/8e.articulacao-migrante.php>. Acesso em 03 fev 2013. [s.a.].
- G1. No Twitter, Rita Lee diz que estádio do Corinthians é 'presente de grego'. Disponível: <http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2010/08/no-twitter-rita-lee-diz-que-estadio-do-corinthians-e-presente-de-grego.html>. Acesso em fev de 2015. [s. a.].
- GASPARI, E. A ditadura escancarada. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- GILLIS, J. R. Commemorations. The Politics of National Identity. Princeton: Princeton University Press, 1994.
- GINZBURG, C. Sinais – Raízes de um paradigma indiciário. In. Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- GOMES, P. G. Jornalismo nas comunidades eclesiais de base: estudo de caso do jornal GRITA POVO da região diocesana de São Miguel Paulista. Dissertação de Mestrado – Escola de Comunicação e Artes, Universidade São Paulo. São Paulo, 1987.
- GONÇALVES, C. S. A experiência do Serviço do Patrimônio Histórico Artístico e Nacional em São Paulo: o caso da restauração da Igreja de São Miguel, 1939-1941. Pós. Revista do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAU-USP, [S.l.], n. 19, p. 92-111, jun. 2006. ISSN 2317-2762. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/posfau/article/view/43465>>. Acesso em: 19 Abr. 2015.

- GRUSINSKI, S. La colonización de lo imaginario – Sociedades indígenas y occidentalización en México español, siglos XVI-XVII, México: Fondo de cultura Económica, 1995.
- HALBWACHS, M. A memória coletiva. São Paulo: Centauro, 2004.
- HALL, S. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- HARVEY, D. A condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo: Edições Loyola, 2000.
- HERRERO, R. Face Leste – Revisitando a Cidade. 1 ed. São Paulo, 2011.
- HIRSZMAN, L.; ECHEVARRÍA, N.; LAMATA, L. A.; CARRI, A. Memória, história e identidade. São Paulo: Aeroplano, 2004.
- HOBBSAWM, E. Era dos Extremos. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- HORKHEIMER, M., e ADORNO, T. W., Dialética do Esclarecimento: Fragmentos filosóficos. Trad. Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- HUYSEN, A. Seduzidos pela Memória: arquitetura, monumentos, mídia. 2. ed. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.
- IMAMURA, A. C. História de São Miguel - O Desenvolvimento Urbano de São Miguel Paulista. Museu Virtual, São Paulo, 2000. Disponível em: http://200.136.79.4/Museu_Virtual/histo_sao_miguel_des.html. Acesso em: 15/05/2007.
- ITAÚ CULTURAL. Centros de memória: manual básico para implantação. São Paulo: Itaú Cultural, 2013.
- IZQUIERDO, I. Questões sobre Memória. Porto Alegre: Unisinos. Coleção Aldus 19, 2004.
- JESUÍNO, UM OLHAR DE SÃO MIGUEL. MAGALHÃES, R. Q. Outras indicações de responsabilidade. São Paulo: Produção independente, 2010. 30 minutos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nlqOKdVYmPI>. Acesso em: 20 nov 2013.
- JEUDY, H. Memórias do social. Rio de Janeiro: Forense. 1990.
- KAHNEMAN, D. Thinking, fast and slow. New York: Farrar, Straus and Giroux, 2011.
- KUCINSKI, B. Abertura, a história de uma crise. São Paulo: Brasil Debates, 1982.
- LAZZARATO, M. As Revoluções do Capitalismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- LE GOFF, J. História e memória. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.
- LE MOS A. Anjos interativos e retribalização do mundo: sobre interatividade e interfaces digitais. Disponível em: <http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/lemos/interac.html>. Acesso em: 10/04/2008.
- LEVY, P. Cibercultura. São Paulo: Editora 34, 1999.
- LEVY, P. Diálogo com Pierre Lévy. A memória como processo no tempo presente. In CASALEGNO, F (ed.). Memória cotidiana: comunidades e comunicação na era das redes. Porto Alegre: Sulinas, 2006.
- LOPES, M. I. V. Por um paradigma transdisciplinar para o campo da comunicação. In. DOWBOR, L. Et al (org). Desafios da comunicação. Petrópolis: Vozes, 2001.
- LOTMAN, Y.; Uspenskii, B. Ensaios de semiótica soviética. Lisboa: Horizonte Universitário, 1981.
- MACHADO, A. Pré-cinemas & pós-cinemas. São Paulo: Papyrus, 2011.
- MAINWARING, S. Igreja Católica e Política do no Brasil, 1916-1985. São Paulo, Brasiliense, 1989.
- MANOVICH, L. El lenguaje de los nuevos medios de comunicación – La imagen en la era digital. Buenos Aires: Paidós, 2006.

- MARZANO, S. Diálogo com Stefano Marzano. Memória: entre experiência vivida e *genius loci*. In CASALEGNO, F. (ed.). Memória cotidiana: comunidades e comunicação na era das redes. Porto Alegre: Sulinas, 2006.
- MATOS, H. J. Caminhando pela história da Igreja. V.3. Belo Horizonte: EDom O lutador, 1996.
- MATTA, M. C. De la cultura masiva a la cultura mediática. In: Diálogos, n.56, Lima: Felafacs, 1999.
- MENDES, A. Dominicanos de Perdizes: movimento de prática política no Brasil dos anos 1960. Dissertação de Mestrado em História Social - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2003.
- MENDONÇA, R. BBC ONLINE. Para 'excluídos da festa' em Itaquera, Copa trouxe água, luz e esperança após 20 anos de luta. Disponível em: http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2014/07/140709_wc2014_legacy_copa_itaquera. Acesso em fev de 2015.
- MENESES, U. T. B. de. O museu na cidade x a cidade no museu: para uma abordagem histórica dos museus de cidade. Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 5, n. 8/9, set/1984-abril/1985.
- MENESES, U. T. B. de. Memória e Cultura Material: documentos pessoais no espaço público. Estudos Históricos, Rio de Janeiro: FGV, n.21, 1998.
- MENEZES, R. T. Memória em papel - O jornalismo popular e a memória coletiva. Dissertação de Mestrado – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2007.
- MERLEAU-PONTY, M. O filósofo e sua sombra, Sobre a fenomenologia da linguagem, A linguagem indireta e as vozes do silêncio, In: Textos Escolhidos (Os Pensadores). v. XLI. São Paulo: Editora Abril, 1975.
- MONTELATTO, A. R. DOM, REGINALDO, L. O cadastramento das entidades. In: KHOURY, Y. A. (Coord) Guia de Pesquisa: Igreja e Movimentos Sociais. São Paulo: Com-Arte: PUC- CEDIC, 1991.
- MORA. M. Zona Leste não será mais a mesma', afirma Haddad, sobre legado da Copa. Disponível: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2014/06/zona-leste-nao-sera-mais-mesma-afirma-haddad-sobre-legado-da-copa.html>. Acesso em fev. 2015.
- MORAIS, I. R. SÃO MIGUEL PAULISTA: Capela de São Miguel Arcanjo – interfaces das memórias do patrimônio cultural. Revista Eletrônica do Arquivo Público do Estado de São Paulo. [Online]. Edição 43: São Paulo, Arquivo Público do Estado de São Paulo, 2010. Disponível em: <http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/anteriores/edicao43/materia03/texto03.pdf>. Acesso em 08 ago 2013.
- MORCELLI, D. Entrevista concedida à pesquisadora em São Paulo, junho. 2013.
- MORCELLI, D. O conceito de memória – leituras. São Paulo, 26 de abril de 2012. Disponível em: <http://memoriazisp.blogspot.com.br>. Acesso em 01 de ago de 2014.
- MORCELLI, D. Grupo de Memória da Zona Leste. Facebook. 17 maio 2011. Disponível em: 03 mar 2015. Acesso em: 04 mar 2015.
- MORIN, E. Cultura de Massas no século XX. Espírito do tempo I: neurose. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1984.
- MORIN, E. O enigma do homem. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- MORIN, E. O método IV: as ideias – habitat, vida, costumes, organização; tradução de Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2002.
- MORIN, E. Diálogo com Edgar Morin. Partilhar uma memória para existência poética. In CASALEGNO, F (ed.). Memória cotidiana: comunidades e comunicação na era das redes. Porto Alegre: Sulinas, 2006.

- NAKANO, A. K. Quatro COHABs da Zona Leste de São Paulo: território, poder e segregação. São Paulo, 2002. Mestrado (Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.
- NARRADORES DE JAVÉ, Eliana Caffé (direção). BRASIL, Lumiere/Videofilmes, 2003, 102 minutos, sonoro/colorido.
- NORA, P. Entre memória e História: a problemática dos lugares. Projeto História, São Paulo, n. 10, dez. 1993.
- NORA, P. Le lieux de memoire: la republique. Galimard: Paris: 1997.
- OBSERVATÓRIO DE POLÍTICAS PÚBLICAS E CENTRO DE MEMÓRIA DA ZONA LESTE E PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA. Disponível em: <http://www2.unifesp.br/proex/novo/pps/programasprojetos/projetos-2014/unidade-de-extensao-zona-leste>. Acesso em 20 de agosto de 2014. [s. a.].
- OHTAKE, R. Entrevista concedida à pesquisadora em São Paulo, outubro. 2012.
- OHTAKE, R. PROJETO “CENTRO DE MEMÓRIA E CULTURA E CENTRO DE CONVENÇÕES”. São Paulo, 2012.
- OHTAKE, R. Entrevista concedida à pesquisadora em São Paulo, julho. 2014.
- PARÓQUIA SÃO FRANCISCO DE ASSIS. Boletim sobre projeto do 2º volume do livro Memórias de Ermelino Matarazzo. [s.d].
- PENA, F. Teorias do Jornalismo. 2 ed. São Paulo: Contexto. 2005.
- PERUZZO, C. M. K. Comunicação nos movimentos populares. Petrópolis: Vozes, 1998.
- PILETTI, N., PRAXEDES, W., Dom Helder Câmara. Entre o Poder e a Profecia. São Paulo: Ed. Ática, 1997.
- PROUST, M. Em busca do tempo perdido: No caminho de Swann. Trad. Mario Quintana. 3 ed. São Paulo: Globo, 2006.
- REIS, B. M.C. De la ditadura a la democracia; recuerdos y olvidos de la transición política española. Medios de comunicación y reconstrucción de la(s) memoria(s) colectiva(s) em España. 475 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.
- REITOR APRESENTA PROPOSTAS PARA REEQUILÍBRIO FINANCEIRO DA UNIVERSIDADE. Disponível em: <http://www.usp.br/imprensa/?p=42192>. Acesso em: 20 ago 2014. [s. a.].
- RODRIGUES, A. Zona Leste terá redução de IPTU e ISS. O Estado de S. Paulo, São Paulo, 11 abr. 2013. Caderno Cidades/Metrópole, p. C4.
- ROSADO-NUNES. M. J. O catolicismo sob o escrutínio da modernidade. In. SOUZA, B. M.; MARTINO, L.M. (org.), Sociologia da religião e mudança social. São Paulo: Paulus, 2004.
- ROSSI, P. O passado, a memória e o esquecimento. São Paulo, Editora da UNESP, 2010.
- ROSNAY, J. de. Diálogo com Joël de Rosnay. Memória em rede e intercriatividade. In CASALEGNO, F (ed.). Memória cotidiana: comunidades e comunicação na era das redes. Porto Alegre: Sulinas, 2006.
- SADER, E. Quando novos personagens entram em cena. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1988.
- SAMPEDRO, V. y BAER, A. El recuerdo como olvido y el pasado extranjero. Padres e hijos ante la memoria histórica mediatizada. Revista de Estudios de Juventud. Edición Especial: Jóvenes, Constitución y cultura democrática (2003).
- SANTO AGOSTINHO. Confissões. Trad. J. Oliveira Santos, S.J., e A. Ambrósio de Pina, S.J. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1999.
- SANTOS, B. S. Introdução a uma ciência pós-moderna. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

- SANTOS, M. A Natureza do Espaço: espaço e tempo, razão e emoção. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.
- SEARLE, J. Consciência e linguagem. Trad: Plínio Junqueira Smith. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- SODRE, M. Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede. Petrópolis: Vozes, 2002.
- SILVA, A. M. Dicionário da língua portuguesa - recompilado dos vocabulários impressos até agora, e nesta segunda edição novamente emendado e muito acrescentado, por ANTONIO DE MORAES SILVA. Lisboa: Typographia Lacerdina, 1813.
- SILVA, M. Um convite à interatividade e à complexidade: novas perspectivas comunicacionais para a sala de aula. In: GONÇALVES, Maria Alice Rezende (org.). Educação e Cultura: pensando em cidadania. Rio de Janeiro: Quartet, 1999.
- TARDE, G. Monadologia e Sociologia e Outros Ensaio. São Paulo: Cosac & Naify, 2007.
- TICÃO, Pe. Movimentos sociais, identidade e memória na Zona Leste. In Santhiago, R., Magalhães. V. B. (org.). Memória e Diálogo: escutas da Zona Leste, visões sobre a história oral. São Paulo: Letra e Voz: Fapesp, 2011.
- TOLEDO, E. O processo de industrialização e o patrimônio industrial na Zona Leste. In Santhiago, R., Magalhães. V. B. (org.). Memória e Diálogo: escutas da Zona Leste, visões sobre a história oral. São Paulo: Letra e Voz: Fapesp, 2011.
- TRIVINHOS, A. N. S. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação – o positivismo, a fenomenologia, o marxismo. São Paulo: Atlas, 1987.
- TUFTE, T. Estudos de mídia na América Latina. IN Comunicação & Sociedade, n.25, p. 21-47. 1996.
- UZZO, K. G.; SAULE JÚNIOR, N. Conhecendo o direito: proteção e garantia dos direitos humanos no âmbito de megaprojetos e megaeventos. São Paulo: Instituto Pólis, 2012.
- WANDERLEY, L. E. W. Movimentos Sociais Populares: aspectos econômicos, sociais e políticos. In. BERNARDO, T.; RESENDE, P. E. A. (org.), Ciências Sociais na Atualidade. São Paulo: Paulus, 2005.
- WARBURG, A. Imagens da região dos índios Pueblo da América do Norte, in: Concinnitas, vol. 1, n. 8. Rio de Janeiro: UERJ, 2005.
- WOLF, M. Teorias das Comunicações de Massa. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

FONTES DOCUMENTAIS – GRITA POVO

- GRITA POVO, São Paulo, nov. 1982, nº 4.
GRITA POVO, São Paulo, dez. 1982, nº 5.
GRITA POVO, São Paulo, jun. 1983, nº 11.
GRITA POVO, São Paulo, abr. 1983, nº 13.
GRITA POVO, São Paulo, jul. 1984, nº 17.
GRITA POVO, São Paulo, abr. 1984, nº 19.
GRITA POVO, São Paulo, jul. 1984, nº 22.
GRITA POVO, São Paulo, mar. 1986, nº 45.
GRITA POVO, São Paulo, mai. 1986, nº 48.
GRITA POVO, São Paulo, jun. 1986, nº 52.
GRITA POVO, São Paulo, ago. 1986, nº 55.
GRITA POVO, São Paulo, ago. 1986, nº 56.
GRITA POVO, São Paulo, mai. 1987, nº 71.
GRITA POVO, São Paulo, jul-ago. 1988, nº 100.
GRITA POVO, São Paulo, ago. 1988, nº 101.
GRITA POVO, São Paulo, set. 1988, nº 103.
GRITA POVO, São Paulo, ago. 1989, nº 115.
GRITA POVO, São Paulo, ago. 1989, nº 116.
GRITA POVO, São Paulo, mar. 1990, nº 125.

Deixa eu falar!

Inespera, 10 de agosto de 1991
Oid pessoal do GRITA POVO! Tudo bem?
Caros amigos queremos através desta carta mostrar-lhe a avaliação que nós temos feito da "NA BOCA DO POVO" fe da edição nº 153 do jornal "RITA POVO".

As notícias que merecem destaque são: há textos muito longos, cheios de erros gramaticais, tornando as leituras cansativas. São notícias que não dizem nada de novo, apenas repetem o que já se sabe. Há também notícias que não dizem nada de novo, apenas repetem o que já se sabe.

A Reforma Agrária da Nicarágua

De que forma o Banco Mundial está financiando a reforma agrária da Nicarágua? O Banco Mundial está financiando a reforma agrária da Nicarágua através de empréstimos. Esses empréstimos são usados para financiar a compra de terras e a construção de infraestrutura agrícola.

O que mudou com o novo governo?

Por fora, ele é realmente uma bela vitória. Mas as reivindicações do povo continuam não sendo atendidas. Para o funcionalismo e os desempregados, por exemplo, o que houve foi a repressão de polícia.

Agenda da Região

- LEGIAO DE MARIA**
Dia: 18 de outubro/87
Local: Igreja de São Miguel
- ENCONTROS COM MARIA ANO MARIANO**
Dia: 20 de outubro/87
Local: Nossa Senhora de Guadalupe
- CONVÍCIO ESPECIAL**
Dia: 21 de outubro/87
Local: Maria na Bíblia
- CONVÍCIO**
Dia: 22 de outubro/87
Local: N. Sra. Aparecida
- ENCONTRO PRO-GREM**
Dia: 11 de outubro/87
Local: Casa de Encontros

Mulher de verdade é aquela que luta por seus direitos

Não ao machismo. Não à mulher objeto de cama e mesa. Sim à igualdade de direitos. Sim à participação da mulher em todos os campos e níveis da sociedade. Mulher é companheira. É gente e agente do mundo novo que todos queremos.

Onde você está?

Atualmente, a mulher dispõe de um número limitado de opções de carreira. Ela não tem a liberdade de escolha que o homem tem. Ela não tem a liberdade de escolha que o homem tem.

AS MÁS CONDIÇÕES DE TRABALHO E SUAS CONSEQUÊNCIAS

Este trabalho pretende ser um instrumento de conscientização para as mulheres trabalhadoras. O objetivo é mostrar as condições de trabalho e suas consequências para a saúde física e mental.

Mulher de pesquisa

Este trabalho tem como objetivo investigar a situação das mulheres no mercado de trabalho. O estudo foca nas condições de trabalho e nas consequências para a saúde.

Os moradores do bairro Jardim Roberto (Guaiacanes) já contam desde a última quarta-feira, dia 4, com uma unidade hospitalar no região. Em rápida cerimônia, realizada no local, a prefeita Luiza Erundina inaugurou o mini pronto-socorro Jélio Tuppy, localizado à rua Serra da Queimada, 800, na altura do número 6000 da avenida Nordestina.

GRITA POVO

Journal Mensal da Região do São Miguel
Ano 2 Nº 153

CEBs reforçam compromisso de luta pela terra

Em inúmeros pontos da região de São Miguel, a população vem enfrentando problemas com loteamentos clandestinos e irregulares. Cerca de 80% dos loteamentos de toda a região estão com irregularidades. Diante desse quadro, as comunidades comprometidas na luta pela posse da terra, novas pistas, durante o Encontro Regional da Terra, que será realizado no próximo dia 10, às 14:30 horas, na Igreja Matriz de São Miguel.

O que mudou com o novo governo?

Por fora, ele é realmente uma bela vitória. Mas as reivindicações do povo continuam não sendo atendidas. Para o funcionalismo e os desempregados, por exemplo, o que houve foi a repressão de polícia.

Agenda da Região

- ENCONTROS COM MARIA ANO MARIANO**
Dia: 20 de outubro/87
Local: Nossa Senhora de Guadalupe
- CONVÍCIO ESPECIAL**
Dia: 21 de outubro/87
Local: Maria na Bíblia
- CONVÍCIO**
Dia: 22 de outubro/87
Local: N. Sra. Aparecida
- ENCONTRO PRO-GREM**
Dia: 11 de outubro/87
Local: Casa de Encontros

Mulher de verdade é aquela que luta por seus direitos

Não ao machismo. Não à mulher objeto de cama e mesa. Sim à igualdade de direitos. Sim à participação da mulher em todos os campos e níveis da sociedade. Mulher é companheira. É gente e agente do mundo novo que todos queremos.

Onde você está?

Atualmente, a mulher dispõe de um número limitado de opções de carreira. Ela não tem a liberdade de escolha que o homem tem. Ela não tem a liberdade de escolha que o homem tem.

AS MÁS CONDIÇÕES DE TRABALHO E SUAS CONSEQUÊNCIAS

Este trabalho pretende ser um instrumento de conscientização para as mulheres trabalhadoras. O objetivo é mostrar as condições de trabalho e suas consequências para a saúde física e mental.

Mulher de pesquisa

Este trabalho tem como objetivo investigar a situação das mulheres no mercado de trabalho. O estudo foca nas condições de trabalho e nas consequências para a saúde.

Continuaremos caminhando entre lutas e esperança

Logo, mais logo, a reforma agrária da Nicarágua será concluída. O Banco Mundial está financiando a reforma agrária da Nicarágua através de empréstimos. Esses empréstimos são usados para financiar a compra de terras e a construção de infraestrutura agrícola.

ENCONTRÃO D

6 de agosto de 1989
das 13:00 às 17:30 hs
de Salão no lado da Casa de Encontros, na rua Serra da Queimada, 800. Participação será uma força maior para a

Uma Alerta

Conselhos de Comunidade
TEMOS UMA CRIANÇA
A criança é o futuro da nação. Ela precisa de cuidados especiais. Os pais devem cuidar bem da criança e garantir que ela tenha uma boa educação.

Catequese na Capela

A Capela Mariana de São Miguel, através de suas catequistas, oferece um programa de catequese para as crianças. O objetivo é ensinar os valores cristãos e preparar as crianças para a comunhão.

Movimentos debatem o poder popular

Os movimentos populares estão debatendo o papel do poder popular na sociedade. Eles acreditam que o poder popular é essencial para a transformação social e a construção de uma sociedade mais justa.

Centro de Comunicação já está funcionando

O Centro de Comunicação da comunidade já está funcionando. Ele oferece serviços de comunicação e ajuda as pessoas a se comunicarem melhor entre si.

Centro Catequético Informa

O Centro Catequético está se preparando para a Assembleia Regional de Catequistas da área rural. O objetivo é discutir as atividades de catequese e planejar as ações para o próximo ano.

Mulheres

Este trabalho tem como objetivo investigar a situação das mulheres no mercado de trabalho. O estudo foca nas condições de trabalho e nas consequências para a saúde.

Mulheres

Este trabalho tem como objetivo investigar a situação das mulheres no mercado de trabalho. O estudo foca nas condições de trabalho e nas consequências para a saúde.

Mulheres

Este trabalho tem como objetivo investigar a situação das mulheres no mercado de trabalho. O estudo foca nas condições de trabalho e nas consequências para a saúde.

Palavra de Dom Angélico

Chamo de atenção para a situação da reforma agrária da Nicarágua. O Banco Mundial está financiando a reforma agrária da Nicarágua através de empréstimos. Esses empréstimos são usados para financiar a compra de terras e a construção de infraestrutura agrícola.

As CEB's e a situação

As Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) estão enfrentando desafios em sua luta pela terra. Elas precisam de apoio e recursos para continuar sua luta.

Uma Alerta

Conselhos de Comunidade
TEMOS UMA CRIANÇA
A criança é o futuro da nação. Ela precisa de cuidados especiais. Os pais devem cuidar bem da criança e garantir que ela tenha uma boa educação.

Catequese na Capela

A Capela Mariana de São Miguel, através de suas catequistas, oferece um programa de catequese para as crianças. O objetivo é ensinar os valores cristãos e preparar as crianças para a comunhão.

Movimentos debatem o poder popular

Os movimentos populares estão debatendo o papel do poder popular na sociedade. Eles acreditam que o poder popular é essencial para a transformação social e a construção de uma sociedade mais justa.

Centro de Comunicação já está funcionando

O Centro de Comunicação da comunidade já está funcionando. Ele oferece serviços de comunicação e ajuda as pessoas a se comunicarem melhor entre si.

Centro Catequético Informa

O Centro Catequético está se preparando para a Assembleia Regional de Catequistas da área rural. O objetivo é discutir as atividades de catequese e planejar as ações para o próximo ano.

Mulheres

Este trabalho tem como objetivo investigar a situação das mulheres no mercado de trabalho. O estudo foca nas condições de trabalho e nas consequências para a saúde.

Mulheres

Este trabalho tem como objetivo investigar a situação das mulheres no mercado de trabalho. O estudo foca nas condições de trabalho e nas consequências para a saúde.

Mulheres

Este trabalho tem como objetivo investigar a situação das mulheres no mercado de trabalho. O estudo foca nas condições de trabalho e nas consequências para a saúde.

Marcanda Alves deu à vida o seu povo

Marcanda Alves deu à vida o seu povo através de sua dedicação e amor. Ela trabalhou duro para melhorar a vida das pessoas e garantir que elas tenham uma boa educação.

Uma Alerta

Conselhos de Comunidade
TEMOS UMA CRIANÇA
A criança é o futuro da nação. Ela precisa de cuidados especiais. Os pais devem cuidar bem da criança e garantir que ela tenha uma boa educação.

Catequese na Capela

A Capela Mariana de São Miguel, através de suas catequistas, oferece um programa de catequese para as crianças. O objetivo é ensinar os valores cristãos e preparar as crianças para a comunhão.

Movimentos debatem o poder popular

Os movimentos populares estão debatendo o papel do poder popular na sociedade. Eles acreditam que o poder popular é essencial para a transformação social e a construção de uma sociedade mais justa.

Centro de Comunicação já está funcionando

O Centro de Comunicação da comunidade já está funcionando. Ele oferece serviços de comunicação e ajuda as pessoas a se comunicarem melhor entre si.

Centro Catequético Informa

O Centro Catequético está se preparando para a Assembleia Regional de Catequistas da área rural. O objetivo é discutir as atividades de catequese e planejar as ações para o próximo ano.

Mulheres

Este trabalho tem como objetivo investigar a situação das mulheres no mercado de trabalho. O estudo foca nas condições de trabalho e nas consequências para a saúde.

Mulheres

Este trabalho tem como objetivo investigar a situação das mulheres no mercado de trabalho. O estudo foca nas condições de trabalho e nas consequências para a saúde.

Mulheres

Este trabalho tem como objetivo investigar a situação das mulheres no mercado de trabalho. O estudo foca nas condições de trabalho e nas consequências para a saúde.

Mulheres

Este trabalho tem como objetivo investigar a situação das mulheres no mercado de trabalho. O estudo foca nas condições de trabalho e nas consequências para a saúde.